

ESTUDOS DE TRANSITIVIDADE EM LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL

Sara Regina Scotta Cabral
Leila Barbara

Organizadoras



SARA REGINA SCOTTA CABRAL

LEILA BARBARA

Organizadoras

**ESTUDOS DE TRANSITIVIDADE EM
LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL**

**TRANSITIVITY STUDIES IN SYSTEMIC-
FUNCTIONAL LINGUISTICS**

**ESTUDIOS DE LA TRANSITIVIDAD EN
LINGUÍSTICA SISTÉMICO FUNCIONAL**

SARA REGINA SCOTTA CABRAL

LEILA BARBARA

Organizadoras

**ESTUDOS DE TRANSITIVIDADE EM
LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL**

**TRANSITIVITY STUDIES IN SYSTEMIC-
FUNCTIONAL LINGUISTICS**

**ESTUDIOS DE LA TRANSITIVIDAD EN
LINGUÍSTICA SISTÉMICO FUNCIONAL**

1ª edição

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - PPGL

UFSM

ISBN 978-85-99527-45-0

Santa Maria - Rio Grande do Sul - Brasil

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

REITOR: Prof. Paulo Afonso Burmann
VICE-REITOR: Prof. Luciano Schuch
DIRETOR CAL: Pedro Brum Santos
COORDENADORA PPGL: Cristiane Fuzer

EDITORA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGL
Editor-chefe: Rosani Úrsula Ketzner Umbach

COMISSÃO EDITORIAL

Rosani Úrsula Ketzner Umbach
Amanda Eloina Scherer
Anselmo Peres Alós
Gil Roberto Costa Negreiros
Lawrence Flores Pereira
Márcia Cristina Correa
Sara Regina Scotta Cabral

PREPARAÇÃO DE ORIGINAIS E REVISÃO DE TEXTO: Sara Regina Scotta Cabral, Daniela Leite Rodrigues e Lauro Rafael Lima

TRADUTOR DE INGLÊS: Erick Kader Callegaro Corrêa | TRADUTOR DE ESPANHOL: Eliana Rosa Sturza

PROJETO GRÁFICO | CAPA | DIAGRAMAÇÃO: Jade Casagrande Almeida

FIGURA/ILUSTRAÇÃO PRINCIPAL DE CAPA: original cedido por Christian M. I. M. Matthiessen

REVISÃO DE LINGUAGEM: Sara Regina Scotta Cabral

APOIO: Projeto Sistêmica através das Línguas (SAL - CNPq)

APOIO FINANCEIRO: UFSM, CAL, CAPES

ENDEREÇO

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação, Letras e Biologia
Prédio 16 - Bloco A2 - Sala 3222
Campus Universitário - Camobi
97105-900 - Santa Maria RS - Brasil
www.ufsm.br/ppgletras

E82 Estudos de transitividade em linguística sistêmico- funcional [recurso eletrônico]
= Transitivity studies in systemic-functional linguistics = Estudios de la transitividad en
lingüística sistémico funcional / Sara Regina Scotta Cabral, Leila Barbara, organizadoras.
– 1. ed. – Santa Maria, RS : UFSM, PPGL, 2018.
1 e-book : il.

ISBN 978-85-99527-45-0

Inclui referências

1. Linguística 2. Linguística aplicada 3. Linguística sistêmico-funcional 4. Sistema de
transitividade I. Cabral, Sara Regina Scotta II. Barbara, Leila III. Título: Transitivity
studies in systemic-functional linguistics. IV. Título: Estudios de la transitividad em lin-
guística sistémico funcional.

CDU (ed. 1987) 801

(ed. 1997) 81'33

Ficha catalográfica elaborada por Alenir Goularte CRB-10/990
Biblioteca Central - UFSM



Esta obra está licenciada sob a Creative Commons 4.0 Atribuição-Não=Comercial.
Saiba mais em: br.creativecommons.org/licencas/

ESTUDOS DE TRANSITIVIDADE EM LINGUÍSTICA SISTÊMICO-FUNCIONAL

SUMÁRIO

- 08** **APRESENTAÇÃO**
Sara Regina Scotta CABRAL
Leila BARBARA
- 14** **CAPÍTULO 1.** Transitivity in Systemic Functional
Linguistics: achievements and challenges
Christian M. I. M. MATTHIESSEN
- 109** **CAPÍTULO 2.** Significados experienciais,
interpessoais e textuais em editoriais sobre a
tragédia em Santa Maria
Cristiane FUZER
Raymundo da Costa OLIONI
Sara Regina Scotta CABRAL
- 141** **CAPÍTULO 3.** Processos materiais em um relato
pessoal
Edna Cristina MUNIZ DA SILVA
Rosana Muniz SOARES
- 159** **CAPÍTULO 4.** Processos mentais: um estudo a partir
de anúncios pessoais eletrônicos
Vitor Hugo Chaves COSTA

- 186** **CAPÍTULO 5.** ¿Qué son y qué significan los
processos relacionales?
Diana Cecilia Avila GARCÍA
Jorge Mizuno HAYDAR
Margaret Gillian MOSS
- 200** **CAPÍTULO 6.** Emisores de procesos verbales en
textos estudiantiles de literatura en español
Natalia IGNATIEVA
- 216** **CAPÍTULO 7.** Contribuição de orações
existenciais às fases de uma narrativa
Lauro Rafael LIMA
Nina Célia Almeida de BARROS
- 229** **CAPÍTULO 8.** “amar, verbo intransitivo”:
processos comportamentais na perspectiva da
Linguística Sistêmico-Funcional
Sara Regina Scotta CABRAL
- 255** **CAPÍTULO 9.** Elementos circunstanciais e a
atribuição de papéis em boletins eletrônicos do
Greenpeace
Rodrigo Esteves de LIMA-LOPES
- 283** **SOBRE OS AUTORES**

APRESENTAÇÃO

*Our picture of language is part of
our picture of the world. In particular, it is part of our picture of the world of
meanings;
and the value of the semiotic interpretation is that it shows us how the world of
meanings
is structured and what its constants are.*

(HALLIDAY, Ideas about language¹)

Apresentar um livro não é tão fácil quanto se pode pensar e torna-se ainda mais complexo quando se parte de uma teoria robusta como a sistêmico-funcional. Entretanto a concepção de Michael Halliday sobre o que é linguagem aponta para algumas direções. Quando, em 1976, afirmou que “nossa imagem de linguagem é parte de nossa imagem do mundo”, preconizava um mundo semiotizado em que o homem, inserido em uma determinada cultura, transita entre o mundo material e o mundo da consciência.

A linguagem, na perspectiva hallidayana, assim como os outros sistemas semióticos, é um recurso para fazer sentido e para estabelecer interação com os outros membros da sociedade. A particularidade da linguagem reside no fato de que esse sistema é baseado em uma gramática própria, organizada em estratos e combinada com a diversidade funcional. Os três estratos instanciam a linguagem, partindo da grafofonologia, passando pela léxico-gramática e atingindo a semântica do discurso.

Funcionalmente, a instanciação da linguagem, produto das escolhas do falante/escritor, serve a três propósitos concomitantes: representar o mundo, estabelecer interação e organizar a mensagem. São as três metafunções preconizadas por Halliday: ideacional, interpessoal e textual. Cada uma das metafunções corresponde a sistemas gramaticais particulares acionados em um momento discursivo: transitividade, MODO e Tema.

¹ Palestra inaugural proferida em 19 de outubro de 1976 por M. A. K. Halliday, Professor de Linguística na Universidade de Sydney. Publicado em HALLIDAY, M. A. K. Ideas about language. Occasional Papers, 1., 32-55, 1977.

Este livro ocupa-se do sistema de transitividade. Vários motivos podem ser elencados para que esta escolha fosse contemplada. Em primeiro lugar, a transitividade, cuja função primordial é a de representar o mundo, parece ser o ponto de partida para todo o sistema gramatical de uma língua, permitindo que a oração possa ser vista trinocularmente: abaixo (no nível das palavras e dos grupos), acima (no nível do complexo oracional) e ao redor dela (no nível do texto).

Também é válido lembrar que os estudos iniciais de gramática sistêmico-funcional no primeiro decênio deste século, especialmente no Brasil, debruçaram-se sobre a compreensão da oração no estrato léxico-gramatical: processos, participantes e circunstâncias. No âmbito do Projeto SAL (Systemics across Languages – CNPq) foi esta a primeira preocupação desde a sua implantação em 2008. Compartilhar e interagir com outros pesquisadores em Linguística Sistêmico-Funcional é nosso desejo e obrigação.

Outro motivo para a compilação desta obra é a diversidade que pode oferecer aos leitores: há trabalhos sobre língua inglesa, outros sobre língua espanhola e vários em língua portuguesa. Mesmo que exploremos as potencialidades de nossa língua materna, é importante conhecer outros sistemas gramaticais, comprovando a aplicabilidade da teoria ao estudo de qualquer língua natural.

O Projeto SAL teve início na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo com o objetivo de “construir uma descrição sistêmico-funcional geral de diferentes linguagens que pode ser usada para várias tarefas socialmente aplicáveis”. É um projeto internacional que conta com a liderança de Christian Matthiessen (Hong Kong Polytechnic University), Leila Barbara (PUC-SP) e Kasuhiro Teruya (também da PolyU de Hong Kong) e com a participação de pesquisadores de inúmeras universidades brasileiras e latino-americanas.

O livro que ora apresentamos é representativo da fase inicial do Projeto, em que, como já dissemos, as pesquisas direcionaram-se para o sistema de transitividade, especialmente para os processos que podem constituir orações.

No capítulo 1, denominado *Transitivity in Systemic Functional Linguistics: achievements and challenges*, Christian M. I. M. Matthiessen trabalha com a noção hallidayana de transitividade com referência ao inglês, aprofunda particularidades desse sistema e demonstra a contribuição que tais es-

tudos podem trazer para a compreensão de textos. O trabalho de Matthiessen é de crucial importância para o desenrolar dos outros capítulos do livro, já que lança bases e especificidades da transitividade, tema de nosso livro.

O capítulo 2, intitulado *Significados experienciais, interpessoais e textuais em editoriais sobre a tragédia em Santa Maria*, de Fuzer, Olioni e Cabral, apresenta um panorama das três metafunções da linguagem na perspectiva hallidayana, buscando demonstrar como se pode realizar uma análise pluri-funcional em um texto.

No capítulo 3, de Silva e Soares oferecem um estudo sobre os processos materiais no gênero relato, aliando-os ao papel desempenhado na caracterização das etapas e fases. Com o aporte teórico dos estudos de gênero da Escola de Sydney, as autoras exploram o conto “Nas águas do tempo”, de Mia Couto, e concluem que os processos materiais transformativos concretos são os mais presentes nas etapas e fases do relato analisado.

Costa, no capítulo 4, enfoca os processos mentais em anúncios pessoais eletrônicos, gêneros discursivos usados em situações nas quais sujeitos buscam estabelecer relacionamentos amorosos, casuais ou de amizade. Ao contemplar quatro modalidades de interação (homem x mulher, mulher x homem, mulher x mulher e homem x homem), o autor constata que os processos mentais mais usados são “gostar”, “querer”, “adorar” e “curtir”, que diferem em relação aos seus Fenômenos em cada uma das interações.

O capítulo 5, escrito por García, Haydar e Moss, explora os processos relacionais em textos escolares de Ciências Sociais e Ciências Naturais em turmas de sétimo e oitavo ano na Colômbia. Os autores levam em conta o alto número de processos relacionais presentes nesses manuais e propõem uma interpretação dos significados referentes aos participantes escolhidos para tais processos. Vários exemplos retirados de livros didáticos acompanham as constatações dos pesquisadores.

Por sua vez, no capítulo 6, Ignatieva trabalha com os processos verbais em escrita acadêmica com ênfase na análise do Emissor em três diferentes gêneros: textos de pergunta e resposta, ensaios e resenhas elaborados por estudantes mexicanos de licenciatura em literatura hispânica. A pesquisa foi desenvolvida na Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM), também ligada ao projeto internacional Systemics Across Languages (SAL).

Lima e Barros exploram, no capítulo 7, a contribuição que as orações existenciais oferecem à constituição das fases de uma narrativa. Ao examinarem a obra *O Senhor dos Anéis*, de J. R. R. Tolkien, investigam os processos “haver” e “existir” e os papéis exercidos por essas orações na estrutura composicional da estória. A natureza do Existente, as particularidades de uso associadas aos processos e as figuras existenciais (estar existindo, vir a existir, permanecer existindo, cessar de existir) contribuem para o percurso dos personagens na narrativa, para a descrição de criaturas, objetos e elementos da natureza encontrados e para reflexões dos participantes da saga.

O capítulo 8, de autoria de Cabral e Barbara, avança para o texto literário e analisa os processos comportamentais em uma importante obra modernista brasileira. A grafia do título do capítulo pode, em um primeiro momento, causar estranheza e ser confundida com um erro de digitação. Entretanto, na tentativa de ser fiel à intenção de Mário de Andrade ao escrever a obra “amar, verbo intransitivo”, as autoras optaram por manter o mesmo formato. No Brasil, o movimento modernista de 1922 caracterizou-se pela desconstrução das rígidas regras literárias vigentes na época e pelo protesto aos costumes da sociedade burguesa paulista. A partir da riqueza do vocabulário fabricado por Mário de Andrade, Cabral e Barbara buscam critérios para caracterizar processos comportamentais em língua portuguesa, tema de opiniões controversas entre os estudiosos de gramática sistêmico-funcional no Brasil.

O capítulo 9, de Lima-Lopes, *Elementos circunstanciais e a atribuição de papéis em boletins eletrônicos do Greenpeace*, completa o estudo dos três componentes da transitividade, ao discutir a função das circunstâncias em boletins eletrônicos do Greenpeace. O autor discute o discurso preservacionista – o discurso verde – em língua portuguesa e mostra que as circunstâncias exercem importante papel na construção dos papéis atribuídos às entidades representadas nesses boletins.

A gama de trabalhos aqui apresentada consiste em apenas o início de produção intelectual de um grupo interessado em trabalhar com Linguística Sistêmico-Funcional. Novas pesquisas estão em andamento para ampliar o escopo das investigações; são trabalhos com gêneros textuais, análise de discurso, ensino de língua materna e/ou de língua estrangeira, descrição de ou-

tros sistemas gramaticais e/ou discursivos, além de outros sistemas de significado. Como Halliday já havia apontado, “o valor da interpretação semiótica é que ela nos mostra como o mundo dos significados está estruturado e quais são suas constantes” (1976). No Projeto SAL, estamos em busca dessas estruturas e dessas recorrências.

Agradecemos a todos os pesquisadores que tão pacientemente esperaram por esta publicação.

Santa Maria e São Paulo, 20 de junho de 2018.

As organizadoras.

CAPÍTULO 1

TRANSITIVITY IN SYSTEMIC FUNCTIONAL LINGUISTICS:
ACHIEVEMENTS AND CHALLENGES

Christian M. I. M. MATTHIESSEN

INTRODUCTION

This chapter presents accounts of various aspects of TRANSITIVITY, advancing the description of this region of the grammar and our understanding of its contribution to text. Halliday (1985b; 2002, p. 275) offers the following succinct characterization of transitivity: “Transitivity is the representation, in the clause, of the experiential component of meaning: specifically the processes, participants in them, and the attendant circumstances”.

The transitivity of the clause can be illustrated by means of clauses from the beginning of a traditional Akan legend rendered in English, represented in Figure 1 as configurations of “processes, participants in them, and the attendant circumstances”:

Long ago in Africa, long before there were stories on earth, there lived a Spider named Ananse. Ananse spun the most beautiful spider webs in all his village. But his secret wish was to spin stories and tales as splendid as his webs. Ananse knew that all the stories belonged to the Sky God.

Figure 1- The structures of clauses from the beginning of a traditional Akan legend in terms of process + participant + circumstance configurations

<i>Long ago</i>	<i>in Africa,</i>	<i>< long before there were stories on earth, >></i>	<i>there</i>	<i>lived</i>	<i>a Spider [[named Ananse]].</i>
circumstance	circumstance			process	participant

<<long before	there	were	stories	on earth,>>
		process	participant	circumstance

Ananse	spun	the most beautiful spider webs in all his village.		
participant	process	participant		

But	his secret wish	was	[[to spin stories and tales as splendid as his webs]].	
	participant	process	participant	

[[to spin	stories and tales as splendid as his webs]].			
process	participant			

Ananse	knew		that	all the stories	belonged to	the Sky God.
participant	process			participant	process	participant

Process, participant and circumstance are general categories of **transitivity roles**, so they should not be spelled with initial capital letters — unlike the names of the transitivity roles themselves such as Existent, e.g. *a spider named Ananse*, Actor, Process and Goal in [Actor:] *Ananse* [Process:] *spun* [Goal:] *the most beautiful spider webs in all his village*. The three categories of transitivity role are realized by different classes of group and/or phrase; in English these are:

- process: verbal group (e.g. *spun*, *to spin*, *belonged to*)
- participant: nominal group (e.g. *a Spider* [[*named Ananse*]]; *all the stories*)
- circumstance: adverbial group; prepositional phrase (e.g. *in Africa*; *on earth*)

Since participants are directly involved in the process, the nature of par-

participant roles depends on the nature of the process — the option in the system of process type (see further below), as illustrated in Figure 2; but, in contrast with participants, circumstances, being only indirectly involved in the process, do not vary according process types (although there are patterns of preference).

Figure 2 - Examples of clauses of different process types with distinct configurations of participant roles

(a) process type: material

<i>Ananse</i>	<i>spun</i>	<i>the most beautiful spider webs in all his village</i>
Actor	Process	Goal
nominal group	verbal group	nominal group

(b) process type: mental; process type: relational: attributive

<i>Ananse</i>	<i>knew</i>		<i>that</i>	<i>all the stories</i>	<i>belonged to</i>	<i>the Sky God.</i>
Senser	Process			Carrier	Process	Attribute
nominal group	verbal group			nominal group	verbal group	nominal group

(c) process type: relational: identifying

<i>But</i>	<i>his secret wish</i>	<i>was</i>	<i>[[to spin stories and tales as splendid as his webs]].</i>
	Identified/ Value	Process	Identifier/ Token
	nominal group	verbal group	nominal group: metathing (clause as Head)

Halliday’s characterization of transitivity reflects the same insight into the nature of the clause as Tesnière’s (1959, p. 102) characterization of it as a little drama:

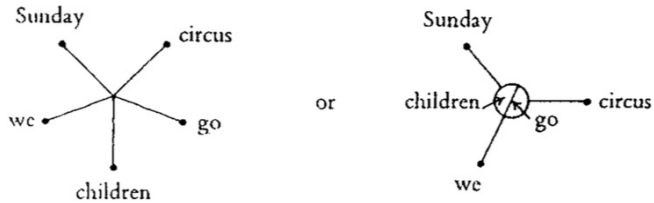
Le nœud verbal, que l'on trouve au centre de la plupart de nos langue européennes .., exprime tout **un petit drame**. Comme un drame en effet, il comporte obligatoirement un **procès**, et le plus souvent des **acteurs** et des **circonstances**.

Tesnière modelled this little drama in dependency terms, and, although Halliday has used constituency as a way of representing function structures in general within each of the metafunctions, he has shown that mode of the organization of transitivity is dependency-like; it is **configurational**, the mode of expression characteristic of the experiential mode of meaning (see HALLIDAY, 1979), suggesting different ways of visualizing this type of organization (HALLIDAY, 1979; 2002, p. 203, 210). His visualization of the different metafunctional modes of structuring of the clause *on Sunday perhaps we'll take the children to the circus, shall we?* is reproduced here as Figure 3.

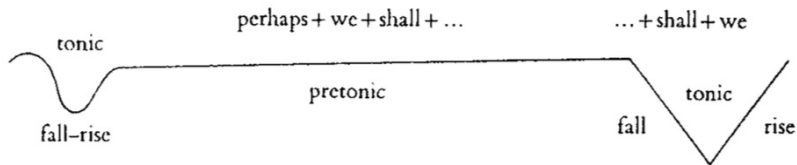
Like all linguistic systems, the **system of TRANSITIVITY** needs to be viewed **trinocularly** (e.g. HALLIDAY, 1996a; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2013; MATTHIESSEN; HALLIDAY, 2009): to arrive at a well-rounded comprehensive account of the transitivity system of a given language, we need to view it “from above”, “from below” and “from roundabout”. I'll return to the other views, but if we view the system “from above”, we can characterize it as an experiential resource for construing our experience of a quantum of change in the flow of events (cf. HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2006). It is part of the ideational resources of a language, and it draws on the experiential mode of modelling experience in the first instance rather than on the logical mode — although as I shall indicate below (see Section 4.1), this is in fact a typological variable — i.e. the complementarity of the experiential and logical modes of construing experience varies around the languages of the world. Since the experiential mode of representation is configurational, a quantum of change in the flow of events is construed by the transitivity grammar of the clause as a **configuration** — the configuration of process + participants + circumstances already illustrated above.

Figure 3 - Experiential transitivity structure as one metafunctional strand in the organization of the clause, (a) visualization of the different metafunctional modes of expression, and (b) unified box diagram (from HALLIDAY, 1979; 2002, p. 210-211).

(1) *experiential: clause as representation (of process)*



(2) *interpersonal: clause as interaction*



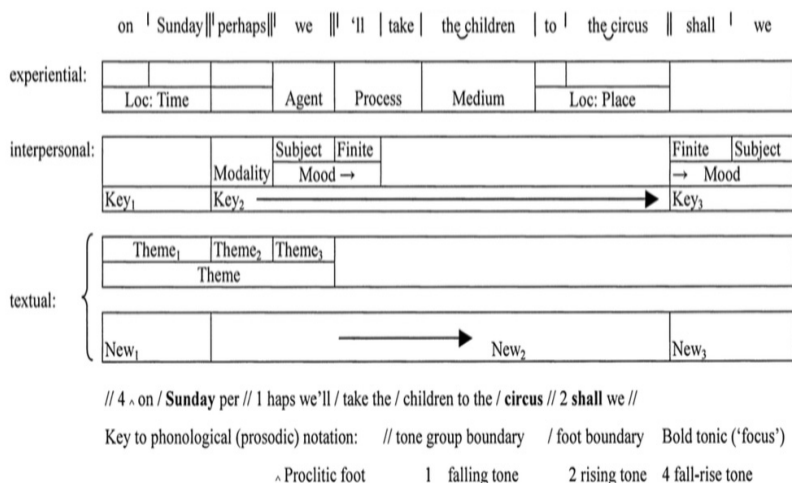
(3) *textual: clause as message*



Notes: (1) experiential : clause as representation (of process); (2) interpersonal : clause as interaction; (3) textual : clause as message

(a) Visualization of different metafunctional modes of expression — (1) configurational (experiential), (2) prosodic (interpersonal) and (3) periodic (textual)

(b) Unified “box diagram” representation



One way into an engagement with the system of TRANSITIVITY is to observe it at work in text in context. Consider the following (slightly edited) passage from a text taking the reader on a walking tour around part of Sydney, starting at Circular Quay:

Text 1: Excerpt from a guide book (*7 Days in Sydney*)

From Circular Quay, **follow** the paved walkway around the cove to Circular Quay East. [...] **Continue** north along Circular Quay East for a short distance, then **ascend** Moore Stairs (1868) on the right to Macquarie Street. **Cross** Macquarie Street **to enter** the park opposite and **taking** the centre path through the gates (open 8:00 am to sunset) outside Government House, **turn** left and **follow** the road that skirts the grounds of Government House before **entering** the Royal Botanic Gardens.

Here the resources of transitivity are deployed by the writer to represent for readers the experience of the flow of change in location in space

as quanta of motion through space. Each quantum is modelled as a movement — processes of motion along some path from one location to another (e.g. *follow*, *ascend*), a mover (the reading tourist, here implicit as the Subject of ‘imperative’ clauses — ‘you’) and additional spatial representations (e.g. a circumstance of Place representing the source of movement, as with *from Circular Quay*). Such a quantum is construed (realized) by a clause in the lexico-grammar, as is shown in Figure 4 by the analysis of the transitivity structure of *from Circular Quay, follow the paved walkway around the cove to Circular Quay East*.

Figure 4 - Transitivity structure of a ‘material’ clause of motion together thematic and modal structures

<i>From Circular Quay,</i>	<i>follow</i>	<i>the paved walkway</i>	<i>around the cove to Circular Quay East</i>
Theme	Rheme		
Adjunct	Predicator	Complement	Adjunct
Residue			
Place: source	Process	Range/ Scope	Place: route
prepositional phrase	verbal group	nominal group	prepositional phrase (complex)

To elucidate how language relates to lived experience, linguists have established a research paradigm of showing groups of people (“subjects”) video clips and asking them to verbalize what they see, either representing their perceptions in real time, as in a sports commentary, or recounting them afterwards, as in recall of some experience. This technique was used by Wallace Chafe in the pear story research tradition that he established, and variants of it have been used in a range of research projects — notably in the investigation of event structure and processing (e.g. STUTTERHEIM, 1999; SCHMIEDTOVÁ, STUTTERHEIM; CARROLL, 2011). This is an interesting strategy for investigating the experiential aspect of transitivity — albeit potentially affected by the experimental set-up. Based on Text 1, I will use what we might think of the mirror version of this approach: a trace of a person following the steps repre-

sented in a procedural text. To get a sense of how a walking tour text matches the experience of a person following the instructions in the text clause by clause, Kazuhiro Teruya and I carried out a naturalistic experiment: reading one of the walking tour texts in *7 Days in Sydney*, he “implemented” the text, and I videoed him as he moved around on his walking tour. I have represented a small fragment of this video in Figure 5 by means of screenshots corresponding to the sequence of clauses in the clause complex underlined in the text above. To provide a sense of how much ground is covered, I have linked these screenshots to approximate locations on a Google map showing Circular Quay, the Royal Botanical Gardens and the Opera House.

Figure 5 - Transitivity selections in an excerpt from a topographic procedures — successive ‘material’ clauses of motion representing movements reading tourists are instructed to undertake



The display in Figure 5 illustrates the representational resources of transitivity at work, bringing out a number of key properties such as the high degree of schematicity in the linguistic representation (cf. BATEMAN et al., 2010, in relation to space, and see further below). In texts of this pragmatic kind, the experience construed by the transitivity grammar is concrete; it is accessible to the senses, and thus not too hard to imagine: reading Text 1, tourists can turn the meanings they construe in the text into actions. However, importantly, part of the representational power of transitivity (like that of other ideational systems in language) is that it can construe experiences that are not accessible to the senses — worlds of abstractions, including motion through and static location in abstract space, as in religious and financial discourse:

Text 2: Excerpt from religious text

So long as the reincarnating Ego remains upon the plane which is his true home in the arupa levels of Devachan, the body which he inhabits is the Karana Sharira, but when he **descends** into the rupa levels he must, in order to be able to function upon them, clothe himself in their matter; and the matter that he thus attracts to himself furnishes his devachanic or mind-body. Similarly, **descending** into the astral plane he forms his astral or kamic body out of its matter, though of course still retaining all the other bodies, and on his still further **descent** to this lowest plane of all the physical body is formed in the midst of the auric egg, which thus contains the entire man.

Text 3: Excerpt from financial text

Maryland's unemployment rate **dropped** to 6.8 percent from 6.9 percent in March and Virginia's rate remained steady at 6.8 percent, according to the U.S. Bureau of Labor Statistics. The District's rate **returned** to 9.9 percent, the level it **reached** in February before **dipping** to 9.8 percent in March. [...] "Most economists anticipate that unemployment nationally **will** only **rise** by another 1 percent or so before we *achieve* the peak for the cycle," he said, adding that the region is a "latecomer" to the recession. "It may be that unemployment rates **will** rise further than that in the Washington region before all is said and done."

As an example of how the material model of motion is extended into the abstract realm of economics, one of the clauses Text 3, an excerpt from a financial news report, is analysed in Figure 6. In contrast with the ‘material’ clause of motion in Figure 4, this clause has a nominal group denoting an abstraction, *unemployment rates*, as Medium/ Actor; the implied Medium/ Actor of the earlier example is the ‘addressee’, *you*.

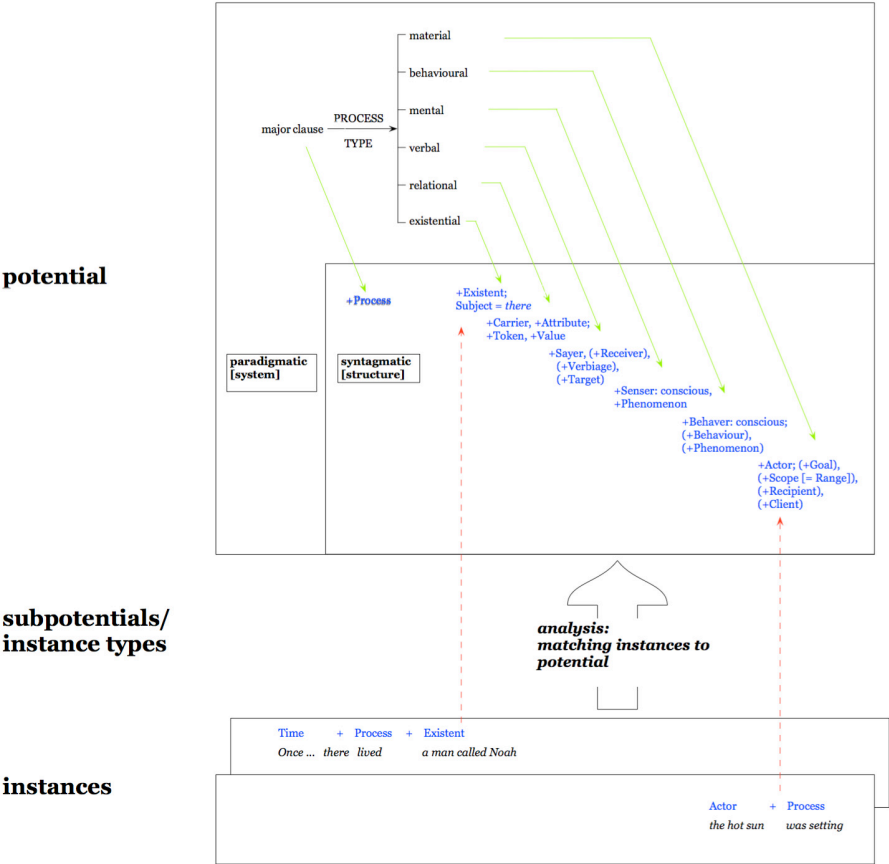
Figure 6 - Transitivity structure of a ‘material’ abstract motion, with an abstraction as Medium/ Actor (*unemployment rates*)

<i>unemployment rates</i>	<i>will rise</i>	<i>further than that</i>	<i>in the Washington region</i>
Medium/ Actor	Process	Distance	Place
nominal group	verbal group	adverbial group	prepositional phrase

Like any other examples in text, the clauses in Figure 4 and Figure 6 are analysed as **instances** of terms in the transitivity potential of the language, as illustrated for the system of process type in Figure 7. Systemic transitivity analysis thus always involves matching patterns in texts to patterns represented in the potential, the system of TRANSITIVITY — illustrated here by the system of PROCESS TYPE.

In this chapter, I will take stock on the work on the system of TRANSITIVITY in English with a note on other languages — work building on Halliday (1967; 1968). I will identify key achievements in the development of accounts of transitivity and its relationship to other systems, noting also descriptive issues and challenges. And I will also suggest what I think are important tasks on the agenda for future work on transitivity. While much of the work on transitivity has involved applications in areas of engagement with other disciplines such as education in the pioneering work in educational linguistics, I will focus primarily on descriptive work and the theoretical framework that empowers it.

Figure 7 - Process types with their configurations of transitivity roles in the system of PROCESS TYPE instantiated in texts — an ‘existential’ clause from a retelling for children of the Noah story from Genesis (*once ... there lived a man called Noah*) and a ‘material’ clause from rendering of a ballad by Johnny Cash, *The Streets of Laredo* (*the hot sun was setting*)



Let me begin by locating transitivity in the overall lexicogrammatical system of English and then move on to providing my view of the background leading up to Halliday’s original account of transitivity, and the context of alternative accounts.

LOCATION AND BACKGROUND

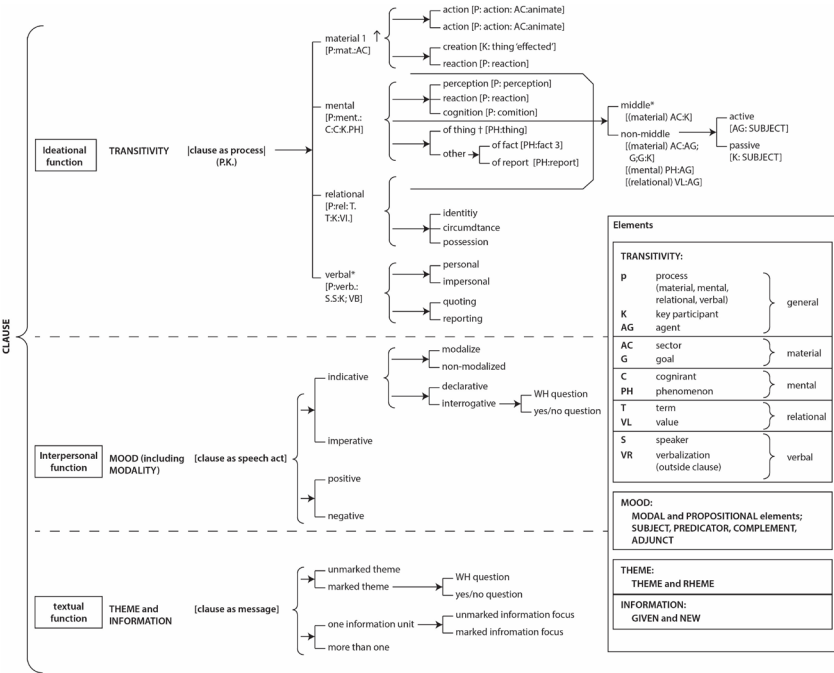
Halliday began his account of transitivity in the first half of the 1960s — having turned his attention to English after his earlier work on Chinese. His systemic description from 1964 appeared in Halliday (1976, p. 110-135), but the first systematic overview was his *Notes on transitivity and theme*, Halliday (1967; 1968). In Halliday (1970; 2005, p. 169), he introduced his **function-rank matrix** as a comprehensive overview of the systems constituting the lexicogrammar of English, showing explicitly the location of the system of TRANSITIVITY at the intersection in the matrix of “experiential” (metafunction) and “clause” (rank), as shown in the reproduction of his matrix in Figure 8.

Figure 8 - Halliday’s (1970) function-rank matrix, showing the location of the system of TRANSITIVITY

function rank	IDEATIONAL Experiential	Logical		INTERPERSONAL	TEXTUAL	
CLAUSE	TRANSITIVITY types of process participants & circumstances (identity clauses) (things, facts & reports)	HYPOTACTIC COMPLEXES OF CLAUSE & WORD	condition addition report POLARITY	PARATACTIC COMPLEXES (all ranks) co-ordination apposition	MOOD types of speech function modality (the WH- function)	THEME types of message (identity as text relation) (identification, predication, reference, substitution)
Verbal GROUP	TENSE (verb classes)		catenation secondary tense		PERSON (‘marked’ options)	VOICE (‘contrastive’ options)
Nominal GROUP	MODIFICATION epithet function enumeration (noun classes) (adjective classes)		classification sub-modification		ATTITUDE attitudinal modifiers intensifiers	DEIXIS determiners ‘phoric’ elements (qualifiers) (definite article)
Adverbial (incl. prepositional) GROUP	‘MINOR PROCESSES’ prepositional relations (classes of circum- stantial adjunct)		narrowing sub-modification		COMMENT (classes of comment adjunct)	CONJUNCTION (classes of dis- course adjunct)
WORD (incl. lexical item)	LEXICAL ‘CONTENT’ (taxonomic organization of vocabulary)		compounding derivation		LEXICAL ‘REGISTER’ (expressive words) (stylistic organization of vocabulary)	COLLOCATION (collocational organization of vocabulary)
INFORMATION UNIT					TONE intonation systems	INFORMATION distribution & focus
COHESION (‘above the sentence’: non-structural relations) reference; substitution & ellipsis; conjunction; lexical cohesion						

The system of TRANSITIVITY is located at the intersection of “ideational: experiential” (metafunction) and “clause” (rank); this is its “semiotic address” — to use David Butt’s term, and the matrix provides a map enabling us to locate other systems in the systemic neighbourhood of TRANSITIVITY. For example, we can see immediately that it operates in the clause together with mood (interpersonal) and theme (textual)¹. This is brought out by Halliday’s (1973; 2003, p. 315) schematic representation of the systems of the clause in English: see Figure 9.

Figure 9 - Schematic representation of the systems of transitivity, mood, theme and information (reproduction of HALLIDAY, 1973; 2003, p. 15: “summary of principal options in the English clause (simplified; structural indices for transitivity only”).



1 After further work on the grammar, Halliday reinterpreted the system of POLARITY as interpersonal — together with the system of MODALITY — rather than as logical (e.g. HALLIDAY, 1985a, Ch. 4).

By another step, we can view the system of TRANSITIVITY together with these other two clausal systems in relation to the semantic units that they provide the resources for realizing within the clause, as shown in Figure 10:

- figures (experiential) $\searrow$ transitivity grammar of the clause;
- moves (interpersonal) $\searrow$ mood grammar of the clause;
- messages (textual) $\searrow$ theme grammar of the clause (and information grammar of the information unit).

Figures are experiential semantic units representing quanta of change in the flow events, realized by clauses in the congruent mode. Through figures, the transitivity of the clause is related both (i) to more extensive ideational semantic units and patterns such as **sequences** and **episodes** and (ii) to extra-semantic constructs (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2006).

(i) The location of figures in relation to other semantic units is sketched in Figure 11 in terms of metafunction (i.e. in relation to messages and moves, as shown already in Figure 10) and of semantic rank. Semantic rank is the compositional scale — or scales — between the whole text and the smallest semantic units dealt with here, viz. elements. Figures consist of elements (processes, participants and circumstances), and they form sequences. Semantic patterns above that of sequences — parasemes (rhetorical paragraphs, “rhetorical units”, in the sense of CLORAN, 1994) — are represented as registerially diversified; that is, they are modelled as variable from one register to another, e.g. episodes in narratives and recounts, procedures in instructions, taxons in classifying reports. It is helpful to recognize this registerial diversity when we investigate the deployment of the resources of transitivity in text — e.g. the discourse uses of the different process types (see further below). For example, ‘identifying’ ‘relational’ clauses may play a distinctive role in the introduction of taxons by representing the subclasses of a classes (as in the fuels of the body are fats, carbohydrates and proteins), while ‘existential’ clauses may make a distinctive contribution to topographic procedures by representing places of interest along the tourist route (e.g. at this point, there are complete facilities including kiosk).

Figure 10 - The lexicogrammatical system of transitivity as the resource for construing (realizing) a figure in the semantic system — alongside the lexicogrammatical systems of mood and theme for realizing a move and a message, respectively — figure, move and message being unified by the clause

semantics

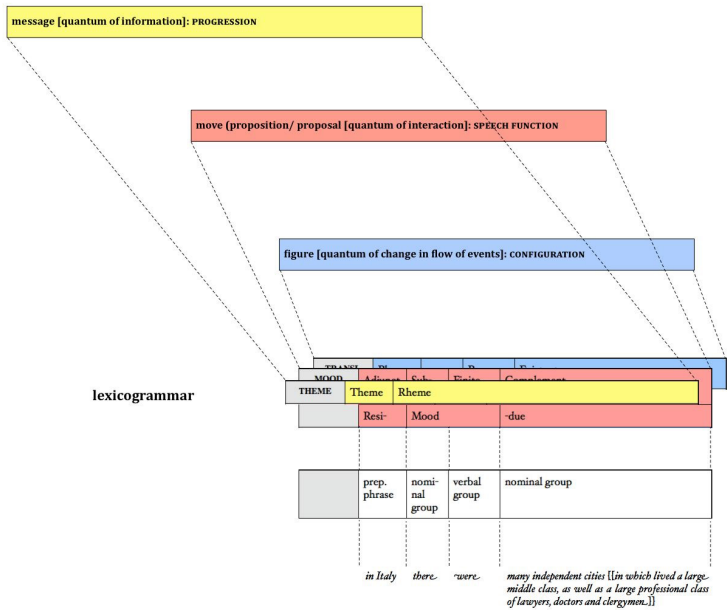
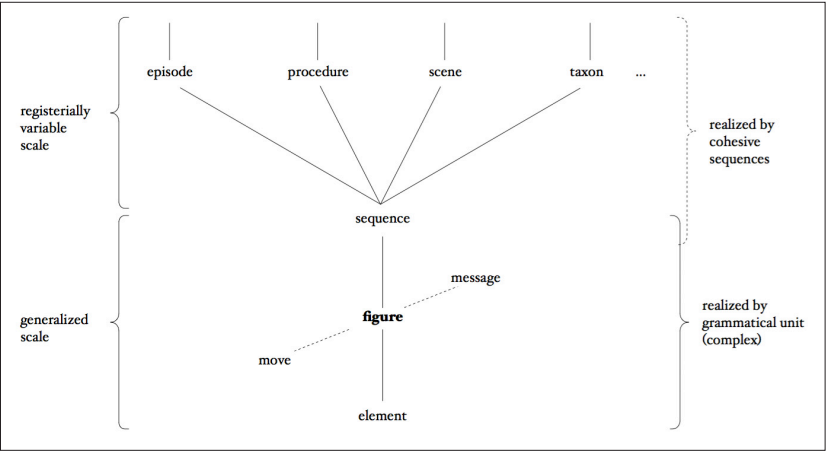


Figure 11 - The location of figure as a semantic unit in terms of metafunction and rank, with higher ranks (on the order of parasemes, or rhetorical paragraphs) as registerially varied



(ii) Extra-semantic constructs include both representations in semiotic systems operating alongside language such as gestural and pictorial systems and representations in bio-semiotic systems (cf. HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2006) — sensory systems and motor systems (i.e. sensorimotor schemata). This is illustrated for a figure of motion, ‘turn’, in Figure 12. As the illustration suggests, nodes in the semantic network such as ‘turn’ are linked to constructs in non-linguistic semiotic systems and to schemata in bio-semiotic systems, giving linguistic semantics an integrative role among human systems. Thus the semantic node ‘turn’ provides access to all our experience and engagement with turning (cf. BICKERTON’s, 1995, illustration in terms of the category of ‘cat’²). For example, when we see an angular arrow pointing to the right, we can interpret this as an instruction to turn to the right, just as when we are told turn right. For some further discussion, see Matthiessen (2015); and for work on relating a semantic model of space to non-semantic ones, see Bateman et al. (2010).

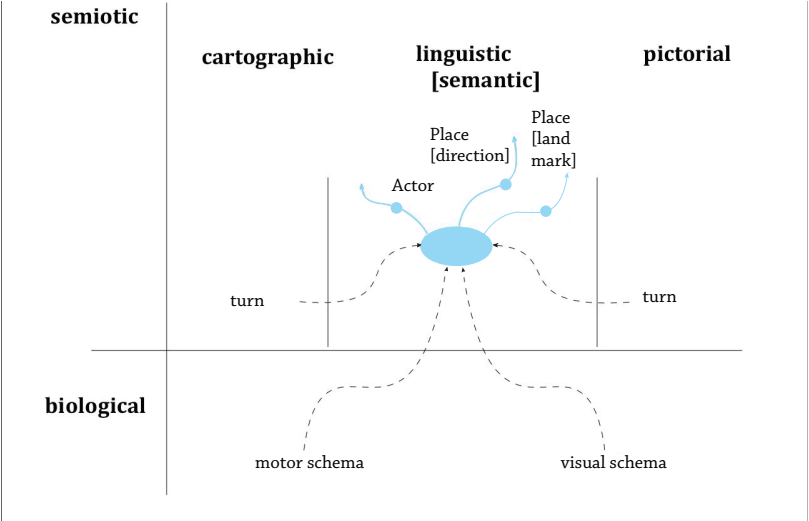
HALLIDAY’S OF ACCOUNT OF TRANSITIVITY WITH REFERENCE TO ENGLISH

Development of the account

Halliday developed his account of the system of TRANSITIVITY as an integral part of his comprehensive description of the lexicogrammar of English starting in the early 1960s, the first overview being his 1964 “Bloomington grammar”, which consisted of a series of system networks of THEME, MOOD and TRANSITIVITY with structures and examples, first published in Halliday (1976) and reprinted in Halliday (2002, p. 127-151). The first extended account that he published on TRANSITIVITY was Halliday (1967; 1968), where he introduced his systemic description of the experiential system of transitivity together with his descriptions of the textual systems of theme and information. Here he characterized transitivity as follows (1967; 1968; 2002, p. 7):

2 Bickerton (1995, p. 24) writes: “The linguistic cat is also a holistic cat. Ask me about the word *cat* and I can tap my auditory knowledge (“It purrs, it miaows”), my visual knowledge (“It is usually black, brown, or gray — seldom if ever puce or scarlet”), and so forth. The word ties together aspects of catness that may well be stored separately in other areas of the brain, suggesting that its neural representation may serve as what has been called a *convergence zone* (DAMASIO and DAMASIO, 1992).”

Figure 12 - The figure of turning as a central node in connection to extra-semantic constructs — cartographic and pictorial representations of the concept of turning (e.g. turning arrows on live road maps and on traffic signs) and biological schemata of turning, a motor schema and a visual schema



Transitivity is the name given to a network of systems whose point of origin is the major clause, the clause containing a predication; it is thus simultaneous at the point of origin with other networks such as those of mood and theme (Halliday, 1964b³). The transitivity systems are concerned with the type of process expressed in the clause, with the participants in this process, animate and inanimate, and with various attributes and circumstances of the process and the participants.

The next extended presentation of his description of transitivity did not appear until Halliday (1985a); he devotes Chapter 5 of his *Introduction to Functional Grammar* (IFG 1) to this system, and returns to it in Chapter 10, where he deals with metaphors of transitivity (see further below, Section 3.7). In Chapter 5, he gives an extended characterization of transitivity (p. 101); let me quote the revised version from the second edition of IFG, IFG 2, Halliday (1994, p. 106):

3 Halliday (1964b): *English system networks* (mimeographed).

In Chapter 4 we were looking at the clause from the point of view of its interpersonal function, the part it plays as a form of exchange between speaker and listener. In this chapter, by contrast, we shall be concerned with the clause in its experiential function, its guise as a way of representing patterns of experience. Language enables human beings to build a mental picture of reality, to make sense of what goes on around them and inside them. Here again the clause plays a central role, because it embodies a general principle for modelling experience — namely, the principle that reality is made up of processes.

Our most powerful impression of experience is that it consists of ‘goings-on’ — happening, doing, sensing, meaning, and being and becoming. All these goings-on are sorted out in the grammar of the clause. Thus as well as being a mode of action, of giving and demanding goods-&-services and information, the clause is also a mode of reflection, of imposing order on the endless variation and flow of events. The grammatical system by which this is achieved is transitivity. The transitivity system construes the world of experience into a manageable set of process types.

The descriptions presented in IFG 1 and IFG 2 are basically structural rather than systemic — although they are, of course, derived from the systemic description Halliday had been developing since the first half of the 1960s. The successive published systemic descriptions that had appeared by the time Halliday published IFG 1 are summarized in Table 1, beginning with the transitivity network from the 1964 grammar (HALLIDAY, 1964b).

The systemic description closest to the one underpinning IFG 1 appeared in Halliday (1973), shown above in Figure 9, and then in Halliday’s (1977) systemic and structural analysis of a text, an analysis that served to illustrate the conception of text as semantic choice. This systemic description was only elaborated where it needed to be in order to take account of the text being analysed. It differs in a couple of places from the later version that informed IFG 1: in IFG 1, ‘behavioural’ clauses are introduced as a process type distinct from ‘material’ and ‘mental’ ones, and ‘existential’ is treated as a primary type of process, not grouped together with ‘relational’. This description was shown systemically in the third edition of IFG, IFG 3, when we introduced system networks to accompany the description of the major systems of English (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004):

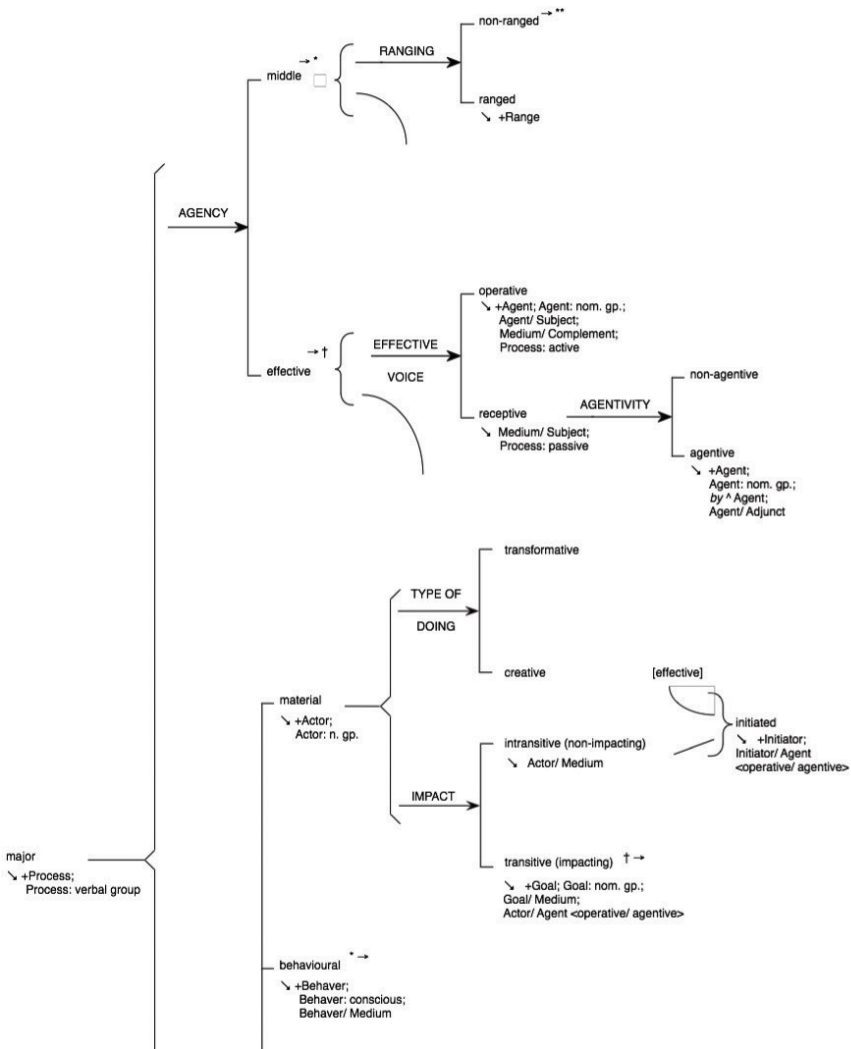
see Figure 13. Here the system of PROCESS TYPE is shown explicitly with six terms: ‘material’ / ‘behavioural’ / ‘mental’ / ‘verbal’ / ‘relational’ / ‘existential’. I’ll say a little bit more about revisions of the description of the system of PROCESS TYPE.

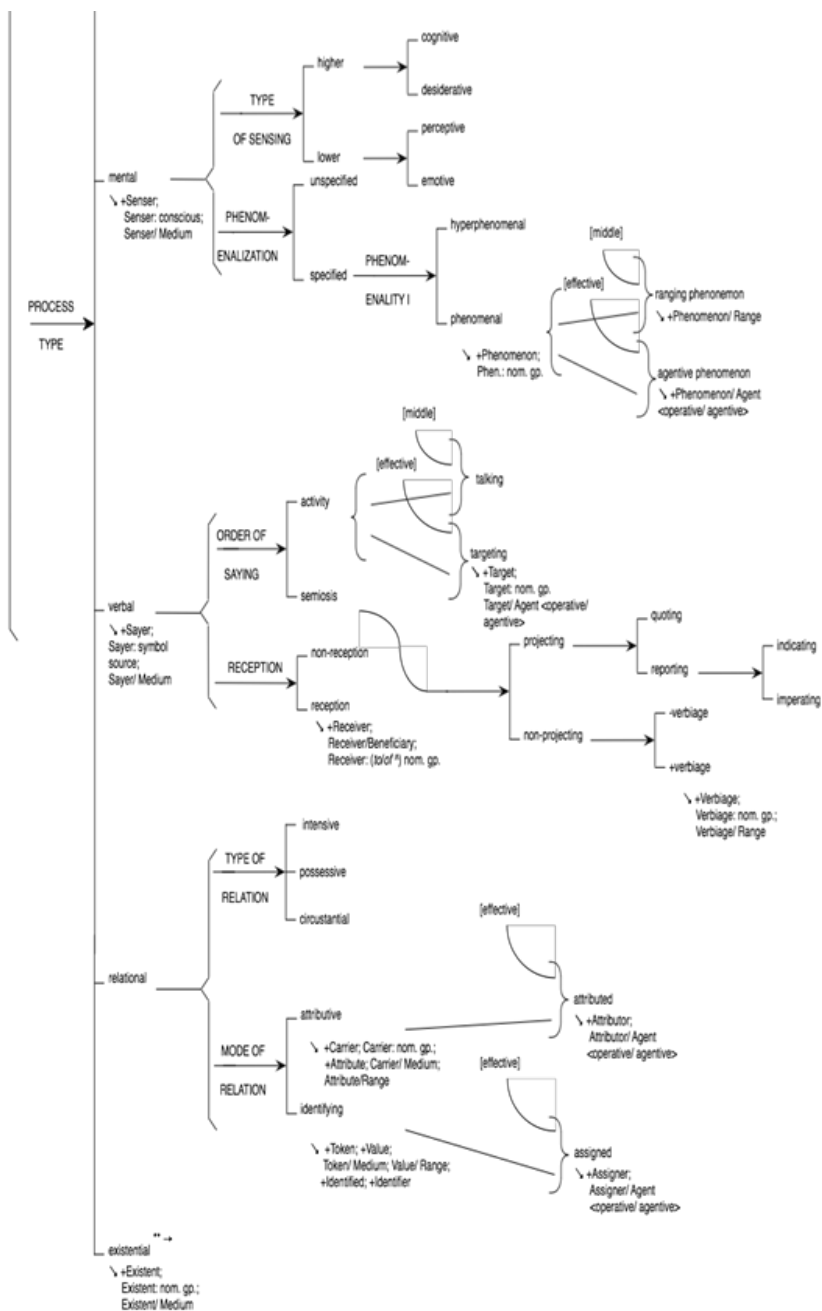
Table 1 - Halliday’s successive systemic descriptions of TRANSITIVITY in English

period	description
1964	major clause ↓ P; S extensive ↓ p^{1/2} intensive ↓ p⁰; C^{int} effective ↓ p² descriptive ↓ p¹ operative ↓ pst; C^{ext} middle ↓ pst receptive ↓ C^{ext}; S goal-intransitive ↓ -C^{ext} goal-transitive* ↓ pst agent-oriented* ↓ pst process-oriented ↓ pst + range ↓ C^{range} - range* ↓ C^{range} non-benefactive* ↓ C^{ben} benefactive ↓ C^{ben} goal-receptive ↓ S-C^{ext}; C^{ben}; S beneficiary-receptive ↓ S-C^{ext}; C^{ben}; S S Subject C^{ext} Extensive complement C^{int} Intensive complement C^{ben} Beneficiary C^{range} Range p² Pred : transitive verb p¹ Pred : intransitive verb p⁰ Pred : copular verb
1967/8	active process effective ↓ nuclear ↓ descriptive non-middle middle unmarked voice, i.e. active process 'to' benefactive ↓ non-* operative* ↓ receptive 'do' ↓ 'happen' reflexive ↓ non-reflexive subject as beneficiary* ↓ subject as benefit goal-transitive* ↓ goal-intransitive agent-oriented* ↓ process-oriented + agent ↓ - agent 'for' benefactive ↓ non-* attributive ↓ non-* range ↓ non-* range-active* ↓ range-passive

period	description
	A hierarchical diagram for 'mental process'. It branches into 'non-middle', 'middle', and 'range (=phenomenon)'. 'non-middle' and 'middle' lead to 'operative*' and 'receptive'. 'range' leads to 'phenomenon*' and 'metaphenomenon*', which then lead to 'fact' and 'report'. 'range' also branches into 'range-active*' and 'range-passive'. 'reaction', 'perception', 'cognition', and 'verbalization' lead to 'to' benefactive', which then leads to 'operative*' and 'receptive'.
1969	A hierarchical diagram for 'TRANSITIVITY'. It branches into 'extensive' and 'intensive'. 'extensive' leads to 'effective' and 'descriptive', which then lead to '+ range' and '- range'. 'intensive' leads to 'operative', 'middle', and 'receptive'.
1977	A hierarchical diagram for 'clause: TRANSITIVITY (+ Process; + Medium)'. It branches into 'material', 'mental', 'verbal (Medium = Speaker; Process: Verbalization)', and 'relational (Process: relation)'. 'material' leads to 'personal (Speaker: individual human)' and 'non-personal'. 'mental' leads to 'personal' and 'non-personal'. 'verbal' leads to 'verbal' and 'non-verbal'. 'verbal' leads to 'wording' and 'sounding/spelling'. 'wording' leads to 'statement (Process: 'say')', 'question', and 'command'. 'sounding/spelling' leads to 'equative', 'ascriptive (Medium = Attributend; + Attribute)', 'intensive', 'circumstantial', and 'possessive'. 'equative' leads to 'neutral'. 'ascriptive' leads to 'imperfective (Process: 'stay')' and 'perfective'. 'intensive' leads to 'extent', 'location', 'manner', 'cause', 'accompaniment (Process: 'be with')', and 'matter'. 'circumstantial' leads to 'extent', 'location', 'manner', 'cause', 'accompaniment (Process: 'be with')', and 'matter'. 'possessive' leads to 'extent', 'location', 'manner', 'cause', 'accompaniment (Process: 'be with')', and 'matter'.

Figure 13 - The summary system network of transitivity in Halliday and Matthiessen (2004, p. 302)





The system of PROCESS TYPE in particular

As the successive systemic descriptions in Table 1 show, Halliday gradually worked out the nature of the system of process type; and this development of the description was also accompanied by continuing analysis of text, an early significant and much-cited example being Halliday's (1971) analysis of passages from Golding's *The Inheritors*. The analyses by Halliday and other scholars covered an increasing volume of text, providing ongoing opportunities to test and refine the description.

In the 1964 description, the basic distinction was between 'intensive' clauses and 'extensive' ones, and this was also Halliday's (1967; 1968) point of departure. 'Intensive' clauses are clauses of the ascriptive type, with examples such as (from the 1964 account) *Mary seemed happy*; *Mary made a good wife*; *Mary made John a good wife*, and (from HALLIDAY, 1967; 1968; 2007, p. 7) *Mary looked happy*. By the time Halliday (1967; 1968) had reviewed the description of transitivity from the point of view of the ergative model (cf. below, Section 3.5), he had identified 'action' clauses, 'mental' clauses (including also 'verbal' ones), and introduced 'relational' clauses as a grouping of 'intensive' and 'equative' clauses (HALLIDAY, 1967; 1968; 2007, p. 136-38):

Such clauses [sc. action clauses] have been distinguished, in the previous discussion, from clauses of ascription ("intensive" clauses) and, latterly, from clauses of mental process. However, many of these other types can be accounted for as displaying the same features as are associated with action clauses. If instead of "intensive" a more general feature "relational" is postulated as a third process type contrasting with action and mental process, this can be extended to cover also the equative type. [...]

Intensive and equative clauses may thus be grouped together as relational and share the features of other clauses as follows:

- (1) intensive (ascription): middle or non-middle, descriptive; attributive, depictive or resultative
- (2) equative (a) decoding: middle, nuclear (*be*) or descriptive (others); range, range-active or range-receptive

By the end of his *Notes on transitivity and theme*, Halliday had thus arrived at the three-term system of process type, ‘action’ / ‘mental’ / ‘relational’, that has formed the basis of all later descriptive developments, where the term “action” was replaced by “material”, yielding the contrast ‘material’ / ‘mental’ / ‘relational’. These later developments included considerable further elaboration of the primary process types in delicacy, but also refinements in the treatment of the primary process types themselves: the developments are summarized in Table 3. The second column represents the version of the description from 1980 developed by Halliday for a computational implementation of the grammar, originally for a project at UC Irvine for a project directed by Benjamin Colby but then taken over in our work on the Penman projected, directed by William C. Mann at the Information Sciences Institute, and given the name “the Nigel grammar” (e.g. MATTHIESSEN, 1983; MANN; MATTHIESSEN, 1985).

Table 2 - Refinements in the description of the system of process type from the 1960s

1967/8		1980 [Nigel]		1985 [IFG 1]		2004 [IFG 3]		
action	effective/ nuclear/ descriptive	material	[& effective] creative / dispositive	material		material	creative	
			[& middle] eventive /				transformative	
—			behavioural	behavioural		behavioural		
mental	reaction	mental	reactive	mental	affective	mental	lower-order	emotive
								desiderative

1967/8		1980 [Nigel]		1985 [IFG 1]		2004 [IFG 3]		
	percep- tion		perceptive		percep- tive		hi- gher- -order	per- cepti- ve
	cogni- tion		cognitive		cogni- tive			cogni- tive
	verbal- ization	verbal		verbal		verbal		
relatio- nal	ascriptive [in- tensive] / equa- tive	relatio- nal	intensive	relational	inten- sive	rela- tional	inten- sive	
			possessive		posses- sive		pos- sessi- ve	
			circums- tantial		circums- tantial		circums- tantial	
			existential	existential		exis- tential		

Examples of the primary and secondary types recognized in IFG 3 (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004) and IFG 4 (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2013) are presented and analysed in the Appendix (Section 9.1).

As can be seen from Table 2, a number of the changes in the description of transitivity are concerned with the delicacy of the differentiation of systemic terms in the system of process type; for example, are ‘material’ and ‘behavioural’ distinct primary types of process or secondary subtypes, and, similarly, are ‘relational’ and ‘existential’ distinct primary types or secondary subtypes? Halliday (1985b; 2002, p. 277) offers a useful tabular display that groups the six primary process types into three broad areas, I ‘doing’, II ‘sending/ saying’, and III ‘being’: see Table 3. In other words, it stands to reason that there has been variation in the description of the system of process type: as more facts have been uncovered since the descriptive work began, we can make a more informed decision about where to move in when we postu-

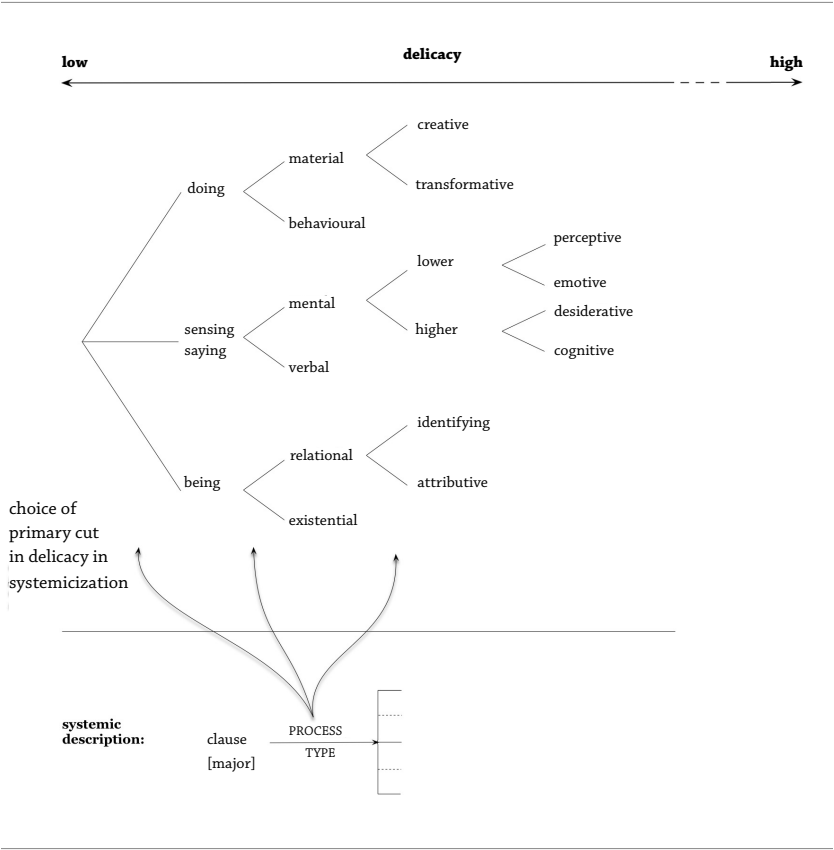
late the first or primary system (cf. MARTIN, 1996a). However, there are still likely to be different possibilities depending on the relative weight given to different considerations and the particular task at hand; so linguists are likely to continue to argue about the “right” description — until they realize that the indeterminacy is a feature of language!³

Table 3: Reproduction of Halliday’s (1985b; 2002, p. 277) Figure 10

		Pro-verb	Direction (active)	Participants		Unmarked present tense	Verb accent
				Medium	Other		
I	Doing 1 material	do, happen, do to, do with	one	thing	thing	present in present	+
	2 behavioral	do	one	conscious being			
II	Sensing/saying 3 mental	—	two: a likes x, x pleases a	conscious being	thing or fact	present	+ / -
	4 verbal	(do to) —	one	signal source			
III	Being 5 relational	—	one	thing or fact		present	-
	Attributive				class of thing or fact		
	Identifying				identity of thing or fact		
	6 existential	—	one	thing or fact			

3 And until they realize that indeterminacy is a positive feature of evolved — and evolving — systems. In describing the system of process type, we can try to take account of the fact that it embodies change in progress. For example, when we draw the line between ‘verbal’ and ‘relational’ in the region of ‘saying’ and ‘symbolizing’ (cf. Figure 12 below), we should try to take account of the evolution in English of senses of ‘proving’ for a number of verbs of saying such as *tell*, *indicate*, *show*, *demonstrate*, *prove*, *suggest* (HALLIDAY, 1988) and the analogous ontogenetic trajectory in secondary education (CHRISTIE; DEREWIANKA, 2008). One way of making sense of this change is precisely to interpret it as the development of impersonal ‘proving’ modelled in ‘relational’ clauses out of personal saying modelled in ‘verbal’ clauses (cf. the analysis of *behavioural research suggests that monolinguals and bilinguals differ in how they manage within-language phonological competition when listening to language* as an ‘identifying relational’ clause of symbolization in Figure 36 below).

Figure 14 - The choice of where to locate the primary cut in delicacy along the cline of delicacy in the description of the system of PROCESS TYPE



Perspectives on PROCESS TYPE: typological / topological complementarity

In a course on “grammar and daily life” at the semiotics institute in Bloomington, Indiana, in July 1986, Halliday was asked, I remember, if the process types formed a cline from ‘material’ to ‘relational’, and he replied that they formed a continuum that was more like circle. He put that circle on the cover of the second edition of IFG (HALLIDAY, 1994), using the spectrum of colours to

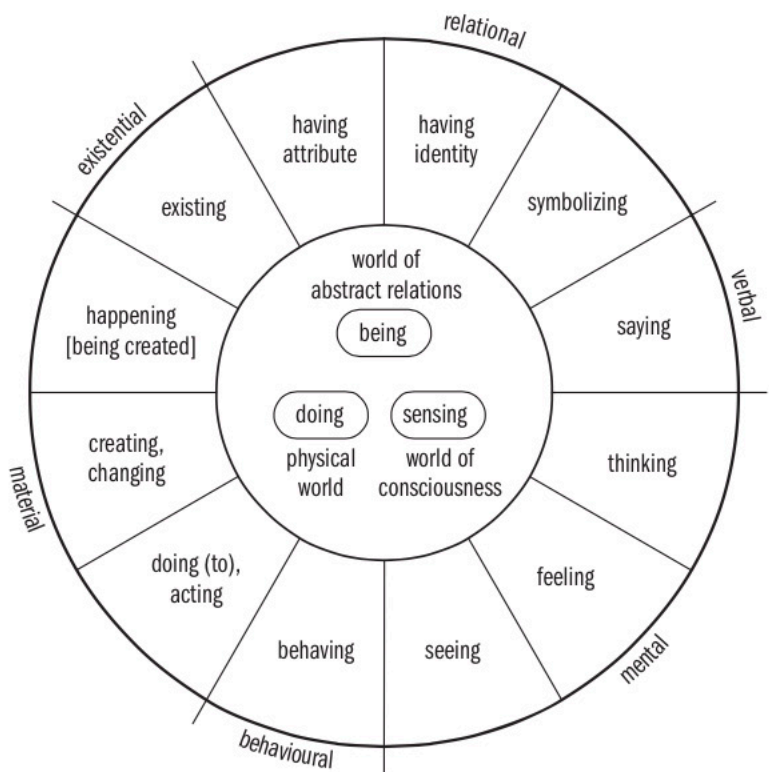
represent different process types shading into one another; and inside the book, he included a non-colour version of this display (op cit., p. 108), reproduced here from the third edition (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 172). This kind of display can be thought of as a **topological** representation of process types, complementing the **typological** one familiar from taxonomies of process types. The notion of topology was used in SFL first by Lemke (1987) in a characterization of varieties of genres, introducing genre topology as complementary to genre typology; he characterized topology as follows⁴:

A **topology**, in mathematical terms, is a set of criteria for establishing degrees of nearness or proximity among the members of some category. It turns a 'collection' or set of objects into a *space* defined by the relations of those objects. Objects which are more alike by the criteria are represented in this space as being closer together; those which are less alike are further apart. There can be multiple criteria, which may be more or less independent of one another, so that two texts, for instance, may be closer together in one dimension (say horizontal distance), but further apart in another (vertical distance). What is essential, obviously, is our choice of the criteria, the *parameters*, that define similarity and difference on each dimension. These parameters can be represented as more or less alike. The same set of parameters allows us to describe both the similarities and the differences among texts, or text-types (genres).

In Martin and Matthiessen (1991), we explored the general modelling potential of topology as a complement to typology as a strategy for modelling **agnation**. Drawing on the work on topology, Martin (e.g. 2003) applied topology and typology to the representation of patterns of agnation among history genres. In Matthiessen (1995b), I discussed the possibility of interpreting systemic terms in systems such as PROCESS TYPE as labels of fuzzy sets. Informally, we can see the terms in the system of PROCESS TYPE as names of regions in topological displays such as Figure 15.

⁴ Lemke's characterization is thus concerned with the phenomenon of typology. Interestingly, definitions provided by dictionaries and encyclopedias such as the Wikipedia, Merriam-Webster, Encyclopedia Britannica define *topology* as the study of the phenomenon, leaving out the phenomenon itself. For this kind of slippage between a phenomenon and the study of the phenomenon, see Halliday (1984). The definitions given by Lemke (1987) and the Wikipedia are analysed in Figure 41, in the Appendix.

Figure 15 - Topological representation of the types of process in English (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 172)

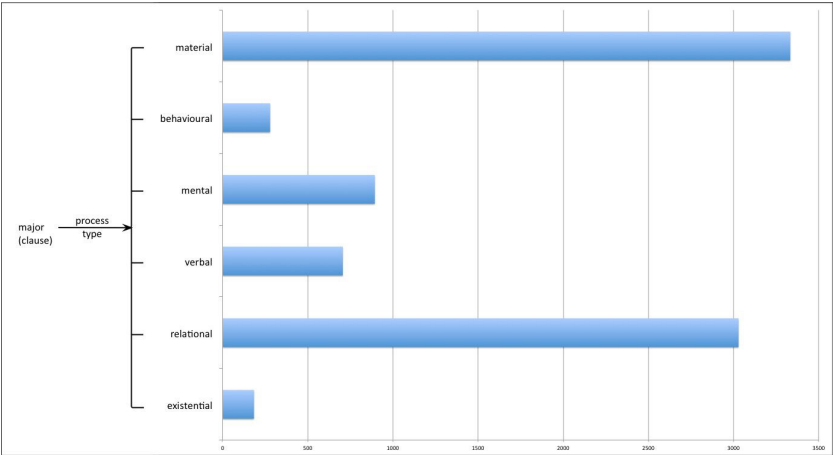


In the centre of the circular process type display in Figure 9, are the three broad experiential worlds — doing, sensing and being, they leftmost categories in Table 3 above. These are further differentiated into subtypes of doing, sensing and being in the outer ring — areas that shade into one another in the colour spectrum version on the cover of IFG 2. So the display indicates that ‘saying’ is close to ‘symbolizing’, that ‘existing’ is close to ‘happening’ [‘being created’], and so on.

Common discourse uses of options in process type

Just like any other system, the system of PROCESS TYPE is subject to registerial variation: different process types are favoured in different registers, which is important also when we begin to explore the system of transitivity based on discourse in a language where it has not previously been investigated. For example, ‘material’ clauses are favoured in sequential explanations but ‘relational’ clauses are favoured in taxonomic reports. Such patterns of variation can be viewed against the background of averages across texts belonging to a wide range of registers: see Figure 16. For instance, the average frequency of ‘verbal’ clauses is 8.3% out of all selections in PROCESS TYPE, as shown in Figure 16; but in news reports it is slightly more than double, 17.6%.

Figure 16 - Relative frequencies of options in PROCESS TYPE in a registerially mixed sample of texts (N = 8,769 clauses)



Thus the division of semiotic labour among process types varies from one register to another; the contribution made to a text by a given process type depends on the register that the text instantiates. This takes us back to the point shown in Figure 11 above that the compositional hierarchies of texts vary according to register. Thus in episodes, ‘material’ clauses are likely to be favoured, serving to construe the event line of an episode; but in scenes,

‘relational’ clauses are likely to be favoured, serving to construe the entities populating a scene (possibly supported by ‘existential’ clauses).

Transitivity models: transitive and ergative

Complementing the traditional account of transitivity based on the distinction between “transitive” and “intransitive” — i.e. (in terms of ‘material’ clauses) Actor + Process ± Goal, as in (with an example from IFG) intransitive Actor + Process *the lion sprang* (where the action is not goal-directed) ~ transitivity Actor + Process + Goal *the lion caught the tourist* (where the action is goal-directed), Halliday has explored and developed an ergative interpretation of nuclear transitivity, i.e. the configuration of process plus participants directly involved in the process. Halliday (1967; 2003, p. 60-61) provides an early, non-technical characterization of the two models of transitivity, the transitive model and the ergative one:

The basic pattern of organization in the English clause seems thus to be more readily describable not primarily in terms of action and goal but rather in terms of cause and effect. The variable is not ‘is the action goal-directed or not?’ but rather ‘is the cause external to the action or not?’. These two patterns may be called the “transitive” and the “ergative”. In English, transitive and ergative co-exist: a distinction is found between verbs which tend to have Actor and Goal, the “transitive” verbs, and those which tend to have only Actor, the “intransitive”; but the predominant pattern is the ergative one, since with very many verbs we have both the active-passive construction, with two participants, and the ‘middle’ construction with only one participant. This pattern cannot be generalized in terms of Actor and Goal, since the obligatory role, the affected, may be either Goal or Actor, and the optional one, the causer, may be either Actor or Initiator. So the roles of participants are defined primarily by causation: *x* is engaged in a process — is it caused by *x* or not? This contrasts with a transitive form of organization where the roles are defined by extension: *x* is engaged in a process — is it directed outside *x* or not? The ergative pattern appears clearly from the proportionality in pairs such as the following:

<i>the clothes were washed</i>	:	<i>the clothes washed</i>
<i>the door was opened</i>	:	<i>the door opened</i>
<i>her hair's being grown long</i>	:	<i>her hair's growing long</i>
<i>the horse shouldn't be jumped</i>	:	<i>the horse shouldn't jump</i>

where the distinction represents the speaker's choice whether to suggest external causation or not: those on the left imply that the role of cause is discrete from that of affected.

He developed his account of the ergative model in more technical detail in Part 3 of Halliday (1967; 1968). Later he replaced the label Affected with **Medium**, which is the term that has been used since IFG 1; Halliday (1985a, p. 146) characterizes it as follows:

Every process has associated with it one participant that is the key figure in that process; this is the one through which the process is actualized, and without which there would be no process at all. Let us call this element the Medium, since it is the entity through the Medium of which the process comes into existence.

The configuration of Process + Medium forms the innermost **nucleus** of a clause. If there is a causer external to this nucleus, this is the **Agent**. Using these terms, we can thus characterize the two transitivity models identified by Halliday as follows:

- transitivity model — Actor + Process ± Goal: intransitive — Actor: *the girl* + Process: *kicked* vs. transitive — Actor: *the girl* + Process: *kicked* + Goal: *the ball*.
- ergative model — Process + Medium ± Agent: middle — Medium: *the door* + Process: *opened* vs. effective: Agent: *the wind* + Process: *opened* + Medium: *the door*.

The transitive model was recognized by traditional grammarians — except that their accounts were verb-based rather than clause-based, in keeping with the word-based foundation of traditional grammar. In comparison with this traditional conception of the transitive model, Halliday’s account of the ergative model introduces the possibility of making a principled distinction between ‘middle’ clauses that are ‘ranged’ and ‘effective’ clauses, as exemplified in Table 4 (a). This table sets out the terms in the system of AGENCY as column headings, extended to include terms in systems that have ‘middle’ as input (‘non-ranged’/ ‘ranged’) or ‘effective’ (‘non-benefactive’/ ‘benefactive’). These ergative terms are intersected with the traditional transitive account of ‘intransitive’ vs. ‘transitive’ vs. ‘di-transitive’. The examples in (b) involve verbs that clearly pattern ergatively, the contrast being ‘middle’ Process + Medium (*open + door*; *cake + bake*) vs. ‘effective’ Agent + Process + Medium (*she + open + door*; *she + cake + bake*).

Table 4 - The ergative model represented by the system of agency [‘middle’ / ‘effective’] set out against the traditional transitive model

(a)

	middle: non-ranged	middle: ranged	effective: non-benefactive	effective: benefactive
intransitive	<i>she crossed</i>			
transitive		<i>she crossed the road</i>	<i>she built the road</i>	
			<i>she painted the road (black)</i>	
di-transitive				<i>she built him the road</i>
				<i>she painted him the road (black)</i>

(b)

	middle: non-ranged	middle: ranged	effective: non-benefactive	effective: benefactive
intransitive	<i>the door opened (wide)</i>			
	<i>the cake baked</i>			
transitive			<i>she opened the door (wide)</i>	
			<i>she baked the cake</i>	
di-transitive				<i>she opened the door [for him]</i>
				<i>she baked him the cake</i>

Halliday (1967; 1968) showed how the ergative model applied not only to ‘material’ clauses (“action clauses”) but also to ‘mental’ and ‘relational’ ones, and in IFG 1, he set out the whole paradigm for clauses of all process types, reproduced here from Halliday and Matthiessen (2004, p. 291): see Table 5.

In IFG 3, we introduced two texts to illustrate registerial foregrounding of the transitive model and the ergative one, suggesting that in a traditional narrative, the transitive model is foregrounded (it is “at risk”) — animate Actors perform processes which may or may not extend to impact animate or inanimate Goals, but that in a passage of academic discourse from a textbook in geology, the ergative model is foregrounded — Mediums are involved in processes such as forming and heating, and these may not may not be caused by an external Agent. In her work on French, Caffarel (e.g. 2004a; 2006) found similar registerial tendencies. Such investigations based on samples of texts from different registers are important and need to be scaled up because languages are aggregates of registers and as they evolve, the composition of these aggregates change: languages evolve through texts belonging to different registers, and while languages persist, registers gradually emerge and may disappear.

Table 5 - “Table of transitivity functions, showing transitive and ergative equivalents (participant functions only)” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, Table 5 (41))

	Typical preposition	Ergative function	Transitive function						
			material	behavioural	mental	verbal	relational: attributive	relational: identifying	existential
process	—	1 Process							
participants		2 Medium	Actor [mid.]; Actor or Goal [eff.]	Behavior	Senser	Sayer [mid.]; Target [eff.]	Carrier	Token	Existent
	by	3 Agent	Initiator or Actor [eff.]	—	Phenomenon ['please']	Sayer [eff.]	Attributor	Assigner	—
	to, for	4 Beneficiary	Recipient; Client	—	—	Receiver	(Beneficiary)		—
	at, on, &c.	5 Range	Scope	Behaviour	Phenomenon ['like']	Verbiage	Attribute	Value	—
circumstances	for; over, across, &c.	6 Extent	duration, frequency (temporal), distance (spatial)				how long? how far? how often?		
	at, in, on, from, &c.	7 Location	time (temporal), place (spatial)				when? where?		
	with, by, like	8 Manner	means, quality, comparison, degree				how? what with? in what way? like what? to what extent?		
	through, for, &c.	9 Cause	reason, purpose, behalf				why? what for? who for?		
	in case of, &c.	10 Contingency	condition, concession, default				under what conditions?		
	with, besides, &c.	11 Accompaniment	comitatus, addition				who/what with? who/what else?		
	as, into, &c.	12 Role	guise, product				what as? what into?		
	about, &c.	13 Matter					what about?		
	according to; to, &c.	14 Angle	source, viewpoint				who says? who thinks?		

The presentation of Halliday’s description of the ergative model in Halliday (1967; 1968) and successive editions of IFG is just a sketch of his work in this area, and we need fuller accounts, for English and for other languages. Davidse (e.g. 1999) has contributed to the description of the ergative model, as part of her extensive work on transitivity, one interesting difference from Halliday’s account being that she locates the transitive and ergative models within different domains of the overall transitivity system instead of treating them as complementary perspectives on the whole transitivity system.

Circumstances

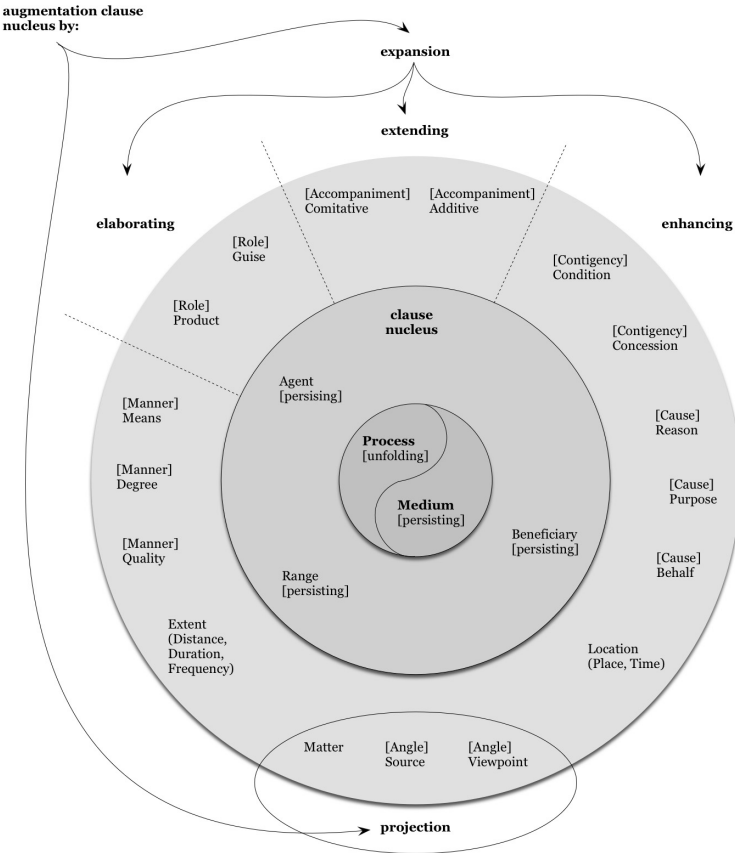
The systems of PROCESS TYPE and AGENCY have as their domain the whole clause, but they determine the nature of the extended clause nucleus in the first instance — of Process + Medium + other participants. This extended clause nucleus may be **augmented** by circumstances — by elements in the representation of a quantum of change, of a figure, that are indirectly involved in the process, or “attendant on” it, like the circumstance of Time *on Sunday* and Place *to the circus* in Figure 3, the circumstances of Place *from Circular Quay, around the cove to Circular Quay East* in Figure 4 and *in the Washington region* in Figure 6. Circumstances, which are like Tesnière’s (1959) *circonstants*, were part of Halliday’s description of transitivity from the beginning, but he presented the first systematic description of them in IFG 1 (HALLIDAY, 1985a, p. 137-144). This description was further refined in subsequent editions of IFG, the most extensive discussion being the one in Halliday and Matthiessen (2013, p. 320-332; 432-435). Since IFG 1, quite extensive investigations have confirmed that clauses are augmented circumstantially by means of expansion and projections — and their subtypes, as shown in Figure 17.

The display in Figure 17 shows that extended clause nuclei consisting of process + participant can be extended even further — augmented, as I put it above — in terms of **expansion** and **projection**. Expansion and projection are very general semantic motifs that permeate the content plane of English and many other languages. In Halliday and Matthiessen (2006), we interpreted them as **semantic fractals** that are manifested in different environments within the content plane — manifested as patterns of meaning within semantics and as patterns of wording within lexicogrammar⁵. The key to these fractals lies in the systems of the clause nexus because this is where they are manifested most fully; and it was in his account of clause complexing that Halliday (1985a, Ch. 7) introduced them in IFG 1. But he also showed how projection and expansion operate throughout the lexicogrammar of English in environments other than that of the clause complex. He summarized the manifestations of expansion in different grammatical environments in Chapter 9 in connection with his presentation of the system of conjunction in a two-page

5 An early recognition of such the manifestations of such fractals within different domains is Halliday’s (1967; 1968) observation that certain patterns of transitivity are manifested not only within the clause but also within the nominal group. Commenting on transitivity systems, he writes (1967; 1968, 2005, p. 7): “None of these is necessarily restricted to expression by transitivity in the clause; process and attribution, for example, may both be expressed in the nominal group, as in *a moving target*, *a happy girl*.”

matrix (HALLIDAY, 1985a, p. 306-307; 1994, p. 328-329, “Synoptic summary of expansion”), and he gave a further illustration in Appendix 3, “Variations on a causal theme” (p. 378-384). The matrix also showed the classification of circumstances into subtypes of expansion — with the exception of Angle and Matter, which are manifestations of projection. This was developed further in subsequent editions, and also in Matthiessen (1995a). The classification of circumstances according to types of projection and expansion presented in Halliday and Matthiessen (2004; 2013) is the scheme represented diagrammatically in Figure 17.

Figure 17 - Circumstantial augmentation of the nuclear configuration of process + participants



One property of circumstances not shown in Figure 17 is the degree of closeness of different circumstantial types to the (extended) clause nucleus. Halliday (1970b, p. 149) distinguishes between an “inner” type of circumstance and an “outer” type, as illustrated by his two examples reproduced below:

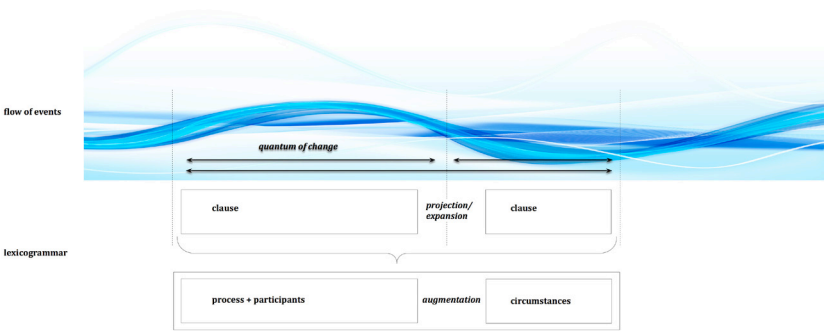
[inner:] he was throwing stones at the bridge

[outer:] he was throwing stones on the bridge

This is in fact part of the cline in the construal of our experience of the flow of events, ranging grammatically from a simple clause nucleus via a clause nucleus augmented with “outer” circumstances to a nexus of two distinct clauses.

Circumstantials are clause-internal augmentations of the clause nucleus in terms of the general semantic types of projection and expansion. These are, in fact, the same type that are embodied in the relations used to link or combine clauses into clause nexuses, and by iteration, into clause complexes. That is, just as a clause nucleus may be augmented through projection or expansion by one or more circumstances, so a whole clause may be “annexed” to another clause in a clause nexus through projection or expansion, as shown schematically in Figure 18.

Figure 18 - Lexicogrammatical “elasticity” in the construal of change in the flow of events



In construing their experience of the flow of events, speakers may thus decide to give a certain phase of the flow the status of a separate quantum of change by “allocating” it a clause in its own right — with all the textual, interpersonal and experiential trimmings of a full-fledged clause, or they may decide to treat it as part of another quantum of change, representing it circumstantially by means of a prepositional phrase or an adverbial group. These two alternatives can be investigated by analysing comparable texts — texts that are comparable in terms of the flow of events that they construe, like retellings of the “same” story (i.e. the same basic plot) or translations of the same original text, as in the example two representations of the same flow of events in two versions from the Book of Genesis in Figure 19. In the New International version of the Bible, the re-location of the ark is represented by one clause, *they lifted the ark above the earth*, but in the King James Bible, this is chunked into two clauses, *bare up the ark* and *it was lift up above the earth*, thus representing the new location of the ark in a separate clause with its own full process (*lift up*).

Figure 19 - Chunking of passage of Genesis into clauses in the *King James* version and in the *New International* version

	clause	clause	clause	clause
King James	<i>And the flood was forty days upon the earth; </i>	<i>and the waters increased, </i>	<i>and bare up the ark, </i>	<i>and it was lift up above the earth. </i>
New International	<i>For forty days the flood kept coming on the earth, </i>	<i>and as the waters increased </i>	<i>they lifted the ark</i>	<i>high above the earth. </i>
	clause	clause	clause	
			nucleus: process + participants	circumstance

The two alternatives illustrated in Figure 19 and represented schematically in Figure 18 above often differ in **congruence**. That is, while the two are both congruent in Figure 15, the single clause version often involves a metaphor of TRANSITIVITY, a “compression” into a phrase of what would congruently be a clause in its own right. To explore such phenomena further, I will now turn to a brief discussion of metaphors of transitivity.

Metaphors of transitivity

Metaphors of TRANSITIVITY are part of the general strategy in language of **lexicogrammatical metaphor**, encompassing both traditionally recognized lexical metaphor and **grammatical metaphor**, as introduced by Halliday — see e.g. Halliday (1970b; 1985a, Ch. 10; 1988; 1998a); Halliday; Matthiessen (2006, Ch. 6; 2013, Ch. 10); Derewianka (1995); Vandenberg; Taverniers; Ravelli (2003). Lexical metaphor was already a well-known phenomenon (having been highlighted long ago as a linguistic phenomenon by Whorf, 1956), so Halliday and other systemic functional linguists have concentrated on grammatical metaphor. Halliday (1970b, p. 149) provides an early simple characterization of (grammatical) metaphor, or **incongruence**, in the area of TRANSITIVITY:

In English, typically, processes are expressed by verbal groups, participants by nominal groups and circumstances by adverbial groups — the last often in the form of prepositional phrases. There are also incongruent forms of expression, with functions of one type expressed by classes primarily associated with another type, as in (8)

(8) dinner of roast beef was followed by a swim

Here the processes of eating and swimming are expressed by nouns; the temporal relation between them by the verb *follow*; and of the two other participants, one is omitted and the other (*roast beef*) is made to qualify *dinner* (contrast *in the evening they ate roast beef and then swam*).

In Halliday’s example, the clause nexus *in the evening they ate roast beef and then swam* is reconstrued metaphorically and realized by the incongruent clause *dinner of roast beef was followed by a swim*: see Figure 20. The evolution of the incongruent mode of construal (in the ideational metafunc-

tion) thus expands the potential for alternative representations of the experience of the flow of events shown above in Figure 14.

Figure 20 - Logical analysis of a congruent construal and experiential analysis of the agnate incongruent version (HALLIDAY’s, 1970b, example (8))

congruent	clause	clause	
	1	×2	
	<i>in the evening they ate roast beef</i>	<i>and then</i>	<i>swam</i>
incongruent	<i>dinner of roast beef</i>	<i>was followed</i>	<i>by a swim</i>
	Identified/ Value	Process	Identifier/ Token
	nominal group	verbal group	prepositional phrase

This example involves a particular type of **transcategorization** that is common in TRANSITIVITY metaphors, viz. nominalization of verbs: *ate (in the evening)* > *dinner*; *swam* > *swim*. Here are some additional examples with *acquire* and *acquisition*:

These children therefore **acquire** literacy first at school in English. In cities and rural centers, children (and adults) will often be speakers of Aboriginal English so that acquisition of standard Australian English, with its different linguistic features at the word, sentence, and text levels, needs to be explicitly taught; this is not always the case, however (Murray, 2006 p.40). The language interdependence principle argues that transfers of universal, conceptual aspects of language proficiency occur automatically, after linguistic surface features of the L2 **are acquired**. The acquisition of the linguistic skills necessary for the communication in the L2 initiates “[the] transfer of cognitive/ academic or literacy- related skills across languages” (Cummins, 1984 p.143). (Bernhardt and Kamil, 2006, p. 180)

In the area of the study of language learning, the verb *acquire* is a lexical metaphor: language is construed as if it was a commodity, and learning the resources of language as if this was acquiring (aspects of) that commodi-

ty⁶. But it may occur in clauses that are fairly congruent grammatically, as in *linguistic surface features of the L2 are acquired*. In the shift to grammatical metaphor, the lexical metaphor is, of course, retained, as in *acquisition of standard Australian English*. The examples illustrate that lexical and grammatical metaphors of TRANSITIVITY often work together, as in *these children therefore acquire literacy first at school in English*: see Figure 20. A more congruent version would be *these children therefore learn to read and write first at school in English*, which in fact invites us to “deconstruct” literacy — in my congruent version, along the traditional lines of reading and writing (for the significance of this, cf. HALLIDAY, 1996b).

Figure 21- Example of incongruent clause involving both lexical and grammatical metaphor

	<i>These children</i>	<i>therefore</i>	<i>acquire</i>	<i>literacy</i>	<i>first at school</i>	<i>in English.</i>
incongruent	Medium/ Actor		Process	Range/ Scope	Time	Manner
congruent	Medium/ Behaver		Process			
	<i>These children</i>	<i>therefore</i>	<i>learn</i>	<i>to read and write</i>	<i>first at school</i>	<i>in English.</i>

As research into grammatical metaphor has progressed in the last three decades, the picture of metaphors of transitivity has become significantly clearer. New descriptive insights include the following:

- **Circumstantial metaphors:** enhancing clauses in clauses nexuses, particularly hypotactic ones, are reconstrued metaphorically as circumstances of Time, Cause, Contingency, Manner, Accompaniment with nominalizations as the Head/ Thing of the nominal group serving as the mini-Range of the phrase, e.g. (circumstantial metaphors underlined, nominalization in bold italics):

6 Cf. Halliday (1988b; 2007 p. 89): “Most immediately, “socialization” has exactly the same problems that we find with “language acquisition”. Like acquisition, socialization is a flawed metaphor. Both these terms tell us that there is something ‘out there’ that pre-exists, called society or language: by implication, an unchanging something to which children are gradually moulded until they conform. But society and language are not unchanging. Even in the most static periods of human societies there is variation.” Compare also Larsen-Freeman (2011) on the fundamental problems with the “acquisition” metaphor.

During the **reign** of Queen Elizabeth I, many important voyages of discovery were made by sailors in search of new routes, new lands to conquer and treasure to plunder.

Because of the **confusion** that has always surrounded the use of ‘the inheritance of acquired characters’, Mayr (1982a) has suggested that the term ‘soft inheritance’ should be used to cover all the different meanings that have been associated with the former concept.

With the **founding** of colonial empires in the New World and commercial empires in the Indian Ocean, along the coasts of Southeast Asia and among its islands, Europe exported its politics abroad and imported a variety of goods that enriched national treasuries and satisfied new personal wants.

• **Circumstantial relational clause metaphors:** enhancing clause nexuses are reconstrued metaphorically as circumstantial identifying clauses, with the clauses in the nexus as nominal groups serving as Token and Value, and the enhancing relation as a verbal group serving as Process (as in Figure 19 above), e.g.:

Williams’s second argument, that **selection resulting in a stimulus-independent response** **causes** a reduction in phenotypic and genetic flexibility because some genetic information is lost, is also correct.

The controversy over the purpose and goals of the magazine, plus personal differences with Paul Kurtz, **resulted in** Truzzi’s resigning as editor and leaving CSICOP.

Every linguist knows that **phonetic change** **is** frequently **followed** by morphological rearrangements, but he is apt to assume that morphology exercises little or no influence on the course of phonetic history.

— or, by another step, with the enhancing relation nominalized as part of the nominal group serving as Value, opening up the potential for modification, as with *major* and *only in one major effect, the only consequence*:

According to Darwin's theory, the **cause** of evolution is natural selection acting on the inherited differences between individuals.

One major **effect** of World War II was a restructuring of the Australian economy: the unavailability of goods meant [[that Australia had to begin to produce its own]] (Coffin, 2006, p. 69)

Alluding to the bloodshed that has gripped the region for months, he said "the alternative to peace is being played out before our very eyes; the only **consequence** of further delay will be greater loss in blood and tears."

A possible **consequence** of such scanning is that an index may get assigned to some primitive objects encountered along the way.

• **Intensive relational clause metaphors:** enhancing clause nexuses with caused projections ('so we know that') are reconstrued metaphorically as intensive identifying clauses, with the clauses in the nexus as nominal groups (one of which may be a 'fact' clause) serving as Token and Value, and the caused projection as a verbal group serving as Process, e.g.:

Sinoto's experiments have been described and evaluated by Lindegren (1966) who believed that they probably **did demonstrate** that grafting can produce changes which are transmitted through seeds to the next generation.

This reluctance of the elected government to follow orders from on high **proves** that its leaders are not true democrats.

"This is an ugly crime **that proves** Israel's arrogance and its lack of seriousness in working for peace," he said.

His achievement, still rejected by audiences who refuse to learn how to look at a film and how to feel it in the duration of its shots and the rhythm of its cuts, **proves** the value of long, patient takes better than any other movie I know.

This notice by our senses, though not so certain as demonstration, yet may be called knowledge, and **proves** the existence of things without us. [John Locke, *An Essay Concerning Human Understanding*]

These descriptive insights represent only some of the findings in the ongoing effort to develop comprehensive descriptions of metaphors of transitivity, as part of the overall description of the metaphoric expansion of the content plane resources of a language.

WORK ON OTHER LANGUAGES

Halliday's (1985a) comprehensive description the system of TRANSITIVITY in English, as part of his "IFG" account; and it has also served as a resource for researchers starting work on languages other than English. There had already been work on languages other than English in the 1960s (in addition to HALLIDAY's own work on Chinese, starting in the late 1940s) — notably Barnwell (1969) and Mock (1969); but while these accounts were systemic, they pre-dated the full-fledged metafunctional version of SFL. One of the first — or the first — descriptions of the system of transitivity comparable to the IFG account of a language other than English was Long's (1981) description of TRANSITIVITY in Chinese, an MA thesis produced at Sydney University under Halliday's supervision. Since then, the transitivity systems of an increasing number of languages have been described, with the pace accelerating around the mid 1990s; examples include those listed in Table 6⁷.

7 I have only included overviews and reasonably comprehensive descriptions, not articles dealing with particular features of transitivity. The list is not exhaustive; it does not cover publications in e.g. Chinese, Japanese, Portuguese and Spanish.

Table 6: Systemic functional descriptions of systems of transitivity in different languages other than English

family	branch	language	publication
[Australia] Non-Pama-Nyungan	Bunuban	Gooniyandi	McGregor (1990)
[Australia] Pama-Nyungan	Western Desert	Pitjantjatjara	Rose (2001)
Japanese Languages		Japanese	Teruya (1998; 2007)
[isolate]		Korean	Park (2013)
Sino-Tibetan	Sinitic	Chinese: Mandarin	Halliday & McDonald (2004); Li (2007)
		Chinese: Cantonese	Tam (2004)
Austroasiatic	Vietic	Vietnamese	Hoang (1997; 2012), Thai (1998; 2004)
Tai-Kadai	Tai	Thai	Patpong (2005)
Dravidian		Telugu	Prakasam (2004)
Indo-European	Indo-Aryan	Bajjika	Kumar (2009)
	Romance	French	Caffarel (1996;2004a; 2006)
		Spanish	Lavid, Arús; Zamorano-Mansilla (2010)
	Germanic	German	Steiner; Teich (2004)
		Danish	Andersen; Petersen ; Smedegaard (2001)
		Swedish	Holmberg; Karlsson (2006)
Finno-Ugric	Finnic	Finnish	Shore (1992; 1996)

family	branch	language	publication
Afro-Asiatic	Semitic	Arabic	Bardi (2008)
Niger-Congo	Atlantic-Congo: Kwa	Akan	Matthiessen (1987a)
	Atlantic-Congo: Volta-Niger	Òkó	Akerejola (2005)
	Atlantic-Congo: Gur	Dagaare	Mwinlaaru (in prep.)

Eight of the languages set out in Table 6 are described in comparable terms by specialists in Caffarel, Martin and Matthiessen (2004), and in the final chapter of that book, I try to sketch generalizations and motifs that one finds in these eight descriptions and in other description and the typological literature. Since then, a great deal more work has been done, both in SFL, with new language descriptions being added throughout the noughts, and in typological linguistics — the publication of WALS on the web being an important breakthrough (DRYER; HASPELMATH, 2013), adding to the growing number of comparative and typological generalizations. I will not, of course, be able to present a typological version of the account of the system of transitivity since this would take up far too much space — in particular, since such an account really needs to bring out text-based evidence. Instead, let me give some examples of descriptive issues that emerge in the engagement with a wide range of languages that vary genetically, areally and typologically.

Ideational mode of construal: experiential ~ logical

Probably the most fundamental source of variation in TRANSITIVITY systems around the languages of the world is the complementarity of the experiential and logical modes of construal within the ideational metafunction. As I suggested above, within a single language the same chunk of experience may be construed logically as sequence of two quanta of change in the flow of events or experientially as a single quantum of change augmented by a circumstance: see Figure 14 above. It is very likely that the same degree of “elasticity” is part of the resources for construing experience in all languages, and in many languages with a long history of a written variety the possibilities for experiential construal of

what would congruently be construed logically in the spoken mode as sequences of events have been further expanded. In such languages, it is probably the case that spoken language tends towards logical construal and written language towards experiential construal — as in e.g. English and Chinese (cf. HALLIDAY, 1993b). However, within this general envelope of variation within a given language, it seems that some languages tend to draw relatively more on the logical mode and others relatively more on the experiential mode; in other words, the complementarity of the two modes is variable around the languages of the world.

To illustrate these different tendencies, let me refer to a language I have discussed before in this context (e.g. MATTHIESSEN, 2004)⁸ — Kalam, a Trans New Guinea language of the Highlands of Papua New Guinea, since the description of the relevant area of its grammar provided by Pawley (e.g. 1987, 2008) is very revealing. He has suggested that English and Kalam may represent “the outer limits” in the construal of quanta of change in the flow of events; he writes (PAWLEY, 1987, p. 335):

We turn now to the comparison of English and Kalam. Such a comparison is of interest, I believe, in that it may indicate roughly the outer limits of variation among languages in resources and conventions encoding event-like phenomena. In these respects Kalam may be as different from English as any language on earth.

In both Kalam and English, clauses construe quanta of change in the flow of events (“event-like phenomena”) as processes unfolding through time and involving one or more participants; but they go about this in different ways. Using an example given by Pawley (2008, p. 2), we can contrast English and Kalam: see Figure 19. The English clause is a “free translation” of the Kalam clause; it is organized experientially as a configuration of four elements: participant + process + participant + circumstance. This is a fairly high-level representation of an episode; as Pawley (2008, p. 2) puts it “the act of gathering can, in context, be understood as implying the other activities typically associated with this”. The Kalam clause is organized experientially as a configuration of two elements: process + participant; but the process is construed as a series of six events — the series being a logical contribution to the construal of the quantum of change. This representation is,

⁸ This discussion is drawn from Matthiessen (in prep.).

in contrast with the English one, fairly low-level, in the sense that the delicacy of focus is much greater than that of the free translation in English. Pawley (op cit., p. 2) comments: “a fairly literal English translation [of the Kalam clause] would occupy several clauses: ‘They went and gathered firewood and brought it, made a fire and slept.’ (*mab* has the senses ‘tree’, ‘wood’, ‘firewood’ and ‘tree’)”.

Figure 22 - A clause in Kalam (b), a “free translation” into English (a) and a “fairly literal” translation into English (c)

(a) English (free translation of (b))

<i>They</i>	<i>gathered</i>	<i>firewood</i>	<i>for the night</i>
participant	process	participant	circumstance
clause			

(b) Kalam

<i>am</i>	<i>mab</i>	<i>pu-wek</i>	<i>d</i>	<i>ap</i>	<i>agl</i>	<i>kn-la-k</i>
go	wood	hit-break.up	get	come	ignite	sleep-3pl-past
pro-	participant	-cess				
event ₁		event ₂	event ₃	event ₄	event ₅	event ₆
clause						

(c) English (literal translation of (b))

<i>They</i>	<i>went</i>	<i>and</i>	<i>gathe- red</i>	<i>firewood</i>	<i>and</i>	<i>brought</i>	<i>it,</i>	
parti- pant	pro- cess		pro- cess	partici- pant		process	parti- cipant	...
clause ₁		clau- se ₂			clau- se ₃			

	<i>made</i>	<i>a fire</i>		<i>and</i>	<i>slept</i>
...	process	participant			process
clause ₄			clause ₅		

Pawley (1987, p. 335) comments on the kind of difference between Kalam and English that is illustrated by the examples in Figure 21:

English speakers who are learning Kalam, or translating Kalam discourse into English, find many Kalam accounts of happenings extraordinarily explicit and long-winded. When describing an activity Kalam speakers will routinely single out for mention certain aspects or components of the activity that English speakers normally leave out or fuse together with other components. Kalam speakers often found my descriptions of events to be cryptically or ambiguously telegraphic, relying heavily on assumed knowledge and inference.

This difference is one of different styles of meaning or fashions of speaking that can be characterized in terms of different preferences in the **delicacy of focus** in the construal of an episode — a chunk of experience⁹ (cf. PAWLEY's, 2008, p. 13, discussion of narratives of “collecting episodes” in Kalam): see Figure 22. Interpreting Pawley's account, we can say that Kalam operates with a fairly high delicacy of focus, deconstructing an episode into component parts that are related to one another logically as series of events, each being represented at a fairly low delicacy of differentiation (e.g. ‘go’, ‘come’, ‘get’, in the example above). In contrast, English operates with a fairly low delicacy of focus, distilling an episode into a single configuration, one being represented at a fairly high delicacy of differentiation (e.g. ‘gather’; cf. HASAN's 1987 systemic description of this lexicogrammatical field). Using the notion of script (e.g. SCHANK; ABELSON, 1977), we can say that English represents the script for gathering firewood for the night by a single clause whereas Kalam represents the logical series of operations that make up the script. Of course, as Pawley's

9 The choice of the delicacy of focus has been very important in the development of knowledge representation in Artificial Intelligence (cf. HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, p. 92-93), where it is discussed under the heading of **granularity** — granularity of detail in the modular representation of different domains of knowledge. I mention this simply because I think it is a nice demonstration of the complementarity of different degrees of “granularity”, or delicacy of focus — as in the representation of medical domain knowledge. For example, in the representation of medical expert knowledge, it is vitally important to be able to represent both synoptic views of medical procedures (low delicacy of focus) and the detailed steps involved in the procedures (high delicacy of focus).

“fairly literal translation” into English analysed in Figure 19 (c) shows, it is possible in English to opt for the more analytic mode of construal embodied in the logical sequence, and there is a significant difference between prototypical spoken English and prototypical written English, with spoken English being more like Kalam¹⁰ (cf. MATTHIESSEN, 2002, on the different tendencies in written and spoken English).

The contrasting examples from English and Kalam — which can very profitably be extended with more illustrations from Pawley’s (e.g. 1987; 2008) very rich account of Kalam, and from Lane’s (2007) account of serial verb constructions in Kalam — serve to illustrate the considerable variation across languages in what constitutes the experiential domain of a clause, i.e. the variation across languages in the construal of a quantum of change in the flow of events.

This variation across languages in what constitutes the experiential domain of a clause relates centrally to the degree to which the logical mode of construal is involved alongside the experiential mode of construal: it is in the case of Kalam, as illustrated in Figure 19 (b), and in the “fairly literal” translation into English in Figure 19 (c), but it isn’t in the “free translation” into in Figure 19 (a).

Figure 23 - The choices in the delicacy of focus (“granularity”) of construal of an episode in English and in Kalam. English allows for a low delicacy of focus construal of the episode as a whole by one clause with a process realized by a fairly specific verb (*gathered*). In contrast, the Kalam representation is at high delicacy of focus, construing the episode analytically as one process consisting of series of six events, each of which is realized by a fairly general verb

10 Under certain conditions, speakers may increase the delicacy of focus in construing the flow of events. In an anecdote recounting his early experience with learning Chinese, Halliday (1978; 2007, p. 179) writes: “Materials deriving from Gouin have appeared at various times and places; I was in fact taught Chinese with materials of this kind, devised by Walter Simon and C.H. Lu. Each lesson described in great detail all the small processes that take place when for example you take one step forward, or open a door. It took 30 sentences to complete the process of going out of a building. “I rise from my chair. I walk towards the door. I reach (arrive in front of) the door. I stretch out my right hand. I grasp the handle (with my hand)”, and so on.” But this is of course not the normal discourse practice in Chinese!

phenomenon (as it is construed): episode [e.g. gathering firewood] constituent activity sequence	choice of focus & of construal: English [experiential] Kalam [experiential 2.2 logical] <table><tr><td>They</td><td>gathered</td><td>firewood</td><td>for the night</td></tr><tr><td>participant</td><td>process</td><td>participant</td><td>circumstance</td></tr><tr><td colspan="4">clause</td></tr></table><table><tr><td>am</td><td>mab</td><td>pu-wek</td><td>d</td><td>ap</td><td>agl</td><td>kn-la-k</td></tr><tr><td>go</td><td>wood</td><td>hit-break.up</td><td>get</td><td>come</td><td>ignite</td><td>sleep-3PL-PAST</td></tr><tr><td>pro-</td><td>participant</td><td>-cess</td><td></td><td></td><td></td><td></td></tr><tr><td>event₁</td><td></td><td>event₂</td><td>event₃</td><td>event₄</td><td>event₅</td><td>event₆</td></tr><tr><td colspan="7">clause</td></tr></table>	They	gathered	firewood	for the night	participant	process	participant	circumstance	clause				am	mab	pu-wek	d	ap	agl	kn-la-k	go	wood	hit-break.up	get	come	ignite	sleep-3PL-PAST	pro-	participant	-cess					event ₁		event ₂	event ₃	event ₄	event ₅	event ₆	clause						
They	gathered	firewood	for the night																																													
participant	process	participant	circumstance																																													
clause																																																
am	mab	pu-wek	d	ap	agl	kn-la-k																																										
go	wood	hit-break.up	get	come	ignite	sleep-3PL-PAST																																										
pro-	participant	-cess																																														
event ₁		event ₂	event ₃	event ₄	event ₅	event ₆																																										
clause																																																

The verbs realizing the different events in Figure 19 (b) are used to represent an episode at a high delicacy of focus, but each verbs in the series of events of a low delicacy of taxonomic specification (although *agle* ‘ignite’ might need to be explained) — in contrast with the quite specific *gather* in English (cf. HASAN, 1987), and this low degree of taxonomic delicacy reflects a fact of fundamental importance about Kalam: the inventory of verbs is a very small closed class of 130 verb roots (PAWLEY, 2008, p. 5); they tend to be similar to high-frequency verbs in English of a low delicacy of specification. In contrast, the inventory of verbs in English runs into tens of thousands. It’s surprisingly hard to find information — even estimates; but one estimate suggests that about one seventh of all OED entries are verb entries, which would mean around 25 K verbs¹¹, and if we start differentiating verb senses, this number would of course increase quite dramatically — although the number of high-frequency verbs with high-frequency senses is of course much smaller. But whatever the best estimate of the number turns out to be, it is very clear the English and Kalam are markedly different in terms of their verb inventories. I have summarized this difference in Table 7 together with a specification of the deployment of verbal complexing based on the logical mode.

Table 7 - Ideational modes of construing quanta of change in the flow of events — experiential and logical modes of construal

	Kalam [Trans New Guinea]	Ewe [Niger-Congo: Kwa]	English [Indo-European: Germanic]
experiential: inventory of verbs	small closed class of 130 verb root (Pawley, 2008, p. 5)	closed class of 600 verbs (AMEKA, 2006)	huge open class of tens of thousands of verbs
logical: verbal complexing	unmarked: common extended complexes	unmarked	marked: good reasons needed

11 See e.g. <http://www.wordwizard.com/phpbb3/viewtopic.php?f=16&t=8473>

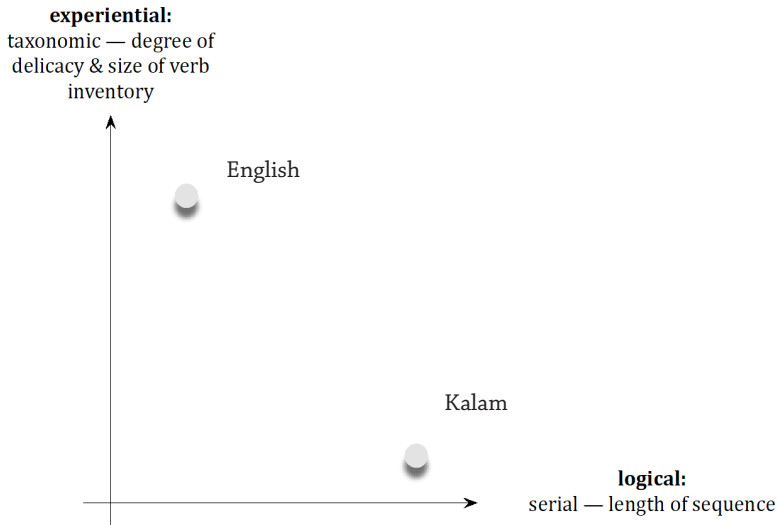
In this table, I have also included information from Ameka (2006) on Ewe (Niger-Congo: Kwa: Gbe), another language where “serial verb constructions” are used quite commonly. It is like Kalam in that its inventory of verbs is a closed class of quite a small number — about five times larger than that of Kalam, but still orders of magnitude smaller than the open set of verbs in English.

Table 7 summarizes the complementarity of the experiential and logical modes in construing quanta of change in the flow of events, and it is represented diagrammatically in Figure 23. Drawing on Pawley’s suggestion that English and Kalam exemplify the “outer limits of variation”, I have positioned them relative two axes, one of experiential complexity and another of logical complexity. Experiential complexity is taxonomic in nature: our experience of eventive change is construed by an extensive taxonomy of verb senses of considerable taxonomic depth, as is reflected in Levin’s (1993) classification of English verbs and work building on her initial description such as the work on VerbNet (see e.g. KIPPER et al., 2008, and for an interpretation of Levin’s classes in terms of the system of process type, see MATTHIESSEN, 2014).

Taking Kalam and English as the outer limits of variation, based on Andrew Pawley’s work, we can see that languages can differ significantly in what is construed as a quantum of change:

- in determining what constitutes a quantum of change, languages differ in the conventional choice of the delicacy of focus (or “granularity”), as illustrated in Figure 22: the lexicogrammar of Kalam invites construal at a fairly high delicacy of focus, deconstructing an episode into sequences of fairly low-level activities, whereas the lexicogrammar of English makes it possible to adopt a low delicacy of focus, construing a whole episode as one quantum of change;
- in construing a quantum of change, languages vary in the nature of the complementarity of the two ideational modes of construal, the logical and the experiential, as shown schematically in Figure 23.

Figure 24 - Complementarity of the logical and experiential modes of construing quanta of change in the flow of events, with English and Kalam as examples of the “outer limits of variation”. The logical mode is analytic in the sense that a quantum of change is construed as a process consisting of a series of constituent events realized by verbs of fairly low delicacy from a potentially closed small verb inventory; the experience is thus built up sequentially. The experiential mode is synthetic in the sense that a quantum of change is construed of a process typically consisting of a single event realized by a verb potentially of high delicacy from taxonomically highly elaborated open verb inventory.

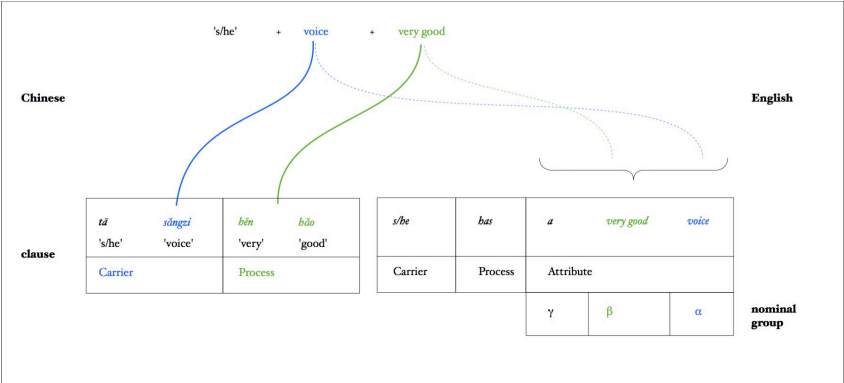


There is a more local source of variation in patterns of construal across languages, one that is specific to the construal of the assignment of properties to entities: a given language may favour property construal on an experiential model by means of a ‘relational’ clause with Carrier: entity +Process +Attribute: property or Carrier: entity +Process/ Attribute: property; or an a logical model by means of a nominal group with α [Head]: entity + β [Modifier]: property + γ [Modifier]: property + δ [Modifier]: property and so on. This preference correlates with the nature of adjectives in the language in question, whether they are more like verbs or

more like nouns (cf. DIXON, 2010, Ch. 12, and see further below). To illustrate the contrast between the two models, I have diagrammed an example from Halliday and McDonald (2004, p. 360), who comment: “The ascriptive clause is the normal way of assigning qualities in Chinese — unlike English, which tends to construe them as Epithets”.

Epithets are, of course, Modifiers in the structure of the nominal group, and can thus form logical series, as in a *very good deep husky voice*.

Figure 25 - Favoured mode of assigning properties (qualities) to entities (things) in Chinese (clause mode) and English (nominal group mode)



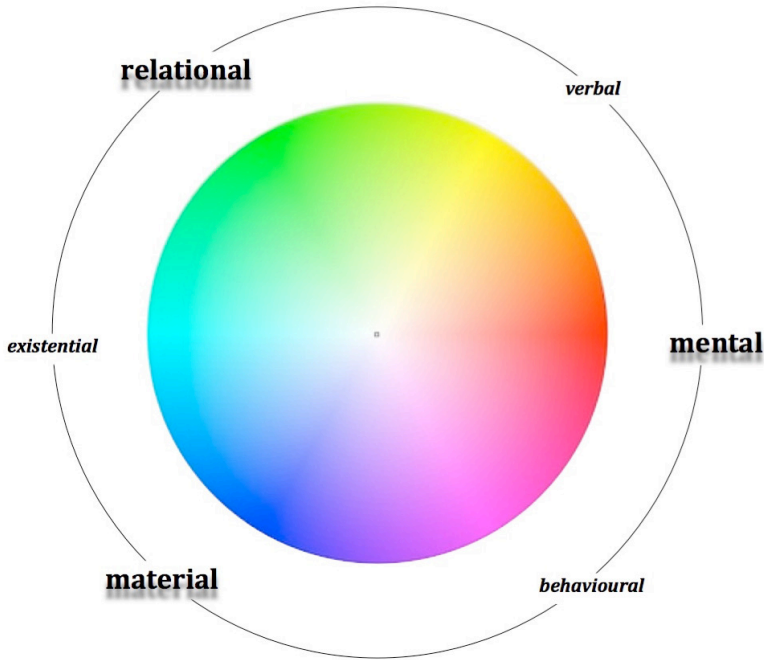
Process type

In the experiential construal of a quantum of change in our experience of the flow of events, all transitivity systems embody a model of different kinds of change according to the nature of the process. This is the system of PROCESS TYPE. It will be hard to determine how languages vary in the way they sort out domains of change into different process types until we have comprehensive systemic functional descriptions of the systems of process type across the range indicated in Table 7 and Figure 23 — with descriptions of languages like Kalam and Ewe as reference points to complement the descriptions of languages like English. It is possible that the 130 or so verbs of Kalam turn out to realize the Process in the transitivity structure of clauses

covering the same spectrum of process types as in English, at least as far as the major types are concerned, i.e. ‘material’, ‘mental’, and ‘relational’ — and it is even likely since this model of our experience of goings-on seems highly motivated by embodied perception of and engagement with the world, starting with early childhood. However, the descriptive work needs to be done.

As a tentative generalization, we can work with the assumption that as we move around the languages of the world, the categories of ‘material’, ‘mental’ and ‘relational’ clauses will all be treated as distinct — and thus as fairly stable. In contrast with these stable categories, other process types appear to be more variable in their treatment by grammars. This tentative generalization can be visualized by means of a colour wheel: Figure 26.

Figure 26 - The system of PROCESS TYPE as a colour wheel, with major process types and minor ones — as transitions or swing categories



In Figure 26, the process types are shown as shading into one another — representing the indeterminacy of our experience of a relatively continuous world. The most saliently distinct areas of our experience of processes would seem to be:

- **actions and activities** ('doing-&-happening') with profiles of unfolding through distinct phases in time, going from one state and resulting in another state, brought about by one participant and potentially involving another participant — construed in grammars as '**material**' clauses ('material' because the experience construed is prototypically of the material world, the world of matter accessible to our sensory systems, but this then becomes a model for construing the world of abstractions);

- **thoughts, desires, feelings and perceptions** ('sensing') with profiles of unfolding through uniform phases in time, remaining in a state of consciousness, experienced by one participant and potentially involving another as entering into or being created by consciousness — construed in grammars as '**mental**' clauses ('mental' because the experience construed is of the world inside us, our own sense of sensing, of being conscious — aware of the world);

- **classifications and identities** ('being-&-having') with profiles of unfolding through uniform phases in time, remaining in a state of being — class membership or identity, naturally involving two participants, two "be-ers", member and class or identified and identified — construed in grammars as '**relational**' clauses ('relational' because the experience construed is modelled relationally as a relationship between two participants).

The three major process types, 'material', 'mental' and 'verbal', seem to be central in the transitivity grammar of many languages, quite probably all. Naturally, they must be distinguished based on evidence from each language under description; we must be able to match meaning-oriented characterizations of the kind given above with grammatical properties, including reactances, to show that the grammar of a given language actually treats these as distinct types (cf. MARTIN, 1996a, and MARTIN, 1996b on Tagalog). Examples of properties that may serve to distinguish process types include:

• **Interaction with logical systems** — they system of LOGICO-SEMANTIC TYPE: the potential for combining with another clause in a clause nexus of projection may differentiate ‘mental’ and ‘verbal’ clauses from clauses of other process types: ‘mental’ clauses may have this property, and there may be a distinct ‘verbal’ type of clause with this ability — the ability to project the content of sensing (or saying) into existence represented by another clause (or combination of clauses). But not all languages have such “complement clauses” (see e.g. DIXON, 2010, Ch. 18; DIXON; AIKHENVALD, 2006).

• **Interaction with ideational systems for construing process time** — systems of TENSE and/or ASPECT: since different process types have different temporal characteristics, i.e. different profiles of unfolding in time, selections in systems of TENSE and/or ASPECT may vary according to process type. Thus Halliday (1985a) as shown that in the grammar of English, the unmarked present tense is ‘present-in-present’ for ‘material’ clauses, but the simple ‘present’ in clauses of other process types (with the exception of ‘behavioural’ clauses, where it may be either ‘present’ or ‘present-in-present’). Similarly, in Chinese, there are correlations, but in terms of the system of aspect rather than the system of tense, since Chinese construes the unfolding of the process not in relation to the now of speaking but in terms of its boundedness — ‘imperfective’: unfolding, ‘perfective’: culminative, or neither (HALLIDAY; MCDONALD, 2004, Section 6.5); for example, clauses of certain process types are typically not marked for aspect, as in the case of ‘mental’ clauses (op cit., p. 371).

• **Interaction with textual systems for conveying textual statuses** on elements of the clause — systems of THEME, VOICE; SUBSTITUTION: the systemic environment of textual systems, in particular the system of voice (in languages that have a system of this kind), may be determined by terms within the system of PROCESS TYPE and/ or agency. Thus the potential for theme-hood and (indirectly) for subject-hood may be greater for certain types of participants than for other. In Chinese, the so-called *ba*-construction was historically restricted to Goals in ‘material’ clauses although it has now been extended to other participant roles (e.g. HALLIDAY; MCDONALD, 2004; LI, 2005). In English, the pro-verb

do is restricted to ‘material’ and ‘behavioural’ clauses (and possibly ‘effective’ ‘mental’ ones).

- **Interaction with interpersonal systems** — the form of ‘negative’ polarity markers. While many languages, including English, Spanish, Portuguese, French, Georgian, Akan have a general marker of ‘negative’ polarity, many other languages have different markers differentiated according to mood, aspect and/ or process type. For example, in Arabic, there is a negative copula verb (*laysa*) used in ‘relational’ clauses, in (Mandarin) Chinese, there is a negative marker *méi* in ‘existential’ and ‘possessive’ clauses (HALLIDAY; MCDONALD, 2004, p. 355), and in Turkish there is a negative copula *değil* used in ‘relational’ clauses and another negative *yok* in ‘existential’ clauses (KORNFILT, 1997, p. 124).

- **Gradability** — the potential for construing degrees of the process, e.g. with processes of ascription (as in Figure 27 (a) below) and of emotion.

- **Marking of transitivity roles**, either within the process, as in Tagalog (e.g. MARTIN, 1996b; 2004), or within participants [and circumstances], as in Finnish (e.g. SHORE, 1996) (cf. NICHOL’s, 1986, distinction between “head-marking” and “dependent-marking”, or DIXON’s, 2010, p. 96, preferred terms for the distinction, “predicate-marking” and “NP-marking”). This marking is likely to differentiate types and sub-types of processes, e.g. (in ‘active’ clauses if clauses are distinguished in voice):

- material: Actor: nominative vs. Goal: accusative; Agent: ergative vs. Medium: absolutive
- mental: Senser: dative
- relational: Carrier & Attribute: nominative; Token & Value: nominative

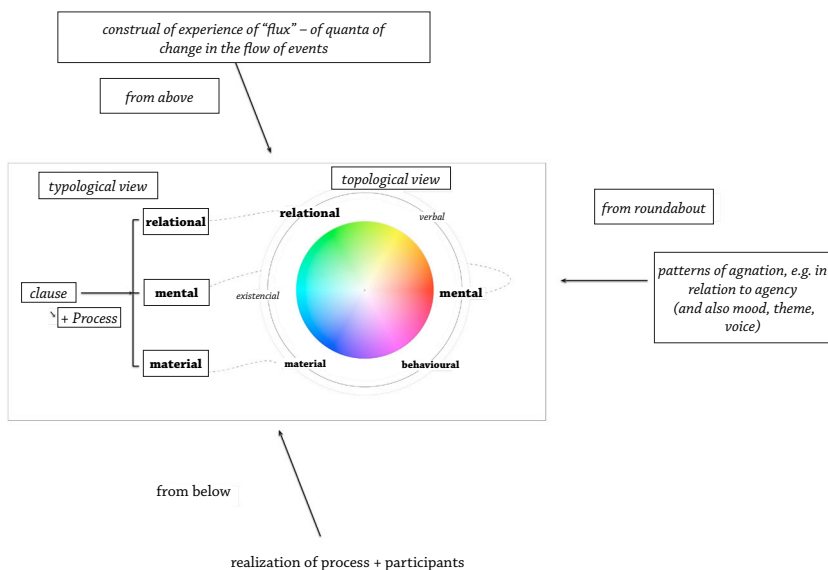
Realization of the Process — the “degree” of presence of the Process in the transitivity structure of clauses, ranging from complete absence (as in English *with John away on vacation, the rest will have to work longer hours*; cf. HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2013, p. 490) and phonologically reduced presence (as in *John’s away on vacation*) to complete presence with

the potential for phonological salience (as in *John went away on vacation*). The degree of structural presence of the Process in the transitivity structure will often distinguish (unmarked) relational and existential clauses from clauses of other process types¹². In addition to the degree of structural presence of the Process, there may be other considerations having to do with the nature of verbs realizing it, as in languages that have different morphological classes of verbs. For example, in Akan there is a distinction between stative verbs, with a final low tone, and dynamic ones, with a final high tone, and stative verbs seem to be more likely to serve in ‘relational’ and ‘mental’ clauses while dynamic ones serve in ‘material’ ones. Correspondences between morphological classes of verbs and clausal process types may, not surprisingly, be complex and partial, as in Modern Standard Arabic (cf. BARDI, 2008), or in certain Germanic languages and Romance languages with the distinction between secondary tense formation with either ‘have’ (e.g. *haben*, *avoir*) or ‘be’ (e.g. *sein*, *être*).

In developing a description of the system of PROCESS TYPE in a particular language, one has to balance properties of the kind listed above, trying to arrive at an optimal account (cf. again MARTIN, 1996a). This will mean adopting a trinocular vision — viewing not only one class of properties, e.g. realizational ones but rather all properties, “from above”, “from below” and “from roundabout”: see Figure 27.

Figure 27 - Trinocular view of the system of PROCESS TYPE — as a “compromise” based on considerations “from above” (semantics) — the construal of experience, transformed into categories of meaning, “from below” (lexicogrammar: morphology, and phonology) — the realization of process + participants, and “from roundabout” (lexicogrammar: clause) — patterns of agnation within the system of process type itself, with other experiential systems (systems like AGENCY) and with interpersonal systems (MOOD) and textual ones (THEME, VOICE, INFORMATION)

12 But one needs to resist the temptation of only considering evidence “from below”, setting up a contrast like the distinction between “nominal” and “verbal” clauses, as in descriptions of Arabic: see Matthiessen (2004, p. 595-596).



As we describe different particular languages, we will encounter many issues in the description of transitivity in general and process type in particular. Descriptive issues and challenges facing us when we deal with different process types are listed in Table 8.

Table 8 - Descriptive challenges in the description of the system of PROCESS TYPE in a given language

process types	cross-linguistic variation
material	nature of transitivity model: transitive (“nominative-accusative”; Actor + Process ± Goal), ergative (“ergative-absolutive”; [Process + Medium] ± Agent), a split between the two, or some less common model [this issue also applies to other process types, but is characteristic of ‘material’ process clauses]; unmarked conflation with participant role with Subject and/ or Theme benefaction: addition of a Beneficiary simply as a third participant, or introduction by means of a verb in a serial verb construction

process types	cross-linguistic variation
mental	model of sensing: impinging on Senser ('please' type), emanating from Senser ('like' type), or combination of the two; grammatical treatment of Senser (e.g. in terms of case marking — marked like material Actor: nominative or Medium: absolutive, or by another case, typically a dative-like case) model of sensing: the degree to which all types of sensing, cognition, perception, desire and emotion, are modelled in the same way — in particular, emotion as process or as quality nature of phenomenon being sensed: degree to which macro-phenomena and meta-phenomena are distinguished
relational	structure of relational clauses: tendency of default marker of relation to be a short non-prominent verbs (often with a non-verb history), or to be structurally absent — interpretation of the structural absence of Process (in some accounts interpreted as a completely separate class of "verbless" or "nominal" clauses) model of qualitative attribution: as process + quality (as in English) or as process: qualitative (as in Chinese); cf. English <i>be sufficient</i> ~ <i>suffice</i>, <i>be important</i> ~ <i>matter</i> model of possession: as possessor + process + possessed (as in English, Chinese) or as location [possessor] (+ process) + possessed (as in Arabic)

CONCLUSION

In the previous sections, I have located the system of TRANSITIVITY within the overall lexicogrammatical resources of a language (as illustrated for English; Section 2), sketched the development of Halliday's account of TRANSITIVITY and of his description of the English system of transitivity, including the work on grammatical metaphor involving transitivity (Section 3), and I have referred to descriptive work on other languages and suggested some areas of variation across the languages of the world (Section 4). Here I will mention further work on transitivity — on the one hand work that has become possible thanks to Halliday's (1985a) description in IFG and on the other hand continued developments in the account of transitivity.

Work drawing on Halliday's IFG description includes:

- extensive text analysis — including centrally analysis of texts of significance in educational contexts (e.g. CHRISTIE; MARTIN, 1997; MARTIN; VEEL, 1998; CHRISTIE; DEREWIANKA, 2008), analysis of verbal art, "literature" (e.g. HALLIDAY, 1971; HASAN, 1985; BUTT, 1984; CAFFAREL, 2004b), analysis of texts of interests in a critical perspective (e.g. TREW, 1979; MARTIN, 1986; BUTT; LUKIN; MATTHIESSEN, 2004), analysis of texts in translation studies (e.g. MASON, 2003; CALZADA PÉREZ, 2007); analysis of texts of clinical significance (e.g. MORTENSEN, 1992; cf. also, based on GREGORY's description of English, ASP; DE VILLiers', 2010, important handbook for the analysis of "disordered" language);
- development of a semantic account of transitivity as part of the meaning base of a language — in the context of computational modelling of language (e.g. HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2006; MATTHIESSEN, 1987b; BATEMAN et al., 1990).

Continued development of the IFG description includes:

- continued examination of the foundations of transitivity, including the major process types and the nature of the complementarity of the transitive and ergative models of transitivity — in particular, Davidse (1991; 1992; 1996a; 1996b; 1999) and a comparison with other approaches to transitivity — in particular, Martin (1996); and proposals of alternative descriptions — in the framework of the "Cardiff grammar", in particular, Fawcett's (1987) account of 'relational' clauses, with an extension of the category into 'material' territory and an abolishment of the distinction between 'identifying' and 'attributive', discussed by Davidse (e.g. 1996b) and Halliday and Matthiessen (2006).
- extension of the description of the system of PROCESS TYPE in delicacy towards lexis — including Hasan's (1987) description of a region within 'material' clauses and my own work on linking the description of process type to Levin's (1993) 257 or so "verb classes" (MATTHIESSEN, 2014); and, within the Cardiff grammar description of the system of process type, Neal (2002; 2006).
- work towards a probability profile of the systems of TRANSITIVITY based on the analysis of relative frequency in texts from different registers — Matthiessen (1999; 2006).

There has thus been a very extensive body of work on transitivity; and against the background of the coverage of transitivity represented by this body of work, it makes sense to ask where the current frontier is in the engagement with transitivity. Let me round off this paper with a few comments under a few headings beginning with a couple of the dimensions of systemic functional theory:

- Cline of delicacy: “constructions”. As noted above, there have been exploratory studies concerned with extending the account of process type in delicacy in the direction of lexis, two reasonably large-scale accounts proceeding by linking lexical descriptions to the description of the system of process type (NEAL, 2002; 2006; MATTHIESSEN, 2014). There is clearly a vast amount of work to be done in this area — one critical frontier being the mid-region in delicacy between grammar and lexis that can be approached as either more delicate grammar or as more general lexis. This is the area that has been explored under the heading of “constructions”, as in the various versions of construction grammar developed by Charles Fillmore and his collaborators (but cf. also HUNSTON; FRANCES, 2000). As far as the system of TRANSITIVITY is concerned, constructions are simply syntagmatic patterns intermediate between grammar and lexis, so they can be investigated from either of these two poles of the cline of instantiation. Systemic function treatments of transitivity constructions would complement existing structure-based accounts with systemic considerations — and here it is important to remember that it is in terms of the paradigmatic axis that grammar and lexis can be related (cf. HASAN, 1987).

- Cline of instantiation: probability. Since the late 1960s, researchers have contributed a rapidly growing number of analyses of texts based on the description of the system of TRANSITIVITY, thereby linking the two poles of the cline of instantiation, potential (the system of TRANSITIVITY) and instance (selections from this system in texts). Quite a few text-based studies have included information about the relative frequencies of different selections in the transitivity system, but we still need a probabilistic profile of the system itself based on a much larger volume of registerially varied texts than I have been able to analyse manually (reported on in MATTHIESSEN, 1999; 2006, and here).

- Hierarchy of stratification: the semantics of transitivity, including metaphor (bridge between grammatical and lexical metaphor). The system of TRANSITIVITY is a lexicogrammatical one — it is located at the stratum of lexicogrammar rather than at the stratum of semantics (even though in a number of other contemporary frameworks it has been described within semantics in terms of predicates and their arguments); but just like every other lexicogrammatical system, transitivity has a semantic correlate, as we showed in Halliday and Matthiessen (2006). Our semantic description, in which the semantic correlate of transitivity is part of the “ideation base” of semantics, was developed to meet certain research goals, primarily computational linguistic ones, and it enabled us to take account of metaphors of transitivity as a relationship between semantics and lexicogrammar; but this description must be pushed much further — one key frontier being that between semantics and other human systems, including both other semiotic systems (cf. below) and bio-semiotic systems such as vision (cf. the pioneering work on relating the semantics of the transitivity of space to other models of space needed by robots perceiving and moving around space by BATEMAN and his collaborators, e.g. BATEMAN et al., 2010).

- Semogenesis — the evolution of transitivity as part of phylogenesis and the development of transitivity as part of ontogenesis. (1) Evolution. Thanks to Halliday’s (e.g. 1988a) documentation of the evolution of scientific English, we have a clear picture of changes in transitivity in one macro-register over a period of half a millennium or so, leading to certain favoured patterns in ‘relational’ clauses; and Halliday has also pointed to certain large-scale changes in the system of transitivity during this period, changes relating to earlier observations by Mathesius, including the increasing prominence of the ergative model of transitivity over the transitive one. However, these exploratory studies need to be followed up by investigations based on the kinds of large-scale historical corpora that are now becoming available; and they need to be followed up not only for English but also for other languages. (2) Development. In their work on child language development, Halliday (1975; 2003), Painter (1999), Torr (1997) and Derewianka (1995) have illuminated the developmental origins of transitivity, its development in the first few years of life, and its role in

the later development of ideational grammatical metaphor; and Christie and Derewianka (2008) also document developments up through high school. These studies have brought out various important such as the stages in the development of ‘relational’ clauses (e.g. ascriptive clauses (assigning to classes, and then construing taxonomy) > identifying clauses (defining and naming) > identifying clauses as incongruent versions of clause nexuses > identifying clauses of proving), and have prepared the ground for a comprehensive study of the development of transitivity from the transition of protolanguage into adult language through late secondary school.

- Linguistic typology: variation in the transitivity systems of languages around the world. Thanks to the growing number of descriptions of transitivity systems in different languages (see Table 6 above), we now have material for cross-linguistic comparison and generalization, linking such efforts to findings from reported in the extensive functional-typological literature (stimulated by HOPPER; THOMPSON, 1980; 1982). There is a sketch in Matthiessen (2004), but we need larger-scale studies — studies that are based on extensive evidence from registerially classified texts.

- Semiotic typology: analogues of transitivity in semiotic systems other than language. In their description of the content systems of images, Kress and van Leeuwen (1996, 2006, Chapters 2 and 3) present a description of “representational structures”, where they make a basic distinction between “narrative” and “conceptual” patterns (p. 59). Within narrative representations, they recognize different kinds of process, including action processes and mental processes; and within conceptual representations, they differentiate classificatory, analytical and symbolic ones. At various points throughout their discussion, they compare these types of representation in images with linguistic representations, i.e. the system of TRANSITIVITY. In the same way, we need to extend the investigation of representational resources to all semiotic systems, including e.g. mathematics, and compare and contrast these representation resources, determining how they complement one another in “multimodal” discourse (see e.g. O’HALLORAN, 2005, on mathematics).

These are some of the frontiers in the ongoing extension of the coverage of the territory of transitivity. To continue to extend the coverage,

researchers can continue with established research methodology; but certain extensions will only be feasible once we have access to functional parsers that can process large volumes of text automatically (cf. O'DONNELL; BATEMAN, 2005; TEICH, 2009; WU, 2009). Thus true breakthroughs in the probabilistic description of the system of transitivity depends on technological advances in this area, advances that can be aided by accounts of large-scale extensions in delicacy of process types.

REFERENCES

AKEREJOLA, E. **A systemic functional grammar of Òkó**. Macquarie University: Ph.D. thesis, 2005.

ASP, E.; DE VILLIERS, J. **When language breaks down**: analysing discourse in clinical contexts. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

ANDERSEN, T. L.; PETERSEN, U. H.; SMEDEGAARD, F. **Sproget som ressource**: dansk systemisk funktionel lingvistik i teori og praksis. Odense: Odense Universitetsforlag, 2001.

ANDERSON, J. M. **The grammar of case**: towards a localistic theory. Cambridge: Cambridge University Press, 1971.

BARDI, M. A. **A systemic functional description of the grammar of Arabic**. Macquarie University: Ph.D. thesis, 2008.

BARNWELL, K. G. L. **A grammatical description of Mbembe (Adun Dialect)**: a Cross River Language. University of London: Ph.D. thesis, 1979

BATEMAN, J. A. et al. A linguistic ontology of space for natural language processing. **Artificial Intelligence** 174, p. 1027–1071, 2010.

____. **A general organization of knowledge for natural language processing**: the Penman Upper Model. Information Sciences Institute, University of Southern California, 1990.

BERNHARDT, E.; KAMIL, M. Reading in a second language. In: BERNIS, M.

(Ed.). **Concise encyclopedia of applied linguistics**. Oxford: Elsevier, p. 179-186, 2010.

BERNS, M. (Ed.). **Concise encyclopedia of applied linguistics**. Oxford: Elsevier, 2010.

BICKERTON, D. **Language and human behaviour**. London: UCL Press, 1995

BUTT, D. G. **The Relationship between theme and lexicogrammar in the poetry of Wallace Stevens**. Macquarie University: Ph.D. thesis, 1984.

BUTT, D. G.; LUKIN, A.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. Grammar: The First Covert Operation of War. **Discourse & Society**, v. 15, n. 2-3, p. 267-290, 2004. Reprinted in JOSEPH, J. (Ed.). **Language and Politics: major themes in English studies**. v. II. London: Routledge, 2010.

CAFFAREL, A. **Prolegomena to a systemic functional interpretation of French grammar: from discourse to grammar and back**. Sydney University: Ph.D. thesis, 1996.

____. Metafunctional profile of the grammar of French. In: CAFFAREL, A.; MARTIN, J. R.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. (Ed.). **Language typology: a functional perspective**. Amsterdam: Benjamins, 2004a.

____. The construal of a second-order semiosis in Camus' *L'Etranger*. In: BANKS, D. (Ed.). **Text and Texture: Systemic Functional viewpoints on the nature and structure of text**. L'Harmattan: Paris, p. 537-570, 2004b.

____. **A systemic functional grammar of French: from grammar to discourse**. London & New York: Continuum, 2006.

CAFFAREL, A.; MARTIN, J. R.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. (Ed.). **Language typology: a functional perspective**. Amsterdam: Benjamins, 2004.

CALZADA PÉREZ, M. **Transitivity in translating: the interdependence of texture and context**. Frankfurt: Peter Lang, 2007.

CHRISTIE, F.; DEREWIANKA, B. **School discourse**: Learning to write across the years of schooling. London & New York: Continuum, 2008.

CHRISTIE, F.; MARTIN, J. R. (Ed.). **Genre and institutions**: social processes in the workplace and school. London: Cassell, 1997.

CLORAN, C. **Rhetorical units and decontextualisation**: an enquiry into some relations of context, meaning and grammar. University of Nottingham: Monographs in Systemic Linguistics Number 6, 1994.

COFFIN, C. **Historical discourse**. London & New York: Continuum, 2006.

DAMASIO, A.; DAMASIO, H. Brain and language. **Scientific American** 267, p. 88-95, 1992.

DANEŠ, F. A three-level approach to syntax. **Travaux Linguistiques de Prague** 1, p. 225-240, 1964.

DAVIDSE, K. **Categories of experiential grammar**. Catholic University of Leuven: Ph.D. thesis, 1991.

_____. Transitive/ ergative: the Janus-headed grammar of actions and events. In: MARTIN D.; RAVELLI, L. (Ed.). **Advances in systemic linguistics**. London: Pinter, p. 105-135, 1992.

_____. "Ditransitivity and possession." In: CLORAN, C.; BUTT, D.; HASAN, R. (Ed.). **Functional descriptions**: theory in practice. Amsterdam: Benjamins, p. 85-144, 1996a.

_____. Turning grammar on itself: identifying clauses in linguistic discourse. In: BUTLER, C. et al. (Ed.). **Meaning and form**: systemic functional interpretations. Norwood, N.J.: Ablex, p. 367-393, 1996b.

_____. **Categories of experiential grammar** (Monographs in Systemic Linguistics). Nottingham: University of Nottingham, 1999.

DEREWIANKA, B. **Language development in the transition from childhood to adolescence**: the role of grammatical metaphor. Macquarie

University: Ph.D. thesis, 1995.

DIK, S. **Functional grammar**. Amsterdam: North-Holland, 1978.

DIRR, A. **Einführung in das Studium der kaukasischen Sprachen**. Leipzig, 1928.

DIXON, R. M. W. Adjective classes in typological perspective. In: DIXON, R.M.W. ;. AIKHENVALD, A. Y. (Ed.). **Adjective classes: a cross-linguistic typology**. Oxford: Oxford University Press, p. 1-49, 2004.

_____. **Basic linguistic theory**. Volume 2: grammatical topics. Oxford: Oxford University Press, 2010.

DIXON, R.M.W.; AIKHENVALD, A. Y. (ed). **Complementation: a cross-linguistic typology**. Explorations in linguistic typology. Oxford: Oxford University Press, 2006.

DRYER, M.; HASPELMATH, M. (Ed.). **The World Atlas of Language Structures Online**. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology. (Available online at <http://wals.info>)

FAWCETT, R. The semantics of clause and verb for relational processes in English. In: HALLIDAY, M.A.K.; FAWCETT, R. (Ed.). **New developments in systemic linguistics: theory and description**. London: Pinter, p. 130-183, 1987.

FILLMORE, C. "The Case for Case." BACH; HARMS, R. T. (Ed). **Universals in Linguistic Theory**. New York: Holt, Rinehart and Winston, p. 1-88, 1968.

GRUBER, J. **Studies in lexical relations**. MIT: PhD thesis, 1965.

_____. **Lexical structures in syntax and semantics**. Amsterdam: North-Holland, 1976.

HALLIDAY, M.A.K. **Grammar, Society and the Noun**. London: H.K Lewis for University College London, 1967. Reprinted in HALLIDAY, M.A.K. **On Language and Linguistics**. Volume 3 of Collected Works of M.A.K. Halliday.

Edited by Jonathan Webster. London & New York: Continuum. Chapter 2, p. 50-73, 2003.

____. Notes on transitivity and theme in English 1-3. **Journal of Linguistics** 3.1, p. 37-81; 3.2, p. 199-244; 4.2, p. 179-215, 1967, 1968. Reprinted in HALLIDAY, M.A.K. **Studies in English Language**. Volume 7 in the Collected Works of M.A.K. Halliday, edited by Jonathan Webster. London & New York: Continuum. Chapter 1, p. 5-54; Chapter 2, p. 55-109; Chapter 3, p. 110-153, 2005.

____. Functional diversity in language, as seen from a consideration of modality and mood in English. *Foundations of Language* 6, p. 322-361, 1970a. Reprinted in HALLIDAY, M.A.K. **Studies in English Language**. Volume 7 in the Collected Works of M.A.K. Halliday, edited by Jonathan Webster. London & New York: Continuum. Chapter 5, p. 164-204, 2005.

____. Language structure and language function. In: LYONS, J. (Ed.). **New Horizons in Linguistics**. Harmondsworth: Penguin Books, p. 140-165, 1970b.

____. Linguistic function and literary style: an enquiry into the language of William Golding's 'The Inheritors'. In: CHATMAN, S. (Ed.). **Literary style: a symposium**. New York: Oxford University Press, p. 330-368, 1971. Reprinted in HALLIDAY, M.A.K. **Linguistic Studies of Text and Discourse**. Volume 2 in the Collected Works of M.A.K. Halliday, edited by Jonathan J. Webster. London and New York: Continuum. Chapter 3, p. 88-125, 2002.

____. The functional basis of language. In: BERNSTEIN, B. (Ed.). **Applied studies towards a sociology of language**. Volume 2, Class, codes and control. London: Routledge and Keagan Paul, p. 343-346, 1973. Reprinted in HALLIDAY, M. A. K. Chapter 14, p. 298-322, 2003.

____. **Learning how to mean: explorations in the development of language**. London: Edward Arnold, 1975.

____. **System and function in language**. London: Oxford University Press, 1976.

____. Modes of meaning and modes of expression: types of grammatical structure and their determination by different semantic functions. In: ALLERTON, D. J.; CARNEY, E.; HOLDCROFT, D. (Ed.). **Function and context in linguistic analysis**: a Festschrift for William Haas. Cambridge: Cambridge University Press, p. 57-79, 1979. Reprinted in HALLIDAY, M. A. K. Chapter 8, p. 196-218, 2002.

____. On the ineffability of grammatical categories. In: MANNING, A.; MARTIN, Pierre; MCCALLA, K. (Eds.). **Tenth LACUS Forum**. Columbia: Hornbeam Press. 3-18, 1984. Reprinted in HALLIDAY, M. A. K. Chapter 11, p. 291-322, 2002.

____. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 1985a.

____. Dimensions of discourse analysis: grammar. VAN DIJK, T. (Ed.). **Handbook of Discourse Analysis**. Volume 2. New York: Academic Press. 29-56, 1985b. Reprinted in HALLIDAY, M. A. K. Chapter 10, p. 261-286, 2002.

____. Language and the order of nature. In: FABB, N. et al. (Ed.). **The linguistics of writing**: arguments between language and literature. Manchester: Manchester University Press, p. 135-154, 1987. Reprinted in HALLIDAY, M. A. K. Chapter 5, p. 116-138, 2003.

____. On the language of physical science. In: GHADESSY, M. (Ed.). **Registers of Written English**: situational factors and linguistic features. London & New York: Pinter Publishers, p. 162-178, 1988a. Reprinted in HALLIDAY, M.A.K. **The language of science**. Volume 5 in the Collected Works of M.A.K. Halliday. Edited by Jonathan J. Webster. London & New York: Continuum, p. 140-158, 2004.

____. Language and socialization, home and school. In: **Language and socialization, home and school**: proceedings from the working conference on language and education, Macquarie University. Published by Macquarie University, 1988b. Reprinted in HALLIDAY, M. A. K. **Language and education**, Volume 9 in the Collected Works of M.A.K. Halliday. Edited by Jonathan J. Webster. London & New York: Continuum. Chapter 5, p. 81-96, 2007.

_____. New ways of meaning: a challenge to applied linguistics. **Greek Applied Linguistics Association, Journal of Applied Linguistics** 6 (Ninth World Congress of Applied Linguistics Special Issue), p. 7-36, 1990a. Reprinted in HALLIDAY, M. A. K. Chapter 6, p. 139-174, 2003.

_____. The construction of knowledge and value in the grammar of scientific discourse: with reference to Charles Darwin's *The Origin of Species*. In: DE STASIOM, C.; GOTTI, M.; BONADEI, R. (Ed.). **La rappresentazione verbale e iconica: valori estetici e funzionali**. Atti del XI Congresso Nazionale dell'A.I.A., Bergamo, p. 24-25 October 1988. Guerini Studio, p., 57-80, 1990b. Reprinted in HALLIDAY, M.A.K. **Linguistic Studies of Text and Discourse**. Volume 2 in the Collected Works of M.A.K. Halliday, edited by J. Webster. London and New York: Continuum, p. 168-192, 2002.

_____. Language in a changing world. **Canberra, ACT: Applied Linguistics Association of Australia**, 1993a. Reprinted in HALLIDAY, M. a. K. Chapter 10, p. 213-231, 2003.

_____. Analysis of scientific texts in English and Chinese. In: Keqi Hao, Hermann Bluhme & Renzhi Li (eds.). **Proceedings of the International Conference on Texts and Language Research**. Xi'an: Xi'an Jiaotong University Press, p. 90-97, 1993b. Reprinted in HALLIDAY, M.A.K.; MARTIN, J. R. **Writing science: literacy and discursive power**. London: The Falmer Press, p. 124-132, 1993.

_____. On grammar and grammatics. In: HASAN, R.; CLORAN, C.; BUTT, D. (Ed.). **Functional descriptions: theory into practice**. Amsterdam: Benjamins, p. 1-38, 1996a. Reprinted in HALLIDAY, M. A. K., Chapter 15, p. 384-417, 2002.

_____. Literacy and linguistics: a functional perspective. In: HASAN, R.; WILLIAMS, G. (Ed.). **Literacy in Society**. London: Longman, p. 339-376, 1996b. Reprinted in HALLIDAY, M.A.K. **Language in education**. Volume 9 of the Collected Works of M.A.K. Halliday, edited by Jonathan J. Webster. London & New York: Continuum, p. 97-129, 2007.

____. Things and relations: regrammaticizing experience as technical knowledge. In: MARTIN, J.R.; VEEL, R. (Ed.). **Reading science: critical and functional perspectives on discourses of science**. London: Routledge, p. 185-235, 1998a. Reprinted in HALLIDAY, M.A.K. **The language of science**. Volume 5 of the Collected Works of M.A.K. Halliday, edited by Jonathan J. Webster. London & New York: Continuum. Chapter 3, p. 49-101, 2004.

____. Grammar and daily life: concurrence and complementarity. In: Peter H. Fries & David G. Lockwood James E. Copeland (eds.). **Functional approaches to language, culture and cognition**. (Festschrift for Sydney Lamb.) Amsterdam & Philadelphia: Benjamins, 1998b. Reprinted in HALLIDAY, M. A. K. Chapter 14, p. 369-383, 2002.

____. **On grammar**. Volume 1 in the Collected Works of M.A.K. Halliday, edited by Jonathan Webster. London & New York: Continuum, 2002.

____. **On Language and Linguistics**. Volume 3 of Collected Works of M.A.K. Halliday. Edited by Jonathan Webster. London & New York: Continuum, 2003.

____. **The Language of Early Childhood**. Volume 4 of Collected Works of M.A.K. Halliday. Edited by Jonathan Webster. London & New York: Continuum, 2004.

____. **Studies in the English language**. Volume 7 of Collected Works of M.A.K. Halliday. Edited by Jonathan Webster. London & New York: Continuum, 2005.

HALLIDAY, M.A.K.; MCDONALD, E. Metafunctional profile of the grammar of Chinese. In: CAFFAREL, A, MARTIN, J. R.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. (Ed.). p. 305-396, 2004.

HALLIDAY, M.A.K.; MARTIN, J. R. **Writing science: literacy and discursive power**. London: Falmer, 1993.

HALLIDAY, M.A.K.; MATTHIESSEN, C.M.I.M. **Construing experience**

through meaning: a language-based approach to cognition. (First published in 1999, London: Cassell.) London & New York: Continuum, 2006.

____. **Halliday's introduction to functional grammar.** Fourth Edition. London: Routledge, 2013.

HASAN, R. **Linguistics, language and verbal art.** Geelong, Vic.: Deakin University Press, 1985.

____. The grammarian's dream: lexis as most delicate grammar. In: HALLIDAY, M.A.K, FAWCETT, R. P. (eds.). **New developments in systemic linguistics: theory and description.** London: Pinter, p. 184-211, 1987.

HOANG, V. V. **An experiential grammar of the Vietnamese clause: a functional description.** Macquarie University: Ph.D. thesis, 1997.

____. **An experiential grammar of the Vietnamese clause.** Vietnam Education Publishing House, 2012.

HOLMBERG, P.; KARLSSON A.-M. **Grammatik med betydelse:** en introduktion till funktionell grammatik. Uppsala: Hallgren & Fallgren, 2006.

HOPPER, P. J.; THOMPSON; S. A. Transitivity in grammar and discourse. **Language** 56: 251-99, 1980.

____. (eds.). **Studies in transitivity.** (Syntax and Semantics, 15.) New York: Academic Press, 1982.

HORI, M. Pain expressions in Japanese. In: THOMPSON, G.; HUNSTON, S. (Ed.). **System and corpus:** exploring connections. London & Oakville: Equinox, p. 206-225, 2006.

HUNSTON, S.; FRANCIS, G. **Pattern Grammar:** a *Corpus*-Driven Approach to the Lexical Grammar of English. Amsterdam: Benjamins, 2000.

KIPPER, K. et al. A large-scale classification of English verbs. **Language Resources and Evaluation** 42(1): 21-40, 2008.

KORNFILT, J. **Turkish**. London & New York: Routledge, 1997.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of visual design**. 2nd edition 2006. London: Routledge, 1996.

KUMAR, A. **A systemic functional description of the grammar of Bajjika**. Macquarie University: Ph.D. thesis, 2009.

LANE, J. Kalam *Serial Verb Constructions*. **Pacific Linguistics**, 589. Canberra: Pacific Linguistics, 2007.

LARSEN-FREEMAN, D. Saying what we mean: making a case for 'language acquisition' to become 'language development'. **Plenary at AILA 2011**, Beijing, 2011.

LASCARATOU, C. **The language of pain: expression or description?** Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 2007.

LAVID, J; ARÚS, J.; ZAMORANO-MANSILLA, J. R. **Systemic Functional Grammar of Spanish: A Contrastive Study with English**. London & New York: Continuum, 2010.

LEMKE, J. L. **The topology of genre: text structures and text types**. MS, 1987.

LEVIN, B. **English verb classes and alternations: a preliminary investigation**. Chicago & London: The University of Chicago Press, 1993.

LI, E. S.-H. **Voice in Chinese: A Systemic Functional Perspective**. *Functions of Language* 12(2), p. 181-203, 2005.

_____. **Systemic functional grammar of Chinese: a text-based analysis**. London & New York: Continuum, 2007.

LI, C.; THOMPSON, S. A. **Mandarin Chinese: a functional reference grammar**. Berkeley: University of California Press, 1980.

LONG, R. **Transitivity in Chinese**. University of Sydney: M.A, 1981.

MCGREGOR, W. **A functional grammar of Gooniyandi**. Amsterdam & Philadelphia: Benjamins, 1990.

MANN, WILLIAM C.; MATTHIESSEN, C.M.I.M. Demonstration of the Nigel Text Generation Computer Program. In: BENSON; GREAVES (Ed.). **Systemic Functional Approaches to Discourse**. Norwood: Ablex, p. 50-83, 1985

MARTIN, J. R. Grammaticalizing ecology: the politics of baby seals and kangaroos. In: GROSZ, E. A.; THREADGOLD, T.; HALLIDAY, M. A. K. (Ed.). **Semiotics - Ideology - Language**. Sydney: Sydney Association for Studies in Society and Culture, p. 225-267, 1986.

____. Metalinguistic diversity: the case from case. In: HASAN, R.; CLORAN, C.; BUTT, D. (Ed.). **Functional descriptions: theory into practice**. Amsterdam: Benjamins. 323-375, 1996a.

____. Transitivity in Tagalog: a functional interpretation of case. In: BUTLER, C. et al. (Ed.). **Meaning and form: systemic functional interpretations**. Norwood, NJ: Ablex, p. 229-296, 1996b.

____. Making history: Grammar for interpretation. In: MARTIN, J. R.; WODAK, R. (Ed.). **Re/reading the past: Critical and functional perspectives on time and value**. Amsterdam & Philadelphia: Benjamins, p. 19-57, 2003.

____. Metafunctional profile of the grammar of Tagalog. In CAFFAREL, A.; MARTIN, J. R.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. (Ed.). **Language typology: a functional perspective**. Amsterdam: Benjamins, p. 255-304, 2004.

MARTIN, J.R.; MATTHIESSEN, C.M.I.M. Systemic typology and topology. In: CHRISTIE, F. (Ed.). **Literacy in social processes: papers from the Inaugural Australian Systemic Functional Linguistics Conference**, Deakin University, January 1990. Darwin: Centre for Studies of Language in Education, Northern Territory University, p. 345-383, 1991. Reprinted in MARTIN, J. R. **SFL theory, Volume 1 in the Collected Works of J.R. Martin**, edited by Wang Zhenhua. Shanghai: Shanghai Jiao Tong University Press, p. 167-215, 2010.

MARTIN, J. R.; VEEL, R. (Ed.). **Reading science**: critical and functional perspectives on discourses of science. London: Routledge, 1998.

MASON, I. Text parameters in translation: transitivity and institutional cultures. In: HAJICOVA, E. et al. (Ed.). **Textologie und Translation (Jahrbuch Übersetzen und Dolmetschen 4/2)**. Tübingen: Narr, 2003. Reprinted in VENUTI, L. (eds.). **The translation studies reader**. Second edition. London: Routledge, p. 470-48, 2004.

MATTHIESSEN, C.M.I.M. Systemic grammar in computation: the Nigel case. **The First Annual Conference of the European Chapter of the Association for Computational Linguistics**. Pisa, p. 155-164, 1983.

____. **Notes on Akan lexicogrammar**: a systemic interpretation. Mimeo, 1987a.

____. Notes on the organization of the environment of a text generation grammar. In: KEMPEN, G. (Ed.). **Natural Language Generation**. Dordrecht: Martinus Nijhof, p. 253-278, 1987b.

____. **Lexicogrammatical cartography**: English systems. Tokyo: International Language Sciences Publishers, 1995a.

____. Fuzziness construed in language: a linguistic perspective. **Proceedings of FUZZ/IEEE, Yokohama**, March 1995. Yokohama, p. 1871-1878, 1995b.

MATTHIESSEN, C.M.I.M. The system of transitivity: an exploratory study of text-based profiles. **Functions of Language** 6(1), p. 1-51, 1999.

____. Combining clauses into clause complexes: a multi-faceted view. In: BYBEE, J.; NOONAN, M. (Ed.). **Complex sentences in grammar and discourse**: essays in honor of Sandra A. Thompson. Amsterdam: Benjamins, p. 237-322, 2002.

____. Frequency profiles of some basic grammatical systems: an interim report. In: HUNSTON, S.; THOMPSON, G. (Ed.). **System and corpus**: exploring connections. London: Equinox, p. 103-142, 2006.

____. Extending the description of process type in delicacy: verb classes. **Functions of Language** 21(2), p.139-175, 2014.

____. in prep. **An introduction to multilingual systemic functional grammar**. Book MS.

MATTHIESSEN, C.M.I.M.; HALLIDAY, M.A.K. **Systemic Functional Grammar**: A First Step into the Theory. Bilingual edition, with introduction by Huang Guowen. Beijing: Higher Education Press, 2009.

MOCK, C. C. **The grammatical units of the Nzema Language**: a systemic analysis. University of London: Unpublished Ph.D. thesis, 1969.

MORTENSEN, L. A transitivity analysis of discourse in dementia of the Alzheimer's type. **Journal of Neurolinguistics** 7(4), p. 309-321, 1992.

MURRAY, D. E. Australasia and the Pacific. In: BERNIS (Ed.). p. 37-44, 2010.

MWINLAARU, I. in prep. [Systemic functional description of the grammar of Dagaare.

NEALE, A. **More Delicate transitivity**: extending the process type system networks for English to include full semantic classifications. PhD thesis. School of English, Communication and Philosophy, Cardiff University, 2002.

____. Matching *corpus* data and system networks: using corpora to modify and extend the system networks for transitivity in English. In: HUNSTON, S.; THOMPSON, G. (Ed.). **System and corpus**: exploring connections. London & Oakville: Equinox, p. 143-163, 2006.

NICHOLS, J. Head-marking and dependent-marking grammar. **Language** 62: p. 56-119, 1986.

O'DONNELL, M.; BATEMAN, J. A. SFL in Computational Contexts. In: HASAN, R.; MATTHIESSEN, C.M.I.M.; WEBSTER, J. (Ed.). **Continuing Discourse on Language**: A Functional Perspective, Volume 1. London: Equinox Publishing, p. 343-382, 2005.

O'HALLORAN, K. L. **Mathematical discourse**: language, symbolism and visual images. London & New York: Continuum, 2005.

PAINTER, C. **Learning through language in early childhood**. London: Cassell, 1999.

PARK, K.. **The experiential grammar of Korean**: a systemic functional perspective. Macquarie University: Ph.D. thesis, 2013.

PATPONG, P. **A systemic functional interpretation of Thai grammar**: an exploration of Thai narrative discourse. Macquarie University: Ph.D. thesis, 2005.

PAWLEY, A. Encoding events in Kalam and English: different logics for reporting experience. In: TOMLIN, R. S. (Ed.). **Coherence and grounding in discourse**. Amsterdam: Benjamins, p. 329-61, 1987.

____. **On the origins of serial verb constructions in Kalam, or, What are clauses good for?** For 12th Biennial Rice University Linguistics Symposium, 27-29 March 2008.

PRAKASAM, V. Metafunctional profile of Telugu. In: CAFFAREL, A.; MARTIN, J. R.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. (Ed.). **Language typology**: a functional perspective. Amsterdam: Benjamins, p. 433-478, 2004.

ROSE, D. The Western Desert Code: an Australian cryptogrammar. Canberra: **Pacific Linguistics**, 2001.

SCHANK, R.; ABELSON, R. P. **Scripts, plans, goals and understanding**: an inquiry into human knowledge structures. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 1977.

SCHMIEDTOVÁ, B.; VON STUTTERHEIM, C.; CARROLL, M. Language-specific patterns in event construal of advanced second language speakers. In: PAVLENKO, A. (Ed.). **Thinking and speaking in two languages**. Bristol: Multilingual Matters, p. 66-107, 2011.

SHORE, S. **Aspects of a systemic functional grammar of Finnish**. Macquarie University: Ph.D. thesis, 1992.

_____. Process types in Finnish: implicate order, covert categories and prototypes. In: HASAN, R.; CLORAN, C.; BUTT, D. (Ed.). **Functional descriptions: theory in practice**. Amsterdam: Benjamins, p. 237-265, 1996.

STEINER, E.; TEICH, E. German: a metafunctional profile. In: CAFFAREL, A.; MARTIN, J. R.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. (Ed.). **Language typology: a functional perspective**. Amsterdam: Benjamins, p. 139-184, 2004.

TAM, H.-S. R. **A systemic-functional interpretation of Cantonese clause grammar**. University of Sydney: Ph.D. Thesis, 2004.

TEICH, E. Computational linguistics. In: HALLIDAY, M.A.K.; WEBSTER, J. (Ed.). **A companion to systemic functional linguistics**. London & New York: Continuum, p. 113-127, 2009.

TERUYA, K. **An exploration into the world of experience: a systemic-functional interpretation of the grammar of Japanese**. Macquarie University: Ph.D. thesis, 1998.

_____. **A systemic functional grammar of Japanese**. 2 volumes. London & New York: Continuum, 2007.

TESNIÈRE, L. **Éléments de syntaxe structurale**. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1959.

THAI, M. D. **A systemic functional interpretation of Vietnamese grammar**. Macquarie University: Ph.D. thesis, 1998.

_____. Metafunctional profile: Vietnamese. In: CAFFAREL, A.; MARTIN, J. R.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. (Ed.). **Language typology: a functional perspective**. Amsterdam: Benjamins, p. 397-431, 2004.

TORR, J. **From child tongue to mother tongue: a case study of language development in the first two and a half years**. University of Nottingham: Monographs in systemic linguistics, Number 9, 1997.

TREW, T. Theory and ideology at work. In: FOWLER, R. et al. **Language and control**. London: Routledge & Kegan Paul, p. 94-116, 1979.

VANDENBERGEN, A.-M.; TAVERNIERS, M.; RAVELLI, L. (Ed.). **Grammatical metaphor**: views from systemic functional linguistics. Amsterdam: John Benjamins, 2003.

VON STUTTERHEIM, C. How language specific are processes of the conceptualiser? In: KLABUNDE, R.; VON STUTTERHEIM, C. (Ed.). **Representations and processes in language production**. (Studien zur Kognitionswissenschaft.). Wiesbaden: Deutscher Universitäts-Verlag, p. 154-179, 1999.

WHORF, B. L. **Language, thought and reality**: selected writings of Benjamin Lee Whorf. Edited by John B. Carroll. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1956.

WU, C. *Corpus* - based research. In: HALLIDAY, M.A.K.; WEBSTER, J. (Ed.). **A companion to systemic functional linguistics**. London & New York: Continuum, p. 128-142, 2009.

APPENDIX

a) Examples

(1) material

(a) happening

When I last worked in the United States I was living in Orange County; I frequently travelled on the local bus services, and there was a notice on the buses which read:

Federal law prohibits operation of this bus when any passenger is forward of the standee line.

[HALLIDAY, 1998b; 2002, p. 380-381]

Figure 28 - Examples of a concrete ‘material’ clauses that are ‘middle’, with a human Medium/ Actor

<i>When</i>	<i>I</i>	<i>last</i>	<i>worked</i>		<i>in the United States</i>
	Medium/ Actor	Time	Process		Place
	Subject	Adjunct	Finite	Predicator	Adjunct
	Mood (1)	Residue (1)	Mood (2)	Residue (2)	
	nominal group	adverbial group	verbal group		prepositional phrase

<i>I</i>	<i>was</i>	<i>living</i>	<i>in Orange County;</i>
Medium/ Actor	Process		Place
Subject	Finite	Predicator	Adjunct
Mood		Residue	
nominal group	verbal group		prepositional phrase

<i>I</i>	<i>frequently</i>	<i>travelled</i>	<i>on the local bus services</i>	
Medium/ Actor	Frequency	Process	Place	
Subject	Adjunct	Finite	Predicator	Adjunct
Mood (1)	Residue (1)	Mood (2)	Residue (2)	
nominal group	adverbial group	verbal group	prepositional phrase	

The dynamic mode is phylogenetically prior; it evolved first, along with the human species, where as it is only in the last few millennia that the synoptic mode has come into being [Halliday, 1987; 2003, p. 130].

Figure 29 = Example of a ‘material’ clause that is ‘middle’, with a non-human, inanimate entity as Medium/ Actor

<i>it</i>	<i>evolved</i>		<i>first,</i>	<i>along with the human species</i>
Medium/ Actor	Process		Time	Accompaniment
Subject	Finite	Predicator	Adjunct	Adjunct
Mood		Residue		
nominal group	verbal group		adverbial group	prepositional phrase

My notion of a semantic stratum took shape first from working with Sydney Lamb in his research projects at Berkeley and at Yale, and then from interacting with Basil Bernstein and trying to meet the conceptual demands made by his theory of linguistic codes (LAMB, 1964, 1966b; BERNSTEIN, 1971; HASAN, 1973). [HALLIDAY, 2005, p. xxviii]

Figure 30 - Example of an abstract ‘material’ clause that is ‘middle: ranged”, with an abstraction as Medium/ Actor

<i>My notion of a semantic stratum</i>	<i>took</i>		<i>shape</i>
Medium/ Actor	Process		Range/ Scope
Subject	Finite	Predicator	Complement
Mood		Residue	
nominal group	verbal group		nominal group

(b) doing

The term “ergative” was first introduced by Dirr (1928) in reference to certain Caucasian languages, although the feature which it referred to had been recognized much earlier [HALLIDAY, 1967; 2003, p. 64].

Figure 31 - Example of an abstract ‘material’ clause that is ‘effective’: ‘receptive’: ‘agentive’, with an abstraction as Medium/ Goal

<i>The term “ergative”</i>	<i>was</i>	<i>first</i>	<i>introduced</i>	<i>by Dirr (1928)</i>	<i>in reference to certain Caucasian languages,</i>
Medium/ Goal	Pro-	Time	-cess	Agent/ Actor	Matter
Subject	Finite	Adjunct	Predicator	Adjunct	Adjunct
Mood	Residue				
nominal group	verbal group (1)	adverbial group	verbal group (2)	prepositional phrase	prepositional phrase

But we are also just now in a period when there is exceptional pressure on teachers. They are being expected to raise the goals and achievements of schooling, to be assessed and evaluated in comparison with others – other schools, other systems, other countries – and in fact to take over responsibility for setting right most of the wrongs and shortcomings of modern society. [HALLIDAY, 2005, “Foreword”; CHRISTIE, 2005.]

Figure 32 - Example of an abstract ‘material’ clause that is ‘effective’: ‘receptive’: ‘non-agentive’, with an abstraction (*the goals and achievements of schooling*) as Medium/ Goal; note that it is a second-order receptive clause, with second-order Agent/ Initiator left implicit — the operative version being (e.g.) *governments expect them to raise ...*

<i>They</i>	<i>are</i>	<i>being expected to raise</i>	<i>the goals and achievements of schooling</i>
Agent/ Actor	Process		Medium/ Goal
Subject	Finite	Predicator	Complement
Mood		Residue	
nominal group	verbal group		nominal group

Writing puts language in chains; it freezes it, so that it becomes a thing to be reflected on [HALLIDAY, 1987; 2003, p. 132].

Figure 33 - Example of an abstract ‘material’ clause that is ‘effective’: ‘operative’

<i>Writing</i>	<i>puts</i>		<i>language</i>	<i>in chains;</i>
<i>it</i>	<i>freezes</i>		<i>it</i>	
Agent/ Actor	Process		Medium/ Goal	Place
Subject	Finite	Predicator	Complement	Adjunct
Mood		Residue		
nominal group	verbal group		nominal group	prepositional phrase

(2) behavioural

Figure 34 - Example of a ‘behavioural’ clause that is ‘middle’: ‘non-ranged’

<i>nobody</i>	<i>was</i>	<i>laughing</i>
Medium/ Behaver	Process	
Subject	Finite	Predicator
Mood		Residue
nominal group	verbal group	

(3) mental

Here Darwin not only sums up the position for which he has been arguing (over some 450 pages, in my edition)¹² but also defends it against the opposition and ridicule which he knew it was bound to evoke [HALLIDAY, 1990b; 2002].

Figure 35 - Example of ‘mental’ clause that is ‘middle’: ‘non-ranged’, and which projects an idea clause

<i>but also defends it against</i>	<i>the</i>	<i>opposition and ridicule</i>	<i>which</i>	<i>he knew</i>	<i>it was bound to evoke</i>
	Deictic	Thing	Qualifier		
			‘β	<<α>>	

<i>which</i>	<i>he</i>	<i>knew</i>	<i>it was bound to evoke</i>		
‘β ...	<<α>> ... ‘β				
	Medium/ Senser	Process			
	Subject	Finite	Predicator		
Mood			Residue		

Rereading the preface to that Nancy volume, by Bernard Pettier and Guy Bourquin (1966, p. 7—8), I was struck by what they had selected as the initial theme, that of “semantic information:

L’information sémantique en linguistique et en traduction mécanique

to which, with some hesitation, they had added another, that of foreign language teaching;

nous avons . . . risqué l’entreprise, en adjoignant au thème initial celui de la pédagogie des langues vivantes: ...

This, they explained, was why the book seemed to lack unity:

d’où l’incohérence apparente du contenu de ce volume
[HALLIDAY, 1990a; 2003, p. 139].

Figure 36 - Example of a ‘mental’ clause that is ‘effective: receptive: agentive’

<i>I</i>	<i>was</i>	<i>struck</i>	<i>by</i> [[<i>what they had selected as the initial theme, that of “semantic information: ...</i>]]
Medium/ Senser	Process		Agent/ Phenomenon
Subject	Finite	Predicator	Adjunct
Mood		Residue	
nominal group	verbal group		prepositional phrase

(4) verbal

We are not told whether the professors had their grants renewed — or how they managed to apply for them [HALLIDAY, 1967; 2003, p. 71].

Figure 37 - Example of a ‘verbal’ clause that is ‘middle’, ‘receptive’ with Receiver as Subject & ‘projecting’ a reported locution

<i>We</i>	<i>are</i>	<i>not</i>	<i>told</i>	<i>whether the professors had their grants renewed — or how they managed to apply for them.</i>
α				“ β ”
Receiver	Process			
Subject	Finite	Adjunct	Predicator	
Mood			Residue	
nominal group	verbal group (1)	adverbial group	verbal group (2)	clause (nexus): projected

It has been pointed out by various linguists (HALLIDAY, 1967; 1968, § 3; ANDERSON, 1968; FILLMORE, 1968) that action clauses in English seem to be organized on an ergative rather than on a transitive (or “nominative”) basis [HALLIDAY, 1970b, p.157].

Figure 38 - Example of a ‘verbal’ clause that is ‘middle’, ‘receptive’ with Sayer as Adjunct & projecting a reported locution

<i>It</i>	<i>has</i>	<i>been pointed</i>	<i>out</i>	<i>by various linguists (Halliday 1967–68: § 3; Anderson 1968; Fillmore 1968)</i>	<i>that action clauses in English seem to be organized on an ergative rather than on a transitive (or “nominative”) basis.</i>
α					β
	Process			Medium/ Sayer	
Subject	Finite	Predicator	Adjunct	Adjunct	
Mood		Residue			
nominal group	verbal group			prepositional phrase	clause: projected

(from above)

Figure 39 - Example of a ‘verbal’ clause that is ‘middle’, ‘operative’ & projecting a reported locution, and included in the projected clause

<i>This,</i>	<i>they</i>	<i>explained,</i>	<i>was why the book seemed to lack unity:</i>
β	<< α >>		
	Medium/ Sayer	Process	
	Subject	Finite	Predicator
	Mood		Residue
clause: projected (1)	nominal group	verbal group	
			clause: projected (2)

(5) relational

(a) intensive & ascriptive

The ergative component is more prominent now than it was in Middle English, and this appears in various ways, for example, the change from impersonal to personal forms in mental process clauses (formerly *methinks, it likes me*). In the modern form *I like*, *I* cannot be explained as an Actor (among other things we cannot say *what he does to jam is like it*); but it can be shown on various grounds to have the function Affected [HALLIDAY, 1970b, p. 158].

Figure 40 - Example of an ‘intensive attributive relational’ clause

<i>The ergative component</i>	<i>is</i>	<i>more prominent now [[than it was in Middle English]]</i>
Medium/ Carrier	Process	Range/ Attribute
Subject	Finite	Complement
Mood	Residue	
nominal group	verbal group	nominal group

(from (1) above)

Figure 41 - Example of an ‘intensive attributive relational’ clause, with ‘inceptive’ phase (“inchoative”)

<i>so that</i>	<i>it</i>	<i>becomes</i>	<i>a thing [[to be reflected on]].</i>	
	Medium/ Carrier	Process	Range/ Attribute	
	Subject	Finite	Predicator	Complement
	Mood	Residue		
conjunction group	nominal group	verbal group	nominal group	

The English clause consists of a Theme and a Rheme. The Theme is another component in the complex notion of subject, namely the “psychological subject”; it is as it were the peg on which the message is hung, the theme being the body of the message. The Theme of a clause is the element which, in English, is put in first position [HALLIDAY, 1970b, p. 161].

Figure 42 - Example of an ‘attributive’ ‘possessive’ ‘relational’ clause (with a phrasal verb, *consist of*, as Process)

<i>The English clause</i>	<i>consists of</i>			<i>a Theme and a Rheme.</i>
Medium/ Carrier	Process			Range/ Attribute
Subject	Finite	Predicator	Adjunct	
Mood			Residue	
nominal group	verbal group			nominal group

(b) intensive & identifying

Figure 43 -: Example of an ‘encoding’ ‘identifying’ ‘relational’ clause [HALLIDAY, 1970b, p. 161]; it is agnate with *the Theme of a clause is represented by the element which, in English, is put in first position*. Note the potential ambiguity; it could be read as ‘decoding’, agnate with *the theme of a clause constitutes the element which, in English, is put in first position*, and it has been misread in this way, as a definition of Theme¹³

<i>The Theme of a clause</i>	<i>is</i>	<i>the element [[which, in English, is put in first position]]</i>
Range/ Value/ Identified	Process	Medium/ Token/ Identifier
Subject	Finite	Complement
Mood	Residue	
nominal group	verbal group	nominal group

13 Halliday (1984; 2002, p. 297-298) comments on this, moving on from a discussion of the vocabulary of metalanguages to their grammars: “But for the grammar of our metalanguages we are usually content to stick with the everyday forms of English; and this can lead to serious mis-constructions — such as the following, perpetrated by myself, when I wrote some time ago: “the Theme of an English clause is the element that is put in first position”. Now I meant this as Value ^ Token, with *is* meaning ‘is represented by’. But all such clauses in English, if they have the verb *be*, are ambiguous; and this one was frequently misread as Token ^ Value, with *is* taken to mean ‘represents’. In other words, a clause that was intended to say how the Theme in English is to be recognized was taken as a statement of how it is to be identified — one of the most fundamental confusions in linguistics. It would all have been avoided if the verb *be* had had a passive; I should, therefore, have created the appropriate metagrammar and written: “The Theme of an English clause is been by the element that is put in first position”.”

Figure 44 -: Examples of ‘decoding’ ‘identifying’ ‘relational’ clauses serving as definitions

<i>Topology (from the Greek τόπος, “place”, and λόγος, “study”)</i>	<i>is</i>	<i>the mathematical study of shapes and topological spaces.</i>
Medium/ Token/ Identified	Process	Range/ Value/ Identifier
Subject	Finite	Complement
Mood		Residue
nominal group	verbal group	nominal group

[From Wikipedia entry.]

<i>A topology, in mathematical terms,</i>	<i>is</i>	<i>a set of criteria [[for establishing degrees of nearness or proximity among the members of some category]].</i>
Medium/ Token/ Identified	Process	Range/ Value/ Identifier
Subject	Finite	Complement
Mood		Residue
nominal group	verbal group	nominal group

[From LEMKE, 1987.]

We have now turned what was the borderline case, such as (23iii), into the most central clause type [HALLIDAY, 1970b, p. 157].

Figure 45 - Example of ‘assigned’ ‘identifying’ ‘relational’ clause

<i>We</i>	<i>have</i>	<i>now</i>	<i>turned</i>	<i>[[what was the borderline case, such as (23iii).]]</i>	<i>into the most central clause type.</i>
Agent/ Assigner	Pro-	Time	-cess	Medium/ Token/ Identified	Range/ Value/ Identifier
Subject	Finite	Adjunct	Predicator	Complement	Adjunct
Mood		Residue			
nominal group	verbal group (1)	adverbial group	verbal group (2)	nominal group: nominalize clause	prepositional phrase

Behavioral research suggests that monolinguals and bilinguals differ in how they manage within-language phonological competition when listening to language. The current study explored whether bilingual experience might also change the neural resources recruited to control spoken-word competition. Seventeen Spanish-English bilinguals and eighteen English monolinguals completed an fMRI task in which they searched for a picture representing an aurally presented word (e.g., “candy”) from an array of four presented images. [Viorica Marian et al., “Differential Recruitment of Executive Control Regions during Phonological Competition in Monolinguals and Bilinguals.”¹⁴]

Figure 46 - Example of ‘identifying’ clause of proof with verb of saying (“put forward for consideration”) extended to do relational duty with a sense of proving (“cause one to think that (something) exists or is the case”)

<i>Behavioral research</i>	<i>suggests</i>		<i>[[[that monolinguals and bilinguals differ in how they manage within-language phonological competition when listening to language]]].</i>
Medium/ Token/ Identified	Process		Range/ Value/ Identifier
Subject	Finite	Predicator	Complement
Mood		Residue	
nominal group	verbal group		nominal group: fact as head

14 Available from: <http://www.bilingualism.northwestern.edu/bilingualism-psycholinguistics/files/bilingualbrains.pdf>

(6) existential

(from example under (1))

Figure 47 - Example of an 'existential' clause

<i>and</i>	<i>there</i>	<i>was</i>	<i>a notice on the buses</i> [[[<i>which read: [...]]</i>]]
		Process	Existent
	Subject	Finite	Complement
	Mood		Residue
conjunction group	nominal group	verbal group	nominal group

6.2 Terminology

Table 9 - Transitivity terms — previous and current terms

previous term	current term
action clause	material clause
Affected	Medium
Attribuant	Carrier
Cognizant	Senser
equative	(still used but now generally:) identifying
Variable	Token

Table 10 - Transitivity terms — systemic terms and common non-systemic terms

systemic term	non-systemic term
Actor, Agent	also used, but not reflecting the same distinctions
Goal	Patient
relational	equational (but sometimes only for subtype or relational); cf. also copula clause, nominal clause
participant, circumstance	argument
process	predicate
Senser	Experiencer

CAPÍTULO 2

SIGNIFICADOS EXPERIENCIAIS, INTERPESSOAIS E TEXTUAIS EM EDITORIAIS SOBRE A TRAGÉDIA EM SANTA MARIA

Cristiane FUZER

Raymundo OLIONI

Sara Regina Scotta CABRAL

INTRODUÇÃO

Há uma grande variedade de pesquisas já realizados por linguistas em relação ao conceito de função. Este trabalho opta pela concepção de Halliday, de orientação sistêmico-funcional, para quem função corresponde a *papel que a linguagem desempenha na vida dos indivíduos*, de modo a dar conta primordialmente da possibilidade de interação com os semelhantes. Assim, fazer escolhas dentre os vários sistemas que a linguagem oferece permite à pessoa, além de representar o mundo semioticamente, estabelecer relações com seus semelhantes e organizar a mensagem a ser trocada com o outro.

Quando alguém escreve, por exemplo, “Uma dor dessas não pode ser esquecida em um mês”¹, a oração empregada pelo falante/escritor cumpre um triplo papel: representa um sentimento profundo, expressa um posicionamento quanto à incapacidade de se esquecer tal dor e revela a opção de o locutor colocar o Fenômeno (*uma dor dessas*) como ponto de partida do seu enunciado.

Na esteira desse exemplo, o presente capítulo tem o objetivo de analisar dois editoriais publicados por ocasião do incêndio da Boate Kiss em

1 Trecho extraído do editorial de Zero Hora “Não dá para esquecer”, publicado em 22 de fevereiro de 2013.

Santa Maria, RS, o qual aconteceu na madrugada de 27 de janeiro de 2013² e constituiu uma das maiores tragédias acontecidas no Brasil, que resultou na morte de 242 jovens e em mais de 600 feridos. Os editoriais selecionados constituem os dois primeiros veiculados em cada um dos jornais: (a) *Dor e Reparação*, publicado na Folha de São Paulo³ no dia 29 de janeiro de 2013, dois dias após a tragédia, e (b) *Além do Luto*, publicado em Zero Hora⁴ em 28 de janeiro de 2013, dia seguinte ao evento, ambos escritos no calor dos acontecimentos

Neste capítulo, inicialmente faz-se uma breve abordagem das três metafunções da linguagem na perspectiva sistêmico-funcional. Na seção seguinte, faz-se a análise, que está dividida em três estágios: discutem-se os significados ideacionais, passa-se ao exame dos recursos de modo e de modalidade e, por fim, aborda-se a organização textual a partir do mapeamento dos Temas oracionais. Após a fase analítica do capítulo, passa-se às considerações finais, seção em que se sumarizam os resultados obtidos.

TRÊS SISTEMAS DE SIGNIFICADOS

Para Halliday (1994), a oração é a unidade de análise da linguagem, pois dela os significados podem ser apreendidos. Conforme o exposto na seção anterior, Halliday (1994)⁵ concebe três significados intrínsecos à linguagem: o significado ideacional, o interpessoal e o textual. Quando ideacional, a oração é vista como representação de experiências no mundo; quando interpessoal, a oração é vista como troca; quando textual, a oração é vista como mensagem.

Ideacionalmente, representações de experiências são construídas, no nível da oração, por meio de componentes do sistema de transitividade, um recurso para interpretar um domínio específico das experiências dos indivíduos no fluxo dos acontecimentos. De acordo com Halliday e Matthiessen (1997), experiências exteriores e interiores são construídas e interpretadas

2 Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Inc%C3%AAndio_na_boate_Kiss>.

3 Doravante FSP.

4 Doravante ZH. Vale informar que tanto ZH quanto o jornal local (Diário de Santa Maria) pertencem ao mesmo grupo empresarial (RBS) e, frequentemente, os editoriais são idênticos em ambos os veículos.

5 Também em 1967-1968, conforme o citado por Neves (1997).

em domínios de significados que se distinguem conforme o processo e a natureza dos participantes envolvidos. No Quadro 1, apresentam-se os tipos de processos e seus respectivos participantes, conforme proposta de Halliday e Matthiessen (2004).

Quadro 1 – Tipos de processos e participantes

Tipos de processo	Significado da categoria	Exemplos de verbos	Participantes
Material Transformativo Criativo	fazer, acontecer	aquecer, congelar, construir, crescer, esmagar, exercer, explodir, ocorrer, pagar, praticar, queimar, varrer	Ator Meta Escopo Beneficiário Atributo
Mental Perceptivo Cognitivo Emotivo Desiderativo	perceber pensar sentir desejar	amar, gostar, imaginar, interessar, lembrar, notar, odiar, ouvir, pensar, perceber, perceber, querer, saber, surpreender, ver	Experienciador Fenômeno
Relacional Intensivo Possessivo Circunstancial	caracterizar Identificar	estar, ficar, indicar, manter-se , parecer, permanecer, representar, ser, ter, tornar-se, virar	Portador Atributo Identificado Identificador
Comportamental	comportar-se	chorar, dormir, golpear, pular, sorrir	Comportante Comportamento
Verbal	dizer	anunciar, contar, criticar, denunciar, dizer, explicar, falar, ordenar, perguntar, relatar, responder	Dizente Verbiagem Receptor Alvo
Existencial	existir	haver, existir	Existente

Fonte: Adaptado de Halliday e Matthiessen, 2004.

Além de processos e participantes, a oração pode apresentar, eventualmente, circunstâncias indicativas de localização, causa, frequência, ângulo, dentre outros.

Ao analisar textos sob esse enfoque, é necessário considerar que os significados ideacionais não traduzem uma realidade preexistente. Em vez disso, é preciso considerar a construção das experiências da realidade como discurso (MARTIN; ROSE, 2003). Focaliza-se o conteúdo de um discurso com base nestas questões: que tipos de atividades são empreendidos, como os participantes dessas atividades são descritos, como são categorizados e do que fazem parte. Em outras palavras, a metafunção ideacional experiencial diz respeito ao modo como a experiência de “realidade” (material e simbólica) das pessoas é construída em seus discursos, com base nas escolhas realizadas no estrato léxico-gramatical do sistema linguístico.

As representações das experiências construídas pela linguagem podem ser compartilhadas com outro participante, fazendo realizar a metafunção interpessoal da linguagem, que recobre as trocas comunicativas entre o autor⁶ e sua audiência. Halliday (1994) agrega os recursos linguísticos da interatividade em um sistema gramatical – o sistema de MODO. Como “sistemas interpessoais primários da oração”⁷ (MATTHIESSEN; TERUYA; LAM, 2010, p. 146) e como gramaticalização do sistema semântico das relações interativas na oração, o sistema de MODO é representado linguisticamente a partir de dois sistemas principais: o modo⁸ e a modalidade. O modo é “é a seleção pelo falante de um papel particular na situação de fala e sua determinação na escolha dos papéis do interlocutor”⁹ (HALLIDAY, 1977, p. 41).

6 Os termos *autor*, *locutor* e *editorialista* são usados indistintamente, neste capítulo, para indicar aquele que fala ou aquele que escreve. Do mesmo modo, *leitor* ou *interlocutor* indicam aquele que lê ou aquele com quem se trocam informações ou bens e serviços.

7 Tradução dos autores deste capítulo para “primary interpersonal systems of the clause” (MATTHIESSEN; TERUYA; LAM, 2010: 146).

8 Há outras duas palavras semelhantes utilizadas por Halliday na abordagem da metafunção interpessoal: “Modo (com inicial maiúscula) é o nome de um dos elementos da estrutura interpessoal da oração (Modo + Resíduo), enquanto MODO é o nome do sistema interpessoal primário – a gramaticalização do sistema semântico de funções de fala na oração” (FUZER; CABRAL, 2014, p. 108).

9 Tradução dos autores deste capítulo para “the selection by the speaker of a particular role in the speech situation, and his determination of the choice of roles for the addressee (HALLIDAY, 1977, p. 41).

Na negociação¹⁰ entre os envolvidos da troca linguística, cada participante exerce, em seu turno, um papel discursivo e, consequentemente, atribui ao outro participante um papel complementar a ser assumido. Prosseguindo o diálogo, os papéis se invertem e novos são assumidos. Para Halliday (1994) há dois principais papéis discursivos, quando a mercadoria de troca é a linguagem: *ofertar* e *solicitar*, em que *ofertar* significa *convidar a receber* e *solicitar* significa *convidar a dar*.

Os dois principais papéis de fala estão ligados à natureza da mercadoria a ser trocada: se informações ou bens e serviços. Nas interações, podem ser dadas ou solicitadas informações, utilizando-se *proposições*, e, por outro lado, podem ser solicitados ou oferecidos bens e serviços, utilizando-se *propostas*. Distinguem-se, então, quatro variáveis a serem realizadas nas trocas linguísticas: 1) dar informações; 2) dar/realizar bens e serviços; 3) solicitar informações; 4) solicitar bens e serviços. De todas elas, somente a segunda pode se realizar sem o auxílio das palavras, pois gestos, posturas e expressões faciais ou corporais não verbais podem realizar o solicitado. As quatro variáveis criam as quatro funções de fala: declaração, pergunta, oferta e comando (Quadro 2).

Quadro 2 – Funções de fala

mercadoria trocada papel na troca	informação	bens e serviços
dar/ofertar	declaração	oferta
solicitar	pergunta	comando
	proposição	proposta

Fonte: Adaptado de Halliday e Matthiessen, 2004.

Há dois modos principais: o modo indicativo e o modo imperativo. O modo indicativo é característico das proposições, sejam elas declarações afir-

10 Negociação é o termo empregado para indicar o sistema que enfoca os aspectos interativos do discurso, a função de fala e a estrutura de troca "entre os falantes, como adotar papéis e atribuí-los um ao outro no diálogo" (MARTIN; ROSE, 2003, p. 17).

mativas, negativas ou exclamativas, sejam interrogativas sim/não ou QU¹¹. Já o modo imperativo é característico das propostas em forma de comandos. As ofertas não têm uma realização típica, mas o contexto auxilia a identificação da ocorrência linguística.

O MODO inclui outros sistemas: polaridade, pessoa modal, modalidade e avaliação modal. No sistema de polaridade, a oposição primária acontece entre positivo e negativo. A polaridade é o recurso para avaliar o valor de argumentabilidade¹² de uma oração: a validade de uma proposição ou a atualização de uma proposta (MATTHIESSEN; TERUYA; LAM, 2010). As orações de polaridade positiva são consideradas não marcadas, enquanto as de polaridade negativa são consideradas marcadas por itens como *não*, *nunca*, *jamais*, que geralmente se situam proximamente ao verbo (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). A polaridade pode se fazer presente em orações declarativas, em interrogativas e em imperativas.

A pessoa modal é um sistema em que a principal oposição acontece entre dois tipos: *interactante* e *não interactante*. O tipo *interactante* diferencia interlocutor, locutor e locutor inclusivo e acompanha orações denominadas jussivas, optativas e inclusivas (LI, 2007, p. 129). Por outro lado, quando não *interactante*, a pessoa modal exclui o ouvinte da construção de sua mensagem.

A modalidade é o outro sistema que realiza o MODO na oração e constitui “um rico recurso para os falantes introduzirem suas próprias visões no discurso”¹³ (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, p. 526). A modalidade situa-se semanticamente na região intermediária entre os polos positivo e negativo, expressando indeterminação em graus diferentes. O espaço que se para o “sim” e o “não” apresenta significados diferentes para as proposições e para as propostas.

Em proposições, a modalidade realiza-se semanticamente em modalidades, que envolvem três diferentes graus (alto, médio e baixo) de probabili-

11 Perguntas sim/não são aquelas denominadas “de polaridade”, ou seja, que requerem “sim” ou “não” como respostas principais. Exemplo: “Você estava em Santa Maria no dia do incêndio?”. Perguntas QU são aquelas que “especificam a entidade que o falante deseja ter informada” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 134). Gramaticalmente, são as que iniciam por “O que ...?”, “Quando ...?”, “Onde ...?”, “Qual ...?” (What ...? When ...? Where ...? Which ...?), dentre outros.

12 Termo empregado pelos autores do artigo para *arguability* em inglês.

13 Tradução dos autores deste capítulo para “a rich resource for speakers to intrude their own views into the discourse” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, p. 526).

dade e de usualidade, expressos de três maneiras: por operador modal finito¹⁴ no grupo verbal, por Adjunto modal ou por ambos (operador + Adjunto). São exemplos de operadores modais finitos os verbos *dever* e *poder*; de Adjuntos modais, itens como *certamente*, *provavelmente* e *possivelmente*, dentre outros.

Já em propostas, a modalidade realiza-se semanticamente em modulações, que envolvem também três diferentes graus de obrigação e inclinação, podendo ser fraseados por um operador modal finito no grupo verbal (*dever*, *precisar*) ou pelo emprego de um epíteto (*determinado*, *inclinado*, *desejoso*).

Um outro sistema complementa o estudo do MODO (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004): o sistema de avaliação modal, constituído por duas categorias de Adjuntos: os Adjuntos de modo e os Adjuntos de comentário. Adjuntos de modo são aqueles que, agregados ao Finito, associam-se aos sentidos construídos pelo sistema de modo e podem exprimir modalidade (probabilidade, usualidade), temporalidade (tempo futuro ou não) e intensidade (grau ou contraexpectativa). Os Adjuntos de comentário estão restritos às proposições (informações) e expressam a atitude do falante em relação ao que diz. Podem ser proposicionais (asseverativos, qualificativos ou relativos ao conhecimento ou à moralidade do participante) ou funcional-discursivos (persuasivos, factuais, de validade, de engajamento pessoal).

A oração também pode apresentar significado quanto ao ponto de vista da organização da mensagem, por meio de dois sistemas de análise – (a) a Estrutura Temática, que apresenta duas funções, Tema e Rema, respectivamente; e (b) a Estrutura de Informação, que separa a informação em Dado e Novo, não necessariamente nessa ordem. Os dois sistemas de análise, distintos, ocorrem simultaneamente e estão relacionados, embora não se possa confundir Tema com Informação Dada, nem Rema com Informação Nova. Geralmente, a Informação Dada – aquela de conhecimento dos interactantes no processo comunicativo – conflui com o Tema – primeiro constituinte oracional com valor no sistema de transitividade (participante, processo ou circunstância). A Informação Nova, identificada como aquela que o locutor

14 Finito é o componente da oração que encapsula o tempo verbal; faz parte da estrutura do Modo na oração (Sujeito + Finito). Predicador é o componente que representa o processo na oração; faz parte do Resíduo na estrutura interpessoal da oração. Como o objetivo deste capítulo é explorar as marcas que sinalizam a participação do locutor e do interlocutor nos textos selecionados, não são feitos desenvolvimentos sobre a estrutura interpessoal da oração (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004).

pretende que seja de conhecimento do interlocutor, geralmente conflui com o Rema – caracterizado como o restante da oração a partir do Tema.

Quanto ao Tema, especificamente, este é alvo de análise no presente capítulo. Em relação aos significados textuais, o Tema, conforme Halliday (2004, p. 65), é o elemento

que serve de ponto de partida da mensagem; é ele que localiza e orienta a oração em um contexto. O resto da mensagem, o ponto no qual o Tema é desenvolvido, é chamado, na terminologia da Escola de Praga, de Rema. Como estrutura de uma mensagem, portanto, a oração consiste em um Tema acompanhado de um Rema, e a estrutura é expressa pela ordem – o que for escolhido como Tema é colocado em primeiro lugar.

O Tema ainda, conforme Fries (1995), orienta o interlocutor para a mensagem, servindo como um *framework* para a interpretação dessa mensagem; daí, seu caráter funcional.

Além do Tema Tópico, obrigatório na oração, pode haver outros Temas facultativos que o antecedem; estes, porém, não participam do significado experiencial da oração. Constituem, juntamente com o Tema Tópico, o chamado Tema Múltiplo. Segundo Martin (1992, p. 151),

em resumo, Halliday sugere que inglês [e português]) gramatiza[m] a função do Tema como uma sequência na oração (posição inicial), distingue entre Temas marcados e não marcados, dependendo do MODO, e permite contribuições experienciais, interpessoais e textuais à função do Tema.

O Tema Textual tem geralmente a função de conectar com o texto antecedente os significados experienciais representados no Tema Ideacional, promovendo a conexão entre as mensagens em um texto coeso. Segundo Halliday (1994), os Temas Textuais podem ser representados por um dos seguintes elementos: (a) continuativos; (b) conjunções ou adjuntos conjuntivos.

Outro Tema que pode aparecer na oração, além do Tema Textual, é o Tema Interpessoal, que indica o tipo de interação entre locutor e interlocutor ou posições que estes assumem, por exemplo, ao se solicitar uma informação

(interrogativa), dar uma ordem (imperativa) ou expressar juízo de valor (modalidade). Os Temas Interpessoais são expressos por uma das formas que seguem: verbos modais ou Adjuntos de comentário; vocativos; verbos auxiliares.

Quando na oração houver, portanto, dois ou mais Temas, obrigatoriamente um Tema Tópico e o(s) antecedente(s) constituído(s) por um Tema Textual e/ou um Tema Interpessoal (não necessariamente nessa ordem os antecedentes), forma-se um Tema Múltiplo, que resulta na união de Temas diferentes formados de componentes metafuncionais distintos.

PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE

De abordagem analítico-qualitativa, esta investigação embasa-se na Linguística Sistêmico-Funcional de base hallidayana e realiza o exame pluri-funcional dos textos: os significados ideacionais são observados sob o ponto de vista do sistema de transitividade; os significados interpessoais, sob o ponto de vista dos sistemas de modo e modalidade; os significados textuais, sob o ponto de vista da organização da mensagem.

Para a realização da análise a que se refere este capítulo, foram selecionados dois editoriais publicado no jornal Folha de São Paulo – localizado na principal cidade do Brasil – e outro em Zero Hora – localizado em Porto Alegre, capital brasileira mais próxima da cidade de Santa Maria, onde aconteceram os fatos.

Os editoriais selecionados constituem os dois primeiros veiculados em cada um dos jornais: (a) *Dor e Reparação*, publicado na Folha de São Paulo no dia 29 de janeiro de 2013, dois dias após a tragédia, e (b) *Além do Luto*, publicado em Zero Hora em 28 de janeiro de 2013, dia seguinte ao evento, ambos escritos logo após o acontecimento. Para a indicação dos textos na análise, os editoriais foram rotulados com as letras iniciais de cada jornal: FSP para a Folha de São Paulo e ZH para Zero Hora.

Tendo em vista a inviabilidade de apresentar análise das representações para os diversos atores sociais incluídos no discurso de ambos os editoriais (vítimas, familiares, cidadãos, bombeiros, voluntários, agentes de saúde, autoridades políticas, legisladores, fiscais, autoridades policiais e judiciárias, engenheiros, organizadores do espetáculo e seguranças da boate), optou-se por apresentar a análise das representações sobre a tragédia com base nas

funções léxico-gramaticais do sistema de transitividade de cada editorial. Os resultados da análise léxico-gramatical foram associados a dados contextuais, evidenciando-se representações construídas, em cada editorial, para o acontecimento que resultou em tantas mortes.

Quanto à metafunção textual, ambos os editoriais tiveram todos os seus Temas oracionais mapeados, a fim de serem verificados quais constituintes os produtores dos referidos textos escolheram como ponto de partida para a organização da mensagem. A configuração dos Temas do editorial possibilitou identificar quais pontos foram elencados pelo autor de cada texto, para que, em nome do jornal a que está filiado, possam ser atribuídos juízos de valor sobre o fato ocorrido. Além dos Temas Tópicos, também foram assinalados os Temas Textuais e os Temas Interpessoais. Os Temas Interpessoais são significativos para que se estabeleçam as relações entre autor e leitor, no que tange aos posicionamentos do primeiro quanto ao fato que relata, a fim de persuadir o segundo quanto aos argumentos que aquele expõe na defesa de seu ponto de vista. Os Temas Textuais, por sua vez, tornam-se relevantes para se constatar de que forma as ideias expressas nos textos são entrelaçadas por meio de nexos que evidenciam relações de causa-efeito entre as orações, por exemplo.

A seguir, passa-se à análise de dois editoriais selecionados a partir de episódio ocorrido na cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul (Brasil), na madrugada de 27 de janeiro de 2013, quando o incêndio em uma boate resultou na morte de mais de duas centenas de jovens e outros tantos feridos. O fato foi amplamente divulgado pela imprensa local, nacional e internacional, tal a brutalidade dos acontecimentos.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

A análise dos significados metafuncionais está organizada nesta sequência: inicialmente, analisam-se os significados ideacionais; logo após, os significados interpessoais e, por fim, os significados textuais.

Análise dos significados ideacionais

Considerando-se que acontecimentos e participantes podem ser representados de diferentes maneiras a partir do contexto de produção e consu-

mo dos textos que constroem e veiculam tais representações, apresentam-se, a seguir, os resultados de análises comparativas entre os significados ideacionais manifestados nos editoriais selecionados. A análise das escolhas léxico-gramaticais no sistema de transitividade evidenciou como o incêndio e, por conseguinte, a tragédia estão representados em ambos os editoriais.

Em ZH, o incêndio é representado como um acontecimento que poderia ter sido evitado, como se verifica no excerto 1:

(1) Mesmo que **o fogo** tenha começado por conta de um gesto de sastrado, que está sendo atribuído a um dos integrantes da banda contratada para o show, é inconcebível que uma casa de espetáculos daquela dimensão não dispusesse de pessoal preparado e equipamento apropriado para impedir **o seu alastramento**. (ZH)

O “fogo”, como Meta de processo supostamente iniciado por um integrante da banda (“tenha começado”) e “seu alastramento”, como Meta de um processo não realizado por funcionários da boate (“impedir”), participam dessa representação, que é reforçada em FSP, de onde se extraiu o excerto (2):

(2) [...] é natural e previsível a reação de apontar o dedo **na direção dos culpados pelo acidente**. [...] por mais que, em seguida, os olhos do público se voltem **para as circunstâncias concretas – e evitáveis – do horrível incêndio**. [...] tenha ou não **o incêndio** sido causado pelos fogos de artifício [...]. (FSP)

Por meio dos epítetos “concretas e evitáveis”, que caracterizam “circunstâncias”, e “horrível”, que caracteriza “incêndio”, a experiência é representada como um acontecimento que poderia ter sido evitado e não foi, implicando a existência de culpados e, por conseguinte, excluindo a representação do incêndio como uma fatalidade.

Como o editorial de ZH foi publicado em menos de 24 horas após o acontecido, a “tragédia de Santa Maria”, como passou a ser referida desde então, aparece como circunstância de causa com relação à “perda de dezenas de vidas” no excerto 3, haja vista o trabalho das equipes de resgate ainda estar em andamento no momento da produção do texto.

(3) O Rio Grande **chora** nesta segunda-feira a perda de dezenas de vidas na tragédia de Santa Maria. [...] Todos estamos **desolados** com o infortúnio que interrompeu a existência de tantos jovens na região central do Estado. [...] Ainda que o ambiente deste dia seguinte seja **de tristeza imensurável** [...]. Hoje o Rio Grande está **de luto**. (ZH)

A perda de dezenas de jovens já estava sendo suficiente para comover os habitantes do Rio Grande do Sul, incluídos, de modo generalizado, como Experienciadores de processo mental emotivo “chora”, Portador dos Atributos “desolados” e “de luto”. A “tristeza imensurável” que identifica o ambiente no dia seguinte à tragédia corrobora a representação do envolvimento emocional dos gaúchos perante a tragédia, entre os quais o editor se inclui, ao escolher a primeira pessoa do plural em “Todos estamos desolados”.

A solidariedade dos gaúchos com relação às famílias envolvidas e às vítimas também é representada por meio de oração mental emotiva (“se solidariza”) e identificada pela reação “de apoio às vítimas e de total solidariedade a seus familiares e amigos” no excerto 4.

(4) O Rio Grande [...] **se solidariza** por inteiro com as famílias atingidas. Num momento de tanta comoção, a primeira reação tem que ser mesmo **de apoio às vítimas e de total solidariedade a seus familiares e amigos**. [...] (ZH)

Diante da comoção representada, o editor aproveita para prestar reconhecimento às autoridades e aos voluntários que trabalharam no socorro e resgate das vítimas, o que se realiza léxico-gramaticalmente por meio de oração relacional identificadora em 5:

(5) “[...] **merecem especial reconhecimento** os soldados do Corpo de Bombeiros, os policiais, os agentes de saúde e os voluntários anônimos que se envolveram diretamente no socorro e no resgate às vítimas”. (ZH)

A conduta dos profissionais e voluntários que atuaram no resgate das vítimas durante e logo após o incêndio, é associada a sentimentos positivos do ser humano, representados por meio da oração existencial destacada

em 6. Nesse sentido, a catástrofe, na função de circunstância de localização, é representada como uma ocasião propícia para a manifestação de sentimentos dignos do ser humano.

(6) Um consolo para tamanha desgraça é que na hora da catástrofe também **afioram os melhores sentimentos do ser humano – o heroísmo, a fraternidade e a ajuda desinteressada**. (ZH)

O abalo emocional e material provocado “pelo infausto acontecimento” que afetou a comunidade de Santa Maria motivou uma mudança na rotina de autoridades públicas, incluídas na função de Ator de “agiram”, “interromperam” e “prestar atendimento” em 7:

(7) Nesse sentido, **agiram** corretamente a presidente Dilma Rousseff, o governador Tarso Genro e todas as autoridades e cidadãos que **interromperam** suas rotinas para **prestar atendimento** à comunidade abalada pelo infausto acontecimento. (ZH)

Como dedica grande espaço às representações para as emoções dos envolvidos na tragédia, o editor de ZH evita fazer especulações sobre culpados pelo sinistro naquele momento de comoção social e atribui às autoridades policiais (incluídas pela nominalização “investigação rigorosa”) o papel de apontar culpados. Para isso, a voz autoral aparece, no excerto 8, como Experienciador de processos mentais desiderativos (“não se está sugerindo aqui” e “defendemos”), indicando o posicionamento de ZH com relação à averiguação das causas do acontecimento.

(8) **Não se está aqui sugerindo** uma caça às bruxas, nem uma irresponsável busca de culpados, que seriam reações compreensíveis para quem perdeu parentes e amigos. O que **defendemos** é uma investigação rigorosa das causas que provocaram o sinistro, com o propósito prioritário de prevenir ocorrências semelhantes no futuro. (ZH)

Esse posicionamento não é compartilhado pelo editor de FSP, que, diferentemente de ZH, assume uma postura menos emotiva e mais reflexiva sobre a tragédia, a qual afetou não apenas “dezenas”, mas, conforme o excerto 9, “duas centenas de jovens num incêndio”.

(9) Diante de uma tragédia com as proporções da ocorrida na madrugada de domingo em Santa Maria (RS), é natural e previsível a reação de **apontar o dedo**, palco da **tragédia que vitimou duas centenas de jovens** num incêndio. (FSP)

A informação sobre o número maior de vítimas fatais indica a interferência de dados contextuais, uma vez que o texto da FSP foi publicado um dia após o de ZH e dois dias após o incêndio, intervalo temporal suficiente para que os dados fornecidos pelas autoridades locais fossem atualizados. Se as mortes de duas dezenas de jovens comoveram o Rio Grande do Sul horas após a tragédia, as mortes de mais de duas centenas passaram a ser motivo suficiente para se começar a especular as causas do incêndio e a apontar possíveis culpados. Esse propósito é explicitado em 9, na passagem em que “reação de apontar o dedo na direção dos culpados pelo acidente” é caracterizado como “natural e previsível”.

Essa opção do editor de FSP em abordar as causas da tragédia (em vez das consequências, como fez o editor em ZH) é justificada, em 10, por meio de oração verbal em que a voz autoral aparece encoberta pelo uso de “se” em “pouco se pode acrescentar”:

(10) Uma vez que **pouco se pode acrescentar** diante do essencial da dor humana, além de palavras de compaixão e consolo a que **somente o tempo será capaz de conferir alguma ressonância** [...]. (FSP)

A identificação do “tempo” como a única entidade capaz de amenizar a dor humana corrobora a ideia de que abordar aspectos emocionais não traria contribuições aos leitores. Na sequência, processos mentais perceptivos, como em 11, e verbais, como em 12, são usados para introduzir representações às possíveis causas do incêndio.

(11) [...] resta **voltar a atenção** para o que se afigura apenas tópico, nesta hora. [...] cabe **observar** que os documentos necessários para a promoção de eventos no local já tinham sido concedidos em anos anteriores [...] Já **se observa** um surto de atividade normativa e fiscalizadora entre prefeitos de outras localidades. (FSP)

(12) Pouco havia a fazer depois de, segundo **se relata**, a fagulha de um artefato pirotécnico ter atingido o teto da boate, revestido de material inflamável. **Afirma-se**, ainda, que extintores de incêndio manuseados por seguranças e músicos não teriam sido eficazes. (FSP)

A partir das reflexões realizadas ao longo do texto, o editorialista conclui que falta de fiscalização e imprevidência dos responsáveis são as principais causas do incêndio. O grau de comprometimento com essa representação é alto, haja vista o Atributo circunstancial “fora de dúvidas”, em 13:

(13) **A falta de fiscalização e a total imprevidência dos responsáveis** – tenha ou não o incêndio sido causado pelos fogos de artifício – **estão fora de dúvidas**. (FSP)

Além dos significados de representação de mundo, os significados que indicam a interação entre o editorialista e o público leitor também podem indicar proximidades ou distanciamentos, assim como maior ou menor comprometimento com o que é escrito nos textos em questão.

Análise dos significados interpessoais

A análise inicial do sistema de MODO – que abrange as categorias de modo, polaridade, pessoa modal, modalidade e avaliação modal neste capítulo – revela que os dois editoriais apresentam número semelhante de orações (FSP) 48; (ZH) – 50 mais 4 orações menores¹⁵), o que permite um cotejo entre os textos selecionados.

O modo está organizado nos dois textos principalmente com proposições, ou seja, troca de informações (47 em FSP e 45 em ZH), a maioria organizada como declarações. FSP é o único que apresenta uma ocorrência de comando – do tipo optativo - construído congruentemente. É a representação do desejo do editorialista para que a prevenção contra acidentes seja levada mais a sério, como mostra o excerto 14:

(14) **Que não se esgotem** [ações de prevenção] no oportunismo inconsequente de sempre. (ZH)

15 Oração menor é, segundo Halliday (1994), aquela que não apresenta processo.

Em FSP (1 ocorrência) e em ZH (2 ocorrências), há passagens no modo interrogativo, nas quais os editorialistas interpelam o leitor acerca da validade dos documentos e de quem seriam os culpados da tragédia. São perguntas retóricas do tipo sim/não (FSP) e QU (ZH), que deixam a resposta a cargo do interlocutor, instando-o a um movimento dialógico em busca de reflexão.

(15) Corresponderiam, na época [[em que eram válidos [os documentos]]] a um ambiente realmente seguro? (FSP)

(16) Mais: como pode um local de grande fluxo de pessoas ter apenas um espaço estreito para a saída e nenhum plano de abandono para situações de emergência? Quem falhou? (ZH)

Embora não constituam orações completas, quatro orações menores também estão construídas no modo interrogativo em ZH. Também perguntas retóricas, a função delas é questionar os leitores sobre os possíveis culpados da tragédia, mas, ao mesmo tempo, isentar-se da responsabilidade da escolha dentre os envolvidos.

(17) A engenharia? A fiscalização? Os órgãos públicos? Os organizadores do espetáculo? [Quem falhou na prevenção contra incêndio]. (ZH)

No que se refere à polaridade, FSP utiliza mais orações negativas (8) do que ZH (2). Ao se situar no polo negativo, FSP enfoca falhas em relação às condições de funcionamento da boate e também falhas em procedimentos humanos. Os Adjuntos de modo empregados nos textos são *não*, *nem*, *nada*. Já ZH, por se situar mais no polo positivo, tenta se aproximar do leitor, apontando o que pode haver de positivo mediante a tragédia.

(18) ... a casa noturna **não** tinha alvará de funcionamento **nem** plano atualizado de prevenção a incêndios. (FSP)

(19) O que defendemos é uma investigação rigorosa das causas ... (ZH)

As marcas de interação empregadas nos dois editoriais também se comportam diferentemente. Enquanto FSP não apresenta nem uma marca de proximidade com seu leitor, já que o texto todo está em terceira pessoa do singular (com o uso da partícula *se*), ZH busca ligeira aproximação com o leitor: das 47 orações presentes no editorial, somente três utilizam a pessoa “nós”, e não há nenhuma ocorrência de segunda pessoa¹⁶. A comparação entre os dois editoriais permite afirmar que o editorialista da FSP distancia-se bastante do público, analisando de longe a situação, enquanto ZH busca, mesmo sem grande força, incluir-se no texto. Entende-se que a distância geográfica é um fator que influencia o afastamento apresentado por FSP. Os excertos 20 e 21 evidenciam o exposto.

(20) Afirma-**se**, ainda, ... (FSP)

(21) **Todos estamos** desolados com o infortúnio... (ZH)

A modalidade está textualizada nos dois editoriais em verbos modalizadores. O editorial FSP emprega modalizadores como *parecer* e *poder*, que indicam possibilidade, diminuindo o grau de certeza da proposição. Observe-se que, ao usar “ao que parece”, o editorialista se apoia em suposições acerca da renovação dos documentos (em 22) e prevê possibilidade de acidentes semelhantes acontecerem em outros locais (em 23).

(22) ... faltava, ao que **parece**, apenas renová-los. (FSP)

(23) Na obscuridade continuarão outros inúmeros locais públicos onde riscos semelhantes **podem** se materializar. (FSP)

O emprego de moduladores como *cabere*, *poder* e *restar* imprime às propostas significado de permissão (em 24) e permissão e inclinação (em 25 e

16 No Rio Grande do Sul, estado em que se localiza a cidade de Santa Maria, a pessoa verbal do discurso mais utilizada nas interações face a face é a segunda pessoa do singular – *tu* –, o que já não acontece nas interações mais formais.

26). O excerto 24 constitui metáfora interpessoal de comando, já que é forma suavizada de “observe-se que os documentos...”.

(24) Sim, mas **cabe** observar que os documentos necessários para a promoção de eventos no local... (FSP)

(25) Uma vez que pouco se **pode** acrescentar diante do essencial da dor humana, além de palavras de compaixão e consolo... (FSP)

(26) É o que **resta** a fazer. (FSP)

Outro recurso de modalização empregado por FSP é o uso de predadores no futuro do pretérito do indicativo, estratégia que empresta caráter de possibilidade às orações. O emprego do modalizador no futuro do pretérito (*poderia*) reduz ao grau mínimo o comprometimento do editorialista, o que enfraquece a proposição (NEVES, 1996; DALL'AGLIO-HATTNER, 1996).

(27) **Corresponderiam**, na época [[em que eram válidos]] a um ambiente realmente seguro? (FSP)

Enquanto FSP situa-se no campo semântico da probabilidade, ZH situa-se no campo da obrigação, ao utilizar vários moduladores como *ter que*, *precisar*, *poder*, *dever* e *valer* em 7 orações. São orações em que ZH solicita ações aos leitores, ou se solidarizando com as vítimas, ou reagindo contra tal situação de tristeza, ou convocando a mobilização dos gaúchos.

(28) Num momento de tanta comoção, a primeira reação **tem que** ser mesmo de apoio às vítimas e de total solidariedade a seus familiares e amigos. (ZH)

(29) Mas **precisamos** ir além do luto. (ZH)

(30) Os gaúchos não **podem** se conformar com uma imprevidência desta ordem, ... (ZH)

(31) O caso da boate Kiss **deve** servir de referência ... (ZH)

A avaliação modal dá-se com o uso de Adjuntos de modo e de comentário. FSP emprega Adjuntos de modo como *somente, apenas, realmente, de resto e ainda*, indicando grau, temporalidade e contraexpectativa.

(32) ... a que **somente** o tempo será capaz ... (FSP)

(33) ...resta voltar a atenção para o que se afigura **apenas** tópico, nesta hora. (FSP)

(34) Corresponderiam, na época [[]] a um ambiente **realmente** seguro? (FSP)

(35) Afirma-se, **ainda**, que extintores de incêndio ... (FSP)

Os Adjuntos de comentário que FSP utiliza são em número menor: *sem dúvida e fora de dúvidas*, de significados asseverativos, o que revela o firme posicionamento do editorialista acerca da irresponsabilidade e da negligência da fiscalização pública.

(36) **Sem dúvida**, não faltam indícios espantosos de irresponsabilidade e de negligência na fiscalização da boate Kiss, palco da tragédia ... (FSP)

(37) A falta de fiscalização e a total imprevidência dos responsáveis – [[]] estão **fora de dúvidas**. (FSP)

Já ZH reduz o número de Adjuntos de modo a 3 orações, com o emprego de *por inteiro* (grau), *apenas* e *da mesma maneira* (contraexpectativa).

(38) [O RS] se solidariza **por inteiro** com as famílias atingidas. (ZH)

(39) Mais: como pode um local de grande fluxo de pessoas ter **apenas** um espaço estreito para a saída e nenhum plano de abandono para situações de emergência? (ZH)

(40) **Da mesma maneira**, seus familiares têm que recuperar a tranquilidade ...(ZH)

ZH emprega apenas um Adjunto de comentário – *mesmo* – de cunho asseverativo, que está presente em 41.

(41) Num momento de tanta comoção, a primeira reação tem que ser **mesmo** de apoio às vítimas e de total solidariedade a seus familiares e amigos. (ZH)

Duas outras ocorrências são importantes também no entendimento do significado interpessoal de ZH. São elas:

(42) ... é **inconcebível** que uma casa de espetáculos daquela dimensão não dispusesse de pessoal preparado e equipamento apropriado para impedir o seu alastramento. (ZH)

(43) Por isso, todos nós – governantes, autoridades, empresários, cidadãos, pais – ficamos **com a obrigação impostergável** de ir além do pesar e de desenvolvermos cuidados e medidas preventivas. (ZH)

Ambas as construções constituem o que Halliday (1994) concebe como metáfora interpessoal, ou seja, realizações não congruentes da manifestação do comprometimento do jornal com seu texto. Em 42, o uso do Atributo *inconcebível* (não usual em modalizações) empresta à oração o caráter de impossibilidade total em se pensar na ausência de pessoal e de equipamentos necessários para combater o incêndio na referida casa noturna. Em 43, a metáfora interpessoal se realiza com o uso do nome *obrigação*, que coloca a afirmativa no campo da modulação alta, já que corresponde a “*Devemos ir além...*”. O Epíteto *impostergável* contribui para reforçar a inadmissibilidade da situação.

Análise dos significados textuais

O mapeamento dos Temas Tópicos, dos Temas Interpessoais e dos Temas Textuais de cada oração ao longo dos dois editoriais possibilitou estabelecer-se a configuração de cada texto, identificar o ponto de partida escolhido pelos editorialistas para a organização da mensagem e averiguar os posicionamentos veiculados nos referidos jornais sobre o episódio ocorrido em Santa Maria.

O editorial “Dor e reparação”, do jornal Folha de São Paulo, defende a necessidade de se apurarem os culpados pelo incêndio da boate Kiss em Santa Maria e de se punirem os infratores, face ao absurdo do fato ocorrido. Como constatação, o texto levanta os seguintes aspectos: a falta de alvará de funcionamento da boate; a inexistência de um plano atualizado de prevenção de incêndios; a não sinalização adequada para casos de urgência no interior do estabelecimento; a ausência de saídas alternativas no caso de emergência; a ineficácia dos extintores de incêndio; a falta de fiscalização dos órgãos competentes; a imprevidência dos proprietários. Para finalizar, o editorial ressalta a necessidade de uma normatização no país que se faça rigorosa quanto à fiscalização e à punição de infrações desse tipo.

Há Temas Tópicos identificados por circunstâncias, caracterizados como Temas marcados, servindo como pano de fundo, ponto de partida para o editorialista da Folha de São Paulo expressar, em posição remática, os comentários frente à tragédia, conforme pode ser observado nas passagens que seguem.

(44) **Diante de uma tragédia com as proporções da ocorrida na madrugada de domingo em Santa Maria (RS)**, é natural e previsível a reação de apontar o dedo na direção dos culpados pelo acidente. (FSP)

(45) **Antes de insistir no óbvio – a necessária apuração dos fatos e a consequente punição dos que nada fizeram para evitá-los** –, valeria amainar, entretanto, em benefício da reflexão e da solidariedade, os ímpetos do espírito acusatório. (FSP)

(46) **Na obscuridade** continuarão outros inúmeros locais públicos onde riscos semelhantes podem se materializar. (FSP)

Além das circunstâncias, também aparecem como Temas marcados os processos, revelando a complexidade de organização do editorial FSP que, optando pela constituição de orações, apresenta na forma, além do conteúdo, a contundência com que o episódio de Santa Maria merece ser tratado.

(47) Não **existia**, de resto, outra saída além da principal, de dimensões óbvia e desgraçadamente insuficientes. (FSP)

(48) Sem dúvida, não **faltam** indícios espantosos de irresponsabilidade e de negligência na fiscalização da boate Kiss, palco da tragédia que vitimou duas centenas de jovens num incêndio. (FSP)

No texto “Além do luto”, do jornal ZH, encontra-se, como Tema Tópico, na condição de participante, o que segue:

(a) o povo gaúcho, identificado pelos Temas Tópicos “O Rio Grande [do Sul]”, “todos [nós]” e “os gaúchos”, na referência à comoção e, ao mesmo tempo, à solidariedade e à indignação demonstradas pelos gaúchos face à tragédia em Santa Maria;

(b) os responsáveis pela legislação, fiscalização e cumprimento das normas de segurança de casas noturnas, representados por “os legisladores”, “os órgãos fiscalizadores”, “todos nós – governantes, autoridades, empresários, cidadãos, pais”;

(c) a tragédia na boate Kiss, representada por “o caso da boate Kiss”, “o fogo”, “episódios como o de Santa Maria”; e

(d) as vítimas do episódio, identificadas por “os jovens” e “Eles”.

(49) **O Rio Grande** chora nesta segunda-feira a perda de dezenas de vidas na tragédia de Santa Maria e se solidariza por inteiro com as famílias atingidas. (ZH)

(50) **Os jovens** têm todo o direito de se divertir num ambiente de conforto e segurança. Da mesma maneira, **seus familiares** têm que recuperar a tranquilidade de saber que **eles** irão para as festas e **[eles]** voltarão íntegros para seus lares. (ZH)

(51) Por isso, **todos nós – governantes, autoridades, empresários, cidadãos, pais** – ficamos com a obrigação impostergável de

ir além do pesar e de desenvolvermos cuidados e medidas preventivas para que episódios como o de Santa Maria jamais se repitam. (ZH)

Estes Temas não marcados sinalizam, em sua maioria, neste texto, o incêndio ocorrido na boate Kiss, as vítimas, as autoridades e o povo gaúcho. O veículo de comunicação, por meio de seu editorial, posiciona-se frente ao absurdo da tragédia que envolveu a morte de jovens em Santa Maria, menciona a solidariedade do povo gaúcho e a urgência quanto à averiguação dos fatos e à fiscalização de estabelecimentos de espetáculos para que se evitem outras tragédias do tipo.

Quanto aos Temas Interpessoais, no editorial da Folha de São Paulo (FSP), aparece a circunstância de certeza “sem dúvida”, além das polaridades afirmativa e negativa como marcações do produtor do texto quanto ao que menciona a seguir. Tais recursos asseguram ao texto a assertividade própria do gênero editorial, a fim de que se possa causar convencimento e persuasão do leitor.

- (52) **Sem dúvida, não** faltam indícios espantosos de irresponsabilidade e de negligência na fiscalização da boate Kiss, palco da tragédia que vitimou duas centenas de jovens num incêndio. (FSP)
- (53) Não existia, de resto, outra saída além da principal, de dimensões óbvia e desgraçadamente insuficientes. (FSP)

- (54) **Sim**, [a casa noturna não tinha alvará de funcionamento nem plano atualizado de prevenção a incêndios], mas cabe observar que os documentos necessários para a promoção de eventos no local já tinham sido concedidos em anos anteriores. (FSP)

- (55) **Não** existia, de resto, outra saída além da principal, de dimensões óbvia e desgraçadamente insuficientes. (FSP)

No editorial do jornal Zero Hora (ZH), os Temas Interpessoais revelam-se em metáforas gramaticais como as que seguem: “é inconcebível que”, “independentemente do que seja apurado”. Estas são utilizadas para indicar posições assumidas pelo escritor ao expressar juízo de valor quanto ao que se propõe a comentar:

(a) o absurdo da tragédia na boate Kiss por negligência;

(b) a necessidade de fiscalização das casas de espetáculos quanto ao cumprimento de normas de segurança para o bom funcionamento desses estabelecimentos.

(56) [...] é **inconcebível** que uma casa de espetáculos daquela dimensão não dispusesse de pessoal preparado e equipamento apropriado para impedir o seu alastramento. (ZH)

(57) [...] Além disso, **independentemente do que seja apurado**, o caso da boate Kiss deve servir de referência para que os legisladores revisem as normas de funcionamento de casas de espetáculos e para que os órgãos fiscalizadores adotem procedimentos mais criteriosos e mais transparentes na aferição das condições de segurança desses estabelecimentos. (ZH)

Em relação aos Temas Textuais no Jornal Folha de São Paulo (FSP), estes aparecem pouco, como nos exemplos a seguir. Especificamente em (58), há um Tema Múltiplo, iniciado por um Tema Interpessoal, “Sim”, e, na sequência, o Tema Textual “mas”.

(58) Sim, **mas** *cabe observar que* os documentos necessários para a promoção de eventos no local já tinham sido concedidos em anos anteriores; faltava, ao que parece, apenas renová-los. (FSP)

(59) [...] **mas** [isso] já seria muito, diante do desleixo e da imprevidência usuais na administração pública brasileira. (FSP)

(60) [...] **para** uniformizar [para que se uniformizem] regras básicas de prevenção a tais acidentes, como metragens mínimas de portas de emergência, proporcionais à lotação do local, e proibição categórica de dispositivos pirotécnicos em recintos fechados. (FSP)

Observa-se, no editorial da FSP, que os conectores também aparecem em posição não-temática, ou seja, não representam Temas Textuais em alguns casos. São colocados, como recurso estilístico do editorialista, em posição remática (na parte referente ao Rema); estão sublinhados nos seguintes exemplos:

(61) Antes de insistir no óbvio – dos que nada fizeram para evitá-los –, valeria amainar, **entretanto**, em benefício da reflexão e da solidariedade, os ímpetos do espírito acusatório. (FSP)

(62) O país ganharia, **porém**, com uma norma federal [...] (FSP)

Os Temas Textuais em ZH, por sua vez, caracterizam-se por, em alguns casos, apresentarem nexos introduzindo períodos. São elementos estruturais coesivos que estabelecem a continuação do pensamento expresso pelo editorialista no período anterior, com as seguintes ideias: consequência, contraste, adição. Tal recurso linguístico revela as costuras feitas pelo editorialista para a organização das ideias defendidas ao longo do seu texto.

(62) **Nesse sentido**, agiram corretamente a presidente Dilma Rousseff, o governador Tarso Genro e todas as autoridades e cidadãos que interromperam suas rotinas para prestar atendimento à comunidade abalada pelo infausto acontecimento. (ZH)

(63) **Mas** precisamos ir além do luto. (ZH)

(64) **Além disso**, para que as falhas sejam efetivamente corrigidas, o caso da boate Kiss deve servir de referência para que os legisladores revisem as normas de funcionamento de casas de espetáculos e para que os órgãos fiscalizadores adotem procedimentos mais criteriosos e mais transparentes na aferição das condições de segurança desses estabelecimentos. (ZH)

(65) **Por isso**, todos nós – governantes, autoridades, empresários, cidadãos, pais – ficamos com a obrigação impostergável de ir além do pesar e de desenvolvermos cuidados e medidas preventivas para que episódios como o de Santa Maria jamais se repitam. (ZH)

Ainda em relação aos Temas Textuais em ZH, há recorrência de nexos de finalidade, os quais introduzem orações finais (desenvolvidas e reduzidas). Estas têm o propósito de apresentar a relação com a oração anterior, revelando a importância de serem averiguados os fatos ocorridos no episódio do incêndio da boate – impedimento do alastramento do fogo na ocasião; necessidade de legislação e de cumprimento de normas de segurança em casas de espetácu-

lo; urgência de procedimentos criteriosos de fiscalização das condições de segurança em tais estabelecimentos; prevenção de futuros episódios como o de Santa Maria; garantia da segurança dos jovens em eventos futuros.

(63) [...] **para que** os legisladores revisem as normas de funcionamento de casas de espetáculos **e para que** os órgãos fiscalizadores adotem procedimentos mais criteriosos e mais transparentes na aferição das condições de segurança desses estabelecimentos. (ZH)

(64) [...] **para que** episódios como o de Santa Maria jamais se repitam. (ZH)

(65) [...] **para** garantir [**para que** se garantam] a segurança e o futuro dos seus jovens. (ZH)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Análises com base na teoria sistêmico-funcional possibilitam ao leitor o mapeamento de determinados recursos linguísticos utilizados pelos produtores de textos para a construção de significados. De posse das bases da teoria sistêmica, aliados à leitura e à análise de textos, o analista tem instrumentos para depreender ideias subjacentes aos textos, com base no estudo de sua materialidade linguística.

A análise das funções léxico-gramaticais dos componentes experienciais, interpessoais e textuais das orações que constituem os textos possibilita uma leitura criteriosa em que texto e contexto são associados no processo de significação.

No que se refere aos significados experienciais, verificou-se que representações do envolvimento emocional em consequência da tragédia, em primeiro plano no discurso, funcionam, no editorial ZH, como uma estratégia de aproximação aos leitores do Rio Grande do Sul, Estado onde esse jornal circula e onde a tragédia ocorreu. Já em FSP, as representações construídas para a tragédia com foco nas suas possíveis causas dão ao texto um tom menos emotivo e mais racional, haja vista, provavelmente, o distanciamento do produtor do texto com relação ao local e ao momento da tragédia. Assim, embora se refiram ao mesmo acontecimento, os editoriais analisados representam de

maneira diferente as experiências, tendo em vista a influência do contexto de produção de cada texto.

Os significados interpessoais dos dois editoriais divergem em termos de postura do editorialista e seu público. Enquanto FSP afasta-se do cenário da tragédia, analisa-a na perspectiva de quem está fora da cena e modaliza seu discurso epistemicamente, ZH trabalha deonticamente, buscando interação com seus leitores e instando-os a partirem para a ação, o que se justifica por estar próximo ao local do acontecimento e ver “de dentro” a tragédia. Muitos editoriais publicados pelo Diário de Santa Maria, órgão de imprensa do grupo RBS¹⁷, constituíram também os editoriais do jornal ZH em final de janeiro e início de fevereiro de 2013.

No que tange aos significados ideacionais e interpessoais sistematizados pela metafunção textual, constatou-se que, no editorial da Zero Hora, houve predominância dos Temas Tópicos não marcados, optando o editorialista por escolher como ponto de partida a tragédia na boate Kiss, as vítimas, o povo gaúcho, os legisladores e os responsáveis pela fiscalização dos estabelecimentos. Dessa forma, manteve uma proximidade entre o fato e a reação da população gaúcha quanto a sentimentos de comoção e de solidariedade frente ao episódio, mas também de reivindicação de maior fiscalização e legislação própria para a punição de futuros episódios do mesmo tipo. O editorial da Folha de São Paulo, por outro lado, apresenta muitos Temas marcados, caracterizados como circunstâncias e processos, o que revela sintaticamente estruturas não canônicas, numa maior complexidade de elaboração e de recepção do texto. Em contraponto ao texto de Zero Hora, a Folha promove certo distanciamento ao tratar do episódio, sendo a ênfase dada à cobrança de atitudes punitivas aos infratores por parte das autoridades competentes e a normatização e cumprimento de regras básicas de prevenção de acidentes.

Diferenças como as apontadas neste capítulo podem ser mostradas aos alunos que estudam linguagem, em qualquer nível de ensino em que estejam. É verdade que uma análise mais complexa vai se consolidando à medida que os estudantes avançam em escolaridade, mas se pode trabalhar progressivamente com os sistemas apreendidos por Halliday (1985; 1994) e por Halliday e Matthiessen (2004).

17 Rede Brasil Sul, com sede em Porto Alegre, é filiada à Rede Globo no Rio Grande do Sul.

REFERÊNCIAS

ALÉM DO LUTO. Editorial. **Zero Hora**. Porto Alegre, 28 jan. 2013. Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/opiniaozh/2013/01/28/editorial-alem-do-luto/?topo=13,1,1,,,13>. Acesso em: 10 ago. 2013.

DALL'AGLIO-HATTNER, M. M. Uma Análise Funcional da Modalidade Epistêmica. **Alfa**, São Paulo, v. 40, p. 151-153, 1996

DOR E REPARAÇÃO. Editorial. **Folha de S.Paulo**. São Paulo, 29 jan. 2013. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/opiniao/1221984-editorial-dor-e-reparacao.shtml>. Acesso em: 10 ago. 2013.

FRIES, P. H. A personal view of Theme. In GADESSY, M. (Ed.) **Thematic development in English texts**. London: Pinter, 1995. p. 01-19

FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. **Introdução à Gramática Sistêmico-Funcional em Língua Portuguesa**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014.

HALLIDAY, M. A. K. Notes on transitivity and theme in English. **Journal of Linguistics**, 1967-1968. p. 3-4.

_____. **Explorations in the functions of language**. London: Edward Arnold, 1977.

_____. Part I. In: HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, H. **Language, context and text: aspects of a language in a social-semiotic perspective**. Oxford: Oxford University Press, 1985.

_____. **An introduction to functional grammar**. 2. ed. London: Routledge, 1994.

_____. **Systemic functional grammar: a first step into the theory**. 1997. Disponível em: <http://minerva.ling.mq.edu.au>. Acesso em: 10 ago. 2013.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Construing experience through meaning: a language-based approach to cognition**. London and New York, Continuum, 1999.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **An introduction to functional grammar**. 3. ed. London: Hodder Education, 2004.

LI, E. S. **A systemic functional grammar of Chinese**. London: Continuum, 2007.

MARTIN, J. Theme, method of development and existentiality: The price of reply. **Occasional Papers in Systemic Linguistics**, v. 6, 1992. p. 147-83.

MARTIN, J.; ROSE, D. **Working with discourse: meaning beyond the clause**. New York: Continuum, 2003.

MATTHIESSEN, C. M. I. M.; TERUYA, K.; LAM, M. **Key Terms in Systemic Functional Linguistics**. London: Continuum, 2010.

NÃO DÁ PARA ESQUECER. Editorial. **Zero Hora**, 22 fev. 2013. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/opiniaozh/2013/02/27/editorial-nao-da-para-esquecer/?topo=13,1,1,,,13>>. Acesso em 10 ago 2013.

NEVES, M. H. de M. A modalidade. In: KOCH, I. G. V. (Org.) **Gramática do Português Falado**. Vol. VI: Desenvolvimentos. Campinas, SP: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1996.

____. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ANEXOS

Editorial 1 - FSP

Dor e reparação (FSP, 29.01.13)

Diante de uma tragédia com as proporções da ocorrida na madrugada de domingo em Santa Maria (RS), é natural e previsível a reação de apontar o dedo na direção dos culpados pelo acidente.

Sem dúvida, não faltam indícios espantosos de irresponsabilidade e de negligência na fiscalização da boate Kiss, palco da tragédia que vitimou duas centenas de jovens num incêndio.

Antes de insistir no óbvio – dos que nada fizeram para evitá-los –, valeria amainar, entretanto, em benefício da reflexão e da solidariedade, os ímpetos do espírito acusatório.

Encarado na escala individual, a das famílias e dos amigos, dos namorados e das namoradas, o acontecido é incompreensível, inaceitável, por mais que, em seguida, os olhos do público se voltem para as circunstâncias concretas – e evitáveis – do horrível incêndio.

Uma vez que *pouco se pode acrescentar diante do essencial da dor humana*, além de palavras de compaixão e consolo a que somente o tempo será capaz de conferir alguma ressonância, *resta voltar a atenção para o que se afigura apenas tópico, nesta hora*.

Informa-se que a casa noturna não tinha alvará de funcionamento nem plano atualizado de prevenção a incêndios. Sim, *mas cabe observar* que os documentos necessários para a promoção de eventos no local já tinham sido concedidos em anos anteriores; faltava, ao que parece, apenas renová-los. Corresponderiam, na época em que eram válidos, a um ambiente realmente seguro?

A boate não possuía sinalização adequada para casos de emergência. Com a escuridão e a fumaça, sua ausência se provou fatal. Não existia, de resto, outra saída além da principal, de dimensões óbvia e desgraçadamente insuficientes.

Pouco havia a fazer depois de, segundo se relata, a fagulha de um artefato pirotécnico ter atingido o teto da boate, revestido de material inflamável. Afirma-se, ainda, que extintores de incêndio manuseados por seguranças e músicos não teriam sido eficazes.

A falta de fiscalização e a total imprevidência dos responsáveis – tenha ou não o incêndio sido causado pelos fogos de artifício – estão fora de dúvidas. Na obscuridade continuarão outros inúmeros locais públicos onde riscos semelhantes podem se materializar.

Já se observa um surto de atividade normativa e fiscalizadora entre prefeitos de outras localidades. Que não se esgotem no oportunismo inconsequente de sempre.

O país ganharia, porém, com uma norma federal para uniformizar regras básicas de prevenção a tais acidentes, como metragens mínimas de portas de emergência, proporcionais à lotação do local, e proibição categórica de dispositivos pirotécnicos em recintos fechados.

É o que resta a fazer. Pouco, diante de tantos mortos, mas já seria muito, diante do desleixo e da imprevidência usuais na administração pública brasileira.

Editorial 2 - ZH

Além do luto (ZH, 28.01.13)

O Rio Grande chora nesta segunda-feira a perda de dezenas de vidas na tragédia de Santa Maria e se solidariza por inteiro com as famílias atingidas. Num momento de tanta comoção, a primeira reação tem que ser mesmo de apoio às vítimas e de total solidariedade a seus familiares e amigos. Nesse sentido, agiram corretamente a presidente Dilma Rousseff, o governador Tarso Genro e todas as autoridades e cidadãos que interromperam suas rotinas para prestar atendimento à comunidade abalada pelo infausto acontecimento. É o que se espera de lideranças comprometidas com a sociedade e com a cidadania. Ainda que o ambiente deste dia seguinte seja de tristeza imensurável, merecem especial reconhecimento os soldados do Corpo de Bombeiros, os policiais, os agentes de saúde e os voluntários anônimos que se envolveram diretamente no socorro e no resgate às vítimas. Um consolo para tamanha desgraça é que na hora da catástrofe também afloram os melhores sentimentos do ser humano – o heroísmo, a fraternidade e a ajuda desinteressada.

Todos estamos desolados com o infortúnio que interrompeu a existência de tantos jovens na região central do Estado. Mas precisamos ir além do luto. Os gaúchos não podem se conformar com uma imprevidência desta ordem, que transforma um local de diversão em armadilha fatal. *Não se está aqui sugerindo uma caça às bruxas, nem uma irresponsável busca de culpados*, que seriam reações compreensíveis para quem perdeu parentes e amigos. *O que defendemos é uma investigação rigorosa das causas que provocaram o sinistro, com o propósito prioritário de prevenir ocorrências semelhantes no futuro.*

Mesmo que o fogo tenha começado por conta de um gesto desastrado, que está sendo atribuído a um dos integrantes da banda contratada para o show, é inconcebível que uma casa de espetáculos daquela dimensão não dispusesse de pessoal preparado e equipamento apropriado para impedir o seu alastramento. Mais: como pode um local de grande fluxo de pessoas ter apenas um espaço estreito para a saída e nenhum plano de abandono para situações de emergência? Quem falhou? A engenharia? A fiscalização? Os órgãos públicos? Os organizadores do espetáculo?

Além disso, para que as falhas sejam efetivamente corrigidas, o caso da boate Kiss deve servir de referência para que os legisladores revisem as normas de funcionamento de casas de espetáculos e para que os órgãos fiscalizadores adotem procedimentos mais criteriosos e mais transparentes na aferição das condições de segurança desses estabelecimentos. Vale lembrar que tragédia semelhante ocorrida em Buenos Aires, em 2004, quando 194 pessoas morreram no incêndio da discoteca República Cromañón, acabou motivando a criação de uma legislação específica mais rigorosa na Argentina. Os jovens têm todo o direito de se divertir num ambiente de conforto e segurança. Da mesma maneira, seus familiares têm que recuperar a tranquilidade de saber que eles irão para as festas e voltarão íntegros para seus lares. Por isso, todos nós – governantes, autoridades, empresários, cidadãos, pais – ficamos com a obrigação impostergável de ir além do pesar e de desenvolvermos cuidados e medidas preventivas para que episódios como o de Santa Maria jamais se repitam.

Hoje o Rio Grande está de luto. Amanhã tem que estar mobilizado para garantir a segurança e o futuro dos seus jovens.

CAPÍTULO 3

PROCESSOS MATERIAIS EM UM RELATO PESSOAL

Edna Cristina MUNIZ DA SILVA

Rosana Muniz SOARES

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta um estudo sobre o uso dos processos materiais em contos¹, ancorado no aporte teórico-metodológico da Linguística Sistemico-Funcional (HALLIDAY; HASAN, 1989; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004; 2014). Contos são textos que podem ser estruturados como diferentes gêneros da família das histórias – relato pessoal, narrativa, exemplo, observação, episódio, de acordo com a teoria de gêneros da Escola de Sydney (MARTIN; ROSE 2008; ROSE; MARTIN 2012). Neste capítulo, apresentamos o papel desempenhado pelas orações materiais na análise das etapas e fases de um conto pertencente ao gênero relato pessoal.

A estrutura de um gênero reflete o seu propósito geral, sendo realizada nos textos pelas estruturas léxico-gramaticais que constroem os significados referentes à representação da experiência, às relações interpessoais e à organização do fluxo de informações de maneira coerente e coesa. Os sistemas linguísticos que concretizam esses significados referem-se à transitividade, ao modo e ao tema respectivamente. Neste estudo, vamos tratar apenas do sistema da transitividade, cujos componentes são os processos, seus participantes e circunstâncias, porque nos interessa examinar o papel dos processos materiais na construção de um conto que se refere ao um relato pessoal.

1 O conto que é analisado neste capítulo é de autoria de Mia Couto e foi retirado do livro didático de Língua Portuguesa da Coleção “Português: Linguagens”, de William Cereja e Thereza Magalhães, Ensino Médio, PNLD 2015.

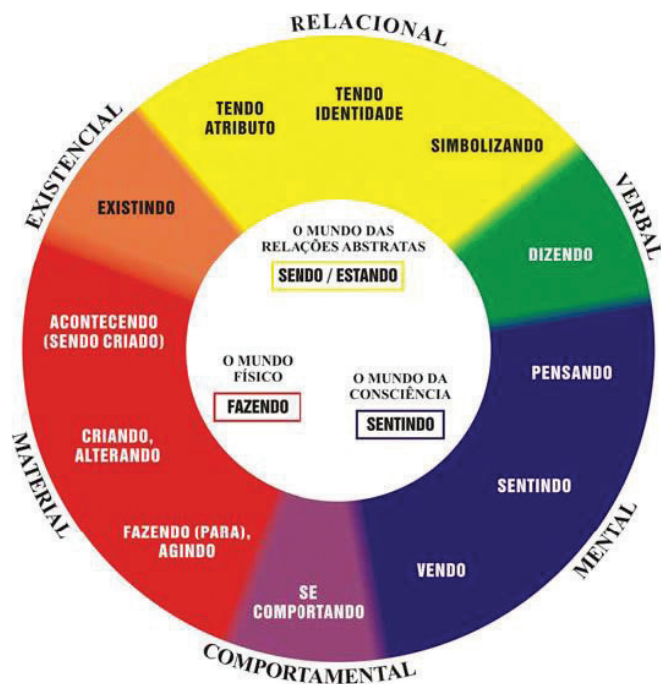
O sistema de transitividade tem a função de ordenar e representar nossas experiências, pois elas constroem mudanças no fluxo de eventos e acontecimentos pela escolha de um tipo de processo – material, mental, relacional, verbal, comportamental e existencial – e seus respectivos participantes. Os processos estão diretamente envolvidos com participantes específicos e podem estar ou não associados a circunstâncias de tempo, espaço, causa, modo, as quais não estão diretamente envolvidas na realização do processo, mas giram em torno dele (HALLIDAY; MATTHIESSEN 2004, p. 172).

Cada tipo de processo representa um domínio particular da experiência, sejam experiências do mundo físico ou do mundo interno da consciência. Os três principais tipos de processos são os materiais, os mentais e os relacionais. Entretanto há outros tipos de processos que compartilham aspectos semânticos com os primeiros: comportamentais, verbais e existenciais.

A forma típica de experiência do mundo físico refere-se a ações e eventos, em que coisas acontecem, e pessoas ou outros atores fazem coisas, sendo gramaticalizada pelos processos materiais. A experiência interna é difícil de ser percebida, mas é em parte uma reprodução da experiência externa, uma vez que a registra, reage a ela e reflete-a, além de se caracterizar pela consciência de nossos estados psíquicos e emocionais, sendo representada pelos processos mentais, que codificam o mundo interno do pensamento, da percepção e do sentimento (cognição, percepção, afeto, desejo). Quando relacionamos aspectos da experiência para identificar e classificar entidades em termos de suas características e identidades (*Maria está nervosa; Maria é a professora de português*), usamos os processos relacionais. Os processos comportamentais gramaticalizam experiências situadas entre os processos materiais e os processos mentais, representando manifestações externas de aspectos da consciência (por exemplo: *As pessoas estão bocejando*). Eles são definidos por Halliday e Matthiessen (2004, p. 248) como “processos de comportamento (tipicamente humano) *fisiológico* e *psicológico*, como respirar, tossir, sorrir, sonhar e olhar”. Os processos verbais (p.e. dizer, afirmar, declarar) expressam, através do dizer, relações simbólicas construídas na consciência humana e, por isso, estão entre os processos mentais e os processos relacionais, uma vez que *dizer* envolve uma ação física que reflete uma operação mental (THOMPSON, 2014, p. 100). Os processos existenciais (*Há muitos ipês flori-*

dos nesta época), situados entre os processos materiais e os processos relacionais, referem-se à existência das entidades, reconhecendo-as como algo que é e existe (ver Figura 1 sobre os tipos de processos) e construindo orações que, apesar de figurarem em pequeno número no discurso comparadas aos outros cinco tipos, exercem papel importante em diversos textos.

Figura 1- A gramática da experiência: tipos de processo



Fonte: Adaptado de Halliday e Matthiessen, 2014, p. 172.

A análise da transitividade nos textos requer o exame dos tipos de processos, seus participantes e as circunstâncias em cada oração. Neste estudo, analisamos os processos materiais em um conto extraído de um livro didático do ensino médio, a fim de examinar como os significados do mundo material e físico constroem léxico-gramaticalmente as etapas e as fases do gê-

nero relato pessoal, que faz parte da família de gêneros das estórias (MARTIN; ROSE, 2008). Também verificamos como cada etapa do relato pessoal está associada a escolhas específicas da transitividade (EGGINS, 2004, p. 251).

AS ORAÇÕES MATERIAIS

As orações materiais expressam ações e acontecimentos, porque envolvem necessariamente mudança no fluxo do desenrolar dos eventos pelo uso de energia na realização dos processos materiais, que podem envolver um ou mais participantes. Todo processo material requer um Ator (participante que executa a ação) e pode exigir ou não um segundo participante, que é a Meta (participante a quem se direciona a ação).

Embora mudanças no mundo material possam ser percebidas como movimento no espaço (*Maria atravessou a rua*) e mudança no mundo físico (*Maria fez o bolo*), os processos materiais também podem construir nossa experiência de mudança nos fenômenos abstratos (*O preço das passagens aéreas subiram vertiginosamente*). O Ator é o único participante inerente na oração material, pois acarreta o desenvolvimento do processo material através do tempo, levando a um resultado diferente do estágio inicial do desenvolvimento do processo. Nas orações anteriores, o papel de Ator é desempenhado por *Maria* e *O preço das passagens aéreas*. Se, na oração material, há apenas um participante, este é o Ator, e a oração material representa um acontecimento do mundo físico (*O edifício tremeu*), em que a ação expressa pelo processo *tremeu* se restringe ao *edifício*. Entretanto, o desenvolvimento do processo pode estender-se a um outro participante, a Meta, sobre o qual exerce impacto maior que sobre o Ator. Nesse caso, dizemos que a oração material representa uma ação do mundo externo (*O carro atropelou um gato*), e que o resultado do processo material recai, em primeiro lugar, sobre a Meta, ou seja, a ação expressa pelo processo material *atropelou* se dirige ao *gato*.

As orações materiais abrangem eventos, atividades e ações que envolvem tanto Atores animados quanto inanimados no desenvolvimento de um processo material através do tempo. Representam mudança através de uma fase inicial e uma fase final para a realização do processo material, sendo que a fase final do processo material representa o resultado do processo em termos de mudança de algum aspecto de um dos participantes, e a natureza

do resultado que afeta o Ator e a Meta é um critério para reconhecer subtipos de orações materiais: criativas e transformativas. Nas orações materiais criativas, o Ator ou a Meta são criados na medida em que o processo se desenvolve (*Prédios altos estão surgindo; Maria fez um bolo de laranja;*), e nas orações materiais transformativas, Ator e Meta já existem previamente e, por isso, são transformados na medida em que o processo se desenvolve (*As geleiras estão se derretendo; O aquecimento global está derretendo as geleiras*), pois o resultado do processo consiste na mudança de algum aspecto do Ator ou da Meta pré-existentes ao início do desenvolvimento do processo (Ver HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 182-186; FUZER; CABRAL, 2014, p. 46-49).

O Ator e a Meta são os dois principais participantes nas orações materiais, sendo o Ator inerente nas orações intransitivas e a Meta inerente nas orações transitivas. No entanto, há outros participantes que podem estar envolvidos no processo de uma oração material, como Escopo, Recebedor, Cliente e Atributo (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 190-197; FUZER; CABRAL, 2014, p. 50-52).

Diferentemente da Meta, que sofre o impacto da realização do processo, o Escopo de uma oração material não é, de forma alguma, afetado pelo desempenho do processo. Em vez disso, constrói o domínio no qual o processo ocorre (*Siga as setas e suba os degraus*) ou constrói o próprio processo (*Ana tomou banho pela manhã*). Em ambos os casos, o Escopo ocorre estritamente em orações intransitivas, isto é, não ocorre o participante Meta em orações materiais com Escopo.

Recebedor (quem recebe bens: *Maria deu flores à sua mãe*) e Cliente (para quem serviços são feitos: *João construiu uma casa para seu filho*) representam participantes que se beneficiam da realização do processo em termos de bens e serviços, sendo afetados pelo desenrolar do processo porque se beneficiam dele. Recebedores podem ser realizados por seres humanos e não-humanos (*Você agou as plantas?*). O Atributo é um participante típico das orações relacionais, mas pode participar de orações materiais para construir um estado qualitativo do Ator ou da Meta após o processo ter completado seu desempenho (*Meu irmão pintou de vermelho a parede da sala*).

Além de representar eventos concretos e físicos, as orações materiais também podem representar ações e acontecimentos abstratos (*Mas o*

tempo passou em desabitual demora). À medida que um processo material se torna mais abstrato, a distinção entre Ator e Meta torna-se mais difícil de ser delineada.

Halliday e Matthiessen (2014, p. 234-236) apresentam uma lista de verbos que são usados como processos materiais. Dividem os processos materiais em criativos e transformativos, mostrando que podem ser realizados tanto por verbos intransitivos quanto por verbos transitivos. Os processos materiais transformativos podem expressar vários significados como: estado, composição, superfície, tamanho, forma, idade, quantidade, cor, luz, som, exterioridade, interioridade, contato, abertura, operação, posse, acompanhamento, movimento (modo e lugar). Fuzer e Cabral (2014, p. 48-49) apresentam um quadro com lista de processos materiais e seus significados em língua portuguesa.

OS PROCESSOS MATERIAIS NA ESTRUTURA DO GÊNERO ‘RELATO’

Escola de Sydney é uma referência à abordagem teórico-metodológica de gêneros textuais fundamentada na Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1978; 1994; 2004) e em projetos de letramento educacional desenvolvidos na Austrália ao longo das últimas três décadas (MARTIN, 1999; 2000; ROSE, 2008). De acordo com essa perspectiva, gêneros são uma configuração linguística de significados recorrentes no uso da linguagem, estruturando-se em etapas que orientam linguisticamente os propósitos socioculturais das interações. Cada etapa de um gênero tem a função de expressar significados da estrutura do texto.

Gêneros são atividades mediadas por textos, estruturadas em etapas e orientadas para um objetivo: histórias, autobiografias, fábulas, novelas, manuais, notícias, contos, crônicas, seminários, etc. Existe um gênero para cada tipo distinto de atividade social em nossa cultura. Como as atividades humanas estão sujeitas ao hábito e à rotina, sempre que as pessoas interagem em situações do mesmo tipo, utilizam o mesmo gênero típico daquela situação, como contar histórias para crianças, por exemplo (MUNIZ DA SILVA, 2014, p. 239).

O termo gênero é usado, então, para abarcar “cada tipo de atividade linguisticamente realizada que faz parte de nossa cultura” (MARTIN, 1985, p. 250). Em outras palavras:

É uma atividade proposital, orientada a um objetivo, desenvolvida em etapas, na qual os falantes se envolvem como membros de nossa cultura, como as atividades desenvolvidas em etapas ao marcar uma hora no dentista, comprar legumes, contar uma história, escrever um ensaio, candidatar-se a um emprego, escrever uma carta ao editor, convidar alguém para jantar, e assim por diante (MARTIN, 1984, p. 24).

A Escola de Sydney situa o gênero no contexto da cultura, desenhando sua abordagem como intervencionista e ideologicamente comprometida com ações sociais. O controle sobre os gêneros requer acesso ao conhecimento especializado e à consciência das relações de poder nas instituições e da nossa posição social e econômica. Em situações específicas, o controle dos gêneros é uma ferramenta de empoderamento nas relações sociais (status, hierarquia), no acesso ao conhecimento (campo) e no uso de múltiplas semioses (modo).

De acordo com a classificação de gêneros da Escola de Sydney (MARTIN; ROSE, 2008; ROSE; MARTIN, 2012), a família das histórias abrange os gêneros relato pessoal, narrativa, exemplo, episódio, observação. Sendo as histórias gêneros centrais em todas as culturas, estão intimamente entrelaçadas nos detalhes do cotidiano através do compartilhamento de informações e experiências em todos os agrupamentos sociais, seja para interpretar crenças e valores, avaliar comportamentos ou educar e entreter.

Neste estudo, analisamos a contribuição das orações materiais na estruturação do gênero relato pessoal nas etapas Orientação e Registro de Eventos e suas respectivas fases. As etapas dos gêneros – que são previsíveis – incluem uma ou mais fases, cuja sequência é variável. A seguir apresentamos a classificação das fases dos gêneros das histórias.

Quadro 1 – Fases dos gêneros da família das estórias

Fases dos gêneros da família das Estórias		
fases descritivas	cenário	apresenta pessoas, atividades, lugares, tempos
	descrição	descreve pessoas, lugares, coisas
fases que levam a ação para adiante	episódio	sequência de eventos que é esperada
	problema	evento inesperado que cria tensão
	solução	evento inesperado que libera tensão
fases avaliativas	reação	sentimentos dos participantes sobre problemas, descrições
	comentário	comentários do narrador sobre pessoas, atividades
	reflexão	pensamentos dos participantes sobre os significados dos eventos

Fonte: Adaptado de Rose, 2013, p. 6.

Os gêneros da família das estórias se distinguem conforme as etapas e seus propósitos sociais, entretanto compartilham um conjunto de recursos cuja função é desenrolar a estória e engajar os leitores e os ouvintes. Esses recursos são denominados fases, as quais consistem de orações ou períodos que formam as etapas dos gêneros. Embora as etapas dos gêneros sejam elementos estruturais relativamente estáveis, a ocorrência das fases é bastante variável dentro das etapas, que são previsíveis, conferindo unicidade aos textos.

Os relatos pessoais são gêneros que se estruturam nas etapas Orientação e Registro de Eventos, e cada uma dessas etapas pode se constituir das fases típicas dos gêneros das estórias tais como cenário, descrição, episódio, reação, comentário e reflexão. Neste estudo, a etapa Orientação constitui-se da fase ‘cenário’, que apresenta as pessoas, suas atividades, as circunstâncias de tempo e lugar; a etapa Registro de Eventos constitui-se essencialmente das fases ‘episódio’, ‘reflexão’, ‘comentário’.

O conto “Nas águas do tempo”, de Mia Couto (o texto completo está no final deste capítulo), caracteriza-se como o gênero ‘relato pessoal’ (conforme a Escola de Sydney), registrando uma série de eventos ocorridos nos

dias em que o avô e o neto estiveram juntos. A estória se desenvolve pelo encadeamento de episódios, reflexões e comentários (fases das estórias), que estruturam a etapa Registro de Eventos pelo uso predominante de processos materiais, seus participantes e circunstâncias. As orações materiais constroem a mudança no fluxo das ações e dos eventos, à medida que a estória se desenrola, desempenhando papel primordial na construção das etapas e fases desse conto.

A etapa Orientação traz informações sobre os participantes, sendo constituída apenas da fase ‘cenário’, cuja função é apresentar os personagens – o avô e o narrador – o lugar (*rio abaixo*) e o tempo (*nesses dias*).

Orientação	cenário	Meu avô, nesses dias, me levava rio abaixo, enfilado em seu pequeno concho.
------------	---------	--

Nesse trecho, o resultado da realização do processo material transformativo concreto (*levava*) incide sobre a Meta (representada pelo neto), que é o participante diretamente afetado pelo processo (o neto é deslocado de um lugar para o outro graças ao desenvolvimento do processo *levava*). Os processos materiais se desenvolvem em fases distintas, sendo a fase final o resultado do processo, a qual apresenta a mudança de algum aspecto de um dos participantes. Nas orações materiais transformativas, o resultado do desenrolar do processo é a mudança de algum aspecto de um Ator (nas orações intransitivas) ou de uma Meta (nas orações transitivas) que já existem, pois não são trazidos à existência pelo desenrolar do processo material, que é o caso das orações materiais criativas (*Maria fez um bolo de laranja*), em que a Meta (bolo de laranja) passa a existir pelo desenvolvimento do processo “fez”.

A etapa Registro de Eventos inicia com uma sequência de episódios que têm por objetivo apresentar uma sequência de eventos; estes se desenvolvem como processos materiais transformativos: *remava*, *raspando*, *cabecinhava*, *ir*, *perseguia*, *amolecendo*, *crepusculando*, *segurava*, *puxava* e *conduzia*. O avô é o Ator dos processos materiais *remava*, *raspando*, *perseguia*, *segurava*, *puxava* e *conduzia*. Cada um desses processos se refere a um significado do mundo material: movimento/modo (*remava*, *cabecinhava*, *ir*, *perseguia*, *conduzia*); superfície (*raspando*); forma (*amolecendo*); estado (*crepusculando*).

episódio	Ele remava , devagaroso, somente raspando o remo na correnteza. O barquito cabecinhava , onda cá, onda lá, parecendo ir mais sozinho que um tronco desabandonado. Nem eu sabia o que ele perseguia . Peixe não era. Porque a rede ficava amolecendo o assento. Garantido era que, chegada a incerta hora, o dia já crepusculando ele me segurava a mão e me puxava para a margem. No entanto, era ele quem me conduzia , um passo à frente de mim.
----------	--

Nessa etapa, Registro de Eventos, predomina a sequência de fases referentes a episódio, reflexão e comentário ao longo do texto, havendo apenas uma ocorrência da fase de descrição, na qual não ocorrem processos materiais, mas processo mental e relacional:

descrição	Eu me admirava da sua magreza direita, todo ele musculíneo. O avô era um homem em flagrante infância, sempre arrebatado pela novidade de viver.
-----------	---

Há também apenas uma ocorrência da fase problema, em que predominam os processos materiais transformativos com três participantes principais: o neto (que é o narrador do conto), o velho, o barco e nós (avô e neto). O problema é constituído de processos materiais transformativos cujos Atores são representados pelo narrador em quatro ocorrências: *procurando*, *busquei*, *assentar*, *encontrei*. O avô é Ator em duas ocorrências – *acorreu*, *puxou*; avô e o neto desempenham papel de Ator nas orações materiais dos processos *dar* e *lutando*. Os participantes *perna*, *força* e *barco* são Atores nas orações com *descia*, *sugava*, *virou*.

problema	Eu tinha um pé meio-fora do barco, procurando o fundo lodoso da margem. Decidi me equilibrar, busquei chão para assentar o pé. Sucedeu-me então que não encontrei nenhum fundo, minha perna descia engolida pelo abismo. O velho acorreu -me e me puxou . Mas a força que me sugava era maior que o nosso esforço. Com a agitação, o barco virou e fomos dar com as costas posteriores na água. Ficamos assim, lutando dentro do lago, agarrados às abas da canoa.
----------	---

A etapa Registro de Eventos é construída predominantemente por processos materiais, cujas orações mostram o desenvolvimento das ações e dos eventos na linha do tempo. No excerto abaixo, o episódio é construído por processos materiais transformativos concretos e apenas por um processo material abstrato (*passou*), levando a narrativa adiante, além de revelar as atividades realizadas pelo Ator (avô). A Meta (neto) é afetada pelo processo material transformativo *levou*, que tem por objetivo a mudança de passagem do neto de um lugar para o outro (o avô me *levou* uma vez mais ao lago). Os Atores (avô e neto) constroem mudança no fluxo dos eventos e das ações pelo uso de energia na realização do processo material transformativo (*Chegados*), sendo essa mudança percebida como movimento no espaço (*Chegados à beira do poente*). O Ator (*tempo*) sofre o efeito do processo material transformativo abstrato que constrói a experiência de mudança em fenômeno abstrato (*Mas o tempo passou em desabitual demora*). O Ator (avô) é transformado de seu estado inicial através de processo material transformativo (*inquietava*) e realiza uma mudança no mundo físico (*apurando as vistas*).

episódio	Na tarde seguinte, o avô me levou uma vez mais ao lago. Chegados à beira do poente ele ficou a espreitar. Mas o tempo passou em desabitual demora. O avô se inquietava, erguido na proa do barco, palma da mão apurando as vistas. Do outro lado, havia menos que ninguém. Desta vez, também o avô não via mais que a enevoadá solidão dos pântanos. De súbito, ele interrompeu o nada: - Fique aqui! E saltou para a margem, me roubando o peito no susto. O avô pisava os interditos territórios? Sim, frente ao meu espanto, ele seguia em passo sabido. A canoa ficou balançando, em desequilíbrio com meu peso ímpar.
----------	--

As orações materiais exprimem ações e acontecimentos, concretos ou abstratos, isto é, mudanças que acontecem no mundo material e que podem ser percebidas como movimentos no espaço, por isso constroem a etapa Registro de Eventos, cuja finalidade é dar prosseguimento à estória, através das ações realizadas pelos seus respectivos Atores.

No excerto abaixo, a fase reflexão consiste nos pensamentos do Ator (avô) sobre os significados dos eventos, marcada pela utilização dos processos materiais transformativos concretos (*abrem*, *visitam*, *acenam*, *levo*, *visitado*), em que o Ator (avô) acarreta o desenvolvimento do processo através do tempo, propondo ações de reflexão, como podemos observar na passagem abaixo.

reflexão	No mais ou menos, ele falou assim: - Nós temos olhos que se abrem para dentro, esses que usamos para ver os sonhos. O que acontece, meu filho, é que quase todos estão cegos, deixaram de ver esses outros que nos visitam. Os outros? Sim, esses que nos acenam da outra margem. E assim lhes causamos uma total tristeza. Eu levo-lhe lá nos pântanos para que você aprenda a ver. Não posso ser o último a ser visitado pelos panos. - Me entende?
----------	---

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso de processos materiais ao longo de toda a estória reflete o contexto cultural do gênero relato pessoal, constituindo-se como uma produção linguística que envolve acontecimentos do cotidiano das pessoas. Os processos materiais transformativos concretos construíram majoritariamente as etapas e fases do relato analisado. O encadeamento das fases mostra um padrão ao longo da etapa Registro dos Eventos, em que as fases comentário e reflexão sempre aparecem associadas ao episódio. A estrutura genérica do relato pessoal analisado revela-se como uma sequência de eventos sem uma ruptura significativa na estória, e esses eventos são avaliados no desenrolar dos acontecimentos cotidianos das pessoas.

Os textos que partilham o mesmo propósito social na cultura, também partilham o mesmo padrão estrutural, ou, em outros termos, o mesmo gênero. Quando os estudantes aprendem os padrões estruturais dos gêneros, acumulam um repertório diversificado de elementos textuais. Esse repertório torna-se a base para a criação de diferentes textos, conforme as demandas culturais e sociais (MUNIZ DA SILVA, 2014, p. 258).

Ao analisarmos os processos materiais na constituição das etapas e fases do relato pessoal apresentado, percebemos que desempenham um papel essencial no desenrolar das ações e dos eventos. No conto analisado, a etapa Registro dos Eventos, que tem por função apresentar as ações desenvolvidas pelos Atores na estória, caracteriza-se pelo uso predominante de processos materiais transformativos concretos. Os Atores realizam ações e acontecimentos ao construírem mudança no fluxo dos eventos pelo uso de energia nos processos materiais.

Outro aspecto que se destaca na análise é a ocorrência de sequências com episódio, comentário, reflexão. Os episódios apresentaram uma sequência de eventos esperados, e ocorreram associados à reflexão, que revela os pensamentos dos participantes sobre os significados dos eventos, e ao comentário, que expressa o pensamento do narrador sobre pessoas e atividades. Essa sequência episódio, comentário e reflexão constitui um padrão na estrutura do conto analisado, corroborando assim o propósito do gênero relato pessoal, que é apresentar uma sequência de eventos sem uma ruptura significativa na estória.

REFERÊNCIAS

COUTO, M. Nas águas do tempo. In CEREJA, W. R.; MAGALHÃES, T. C. **Português linguagens**. 9 ed, São Paulo: Saraiva, 2013.

EGGINS, S. **An introduction to systemic functional linguistics**. 2nd. ed. London: Continuum Internaional Publishing Group, 2004.

FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. 2nd. ed. London: Arnold, 1994.

_____. **Language as a social semiotic**: the social interpretation of language and meaning. London: Edward Arnold, 1978.

HALLIDAY, M. A. K; HASAN, R. **Language, context, and text**: aspects of language in a social-semiotic perspective. Series Editor: Frances Christie, Oxford University Press, 1989.

HALLIDAY, M. A. K; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **An introduction to functional grammar**. 3rd. ed. London: Arnold, 2004.

____. **Halliday's Introduction to functional grammar**. 4th. ed. London and New York: Routledge, 2014.

____. Language, register and genre. In **Children writing**: Reader. ECT412. Victoria: Deakin University, 1984.

MARTIN, J. R. **Factual writing: exploring and challenging reality**. Geelong: Deakin University Press, 1985.

____. Grammar meets Genre – Reflections on the 'Sydney School'. **Arts**: the journal of the Sydney University Arts Association. Sydney, v. 22, 2000, p. 47-95.

MARTIN, J.; ROSE, D. **Genre relations**: mapping culture. Londres: Equinox, 2008.

MUNIZ DA SILVA, E. C. Leitura e produção de gêneros textuais na escola. In: SILVA, W. R. et.al. (orgs.). **Pesquisas em língua(gem) e demandas do ensino básico**. Campinas, S. P: Pontes Editora, 2014, p. 233 – 262.

ROSE, D.; MARTIN, J. **Learning to write, Reading to learn**. Genre, knowledge and pedagogy in the Sydney School. Bristol: Equinox, 2012.

ROSE, D. **Reading to learn**: accelerating learning and closing the gap. Sydney: Reading to Learn. 2014. Disponível em: <<http://www.readingtolearn.com.au>> . Acesso em: 6 junho 2016. (Versão impressa: 2013).

THOMPSON, G. **Introduction functional grammar**. 3rd. ed. London and New York: Routledge, 2014.

ANEXO

Etapas	fases	Texto: <i>Nas águas do tempo</i> – Mia Couto
Orientação	cenário	Meu avô, nesses dias, me levava rio abaixo, enfilado em seu pequeno concho.
Registro de Eventos	episódio	Ele remava , devagaroso, somente raspando o remo na correnteza. O barquinho cabecinhava , onda cá, onda lá, parecendo ir mais sozinho que um tronco desabandonado. Nem eu sabia o que ele perseguia . Peixe não era. Porque a rede ficava amolecendo o assento. Garantido era que, chegada a incerta hora, o dia já crepusculando ele me segurava a mão e me puxava para a margem. No entanto, era ele quem me conduzia , um passo à frente de mim.
	descrição	Eu me admirava da sua magreza direita, todo ele musculíneo. O avô era um homem em flagrante infância, sempre arrebatado pela novidade de viver.
	episódio	Entrávamos no barquinho, nossos pés pareciam bater na barriga de um tambor. A canoa solavanqueava , ensonada. Antes de partir , o velho se debruçava sobre um dos lados e recolhia uma aguinha com sua mão em concha. E eu lhe imitava.
	reflexão	- Sempre em favor da água, nunca esqueça!
	comentário	Era sua advertência. Tirar água no sentido contrário ao da corrente pode trazer desgraça. Não se pode contrariar os espíritos que fluem.
	episódio	Depois viajávamos até ao grande lago onde nosso pequeno rio desaguava .
	comentário	Aquele era o lugar das interditas criaturas. Tudo o que ali se exibia , afinal, se inventava de existir. Pois, naquele lugar se perdia a fronteira entre água e terra. Naquelas inquietas calmarias, sobre as águas nenufaralhudas, nós éramos os únicos que preponderávamos. Nosso barquito ficava ali, quieto, sonecendo no suave embalo. O avô, calado, espiava as longinquas margens. Tudo em volta mergulhava em cacimbações, sombras feitas da própria luz, fosse ali a manhã eternamente ensonada. Ficávamos assim, como em reza, tão quietos que parecíamos perfeitos.
Registro de Eventos	episódio	Em casa, minha mãe nos recebia com azedura.
	reflexão	É muito me proibia, nos próximos futuros. Não queria que fôssemos para o lago, temia as ameaças que ali moravam . Primeiro, se zangava com o avô, desconfiando dos seus não-propósitos. [...]
	episódio	[...] Mas depois, já amolecida pela nossa chegada, ela ensaiava a brincadeira: - Ao menos vissem o namwetxo moha! Ainda ganhávamos vantagem de uma boa sorte...
	comentário	O namwetxo moha era o fantasma que surgia à noite, feito só de metades: um olho, uma perna, um braço. Nós éramos miúdos e saíamos, aventureiros, procurando o moha. Mas nunca nos foi visto tal monstro.
	reflexão	Meu avô nos apoucava. Dizia ele que, ainda em juventude, se tinha entrevistado com o tal semifulano. Invenção dele, avisava minha mãe.
	comentário	Mas a nós, miudagens, nem nos passava desejo de duvidar.
	episódio	- Mas vocês vão aonde?
	comentário	Era a aflição de minha mãe. O velho sorria. Os dentes, nele, eram um artigo indefinido. Vovô era dos que se calam por saber e conversam mesmo sem nada falarem.

Registro	episódio	- Voltamos antes de um agorinha, respondia.
	comentário	De repente, meu avô se erguia no concho. Com o balanço quase o barco nos deitava fora. O velho, excitado, acenava . Tirava seu pano vermelho e agitava -o com decisão. A quem acenava ele? Talvez a ninguém. Nunca, nem por instante, vislumbrei por ali alma deste ou de outro mundo. Mas o avô acenava seu pano.
	episódio	- Você não vê lá, na margem? Por trás do cacimbo? Eu não via. Mas ele insistia, desabotoando os nervos. - Não é lá. É lááá. Não vê o pano branco, a dançar-se?
	comentário	Para mim havia era a completa neblina e os receáveis aléns, onde o horizonte se perde. Meu velho, depois, perdia a miragem e se recolhia, encolhido no seu silêncio. E regressávamos , viajando sem companhia de palavra.
	episódio	Certa vez, no lago proibido, eu e vovô aguardávamos o habitual surgimento dos ditos panos. Estávamos na margem onde os verdes se encançam , aflautinados.
	comentário	Dizem: o primeiro homem nasceu de uma dessas canas. O primeiro homem? Para mim não podia haver homem mais antigo que meu avô. Acontece que, dessa vez, me apeteceu espreitar os pântanos. Queria subir à margem, colocar pé em terra não-firme.
	episódio	- Nunca! Nunca faça isso!
	comentário	O ar dele era de maiores gravidades. Eu jamais assistira a um semblante tão bravo em meu velho
	episódio	Desculpe-me: que estava descendo do barco mas era só um pedacito de tempo.
	reflexão	Mas ele ripostou: - Neste lugar não há pedacitos. Todo o tempo, a partir daqui, são eternidades.
	problema	Eu tinha um pé meio-fora do barco, procurando o fundo lodoso da margem. Decidi me equilibrar, busquei chão para assentar o pé. Sucedeu-me então que não encontrei nenhum fundo, minha perna descia engolida pelo abismo. O velho acorreu -me e me puxou . Mas a força que me sugava era maior que o nosso esforço. Com a agitação, o barco virou e fomos dar com as costas posteriores na água. Ficamos assim, lutando dentro do lago, agarrados às abas da canoa.
	episódio	Na tarde seguinte, o avô me levou uma vez mais ao lago. Chegados à beira do poente ele ficou a espreitar. Mas o tempo passou em desabitual demora. O avô se inquietava, erguido na proa do barco, palma da mão apurando as vistas. Do outro lado, havia menos que ninguém. Desta vez, também o avô não via mais que a enevoadá solidão dos pântanos. De súbito, ele interrompeu o nada: - Fique aqui! E saltou para a margem, me roubando o peito no susto. O avô pisava os interditos territórios? Sim, frente ao meu espanto, ele seguia em passo sabido. A canoa ficou balançando , em desequilíbrio com meu peso ímpar.

Registro de Eventos	episódio	De repente, meu avô retirou o seu pano do barco e começou a agitá-lo sobre a cabeça. - Cumprimenta também, você! Olhei a margem e não vi ninguém. Mas obedeci ao avô, acenando sem convicções. Então, deu-se o espantável: subitamente, deixamos de ser puxados para o fundo. O remoinho que nos abismava se desfez em imediata calmaria. Voltamos ao barco e respiramos os alívios gerais. Em silêncio, dividimos o trabalho do regresso. Ao amarrar o barco, o velho me pediu: - Não conte nada o que se passou. Nem a ninguém, ouviu? Presenciei o velho a alongar-se com a discrição de uma nuvem. Até que, entre a neblina, ele se declinou em sonho, na margem da miragem. Fiquei ali, com muito espanto, tremendo de um frio arrepioso. Me recordei de ver uma garça de enorme brancura atravessar o céu. Parecia uma seta trespassando os flancos da tarde, fazendo sangrar todo o firmamento. Foi então que deparei na margem, do outro lado do mundo, o pano branco.
	comentário	Pela primeira vez, eu coincidia com meu avô na visão do pano.
	episódio	Enquanto ainda me duvidava foi surgindo , mesmo ao lado da aparição, o aceno do pano vermelho do meu avô.
	comentário	Fiquei indeciso, barafundido.
Registro de Eventos	episódio	Então, lentamente, tirei a camisa e agitei-a nos ares. E vi: o vermelho do pano dele se branqueando , em desmaio de cor. Meus olhos se neblinaram até que se poentaram as visões.
	reflexão	Nessa noite, ele me explicou suas escondidas razões.
	comentário	Meus ouvidos se arregalavam para lhe decifrar a voz rouca. Nem tudo entendi.
Reorientação	reflexão	No mais ou menos, ele falou assim: - Nós temos olhos que se abrem para dentro, esses que usamos para ver os sonhos. O que acontece, meu filho, é que quase todos estão cegos, deixaram de ver esses outros que nos visitam . Os outros? Sim, esses que nos acenam da outra margem. E assim lhes causamos uma total tristeza. Eu levo-lhe lá nos pântanos para que você aprenda a ver. Não posso ser o último a ser visitado pelos panos. - Me entende?
	comentário	Enquanto remava um demorado regresso, me vinham à lembrança as velhas palavras de meu velho avô: a água e o tempo são irmãos gêmeos, nascidos do mesmo ventre. E eu acabava de descobrir em mim um rio que não haveria nunca de morrer . A esse rio volto agora a conduzir meu filho, lhe ensinando vislumbrar os brancos panos da outra margem.

CAPÍTULO 4

PROCESSOS MENTAIS: UM ESTUDO A PARTIR DE ANÚNCIOS PESSOAIS ELETRÔNICOS

Vitor Hugo Chaves COSTA

INTRODUÇÃO

Para a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), a linguagem é considerada um potencial de significados, sendo que podemos construí-los de três formas, ou seja, interpessoal, textual e ideacionalmente, que correspondem respectivamente às metafunções (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004). Na metafunção ideacional, a oração é concebida como representação, tendo como foco de análise o sistema de transitividade, que estabelece a construção de experiências em termos de processos, participantes e circunstâncias. De acordo com o que representam, os processos são classificados em materiais, mentais, relacionais, comportamentais, verbais e existenciais. Os processos mentais, mais especificamente, são utilizados para expressar nossos desejos, emoções, cognições e percepções (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004).

No presente capítulo, investigamos os processos mentais em anúncios pessoais eletrônicos, que são gêneros discursivos usados em situações nas quais os sujeitos buscam estabelecer relacionamentos amorosos, casuais ou de amizade. Nosso *corpus* de investigação é composto por 240 anúncios pessoais veiculados no portal Viva Anúncios¹, os quais contemplam quatro modalidades de interação, ou seja, homem x mulher (C1)², mulher x homem (C2), mulher x mulher

1 O Viva Anúncios, acessado pelo site www.vivanuncios.com, é um portal gratuito de classificados que apresenta várias seções como agronegócios, imóveis, animais de estimação, empregos, veículos usados e relacionamentos. Em nosso estudo, acessamos somente a seção “Relacionamentos” para obtermos os anúncios pessoais que constituem o *corpus* de pesquisa.

2 A letra C é uma abreviação da palavra “*corpus*”. Nas próximas seções, veremos exemplos como C3#2 e C1#20 em que os números subsequentes correspondem respectivamente à modalidade do *corpus* e à numeração dos anúncios pessoais eletrônicos.

(C3) e homem x homem (C4), sendo 60 anúncios de cada modalidade. Esses tipos de interações envolvem as representações sociais e as ideologias concernentes às sexualidades no contexto cultural brasileiro. Os anúncios entre homens e mulheres são influenciados pelas representações sociais das relações heterossexuais e ideologias heterossexistas. Os anúncios entre pessoas do mesmo sexo, eventos discursivos homoeróticos, por sua vez, enquadram-se na perspectiva *Queer*, que questiona a heteronormatividade patriarcal e as definições fixas das sexualidades.

Para analisar as ocorrências dos processos mentais em nosso *corpus* de pesquisa, usamos a ferramenta *WordSmith Tools 6.0* (SCOTT, 2011) da qual empregamos as ferramentas “*Concord*” e o “*Wordlist*”, a fim de investigar os processos mentais mais frequentes e os contextos léxico-gramaticais em que eles costumam ser utilizados. O presente capítulo está organizado em cinco seções, além da Introdução. A seção seguinte a esta (a segunda) aborda o gênero discursivo anúncio pessoal (AP) eletrônico; a terceira discute os Estudos de Gênero Social e os relacionamentos; a quarta trata dos processos mentais; a quinta seção apresenta a análise dos dados e, por fim, a última seção consiste nas considerações finais do estudo.

O GÊNERO DISCURSO ANÚNCIO PESSOAL (AP) ELETRÔNICO

Na perspectiva de Bakhtin (2004), a linguagem é compreendida como uma prática social, e a verdadeira substância da língua é a interação social. Esse processo interativo é concretizado por meio dos enunciados produzidos pelos sujeitos nas mais variadas esferas sociais. De acordo com esse pensador (2003, p. 112), o enunciado tem a sua estrutura determinada pelo contexto social, isto é, os aspectos estilísticos desse são moldados pelo social: “A estrutura da enunciação e da atividade mental de exprimir são de natureza social. A elaboração estilística da enunciação é de natureza sociológica e a própria cadeia verbal, à qual se reduz em uma última análise a realidade da língua, é social”. Essas ideias podem ser notadas, em especial, nos gêneros discursivos, os quais são tipos de enunciados relativamente estáveis (BAKHTIN, 2003, p. 262).

Os APs eletrônicos, por exemplo, são usados em situações nas quais sujeitos buscam estabelecer uma relação de amizade, amor e/ou sexo com um desconhecido. Pode, assim, ser considerada uma prática discursiva de autopromoção (PRADO; MOTTA-ROTH, 2006). Para alcançar seu objetivo, os anun-

cientes fazem uso de recursos linguísticos variados que servem principalmente para expressar suas atitudes, desejos e emoções. Em outras palavras, os anunciantes caracterizam-se a si mesmos e aos seus parceiros projetados, ao mesmo tempo em que mostram seus desejos e sentimentos. No seguinte anúncio, a ocorrência de processos relacionais e mentais cumpre esse papel.

1) Sou hetero loiro olhos verdes 1,80 alt, 80 kg (nem gordo nem magro) e **quero** relacionamento com mulheres que **saibam** o querem (amizade sempre bem vinda e com afinidades podemos ter tudo!) **Sou** educado bons principios (carater³ personalidade) bom gosto (boa musica boa comida boa cama) boa cultura bom nivel soc econ sem preconceitos(cor religiao e outros) **sou** cristao! **Quero** somente mulheres que me ofereçam aquilo que eu mesmo dou! sou e **gosto** de carinho respeito mutuo(bons princ) **Acredito** em vida (vida soma de momentos- todos passam-entao) e presciso viver bem cada momento! **gosto** de viajar praias... nao meço distancia ou esforços para o que **quero**(querer e poder e eu posso sempre) e **acredito** que impossivel e a moeta a ser conquistada sou real e verdadeiro(mentira de hoje tropeço de amanha) portanto seja bem franca e direta nos seus objetivos **Sou** livre (solt) mas sem preconceitos quanto a outras situacoes! respeito e dou sigilo absoluto Beijos e Sorte a todas!!! Meu nome e Jorge! (C1#16)

Segundo analisarmos esse anúncio pela perspectiva da Linguística Sistemico-Funcional, observaremos que foi utilizado diversas vezes o processo relacional “ser”, que tem como Portador “eu”, que é o anunciante. Já os Atributos utilizados referem-se às características físicas e psicológicas do anunciante, tais como “hetero, loiro, educado, livre, sem preconceito”, dentre outros. Por outro lado, são usados processos mentais, como “querer”, “saber”, “gostar” e “acreditar”, que servem para expressar os desejos, as emoções e as crenças do escritor. Nosso estudo é focalizado, em especial, nessas situações em que os processos mentais estão presentes.

3 Os excertos dos anúncios foram transcritos literalmente. Embora muitas palavras sejam grafadas diferentemente da norma culta, decidimos mantê-las na forma original, uma vez que não estamos preocupados com as suas correções gráficas. Nosso interesse é exclusivamente a utilização dos processos mentais nas orações.

Além da perspectiva de gênero do discurso de Bakhtin, há, no contexto atual, a concepção proposta por Fairclough (2001) na Análise Crítica do Discurso (ACD). Assim como Bakhtin, Fairclough (2001) considera a linguagem como uma prática social, refutando a visão da fala como um elemento puramente individual. Ele também concebe os indivíduos como “sujeitos agentes”, que, por intermédio da linguagem, estabelecem relações de poder, constroem suas identidades e suas realidades políticas, sociais, culturais, econômicas e históricas. Fairclough (2001) reconhece que existe uma relação entre as estruturas sociais e o discurso, ou seja, vários discursos existentes nas esferas sociais são carregados ideologicamente, de maneira que podem reforçar/legitimar ou desafiar/refutar as diferenças sociais, étnicas, de gênero, etc. Por exemplo, nas relações de gênero social, alguns discursos vigentes na escola, na Igreja e no meio político reforçam a dominação masculina.

Uma vez que nosso trabalho envolve os APs eletrônicos, é relevante tecer alguns comentários sobre as relações de gênero masculino e feminino e os tipos de relacionamentos. Com isso, buscamos apresentar o pano de fundo cultural em que são usados os processos mentais.

ESTUDOS DE GÊNERO SOCIAL E RELACIONAMENTOS

Interagimos discursivamente com diversas pessoas, nas mais variadas situações, o que propicia a construção de nossas identidades, sendo um de seus aspectos nossa sexualidade. Em nosso estudo, adotamos uma perspectiva que considera o discurso como um elemento primordial na construção de nossas identidades sexuais. A participação em práticas discursivas como o AP eletrônico, por exemplo, é uma maneira de nos construirmos como sujeitos masculinos, femininos, heterossexuais, homoeróticos ou bissexuais (MOITALOPES, 2003; OLIVEIRA, 2004; PIRES; FERRAZ, 2008). Welzer-Lang (2001) menciona que, fazendo parte de um contexto cultural ocidental, mais especificamente no Brasil, um fator importante que influencia as relações de gênero é a existência de um paradigma naturalista o qual molda as relações entre homens e mulheres, baseando-se numa pseudonatureza superior dos homens e numa visão heterossexualizada do mundo.

Atualmente, o desejo entre pessoas do mesmo sexo é investigado pelos *Estudos Queer*. Esses estudos colocam em questão a heteronormatividade

pratiarcal. O *Queer* se fundamenta em uma epistemologia aberta, a qual repudia as definições fixas sobre as quais se baseia o patriarcado e suas definições de sexualidade. Em nosso estudo, ele se refere aos sujeitos sociais masculinos e femininos envolvidos em práticas homoeróticas discursivas em APs eletrônicos. Como exemplo de anúncio que se enquadra na perspectiva do *Queer*, temos:

2) Sou passivo, não afeminado, 1,70m, 80kg, olhos e cab. cast. curtos, pele branca, corpo liso, @#@#⁴ carnuda, lisa e branquinha, @#@# apertado e uma boca gulosíssima! Muito discreto e liberal. Casado. Adoro realizar os desejos e fantasias do meu parceiro. (C4 #35).

É possível notar que nesse anúncio são utilizados termos que se referem à sexualidade, como “passivo” e “afeminado”; além disso, são usadas expressões com conotação sexual, que remetem diretamente ao corpo, ou seja, “@#@# carnuda”, “@#@# apertado” e “boca gulosíssima”. Afora isso, o prazer sexual é colocado em primeiro plano, diferindo da maioria dos anúncios entre homens e mulheres, que ainda se fundamentam em alguns preceitos ideológicos do patriarcado e do amor romântico.

Partindo da perspectiva cultural, Giddens (1993) afirma que a sexualidade humana é mais bem compreendida caso consideremos o amor e a maneira como os relacionamentos são construídos, e destaca que em específico, uma forma de amor bastante influente no contexto cultural ocidental, que é o amor romântico. Esse tem, como uma de suas características principais, a busca de um envolvimento mais permanente com o objeto do amor. Nessa forma de amor, há uma idealização do ser amado: “O outro, seja quem for, preenche o vazio que o indivíduo sequer necessariamente reconhece - até que a relação seja iniciada. E este vazio tem diretamente a ver com a autoidentidade: em certo sentido, o indivíduo fragmentado torna-se inteiro” (GIDDENS, 1993, p. 55). Isso é atestado no exemplo a seguir:

3) Gostaria de encontrar uma pessoa “COM IDADE ENTRE 49 e 55 ANOS”, simples, romântica, sincera, bem humorado e que não esteja pensando apenas em ter mais uma mulher em sua vida, e sim encontrar alguém para a vida toda. Procuro estabilidade sentimental e familiar e não riquezas materiais e belezas exteriores. O bonito não é absoluto,

4 Utilizamos esses símbolos sempre que são usadas expressões chulas e/ou de baixo calão.

muda com o tempo! Alguém que seja “totalmente livre”, “saiba bem o que quer”. Que tenha o AMOR como prioridade em sua vida (C2#33).

Já o amor confluyente, por sua vez, presume que haja uma igualdade na relação, nas trocas afetivas e no envolvimento emocional (ARAÚJO, 2002; GIDDENS, 1993). Para Araújo (2002), o erotismo está no cerne dos relacionamentos conjugais e transforma a realização de prazer sexual recíproco em um elemento importante na manutenção ou na dissolução dos relacionamentos. Esse tipo de amor apresenta, como uma de suas principais características, o fato de não ser necessariamente heterossexual nem monogâmico, o que pode ser observado nos exemplos a seguir:

4) Quero conhecer pessoas discretas, que queiram ter encontros e tentar experiências diferentes e gostozas. Tenho 22 anos e desejo mulheres de 18 a 30 anos. Cheias de calor e muita sede. Entrem em contato logo, te aguardo. Bjokasss (C3#20)

5) Sou um cara trabalhador não uso drogas nem fumo bebo socialmente e amor mulheres gordas de todos os tamanhos. Gosto de seios grandes e @#@# gg também amo mulher grandona quero fazer amor e realizar as suas fantasias (C1#11)

No exemplo (4), temos um anúncio de uma mulher para outras mulheres. Nesse, a anunciante deixa explícito que o prazer sexual é um fator importante no relacionamento. O segundo anunciante, um homem que escreve para mulheres, também faz o mesmo, porém ele usa termos que se referem ao corpo, como “seios grandes e @#@# gg”.

Abordadas algumas questões relevantes acerca do gênero discursivo AP eletrônico e dos Estudos de Gênero Social e relacionamentos, daremos início à seção que trata dos processos mentais, foco de nossa pesquisa.

PROCESSOS MENTAIS

Os processos mentais (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004) são aqueles que representam as experiências do mundo interior (a consciência), indicando a cognição, o afeto, a percepção e o desejo. As orações mentais servem para construir

a própria consciência do falante, uma vez que elas mudam a percepção que se tem da realidade (FUZER; CABRAL, 2014). Como exemplos de ocorrências de processos mentais, temos as seguintes orações, extraídas de nosso *corpus* de pesquisa:

6) **Gosto** de teatro, shows musicais de estilo, parques e feiras em geral (C1#3).

7) **Quero** uma mulher linda que tenha 20 até 30 anos no máximo sem filhos (C1#57).

8) Bem humorado e que não esteja **pensando** apenas em ter mais uma mulher em sua vida (C2#33).

9) Não me **sinto** bem com homens muito altos (C2#28).

10) Venho alimentando essa mesma fantasia a ponto de me deixar extremamente excitada apenas em **ver** uma mulher bonita passar por mim (C3#21).

11) Que seja casada ou tenha um namorado mas que ele ã **saiba** de nada e que possamos nos tornar grandes amias⁵ (C#27).

12) **Não curto** coroas (C4#44).

13) **Adoro** realizar os desejos fantasias do meu parceiro (C4#36).

Nas orações apresentadas, notamos as ocorrências dos processos mentais “gostar”, “querer”, “pensar”, “sentir”, “ver”, “saber”, “curtir” e “adorar”. Em (6), observamos que o falante, ao utilizar o processo mental “gostar”, expressa sua emoção no que tange às atividades de recreação mencionadas (teatro, shows musicais de estilo, parques e feiras em geral). Já em (7), o anunciante usa o processo mental “querer” para expressar seu desejo de encontrar uma mulher que seja linda, com idade entre 20 e 30 anos e sem filhos. No enunciado (8), a falante utiliza o processo mental “pensar” (na forma negativa), expressando um processo cognitivo de seu parceiro projetado, isto é, não pensar em ter mais uma mulher em sua vida. No ex-

5 Neste enunciado, a palavra “amigas” é grafada como “amias”.

certo (9), por sua vez, o anunciante emprega o processo mental “sentir” e expressa um sentimento que tem quando está acompanhada de homens muito altos. No enunciado (10), a anunciante utiliza o processo mental “ver” com o intuito de falar sobre um processo perceptivo que a deixa excitada: ver uma mulher bonita passar por ela. O enunciado (11) apresenta o processo mental “saber” (forma negativa), referindo-se a um processo cognitivo relacionado com o parceiro da outra mulher com qual ela venha a se envolver, ou seja, é necessário que o marido ou namorado da parceira projetada não saiba do relacionamento entre as duas. Na oração (12), o anunciante usa o processo mental “curtir” (na forma negativa), para dizer que ele não gosta de “coroas”, homens mais velhos. Por fim, (13) tem a presença do processo mental “adorar”, que é utilizado para expressar a emoção do anunciante no que diz respeito a realizar os desejos e fantasias de seu parceiro.

Halliday e Matthiessen (2004) subdividem os processos mentais em quatro categorias: perceptivos, cognitivos, desiderativos e emotivos. Os perceptivos estão relacionados aos sentidos (audição, olfato, visão, etc.); os cognitivos remetem à cognição humana; os desiderativos são ligados aos desejos, às vontades e aos interesses; os emotivos servem para expressar as emoções.

No Quadro 1, baseado em Halliday e Matthiessen (2004, p. 210), apresentamos alguns exemplos de processos mentais.

Quadro 1- Processos mentais

PROCESSOS MENTAIS	EXPRESSAM	EXEMPLOS
Perceptivos	os sentidos	perceber, sentir, ver, ouvir, saborear, escutar e cheirar.
Cognitivos	a cognição	pensar, acreditar, esperar, considerar, conhecer, saber, apreciar, imaginar, pensar, lembrar, esquecer, adivinhar e duvidar.
Desiderativos	os desejos, as vontades e os interesses	querer, desejar, decidir, resolver, concordar e recusar,
Emotivos	as emoções	adorar, gostar, amar, apreciar, curtir, odiar, detestar, abominar e rejeitar.

Fonte: O autor.

Nas orações mentais, os participantes são geralmente seres humanos individuais ou coletivos, os quais, dotados de consciência, passam pela experiência de processos de ordem mental, tais como desejar, pensar, perceber e sentir, chamados de **Experenciadores**. Cabe ressaltar que, em alguns casos, a função de Experenciador pode ser exercida por uma entidade inanimada criada pela consciência humana.

Já o que é pensado, desejado, percebido e sentido é denominado de **Fenômeno**, realizado gramaticalmente por grupos nominais, grupos verbais ou orações inteiras. Os Fenômenos podem ser elementos como fatos, pessoas, objetos, animais e abstrações, dentre outros. Nas orações que seguem, podemos notar a presença dos Experenciadores e dos Fenômenos.

- 14) **Gostaria de conhecer** jovem senhora de 45 a 55 anos (C1#51).

(Eu)	conhecer	jovem senhora de 45 a 55 anos
Experenciador	Processo Mental	Fenômeno

- 15) **Não gosto** de bofinhos e mulheres muito masculinas (C3#44).

(Eu)	Não gosto	de bofinhos e mulheres muito masculinas
Experenciador	Processo Mental	Fenômeno

- 16) **Quero** conhecer caras passivos não afeminados (17) [que **gostem** de usar calcinhas e outras roupinhas de menina] (C4#47).

(Eu)	Quero	conhecer caras passivos não afeminados	[(que) gostem	de usar calcinhas e outras roupinhas de menina]
Experenciador	Processo Mental	Fenômeno	Processo Mental	Fenômeno

Percebemos, nos exemplos apresentados, que os Experenciadores são geralmente representados pelo pronome pessoal “eu”, o que é uma das características marcantes do gênero discursivo anúncio pessoal eletrônico.

Discutidas algumas questões importantes sobre os processos mentais, iniciaremos a seção dos resultados da pesquisa.

RESULTADOS

A partir da aplicação da ferramenta “Wordlist” no C1, (homem e mulher), constatamos que ele é composto de 1.155 palavras. Entre as 300 primeiras palavras, tivemos a ocorrências dos seguintes processos mentais: “gostar”, “querer”, “adorar”, “curtir”, “aguardar”, “esperar”, “acreditar”, “amar”, “buscar”, “achar”, “assistir”, “desejar” e “saber”. No Quadro 2, apresentamos esses processos e suas formas verbais mais frequentes, posição no WordList, número de ocorrências e percentagem.

Quadro 2 - Processos mentais nos anúncios de homens para mulheres

PROCESSOS	FORMAS VERBAIS	POSIÇÃO NA WORDLIST	OCORRÊNCIAS FORMAS VERBAIS	%	TOTAL
GOSTAR	Gosto	16	31	0,76%	44
	Gostaria	89	07	0,17%	
	Goste	114	06	0,15%	
QUERER	Quero	21	28	0,69%	54
	Queira	28	22	0,54%	
	Queiram	180	04	0,10%	
ADORAR	Adoro	61	10	0,24%	10
CURTIR	Curto	83	07	0,17%	07
AGUARDAR	Aguardo	99	06	0,15%	06
ESPERAR	Espero	135	05	0,12%	05
ACREDITAR	Acredito	152	04	0,10%	04
AMAR	Amar	155	04	0,10%	06
	Amo	276	02	0,05%	
BUSCAR	Busco	160	04	0,10%	04
ACHAR	Acho	196	03	0,07%	03

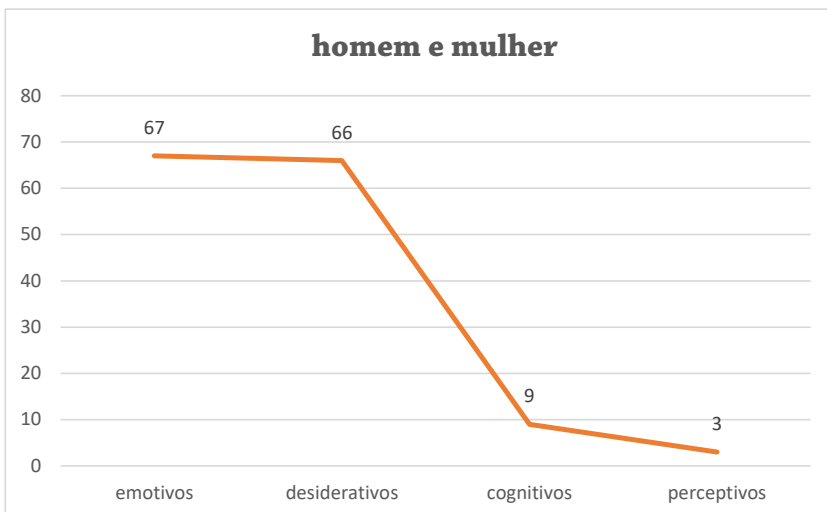
ASSISTIR	Assistir	199	03	0,07%	03
DESEJAR	Desejo	211	03	0,07%	03

Fonte: O autor.

De acordo com o que detectamos, os processos mentais mais frequentes são “querer” (54) e “gostar” (44). Em menor frequência, são usados os processos “adorar” (10) e “curtir” (07), seguidos de “aguardar” (06), “amar” (06) “esperar” (05), “acreditar” (04) e “achar, assistir e desejar” (03).

Tendo como parâmetro as classificações dos processos mentais, propostas por Halliday e Matthiessen (2004), os desiderativos (querer, desejar e buscar) e os emotivos (“gostar”, “adorar”, “curtir” e “amar”) tiveram ocorrências muito aproximadas, ou seja, 66 e 67 respectivamente. Já os cognitivos (“aguardar” e “achar”) tiveram apenas 9 ocorrências. Os perceptivos, por sua vez, ocorreram somente 3 vezes. Os resultados obtidos podem ser visualizados na Figura 1.

Figura 1 - Tipos de processos mentais nos anúncios de homens para mulheres



Fonte: O autor.

O resultado demonstra que, nessa prática discursiva de homens escrevendo para mulheres, o desejo e a emoção são bastante explicitados nos

textos. Dessa forma, é perceptível que o anunciante, ao se representar para convencer o leitor, expressa os seus desejos e suas emoções de modo que seja visto de forma positiva para um relacionamento.

Uma vez que os processos mentais “querer” e “gostar” tiveram grande ocorrência, resolvemos submetê-los à ferramenta Concord, do Wordsmith. A partir de uma análise de cada situação de uso do processo mental “gostar”, pudemos dividir seus Fenômenos em três categorias: **recreativo**, quando o Fenômeno é uma atividade de lazer (ouvir música, dançar, passear, dentre outros); **romântico**, usado nas situações nas quais os Fenômenos se referem aos parceiros projetados empregando uma conotação amorosa ou romântica; **sexual**, nos casos em que os Fenômenos têm conotação erótica ou sexual. Essa classificação em categorias de Fenômenos é relevante, pois nos ajuda a compreender as variações do sentido de “gostar”. Tal parâmetro será adotado na análise dos demais processos mentais, em todas as modalidades de interações.

Na análise das 44 situações de uso do processo mental “gostar”, obtivemos o seguinte resultado para os Fenômenos: 25 ocorrências de recreativo (56,8%), 15 ocorrências de romântico (34,8%) e 4 ocorrências de sexual (9,1%). Com o intuito de ilustrar isso, selecionamos as seguintes passagens:

17) Sou bem eclético **gosto de passear, fazer caminhadas, conversar, shopping, cinema** (comédia romântica, drama, espírita) (C1#05). RECREATIVO

18) **Gosto de mulheres mais novas entre 18 e 25 anos que sajam magras, não tannnnnto!!!** (C 1 #32). ROMÂNTICO

18) **Gosto de @#@# grandes e @#@ gg** também amo mulher grandona quero fazer amor e realizar as suas fantasias (C1#11). SEXUAL

Na análise das situações de uso do processo mental “querer”, obtivemos: 50 românticos (92,5%), 3 sexuais (5,6%) e 1 recreativo (1,9%). Nos trechos a seguir, extraídos de nosso *corpus*, podemos notar a presença dessas modalidades:

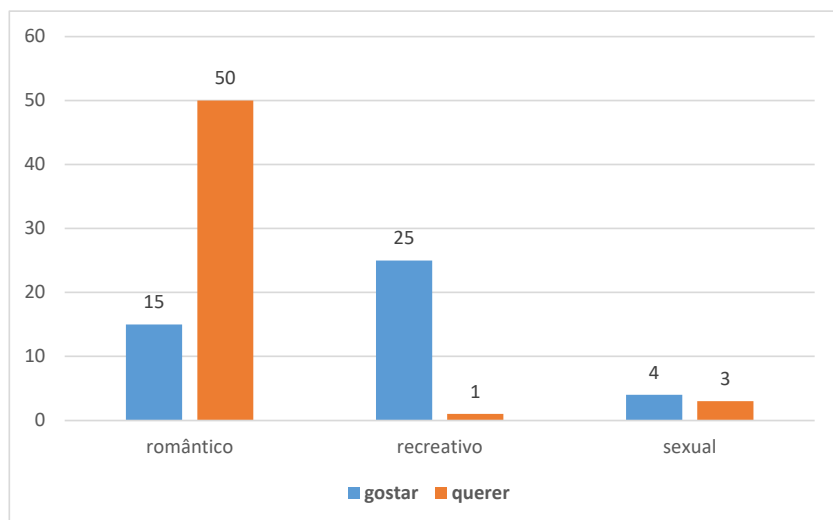
20) Sou um homem de 40 anos em busca de um relacionamento sério, **quero namoro com objetivo de casamento de construir uma vida juntos** (C1#60). ROMÂNTICO

21) **Quero te @#@# muito** e depois te possuir fartamente (C1#07). SEXUAL

22) Queira construir um relacionamento a dois e **queira passeia ir praia cinema etc** (C1#30). RECREATIVO

A partir disso, é possível concluir que o “querer” está mais ligado ao relacionamento amoroso, enquanto o “gostar” está mais relacionado às atividades de lazer. Dessa maneira, ao endereçarem seus anúncios às mulheres, os homens estariam mais interessados em se representarem como pessoas que desejam relacionamentos e gostam de atividades de lazer. Nisso, fica evidente a presença da representação do amor romântico. Esse tipo de amor se baseia no ideal de um relacionamento duradouro, em que os sujeitos querem um relacionamento sério (GIDDENS, 1993; ARAÚJO, 2002). A Figura 2 apresenta os resultados obtidos.

Figura 2 - Processos *gostar* e *querer* nos anúncios de homens para mulheres



Fonte: O autor.

Na aplicação do Wordlist em C2 (mulheres e homens), constatamos que ele apresenta 1.213 palavras. Como aconteceu na análise do C1 (homens e mulheres), os processos mentais encontrados de forma mais frequente foram “gostar” e “querer”. Os demais processos utilizados foram: “amar”, “buscar”, “saber”, “adorar”, “considerar”, “achar” e “curtir”. O Quadro 3 resume os resultados encontrados para cada processo.

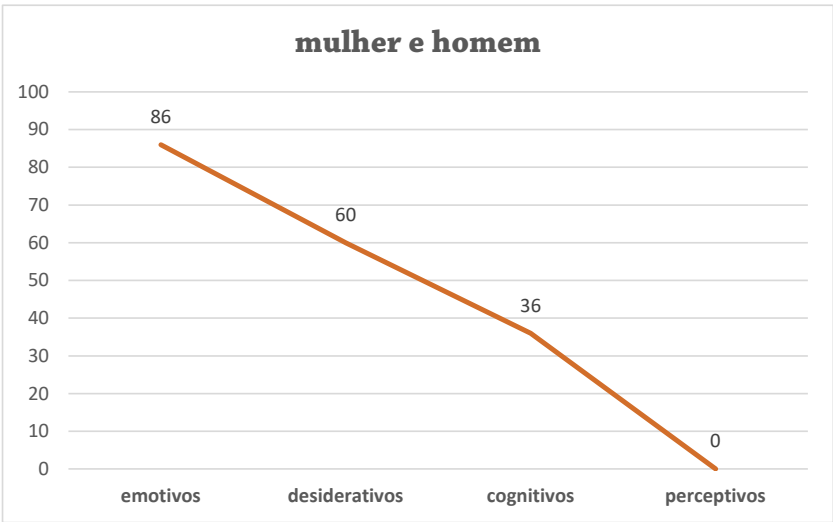
Quadro 3 - Processos mentais nos anúncios de mulheres para homens

PROCESSOS	FORMAS VERBAIS	POSIÇÃO NA WORDLIST	OCORRÊNCIAS FORMAS VERBAIS	%	TOTAL
GOSTAR	Gosto	26	31	0,59	61
	Gostaria	52	16	0,31	
	Goste	58	14	0,27	
QUERER	Quero	24	34	0,65	60
	Queira	64	13	0,25	
	Queiram	297	03	0,06	
ADORAR	Adoro	156	05	0,10	05
CURTIR	Curto	261	03	0,06	03
AGUARDAR	Aguardo	102	08	0,15	08
ESPERAR	Espero	210	07	0,13	07
CONSIDERAR	Considero	202	04	0,08	04
AMAR	Amo	79	10	0,19	17
	Ame	191	04	0,08	
	Amar	246	03	0,06	
BUSCAR	Busco	90	09	0,17	09
ACHAR	Acho	242	03	0,06	03
SABER	Saiba	111	08	0,15	14
	Sabe	153	06	0,11	

Fonte: O autor.

Pela análise dos processos mentais, concluímos que ocorreram mais os emotivos (“amar”, “gostar”, “curtir” e “adorar”), num total de 86 situações, enquanto foi utilizado apenas um desiderativo (“querer”) com 60 ocorrências. Além desses dois processos, foram usados vários cognitivos (“aguardar”, “esperar”, “considerar”, “achar” e “saber”), perfazendo um total de 36 ocorrências. Por outro lado, não houve ocorrência dos perceptivos. Observamos, por meio da Figura 3, tal realidade.

Figura 3 - Tipos de processos mentais nos anúncios de mulheres para homens



Fonte: O autor.

Com base nisso, identificamos que as mulheres, ao tentar persuadir os homens nos APs eletrônicos, representam-se positivamente, de forma que suas emoções sejam valorizadas. Se compararmos com o tipo de interação analisada anteriormente (homem para mulher), podemos deduzir que elas expressam bem mais suas emoções, colocando numa escala menor seus desejos e pensamentos. Os homens, por outro lado, expressam suas emoções e desejos numa escala semelhante, não priorizando seus pensamentos. Uma possível explicação para isso é que o ideal de amor romântico influencia bem mais as mulheres, enquanto os homens se representam e/ou posicionam numa relação de

domínio sobre as mulheres no mundo dos relacionamentos (BOURDIEU, 2005; GIDDENS, 1993; OLIVEIRA, 2004).

Do mesmo modo que os homens, as mulheres utilizaram bastante os processos “gostar” e “querer”. No que concerne ao processo “gostar”, detectamos 60 ocorrências, sendo 41 românticos (66,7%), 19 recreativos (31,7%) e 1 sexual (1,6%) . Um fator a ser destacado é que, na forma verbal “gostaria”, todas as ocorrências remetiam a uma conotação romântica. Essa realidade é ilustrada nos seguintes trechos, extraídos dos APs eletrônicos:

23) Tenho 58 anos, sou viúva, independente do interior de SP, **gostaria de arrumar um companheiro para relacionamento sério de 60 à 75 anos** (C2#15). ROMÂNTICO

24) **Gosto de ouvir musica (menos funk), sair, ir ao cinema, viajar, conversar, estudar cozinhar** (C2#45). RECREATIVO

25) Quero encontrar um homem que alem de esposo , pai e amigo um amante que **goste de sexo e aventuras sem preconceitos** (C2#46). SEXUAL

Na análise dos usos do processo mental “querer”, constatamos que todos os Fenômenos (100%) pertenciam à categoria de “romântico”, reforçando a ideia de que as mulheres se representaram mais com esse perfil. Elas estariam engajadas na propagação do ideal de que todas as pessoas devem buscar ou tentar encontrar sua alma gêmea. Vejamos alguns trechos de anúncios que evidenciam essa tendência de comportamento feminino:

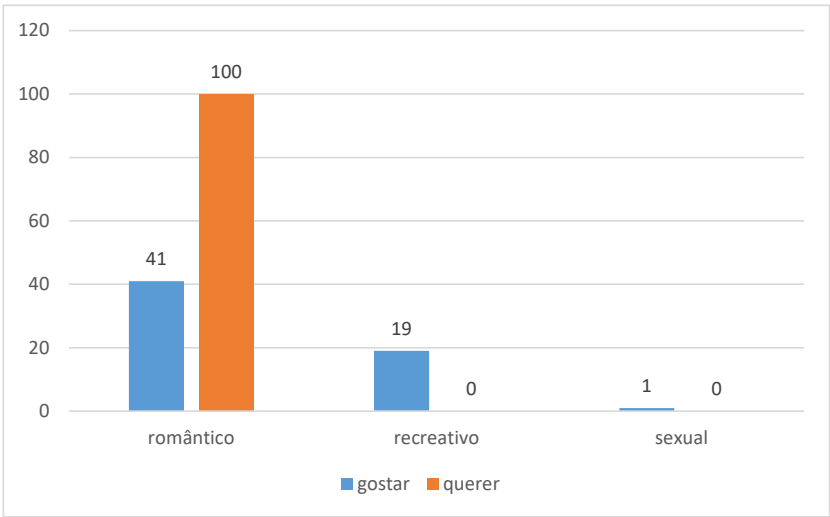
26) Tenho 32 anos solteira com uma filha de 11 anos. **Quero me relacionar com homens sincero educados e que querem ter um relacionamento serio** (C2#47).

27) Não peço que a pessoa seja “perfeita”, pois isso não existe, nem eu sou, mas eu só **quero ser amada** e que o homem que esteja ao meu lado me dê todo amor que houver nessa vida (C2#19).

28) **PROCURO UM HOMEM QUE QUEIRA ALGO SERIO MESMO. QUEIRA SER AMADO** (C2#59).

Ao contrário do que aconteceu em alguns anúncios de homens, não houve menção ao desejo sexual nos anúncios femininos. Acreditamos que isso seja resultante do fato de que a sexualidade feminina foi controlada histórica e culturalmente. Em geral, os sujeitos femininos não tinham o direito de expressar seus desejos sexuais, sendo extremamente discriminadas pela sociedade as mulheres que violavam esse preceito. Isso ainda influencia, de certa forma, os APs eletrônicos das mulheres. Na Figura 4, verificamos as classificações dos fenômenos dos processos “gostar” e “querer”.

Figura 4 - Fenômenos de *gostar* e *querer* em anúncios de mulheres para homens



Fonte: O autor.

A partir da aplicação da ferramenta WordList no C3 (mulher e mulher), constatamos que ele é composto por 948 palavras. Entre as 300 primeiras palavras, os processos mentais mais comuns são: “querer” (49), “adorar” (22), “gostar” (17), “desejar” (09), “aguardar” (06), “ver” (04), “esperar” (04), “aceitar” (04) e “curtir” (03). No Quadro 4, apresentamos os resultados encontrados para cada processo.

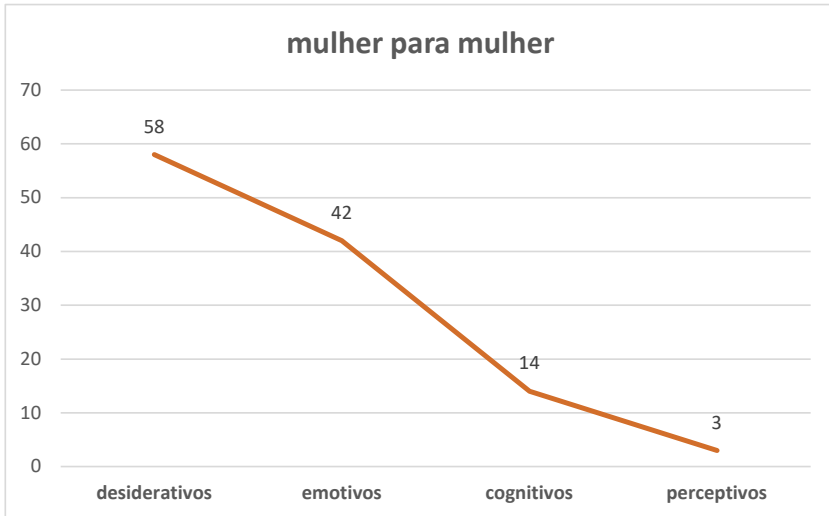
Quadro 4 - Processos mentais nos anúncios de mulheres para mulheres

PROCESSOS	FORMAS VERBAIS	POSIÇÃO NA WORDLIST	OCORRÊNCIAS FORMAS VERBAIS	%	TOTAL
GOSTAR	Gosto	36	15	0,42	17
	Gostem	296	02	0,06	
QUERER	Quero	14	41	1,16	49
	Querer	222	03	0,08	
	Queira	130	05	0,14	
ADORAR	Adoro	31	17	0,48	22
	Adoraria	171	03	0,08	
	Adorar	238	02	0,06	
CURTIR	Curtir	191	03	0,08	03
AGUARDAR	Aguardo	84	06	0,17	06
ESPERAR	Espero	144	04	0,11	04
ACEITAR	Aceito	111	04	0,11	04
DESEJAR	Desejo	56	09	0,26	09
VER	Ver	166	04	0,11	04

Fonte: O autor.

De acordo com a classificação dos processos mentais, tivemos 14 ocorrências de cognitivos (“aguardar”, “esperar” e “aceitar”), 58 ocorrências de desiderativos (“querer” e “desejar”), 42 ocorrências de emotivos (“gostar”, “adorar” e “curtir”) e apenas 3 ocorrências de perceptivos (03). Isso significa que as mulheres, ao se representarem para outras mulheres, priorizam seus desejos. Na Figura 5, visualizamos o número de ocorrências de cada tipo de processo mental.

Figura 5 - Tipos de processos mentais nos anúncios de mulheres para mulheres



Fonte: O autor.

Os processos mentais que mais ocorreram, nesses anúncios, foram “querer” e “adorar”, diferindo em relação aos arquivos anteriores, os quais apresentavam mais “gostar” e “querer”. Antes de explorarmos “adorar”, analisamos “gostar” e “querer”, classificando seus Fenômenos em recreativos, românticos e sexuais. No que concerne ao processo “gostar”, tivemos o seguinte resultado: 06 românticos (35%), 09 sexuais (52%) e 2 recreativos (13%). São exemplos disso:

29) Eu **gosto de cinema, ler, desenhar**, e curtir as coisas simples da vida (C3#14). RECREATIVO

30) Gostaria de encontrar uma Mulher Bi ativa que saiba e **goste de @##@# uma @##@#, raspadinha e cheirosinha**. (C3# 29). SEXUAL

31) Sou discreta, e **gosto de pessoas discretas** (C3#56). ROMÂNTICO

Se compararmos com os resultados anteriores, houve maior frequência dos sexuais, ou seja, as mulheres, ao se representarem para outras mulheres, expressam suas emoções especialmente no que se refere ao ato sexual.

O processo mental “querer”, por sua vez, apresentou 8 ocorrências de cunho sexual (16%) e 42 românticos (84%), o que demonstra que o desejo está ligado ao relacionamento. Porém, em comparação com os demais tipos de relacionamentos (homem x mulher e mulher x homem), notamos que esse desejo também remete mais ao sexual. Ilustram isso os seguintes anúncios pessoais:

32) Praticar sexo com mulheres, nada de namoro **quero sexo e muuuuít** (C3 #03). SEXUAL

33) **Quero namoro serio** estou muito carente quero amor de 19 a 38 anos que seja morena ou loura de cabelos longos e que seja de fortaleza e que nao fume e que seja carinhosa (C3#26). ROMÂNTICO

Como houve grande ocorrência do processo mental “adorar” na análise dos Fenômenos que o contemplam, identificamos a presença de conotação sexual, sendo 14 ocorrências (63,7%). Para os demais, foram 6 românticos (27,3%) e apenas 2 recreativos (9%). Os exemplos a seguir demonstram as ocorrências do processo mental “adorar”:

34) Sou lesbica ativa que **adoro uma boa sacanagem** e estou procurando mulher que seja lésbica, e que **adore @#@#**, tenho um maior tesão por esse tipo de mulher que gosta de @#@# (C3#31). SEXUAL

35) Sou CO Piloto em uma empresa aérea, **adoro viajar** e procuro alguém para dividir comigo bons momentos (C3#12). RECREATIVO

36) **Adoro pessoas românticas** e que acreditem que podem viver e compartilhar um Grande amor (C3#22). ROMÂNTICO

Ao se compararem as ocorrências de “adorar” com as dos anúncios de homem para mulher e de mulher para homem, constatamos que esse processo foi menos utilizado, não apresentando conotação sexual. Nos APs eletrônicos de homens para mulheres, foram 10 ocorrências, sendo 6 recreativos (60%) e 4 românticos (40%). Já nos anúncios de mulheres para homens,

foram apenas 5 ocorrências, com apenas 1 romântico (20%) e 4 recreativos (80%). É perceptível isso nos anúncios que seguem:

37) **Adoro uma mulher vaidosa**, se puder enviar uma foto é melhor para um primeiro contato, o restante sobre eu conversaremos depois...obrigado (C1#01). ROMÂNTICO

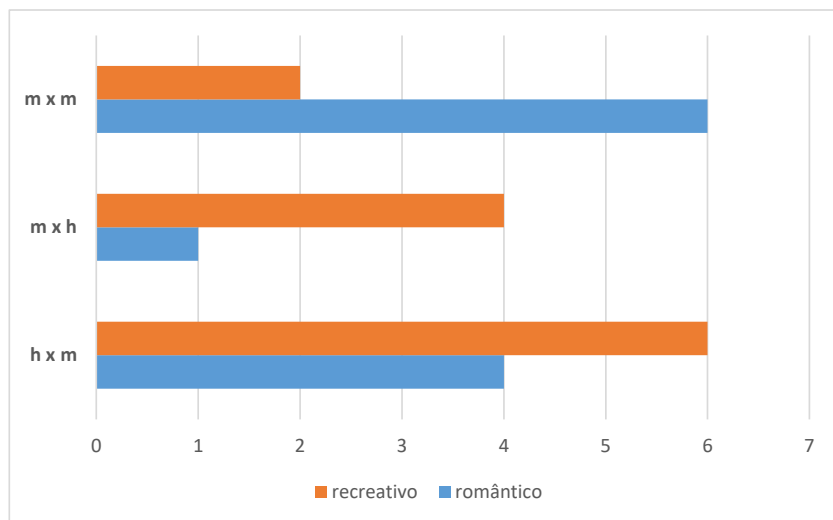
38) **Adoro também ficar em casa** curtindo programinhas a dois assistir filme juntos em baixo das cobertas comendo pipocas, ler um bom livro (C1#05). RECREATIVO

39) Sou uma mulher de paz de espírito e bem resolvida emocionalmente sou uma pessoa simples e adoro a simplicidade nas pessoas **adoro a natureza** (C2#20). RECREATIVO

40) **Adoro ir a Teatro/Cine, Restaurantes, Shows** (não sou fã de balada) (C2#35). RECREATIVO

Para melhor visualizarmos o contraste em relação às ocorrências dos tipos de Fenômenos do processo mental “adorar”, apresentamos a Figura 6.

Figura 6 - Fenômenos de *adorar* nos anúncios de h/m, m/h e m/m



Fonte: O autor.

Não devemos esquecer que, nos exemplos apresentados, as anunciantes fazem parte do *Queer*, pois o relacionamento entre duas mulheres é um fato que desafia o heterossexismo dominante. Foster (1999) afirma que o material, o corporal e a reivindicação de novas zonas de prazer constituem um dos princípios mais notoriamente paradigmáticos do *Queer*. A prioridade em referência ao corpo representa uma ênfase no prazer erótico e um enfrentamento das tradições sociais que os repudiam. Isso pode ser uma das razões pelas quais nos anúncios de mulheres para mulheres apareçam algumas expressões com conotação sexual.

Aplicando WordList a C4 (homens e homens), composto por 1.200 palavras, identificamos que os processos mentais encontrados de forma mais frequente foram: “querer” (45), “gostar” (17), “adorar” (15) e “curtir” (15), conforme demonstra o Quadro 5.

Quadro 5 - Processos mentais nos anúncios de homens para homens

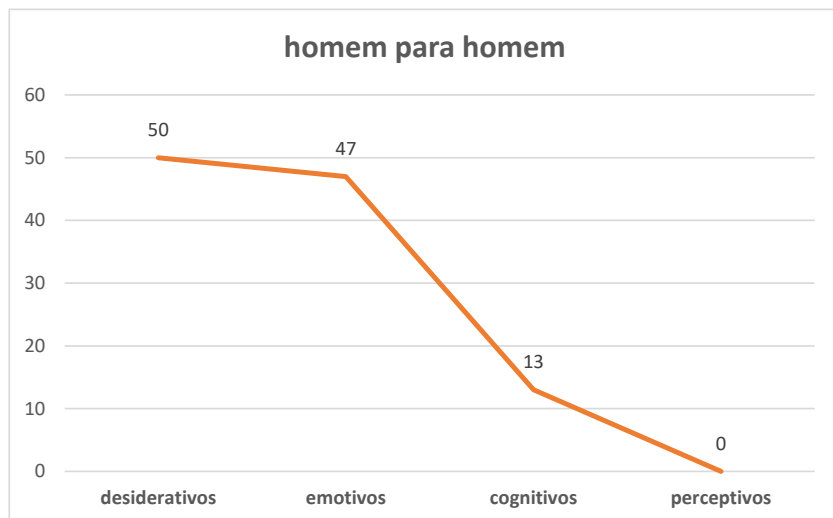
PROCESSOS	FORMAS VERBAIS	POSIÇÃO NA WORDLIST	OCORRÊNCIAS FORMAS VERBAIS	%	TOTAL
GOSTAR	Gosto	83	09	0,20	17
	Goste	163	05	0,11	
	Gostaria	254	03	0,07	
QUERER	Quero	27	27	0,60	45
	Queira	74	10	0,22	
	Quer	108	08	0,18	
ADORAR	Adoro	45	15	0,33	15
CURTIR	Curto	46	15	0,33	15
AGUARDAR	Aguardo	48	13	0,29	13
BUSCAR	Busco	150	05	0,11	05

Fonte: O autor.

Tendo como base a classificação dos processos mentais, identificamos que houve 50 desiderativos (“querer” e “buscar”), 47 emotivos e 13 cognitivos. Segundo observamos, o desejo e a emoção prevaleceram quando os

homens se representam para outros homens. A Figura 7 demonstra o número de ocorrências em forma de gráfico.

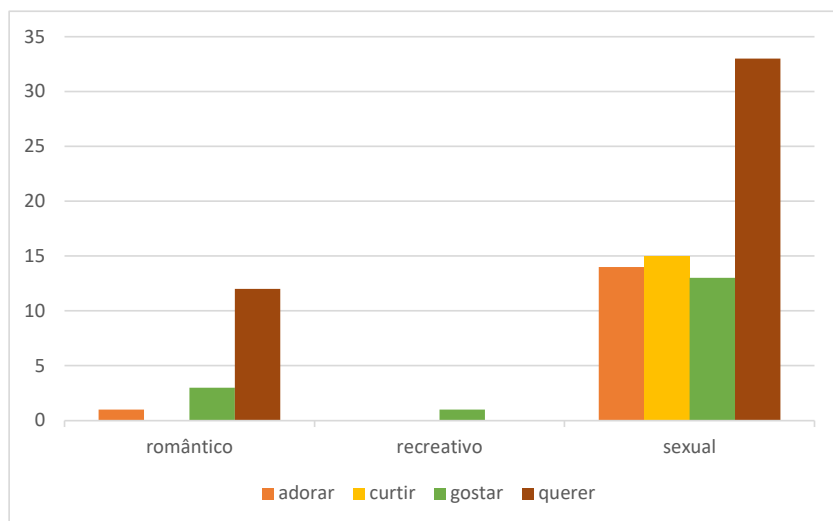
Figura 7 - Tipos de processos mentais nos anúncios de homens para homens



Fonte: O autor.

Uma vez que foram mais frequentes os processos mentais “querer”, “gostar”, “adorar” e “curtir”, realizamos, em cada um deles, as classificações dos Fenômenos. Em todos esses processos, houve predomínio de Fenômenos com conotação sexual. O processo mental “querer”, que tem 45 ocorrências, obteve 33 sexuais (73,3%), 12 românticos (26,7%) e nenhum recreativo. O processo mental “gostar” com 17 ocorrências, por sua vez, teve 13 sexuais (76,5%), 3 românticos (17,7%) e 1 recreativo (5,8%). No processo mental “adorar”, o qual também teve grande frequência nos anúncios de mulheres para mulheres, novamente prevaleceu a conotação sexual dos Fenômenos, ou seja, 14 sexuais (92,9%) e apenas 1 romântico (7,1%). Por fim, o “curtir” foi totalmente sexual (100%). A Figura 8 apresenta os quatro processos mentais mais recorrentes.

Figura 8 - Processos *adorar*, *curtir*, *gostar* e *querer* nos anúncios de homens para homens



Fonte: O autor.

Cabe ressaltar que o processo mental “curtir” foi utilizado nos demais tipos de relações. Nos anúncios de homens para mulheres, tivemos apenas uma ocorrência com Fenômeno recreativo e, nos anúncios de mulheres para mulheres, houve uma ocorrência, mas com conotação sexual. Por outro lado, ao escreverem para os homens, as mulheres não usaram tal processo mental. Apresentamos alguns exemplos das ocorrências dos processos mentais mais recorrentes:

41) **Gosto de música clássica, MPB e samba.** Sou frequentador assíduo do Palácio das Artes e da maioria dos eventos culturais de Belo Horizonte (C4#21). RECREATIVO

42) **Gosto muito de sexo @#@#**,encontros deven ser no horario comercial. (C4#15). SEXUAL

43) **Gostaria de conhecer um cara, serio, trabalhador, nao afeminado** afim de um relacionamento ou mesmo uma amizade colorida (C4#09). ROMÂNTICO

44) Sou casado, mas **curto uma transa com caras ativos que sejam bem @#@# e bem @#@#, de qualquer idade** (C4#33).
SEXUAL

45) **Adoro @#@# ativo e passivo** e amo @#@# ativo (C4#45).
SEXUAL

46) **Adoro estar ao lado do companheiro**, sou dedicado, inteligente, amoroso, fiél e carinhoso (C4 #40). ROMÂNTICO

47) **Quero ter alguém pra dividir meus sonhos e lagrimas** (C4#46). ROMÂNTICO

48) **Quero @#@# e @#@# sem frescura** até vc @#@ (C4#24).
SEXUAL

Conforme mencionamos anteriormente e podemos observar na Figura 8, a maioria dos Fenômenos teve conotação sexual. Isso pode ser explicado por dois fatores: tratarem-se de relações ligadas ao Queer e serem totalmente masculinas. No que diz respeito a pertencer ao Queer, afirmamos que é característico desse tipo de relação dar ênfase ao corporal e ao prazer sexual (FOSTER, 1999; LOURO, 2004). Isso seria uma forma de repúdio à opressão que os homoeróticos recebem por parte do heterossexismo e da masculinidade dominante. Sobre ser uma relação estritamente masculina, podemos notar a influência de um dos aspectos ligados à representação da masculinidade em nosso contexto cultural: o desejo sexual natural (MOITA-LOPES, 2003). Muitas pessoas acreditam que os homens apresentam um desejo enorme de fazer sexo, o que faz parte de sua natureza. Nesse sentido, eles jamais devem perder as chances de ter relações sexuais com as mulheres. Se pensarmos numa relação de homens com homens, a expressão desse desejo se torna bem mais direta por ser considerada normal entre sujeitos masculinos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho, realizamos uma investigação sobre os processos mentais em APs eletrônicos, considerando as quatro modalidades de

interação (homem x mulher, mulher x homem, mulher x mulher; homem x homem). Em cada uma das situações interativas, identificamos os processos mentais mais frequentes e seus Fenômenos, que foram divididos em três categorias (recreativo, romântico e sexual).

Nos anúncios de homens para mulheres, observamos maior ocorrência dos processos mentais “gostar” e “querer”, o que atesta maior influência do desejo e da emoção na representação dos anunciantes. Com relação aos Fenômenos, os do “gostar” foram mais recreativos, enquanto os do “querer” foram mais românticos. Com isso, foi constatado que a representação de amor romântico estaria influenciando o sentido do “gostar”.

Os anúncios de mulheres para homens, por outro lado, apresentaram mais os processos mentais emotivos do que os desiderativos, evidenciando que as mulheres estavam priorizando mais a emoção em seus anúncios. Como aconteceu nos anúncios dos homens, as mulheres igualmente utilizaram mais os processos mentais “gostar” e “querer”. Porém, nos dois processos, os Fenômenos românticos foram mais frequentes. A partir disso, podemos concluir que o sentido do processo mental “gostar” usado pelas mulheres difere em relação ao que os homens empregaram. No caso delas, seria mais influenciado pela representação de amor romântico.

Nos anúncios de mulheres para mulheres, os processos mentais emotivos foram bem mais recorrentes que os desiderativos e cognitivos, evidenciando a ênfase nas emoções em detrimento dos desejos, como ocorreu na situação das mulheres para os homens. Os processos mais utilizados foram “querer”, “adorar” e “gostar”. Percebemos que “gostar” teve conotação mais sexual, diferindo dos tipos de interações mencionadas anteriormente; “querer” foi mais romântico, como já havia ocorrido dos anúncios de homens para mulheres e de mulheres para homens. “Adorar”, por sua vez, apresentou também conotação sexual maior quando comparado com as outras modalidades de interação, as quais tiveram Fenômenos mais recreativos. O uso da conotação sexual em “querer” e “adorar” deve-se ao fato de ser uma relação pautada no *Queer*.

Nos anúncios de homens para homens, foi perceptível a ocorrência semelhante entre os processos emotivos e desiderativos, como aconteceu nos anúncios de homens para mulheres. Os processos mais frequentes foram “adorar”, “curtir”, “gostar” e “querer”, com forte conotação sexual em todos. Nesse caso, podemos dizer que houve pouquíssima influência do amor romântico, en-

quanto que o *Queer* e a representação da masculinidade foram mais comuns.

Enfim, concluímos que o uso dos processos mentais, em APs eletrônicos, é fortemente influenciado pelas representações de sexualidade e relacionamentos, uma vez que a expressão dos desejos, emoções e pensamentos remetem diretamente a elas. Com isso, seria interessante que, em outros estudos, fossem mais explorados tais processos, para compreendermos a dinâmica das construções discursivas das sexualidades e dos relacionamentos.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, M.F. Amor sexualidade, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 22. n.2, 2002.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: UNB, 2001.

FOSTER, D. **Producción cultural e identidades homoeróticas**: teoria y aplicaciones. San José: Editorial de la Universidade de Costa Rica, 1999.

FUZER, C.; CABRAL, S.R.S. **Introdução à linguística sistêmico-funcional em língua portuguesa**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: UNESP, 1993.

HALLIDAY, M.; MATTHIESSEN C. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 2004.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho**: ensaios sobre a sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MOITA-LOPES, L. P. **Discursos de identidades**. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

OLIVEIRA, P. P. **A construção social da masculinidade**. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

PIRES, V. L.; FERRAZ, M. Do machismo ao masculismo: o vínculo das relações de gênero transformou o homem. In: GHILARDI-LUCERNA, M.; OLIVEIRA (orgs). **Representações do masculino**: mídia, literatura e sociedade. Campinas, SP: Alínea, 2008.

PRADO, L. L.; MOTTA-ROTH, D. Commodificação e homoerotismo. In: HEBERLE, V. M.; OSTERMANN, A. C.; FIGUEIREDO, D. C. (orgs). **Linguagem e gênero**: no trabalho, na mídia e em outros contextos. Florianópolis: UFSC, 2006.

SCOTT, M. **WordSmith Tools 6.0**. Oxford: Oxford University Press, 2011.

WELZER-LANG, D. A. Construção do masculino: a dominação das mulheres e homofobia. **Estudos Feministas**, ano 9, v.2, 2001.

CAPÍTULO 5

¿QUÉ SON Y QUÉ SIGNIFICAN LOS PROCESOS RELACIONALES?

Diana Cecilia Avila GARCÍA

Jorge Mizuno HAYDAR

Margaret Gillian MOSS

INTRODUCCIÓN

Este capítulo hace referencia a los procesos de ser, estar y tener, conocidos en la tradición de la Lingüística Sistémico-funcional (LSF) como procesos relacionales. Explicaremos cómo los textos escolares de Ciencias Sociales y Ciencias Naturales utilizan este tipo de procesos y las implicaciones ideológicas de esta forma de representar el mundo tanto social como natural. Los ejemplos que utilizamos para ilustrar estas explicaciones son tomados de un *corpus*, recogido a lo largo de veinte años de investigación (BARLETTA; CHAMORRO, 2011) en torno al lenguaje presente en los manuales de Ciencias Sociales y Ciencias Naturales utilizados en los colegios colombianos, y que consiste en extractos de 10 manuales, 4 de Ciencias Naturales y 6 de Ciencias Sociales.

En primer lugar, ofrecemos una breve explicación de las tres metafunciones del lenguaje y los tipos de procesos planteados por la teoría LSF. Luego pasamos a describir los procesos relacionales, haciendo énfasis en las características que permiten clasificar los procesos, en primera instancia, como relacionales y luego, dentro de la categoría relacional, como atributivos o identificadores. Al mismo tiempo, especificamos los participantes asociados con estos procesos con sus respectivos ejemplos. Seguidamente, pasamos a considerar las implicaciones del uso en un texto de un alto porcentaje de procesos de este tipo, en términos de la visión estática que se ofrece de la realidad tanto natural como social. Asimismo, proponemos una interpretación del significado que tiene la escogencia de diversos tipos de entidad para cumplir cada función participante. Finalizamos con un planteamiento con respecto

a la importancia de la labor del docente en la enseñanza del manejo de este aspecto del discurso de los textos escolares.

LAS METAFUNCIONES

El modelo LSF interpreta el lenguaje desde múltiples perspectivas que se complementan para proveer una visión global de los fenómenos lingüísticos. Una de las complementariedades básicas es la de las tres metafunciones; la idea de que el lenguaje es un recurso para combinar tres tipos diferentes de significado en cada acto de comunicación: significados ideacionales, interpersonales y textuales.

Los significados ideacionales tienen que ver con la construcción de la experiencia: qué ocurre, quién hace qué y a quién, dónde, cuándo, cómo y por qué. El sistema lingüístico que le da forma a los significados ideacionales es la transitividad, la cual nos sirve para representar nuestra interpretación de lo que existe y ocurre en el mundo, incluyendo nuestro mundo interior. Dicha representación se basa en un principio general para modelar la experiencia: que la realidad es conformada por procesos. Según Halliday (2004, p. 170), nuestra impresión más fuerte de la experiencia es que la conforman sucesos de varios tipos: ocurrir, hacer, sentir, significar, ser y devenir. La cláusula, con sus elementos básicos - procesos, participantes y circunstancias - nos permite ordenar la variación infinita del flujo de eventos. En términos gramaticales, lo más frecuente es que los procesos sean realizados¹ por verbos, los participantes por grupos nominales y las circunstancias por expresiones adverbiales; sin embargo, es posible encontrar muchas variaciones en esta conformación. Por lo tanto, es importante tener en cuenta que los términos **proceso**, **participante** y **circunstancia** se refieren a categorías funcionales, no gramaticales.

Los significados interpersonales tienen que ver con las relaciones sociales: cómo interactúan las personas y qué sentimientos y puntos de vista intentan compartir. Sus sistemas principales son la modalidad, que define el tipo de intercambio (solicitud de información o pregunta, oferta de informa-

1 En la terminología de la LSF, “realizar” significa darle a una función, que es abstracta, una expresión concreta que le da forma y contenido específicos. Por ejemplo, en la cláusula “El niño tiene un libro de historia”, la función del proceso relacional es realizada por el verbo léxico “tener” y las funciones de los participantes son realizadas por los grupos nominales “el niño” y “un libro de historia”.

ción o afirmación, solicitud de servicios u oferta de servicios) y la valoración, que expresa actitudes y grados de compromiso con lo expresado.

Los recursos de la metafunción textual tienen que ver con el flujo de la información: cómo los significados ideacionales e interpersonales se distribuyen en un texto y cómo se relacionan con otras modalidades de comunicación como la música y las imágenes. Los recursos de la metafunción textual son, principalmente, la distribución de Tema y Rema en la oración y los diversos elementos cohesivos, tanto léxicos como gramaticales.

Es importante recordar que estas tres metafunciones no son alternativas sino que ocurren simultáneamente en cada acto comunicativo.

LOS TIPOS DE PROCESOS

Los tres tipos principales de procesos representan diversos aspectos de la experiencia de la siguiente manera:

- la experiencia externa: procesos materiales (suceder y actuar)
- la experiencia interna: procesos mentales (sentir y pensar)
- la clasificación e identificación: procesos relacionales (ser, estar y tener)

Otros tipos menos frecuentes de proceso representan:

- la manifestación externa de funciones internas: los procesos conductuales (por ejemplo, llorar, sonreír)
- la representación lingüística de relaciones simbólicas: los procesos verbales (por ejemplo, decir, significar)
- la existencia de un fenómeno: los procesos existenciales (hay, existen) (HALLIDAY, 2004, p. 171).

Los procesos relacionales

Los procesos relacionales son aquellos que representan la experiencia en términos de ser, estar y tener en vez de hacer o sentir. Se trata de procesos que no implican acción; es decir, ocurren sin insumo de energía y sin etapas observables. Como el proceso relacional establece una relación, necesariamente debe haber dos participantes de los cuales uno puede ser una propiedad en vez de ser una cosa, acción o hecho; estos participantes llevan la carga semántica

de la cláusula mientras que el proceso constituye un vínculo general. De esta manera, se puede identificar los procesos relacionales de la siguiente manera:

- Existen dos participantes que se relacionan sin afectarse mutuamente;
- El proceso no implica acción ni etapas.

Existen dos clases principales de proceso relacional con funciones diferentes: el proceso relacional atributivo que asigna un fenómeno a una clase o describe una característica del mismo; y el proceso relacional identificador que le asigna una identidad o definición a un fenómeno (HALLIDAY, 2004, p. 214). A continuación veamos con más detenimiento estos tipos de procesos.

El proceso relacional atributivo

Este tipo de proceso se utiliza primordialmente en la descripción de personas, objetos, eventos, abstracciones, o procesos o propiedades nominalizados. A estos fenómenos se les asigna una característica, una posesión o una circunstancia (localización, extensión, causa, manera, papel, acompañamiento, contingencia, asunto, punto de vista (HALLIDAY, 2004, p. 240). En el análisis, al fenómeno descrito se le llama Portador y a la característica, posesión o circunstancia, se le llama Atributo. Por ejemplo:

(1) En 1820, solo el 3% de las tierras estaban sin cercar. (Hipertexto sociales 8, 13.2)²

(2) [El agua] cubre cerca del 71% de su superficie. (Inteligencia Científica, 130.1)

En el ejemplo (1), el verbo ‘estar’ realiza el proceso relacional atributivo, ‘el 3% de las tierras’ es el fenómeno descrito o Portador y ‘sin cercar’ es la característica o Atributo. En el ejemplo (2), ‘cubre’ es el proceso relacional atributivo, ‘el agua’ es el Portador y ‘cerca del 71% de su superficie’ el Atributo (circunstancia de extensión).

En algunos casos, encontramos que el Atributo no se expresa de forma independiente sino que está integrado en el sentido del proceso, lo que

² En los ejemplos, la información de la referencia se refiere al título del manual, el número de la página y el número del párrafo. Por ejemplo 13.2 significa página 13, párrafo 2.

Halliday (2004, p. 222) denomina “proceso cualitativo”. En (3) y (4), se presentan ejemplos de procesos relacionales cualitativos.

(3) Con la Ley de Cercamientos de 1727, se legalizaron estas apropiaciones. (Hipertexto sociales 8, 13.2)

(4) (...) hay zonas como los desiertos donde este recurso escasea. (Inteligencia Científica, 130-2)

En el ejemplo [3], el verbo ‘legalizarse’ realiza tanto el proceso relacional como el Atributo ya que su significado es ‘hacer legal’ y en el (4), ‘escasear’ también realiza tanto proceso como Atributo en el sentido de ‘hacerse escaso’.

Con mucha frecuencia, cuando el proceso relacional atributivo es de tipo cualitativo, viene asociado con un tercer participante, conocido como Atribuidor (HALLIDAY, 2004, p. 237); es decir, la entidad que asigna la relación de atribución, como se ve en el ejemplo (5):

(5) Este período se basó en la industria del algodón, la cual creció y dinamizó toda la economía británica. (Hipertexto sociales 8, 16.2)

En este caso, “la industria del algodón” le otorga a la economía británica la característica de dinámica. La relación establecida por el proceso relacional es entre la economía británica (Portador) y el Atributo “dinámica”; la industria del algodón es la que crea las condiciones para que se dé dicha relación. Para identificar los procesos relacionales atributivos, sugerimos tener en cuenta lo siguiente:

- Para cada cláusula, establecer cuál es el proceso;
- Analizar el significado del proceso en el contexto de la cláusula;
- Identificar los dos participantes
- Identificar el tipo de relación que los vincula.

Ilustramos lo anterior con el siguiente ejemplo:

(6) Los primeros avances técnicos fueron sencillos y baratos. (Hipertexto sociales 8, 15.1)

- El proceso: ‘fueron’
- Significado del proceso en el contexto: asigna características

- Participantes: ‘los primeros avances técnicos’ y ‘sencillos y baratos’;
- Relación entre ellos: atribución.

En esta cláusula, encontramos un ejemplo de la diferencia entre el verbo léxico y el proceso. El verbo ‘fueron’ puede tener diversos significados y realizar diferentes tipos de proceso, de acuerdo con su contexto. Por ejemplo, en (7), realiza un proceso material:

(7) Diez millones de trabajadores fueron a la huelga. (Cuarto poder, 29 de septiembre de 2010)

Y en (8) es un verbo auxiliar que forma parte de un proceso material realizado por el verbo ‘explotar’.

(8) [G]randes masas de obreros o trabajadores de la industria ... fueron explotados por los dueños de las fábricas. (Milenio 8, 39.1)

En el ejemplo (9), ‘fueron’ realiza un proceso relacional, pero en este caso es de tipo identificador porque establece una relación de equivalencia entre los dos participantes como se explicará abajo:

(9) ¿Cuáles fueron los factores que impulsaron la industria? (Milenio 8, 37.3)

De esta manera, podemos ver que un mismo verbo léxico puede realizar diferentes tipos de proceso, dependiendo del contexto de la cláusula en la que se encuentra.

El proceso relacional identificador

Este tipo de proceso sirve para identificar o definir fenómenos particulares. Indica una equivalencia entre las dos partes de una relación. En los textos escolares de Ciencias Naturales, se utiliza sobre todo para definir términos, especificar funciones, establecer taxonomías o composición de los fenómenos naturales:

(10) La densidad de una sustancia es la masa por la unidad de volumen de dicha sustancia. (Definición) (Inteligencia Científica, 148.2e)

(11) La tensión superficial es responsable de la resistencia que un líquido presenta a la penetración de su superficie. (Función) (Inteligencia Científica, 157.2)

(12) Los fluidos pueden ser líquidos o gases. (Taxonomía) (Inteligencia Científica, 151 diagrama)

(13) El aire de nuestra atmósfera está compuesto principalmente por nitrógeno y oxígeno gaseoso. (Definición por enumeración de partes) (Inteligencia Científica, 136.1)

En los textos escolares de Ciencias Sociales sus usos tienen que ver con la identificación de roles y funciones de individuos, grupos sociales, países o entidades así como también la conformación de los mismos.

(14) ¿Tienes idea de quiénes eran los agresores y quiénes los agredidos? (Identificación) (Ciencias Sociales, 120.2)

(15) Para el siglo XVIII, Gran Bretaña comprendía los reinos de Inglaterra, Irlanda y Escocia que se unió en 1707. (Definición por enumeración de partes) (Hipertexto sociales 8, 12.4)

En los procesos relacionales de tipo identificador, los dos participantes se refieren a la misma entidad real donde uno de ellos, llamado el Elemento (*Token* en inglés), le da expresión específica o forma a la entidad y el otro, llamado el Valor (*Value*) le asigna a esta expresión una función, un contenido, unas propiedades. Es decir, son dos formas de representar lo mismo. Por esta razón, estas cláusulas son reversibles. Por ejemplo,

(16) En el sistema internacional la unidad de fuerza es el newton. (Inteligencia Científica, 149.2)

En este ejemplo, el Elemento es “el newton” y el Valor es “la unidad de fuerza”. Igualmente, podría decirse como aparece en el ejemplo [16a]:

(16a) En el sistema internacional el newton es la unidad de fuerza.

De manera parecida, el ejemplo (17) podría reescribirse como aparece en el (17a).

(17) Para finales del siglo XIX Estados Unidos era, junto con Alemania, el mayor productor industrial del mundo. (Hipertexto sociales 8, 19.6)

(17a) Para finales del siglo XIX, el mayor productor industrial del mundo era Estados Unidos junto con Alemania.

Esta reversibilidad es una de las características que permite reconocer las cláusulas relacionales identificadoras.

Los procesos relacionales en los textos escolares

Ambos tipos de proceso relacional (atributivos e identificadores) son frecuentes en los textos escolares de ciencias (GIUDICE; MOYANO, 2010), pero nuestros análisis sugieren que en Ciencias Sociales suelen predominar los atributivos mientras que en Ciencias Naturales, donde prima la intención de establecer taxonomías, son más frecuentes los identificadores.

Esta distribución de procesos relacionales en las diversas áreas de la ciencia tal vez tenga que ver con diferencias en la manera como se estructura el conocimiento en cada área. Bernstein (2000) establece una distinción entre dos tipos de discurso que denomina discurso horizontal y discurso vertical. El discurso horizontal se organiza de manera segmentada y diferenciada, de acuerdo con la forma que tienen las culturas de segmentar y especializar actividades y prácticas; es el discurso típico del conocimiento tipo ‘sentido común’ y, por lo tanto, es potencialmente accesible para todos.

El discurso vertical, por su parte, tiene una estructura basada en principios sistemáticos y es el discurso típico de las disciplinas académicas tanto en ciencias como en humanidades, con reglas fuertes de distribución que regulan el acceso a él. Dentro del discurso vertical, Bernstein establece una distinción adicional entre estructuras de conocimiento jerárquicas y horizontales. La estructura jerárquica de conocimiento es típica de las Ciencias Naturales y busca crear proposiciones y teorías generales que integren el conocimiento de niveles inferiores y, de esta manera, muestra las uniformidades que subyacen a una creciente variedad de fenómenos aparentemente diferentes (2000, p. 161). A diferencia de esto, la estructura horizontal de conocimiento, que es típica de las Ciencias Sociales y las Humanidades, consta de una serie de lenguajes especializados, cada uno con sus formas especializadas de indagación y sus propios criterios para la construcción y circulación de los textos (2000, p. 161). Es probable que la preponderancia de procesos relacionales de tipo identificador en los textos escolares de Ciencias Naturales, esté relacionado con el proceso de introducir al estudiante al mundo del conocimiento jerárquico basado en teorías generalizadas. Los textos de Ciencias Sociales, por su parte, buscan más bien describir fenómenos particulares y contextualizados y, por lo tanto, privilegian los procesos relacionales de tipo atributivo.

En la elaboración de un texto, la escogencia de procesos relacionales para describir los hechos de la experiencia tiene ciertas implicaciones con respecto a la visión del mundo que se presenta; se refleja la experiencia en términos de “ser”, “estar” o “tener” en vez de “hacer”, “sentir” o “hablar”. Es decir, se construye el proceso de cambio de manera estática, sin insumo de energía y sin fases definidas (HALLIDAY, 2004, p. 211). De esta manera, los participantes del proceso relacional vienen siendo dos entidades que no demuestran cambio, aun cuando se trate de dos eventos.

En el discurso cotidiano, al hablar de una serie de eventos, expresamos cada uno en una cláusula con su proceso y participantes, es decir, le asignamos a cada evento una energía de cambio. Sin embargo, en el discurso académico o científico, cuando queremos establecer relaciones entre dos eventos en una sola cláusula de tipo relacional, nos vemos obligados a expresar los procesos en forma de sustantivos para que puedan funcionar como participantes del proceso relacional. Esta forma de realización se llama “nominalización” e implica restarles a los eventos parte de su energía.

Por ejemplo, en (18), encontramos que los procesos ‘formar’, ‘consolidar’, ‘desarrollar’, ‘difundir’ e ‘industrializar’ son todos realizados por medio de sustantivos (nominalizaciones).

(18) En esta fase se desarrollaron las llamadas industrias pesadas: carbón, hierro y acero. Estas industrias permitieron la formación, la consolidación, el desarrollo y la difusión de la industrialización. (Hipertexto sociales 8, 17.1)

A nivel conceptual, la nominalización masiva, característica del discurso científico “mantiene inmóvil a la realidad para permitir la observación y experimentación” (HALLIDAY; MARTIN, 1993, p. 15). Los procesos y las propiedades se objetivizan, y se representa un mundo en el que los objetos predominan y los procesos sirven simplemente para definir y clasificar. Un proceso o evento objetivizado, se presenta como un hecho acabado, incambiable, que no puede ser cuestionado ni refutado sino que debe ser aceptado por la lectora como la realidad. Igualmente al desaparecer el sujeto del verbo, se pierde la asignación de responsabilidad. Así, en (18), arriba, no sabemos quién formó, consolidó, desarrolló, difundió e industrializó. La nominalización se presenta, no como creación de una conciencia humana, sino simplemente como entidad (MOSS *et al*, 2003, p. 104).

Por consiguiente, el uso de una alta proporción de procesos relacionales en un texto de Ciencias Sociales que describe eventos históricos, construye una visión de la historia en la que dichos eventos no ocurren sino que se describen como hechos ya cumplidos a los cuales se les asignan ciertas características y/o con los cuales se relacionan ciertas circunstancias.

Para ejemplificar lo anterior, analizaremos un párrafo de uno de los textos de Ciencias Sociales de nuestro *corpus*.

(19) Este nuevo sistema de producción industrial, apoyado en un constante progreso tecnológico, consolidó un mercado a nivel mundial y generó una división internacional del trabajo, gracias a lo cual unos países se especializaron en productos industriales y otros en materias primas. Este proceso permitió el surgimiento y desarrollo de un nuevo sistema económico: **el capitalismo**. (Hipertexto sociales 8, 13.2)

Este párrafo contiene tres procesos relacionales atributivos: ‘consolidó’, ‘se especializaron’ y ‘permitió’. Los tres son procesos cualitativos, es decir, subsumen proceso y atributo. Estos procesos cualitativos son asociados con dos participantes Atribuidores. El primero, ‘este nuevo sistema de producción industrial, apoyado en un constante progreso tecnológico’ es lo que denominamos un complejo de nominalizaciones; con esto queremos decir que el participante es realizado por dos (o más) grupos nominales cada uno de los cuales es o contiene una nominalización; en este caso, ‘este nuevo sistema de producción industrial’ y ‘(apoyado en) un constante progreso tecnológico’. El segundo Atribuidor es una nominalización generalizadora, ‘este proceso’, que hace referencia a todo lo contenido en la oración anterior. Al mismo tiempo, los Portadores, ‘un mercado a nivel mundial’, ‘unos países’ y ‘otros (países)’, también son abstracciones, de manera que todos los participantes del párrafo son abstractos.

El hecho de que la totalidad de los participantes sean abstractos y que los hechos se representen no en términos de acciones y eventos sino en términos de asignación de atributos, muestra el devenir histórico, no como un proceso cambiante que lo generan las personas para obtener beneficio y que trae consecuencias favorables o desfavorables para diferentes grupos sociales, sino como un proceso en el que las personas no intervienen; los cambios se van generando solos porque así tiene que ser. Justamente, el sistema de producción industrial del siglo XVIII fue un hecho histórico de gran importancia por la participación que tuvieron las ciudadanas y ciudadanos de todos los estratos sociales y de todas las edades, pero este hecho no se puede apreciar en el texto.

Por otra parte, hechos como la división entre países especializados en productos industriales y otros especializados en producción de materias primas, que han tenido resultados trascendentales en la formación del mundo inequitativo que conocemos actualmente, se presentan como resultados inevitables del progreso tecnológico, desligados de los intereses de diversos grupos sociales y/o nacionales.

Por otra parte, tanto atribuir características a los fenómenos como establecer relaciones lógicas entre ellos, son actos de interpretación. De esta manera, un texto de historia con un alto porcentaje de procesos relacionales necesariamente ofrece no sólo información acerca de los hechos sino una interpretación de los mismos (WIGNELL, 1998, p. 302). A esto se aúna el hecho

de que, al no explicitar que se trata de una interpretación, se tiende a crear la impresión de que se trata de la representación de la verdad.

En el caso de Ciencias Naturales, el uso de altos porcentajes de procesos relacionales implica una visión del mundo que inmoviliza la dinámica de la naturaleza, cambiando así la esencia del objeto de estudio, de dinámico y cambiante a estático y sin cambios aparentes. Veamos el siguiente ejemplo, extraído de uno de los libros de nuestro *corpus*.

(20) El smog fotoquímico se forma al mezclar docenas de contaminantes primarios y secundarios bajo la influencia de la luz solar. En teoría casi todas las ciudades modernas presentan smog fotoquímico. Sin embargo, es más común que se presente en aquellas en las que haya climas soleados, secos, con cantidades numerosas de vehículos. Ciudades con problemas graves de smog fotoquímico son los Ángeles (*sic*), Denver, Sydney, México y Salt Lake City. (Inteligencia Científica, 137.2)

Al principio del extracto, encontramos un proceso material ('se forma'). En todo el resto, el autor utiliza cuatro procesos relacionales, de los cuales hay tres atributivos: 'presentan', 'es' y 'se presente'; y uno identificador: 'son'. De esta manera, se representa el fenómeno del smog como una característica inherente a las ciudades modernas y no como producto de las actividades de los seres humanos. Esta representación implica que el fenómeno, como cualidad, no podría ser cambiado. Si, por lo contrario, se representara como resultado de las actividades de las personas, como el uso de carros, calefacción, aire acondicionado, entre otros, sería susceptible de cambio.

En el ejemplo siguiente es prototípico del uso de los procesos relacionales identificadores en los textos de física y química.

(21) En el sistema internacional, la unidad de fuerza es el newton y la del área es el metro cuadrado (m^2), la unidad de presión será en newton por metro cuadrado la cual se le llama Pascal (*sic*), así:
 $1 \text{ newton} / m^2 = 1 \text{ Pascal}$ (Inteligencia Científica, 149.1)

En el párrafo, aparecen cuatro procesos relacionales identificadores: ‘es’, ‘es’, ‘será’, ‘se le llama’. La utilización de este tipo de procesos simplemente presenta los términos que se asignan a determinados fenómenos, sin describir o explicar dichos fenómenos. Tampoco se aclara quiénes son los responsables de asignar estos términos, ya que se hace mención al “sistema internacional” pero no se da ninguna indicación de lo que esto significa, a pesar de ser dirigido el libro a estudiantes que son principiantes en la materia.

CONCLUSIONES

Los procesos relacionales son recursos lingüísticos muy utilizados en los textos de Ciencias Naturales y Sociales, tanto a nivel científico como a nivel didáctico y, asociado con ellos, un alto nivel de abstracción y de nominalización. Esto implica una representación del mundo social y natural que inmoviliza la dinámica de la naturaleza y la sociedad y, a su vez, oculta o elimina los agentes humanos responsables de los hechos.

Es importante que los estudiantes se familiaricen con este estilo discursivo para que tengan acceso al mundo de la ciencia. Sería conveniente que los docentes de Ciencias trabajaran estos discursos en el aula con una metodología que permitiera a sus estudiantes no solo aprender a comprenderlos sino también concientizarse de sus implicaciones ideológicas. Así es de esperar que los alumnos aprendan a leer críticamente y a cuestionar las representaciones del mundo presentes en los textos escolares y científicos. Solo de esta manera, sería posible formar estudiantes que puedan llegar a ser participantes activos y no meros espectadores de la ciencia.

REFERÊNCIAS

BARLETTA, N.; CHAMORRO, D. (Eds). **El texto escolar y el aprendizaje:** Enredos y desenredos. Barranquilla: Ediciones Uninorte, 2011.

BERNSTEIN, B. **Pedagogy, Symbolic Control and Identity.** Theory, Research, Critique. Revised edition. Lanham: Rowman and Littlefield Publishers, 2000.

GIUDICE, J.; MOYANO, E. **Grado de apropiación del discurso de Ciencias Sociales y Humanas por alumnos universitarios: una evaluación diagnóstica**. ACTAS V CONGRESO INTERNACIONAL CÁTEDRA UNESCO, Caracas, 2009. En: http://www.ungs.edu.ar/prodeac/wp-content/uploads/2011/08/Giudice_Moyano_2010_Grado-de-apropiacion.pdf

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to Functional Grammar**. 3rd. ed, revised by C. M. I. M. Matthiessen, London: Arnold, 2004.

HALLIDAY, M. A. K.; MARTIN, J. R. **Writing science: Literacy and discursive power**. London: Palmer, 1993.

MOSS, G. et al. **Urdimbre del texto escolar: ¿Por qué resultan difíciles algunos textos?** 2ª edición. Barranquilla: Ediciones Uninorte, 2003.

WIGNELL, P. Technicality and abstraction in social science. En MARTIN, J. VEEL, R. **Reading Science**. Critical and functional perspectives on discourses of science. London: Routledge, 1998.

TEXTOS CITADOS

BORJA, J.; CORDI, J. **Ciencias Sociales 8: Educación básica secundaria**. Bogotá: Santillana, 1992.

CABALLERO, A. et al. **Hipertexto sociales 8**. Bogotá: Santillana, 2010.

RAMOS, C.; ESPINOSA, O. **Milenio 8: Historia y Geografía**. Bogotá: Norma, 1997.

SALAMANCA, M. **Inteligencia científica 8**. Bogotá: Voluntad, 2003.

CUARTO PODER (29 de sept. 2010). **La espuma del día**. Versión digital en: <http://www.cuartopoder.es/laespumadeldia/2010/09/29/diez-millones-de-trabajadores-fueron-a-la-huelga/>.

CAPÍTULO 6

EMISORES DE PROCESOS VERBALES EN TEXTOS ESTUDANTILES DE LITERATURE EN ESPAÑOL

Natalia IGNATIEVA

INTRODUCCIÓN

En este artículo presentamos los avances del proyecto centrado en los procesos verbales que aparecen en textos académicos escritos por estudiantes universitarios. Este trabajo forma parte de un proyecto que se lleva a cabo en la Universidad Nacional Autónoma de México y que es, a su vez, parte del proyecto internacional Systemics Across Languages (SAL), cuya versión latinoamericana es coordinada por Leila Barbara (Brasil). Los resultados de nuestro proyecto fueron presentados en el 38 Congreso de ISFLA (Asociación Internacional de la Lingüística Sistemico Funcional), en el VI Congreso de ALSFAL (Asociación Latinoamericana de la Lingüística Sistemico Funcional) y en el 40 Congreso de ISFLA (IGNATIEVA, 2011; IGNATIEVA; ZAMUDIO, 2012; IGNATIEVA, en prensa). Los textos analizados fueron tomados de un proyecto anterior cuyo principal objetivo era estudiar el lenguaje de las humanidades en México y en los Estados Unidos. Una de las metas de dicho proyecto era la obtención de textos elaborados por estudiantes universitarios en el área de las humanidades, mismos que ahora forman parte del *Corpus* de Lenguaje Académico en Español (CLAE, 2009). De este modo, para el análisis que aquí se presenta se tomaron del CLAE textos pertenecientes a tres géneros distintos, ensayos, reseñas y textos de pregunta-respuesta elaborados por estudiantes mexicanos de la licenciatura en letras hispánicas.

Primero, se definió el grupo de procesos verbales encontrados en estos textos, se determinó su frecuencia y se analizó su contexto de uso para así identificar a los participantes en las cláusulas verbales. Posteriormente,

se efectuó un análisis más delicado de uno de los participantes del proceso verbal, el Emisor. Finalmente, se llevó a cabo una comparación de las características de emisores desde diferentes ángulos. Antes de dar a conocer los resultados, hablaremos brevemente de la perspectiva teórica en la que se basa el proyecto.

BASES TEÓRICAS

Tanto el proyecto en que se inserta este estudio como el análisis realizado se basan en la Lingüística Sistémico Funcional, propuesta por Halliday (1978; 1985; 1994) y desarrollada posteriormente por otros investigadores dentro del área (MARTIN, 1985; 1992; MARTIN; ROSE, 2003; MATTHIESSEN, 1995; THOMPSON, 1996; GHIO; FERNÁNDEZ, 2005; MONTEMAYOR-BORSINGER, 2009, entre otros). Esta teoría considera el lenguaje como una red de sistemas, formados a su vez por subsistemas que se basan en funciones. Dichas funciones se derivan del uso que se da del lenguaje dentro de un contexto social.

De acuerdo con Halliday (2004), el lenguaje se estructura de manera tal que cumple tres funciones principales, las llamadas metafunciones, y que son: la función ideacional, la función interpersonal y la función textual. La función ideacional organiza nuestras experiencias tanto en el mundo exterior como en el interior, la función interpersonal expresa nuestra interacción con los demás, mientras que la textual tiene como tarea contextualizar las unidades lingüísticas y organizarlas dentro de un discurso. Estas tres funciones corresponden a tres sistemas dentro del nivel lexicogramatical: el Sistema de Transitividad, el de Modo y el de Tema. El Sistema de Transitividad es la realización de la función ideacional, el Sistema de Modo es reflejo de la función interpersonal y el de Tema representa la función textual.

En términos del potencial de significado, “la transitividad es el componente ideacional en las cláusulas” (HALLIDAY, 1976, p. 21). Este sistema construye gramaticalmente la experiencia a partir de diversos tipos de procesos que se pueden realizar. Alrededor de cada tipo de proceso se organizan diferentes combinaciones de participantes en cada cláusula. Estas combinaciones de participantes y procesos son las que permiten representar todo tipo de experiencias y con ello ordenar la diversidad de eventos que ocurren de

manera constante (HALLIDAY, 1994). En otras palabras, los diferentes significados experienciales son expresados de la manera en que la oración se organiza a partir de las diversas combinaciones de procesos y participantes.

El Sistema de Transitividad es, entonces, el que permite construir y organizar las diversas experiencias. Es necesario señalar que, originalmente, Halliday (1968) establece tres tipos de procesos: los “materiales”, los “mentales” y los “relacionales”. Posteriormente, a éstos le suma tres tipos más: los procesos “verbales”, los procesos “de comportamiento” y los “existenciales” (HALLIDAY, 1985). Los tres primeros son considerados procesos básicos mientras que los tres posteriores son vistos como procesos intermedios.

Los procesos verbales, como procesos intermedios, se sitúan entre los procesos mentales y los relacionales puesto que una relación simbólica, que se construye en la conciencia humana, se manifiesta en el lenguaje como el decir (HALLIDAY, 2004). Cabe señalar, sin embargo, que Matthiessen (1995) considera que son cuatro los tipos básicos de proceso. A los tres tipos propuestos por Halliday (materiales, mentales y relacionales) añade los verbales como otro proceso básico ya que, señala, éstos tienen características propias que los diferencian y separan de otros tipos de proceso. En el presente estudio hemos seguido el punto de vista propuesto por Matthiessen.

Como mencionamos anteriormente, las diversas experiencias se construyen a partir de los procesos. Cada tipo de proceso conlleva diferentes participantes formando así su propio modelo –o esquema– con el que construye el campo de experiencia que le compete. Dicho modelo incluye el papel que juegan los diferentes participantes en las cláusulas donde aparece un tipo particular de proceso, por ejemplo, un proceso material generalmente implica la existencia de un “Actor” como primer participante y de un segundo participante llamado “Meta”, los cuales realizan dicho proceso. Del mismo modo, los procesos verbales tienen su propio esquema para construir la cláusula (LAVID; ARÚS; ZAMORANO-MANSILLA, 2010), del cual hablaremos brevemente a continuación.

Creemos que es importante señalar que en nuestro análisis tomamos en cuenta no sólo verbos que típicamente expresan procesos verbales (como decir, por ejemplo) sino también los procesos afines que pudieran estar en la frontera entre un proceso verbal y otro tipo de proceso. En otras palabras, adoptamos un punto

de vista “incluyente” siguiendo a Halliday (2004) y Thompson (2004) y registramos por ello todos los verbos que se usaron para referirse a un acto de habla.

LOS PARTICIPANTES EN LAS CLÁUSULAS VERBALES

El participante más importante en una cláusula con proceso verbal es el Emisor (Sayer) (HALLIDAY, 2004, p. 252). De hecho, éste es el único participante necesario en el acto de decir, por ejemplo:

(1) Gómez habla sobre etimología...(R, 2)

(2) La novela dice que es bella. (E, 1)

En (1), Gómez es el emisor. Sin embargo, como puede verse en (2), es posible que el Emisor no sea un participante humano.

Otro participante importante es el Receptor (Receiver). Éste puede –o no- estar presente en la cláusula y cuando lo está es generalmente humano como le...a Lotario en (3):

(3) Anselmo le hace a Lotario una impertinente petición. (E, 3)

En algunos casos, y sólo con algunos verbos, el proceso verbal se dirige a otro participante, el llamado participante Meta (Target) que es la entidad hacia la cual apunta el proceso de decir (HALLIDAY, 2004). Este tipo de participante se encuentra presente en cláusulas como la (4) donde la Meta se realiza como complemento directo del verbo (a Dulcinea):

(4) Montesinos compara a Dulcinea con Belerma (E, 6)

Por lo general, tanto el participante Meta como el Receptor se expresan por medio de un pronombre clítico y/o una frase preposicional introducida por la preposición a, como puede verse en los ejemplos anteriores.

Un participante más que puede aparecer en una cláusula verbal es el llamado Informe (Verbiage), que habitualmente se expresa con un grupo nominal y que hace referencia al mensaje mismo, por ejemplo:

(5) ...le han contado las mentiras. (E, 5)

El Informe puede expresar el contenido de lo que se dice, o bien, puede tratarse del nombre que se le da al mensaje mismo como en (5). Relacionado muy de cerca con el Informe, se puede encontrar, en algunas cláusulas verbales, un tipo de circunstancia llamada Asunto (Matter). Éste se refiere también al contenido del mensaje, pero se le llama así cuando dicho contenido es expresado por medio de una frase preposicional, como en:

(6) Don Quijote habla sobre su ocupación. (P-R, 13)

De los participantes analizados anteriormente, solamente el Emisor y la Meta son considerados por Halliday como participantes “directos” mientras que el Receptor, el Informe y el Asunto son vistos como participantes “oblicuos”.

Además de los participantes, otra manera de transmitir lo que se dice es representarlo a partir del discurso directo o indirecto. En el ejemplo (7) podemos ver que se presentan dos cláusulas y, de ellas, sólo la primera es verbal. La segunda es una cláusula reportada, siendo la relación entre ambas una relación hipotáctica. Del mismo modo, en el ejemplo (8) vemos también un complejo de cláusulas, sin embargo, la relación entre ellas es paratáctica, además de que en la segunda cláusula se nos presenta una cita directa:

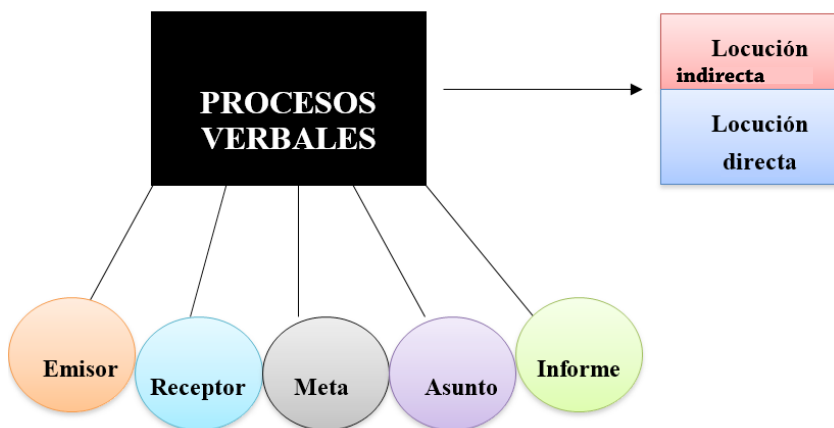
(7) Carreira señala que el artista debe sentirse libre... (R, 7)

(8) Cervantes nos dice “En resolución, él se enfrascó...” (E, 5)

En estos casos, el contenido del mensaje es llamado “locución” (locution): directa o indirecta, pero las locuciones no son consideradas como participantes porque se encuentran fuera de la cláusula verbal. Cuando el mensaje se expresa por medio de lenguaje directo o indirecto, hay una relación léxico-semántica entre el miembro primario y el miembro secundario del complejo de cláusulas. En la gramática funcional (HALLIDAY, 2004), a esta relación se le denomina “proyección”. Thompson (2004, p. 103) describe esta relación comparándola con una pintura (que sería la cláusula proyectada) y su marco (la cláusula que hace la proyección), en donde los dos elementos forman una unidad pero ninguno es parte del otro.

Tomando esto en consideración, en la Figura 1 mostramos los componentes que conforman las tres partes de nuestro análisis: los procesos verbales, los participantes en las cláusulas verbales y las locuciones (proyecciones).

Figura 1 - Los componentes del análisis de participantes y proyecciones



Fonte: A autora.

METODOLOGÍA

Como ya mencionamos, utilizamos el *corpus* CLAE, esto es, tomamos de él textos estudiantiles recolectados en la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM). Este artículo está basado en el análisis de textos de un área: literatura. El *corpus* analizado está constituido por 31 textos, todos son del Colegio de Letras Hispánicas. Los textos pertenecen a tres géneros: pregunta-respuesta (15), ensayo (7) y reseña (9). El primer género es pregunta-respuesta que es parte del examen escrito en clase, el segundo es un ensayo más largo preparado por los alumnos fuera del aula como trabajo semestral y el tercero es un trabajo también escrito fuera del aula.

Para el estudio del *corpus* se va a realizar tanto un análisis cuantitativo que permite conocer la proporción y frecuencia en la utilización de los verbos, así como un análisis de tipo más cualitativo que busca explorar su contexto de uso.

Asimismo se va a efectuar un análisis contrastivo entre los géneros explorados.

PROCESOS VERBALES EN NUESTRO CORPUS

Empezamos nuestro análisis considerando algunos datos cuantitativos de los procesos verbales en nuestro *corpus*, estos datos se presentan en la Tabla 1.

Tabla 1 - Comparación de los datos de la frecuencia verbal en los textos P-R, E y R

	Cláusulas	Procesos verbales	% PV	Usos de decir	Verbos más frecuentes
Pregunta-Respuesta	427	108	25.3	20	contar pedir
Ensayo	900	102	11.3	23	hablar contar
Reseña	565	160	28.3	17	mencionar hablar

Fuente: A autora.

Se puede ver que en los textos del tipo pregunta-respuesta (P-R) el número total de cláusulas es 427 con 108 casos de procesos verbales, lo cual parece un número bastante grande, que corresponde a 25.3% en relación al número de cláusulas. Los ensayos (E) presentan un cuadro diferente: tienen un mayor número de cláusulas (900), pero la cantidad de procesos verbales disminuye (102), lo que corresponde a 11.3%. El tercer género, reseñas (R), sobrepasa los otros dos en la cantidad de procesos verbales (160) y su porcentaje (28.3%) aunque no en el número de cláusulas (565). Entonces, se puede apreciar en la Figura 2 que existe cierta similitud entre los textos P-R y R mientras que los ensayos difieren de los otros géneros en este sentido.

Figura 2 - Comparación de los procesos verbales en los tres géneros



Fonte: A autora.

Cierta semejanza entre los tres géneros aparece también en las dos últimas columnas (a la derecha) en la Tabla 1. Así, por ejemplo, la frecuencia del verbo dominante decir es similar (20 vs. 23 vs. 17). En cuanto a los verbos más frecuentes, después de decir, hay también coincidencia en dos verbos (entre cuatro): contar y hablar.

El siguiente paso fue ver los resultados del análisis de participantes y proyección que fue realizado en el proyecto y presentado en el ISFC38 (Ignatieva, en prensa). Los resultados de este análisis se aprecian en la Tabla 2.

Tabla 2. Datos resumidos del análisis APP de los tres géneros

Textos	Emisor	Proceso	Receptor	Meta	Asunto	Informe	Locución Indirecta	Locución Directa
	%	%	%	%	%	%	%	%
P-R	53.7	100	32.4	14.8	18.5	37	42.6	1.85
E	42.57	100	40.6	6.9	25.7	36.6	26.7	14.8
R	42.15	100	5.6	6.87	21.87	53.75	13.12	6.25

Fonte: A autora.

Los datos del análisis APP resultan bastante heterogéneos. El único participante que tiene valores parecidos en los tres géneros es el Asunto, los demás tienen más diferencias que similitudes. Sin embargo, el participante que se realiza más en cada género es el Emisor.

ANÁLISIS DE EMISORES

Pasamos ahora al análisis del participante más importante de la cláusula verbal, de acuerdo con Halliday, el Emisor. La Tabla 3 nos repite los datos de la Tabla 2 en relación a los emisores de nuestro *corpus*; cabe mencionar que estos datos solo incluyen los emisores expresados explícitamente en el texto. Llama la atención que el número de cláusulas donde el emisor se realiza fonéticamente constituye aproximadamente la mitad del *corpus*. En cuanto a su relación con el género del texto, se puede ver que el número de emisores explícitos es mayor en los textos P-R (53.7%) y disminuye en los ensayos (42.57%) y reseñas (42.13%). Estos dos últimos géneros tienen un número muy parecido.

Tabla 3 - Datos de emisores en los tres géneros

	Pregunta-Respuesta	Ensayo	Reseña
Emisores	53.7%	42.57%	42.13%

Fonte: A autora.

Emisores explícitos e implícitos

A continuación, nos propusimos hacer un análisis más detallado (o más delicado) y con este fin dividimos las cláusulas verbales en tres grandes grupos de acuerdo con la realización fonética del emisor y con el tipo de emisor no expresado:

- 1) cláusulas con emisores explícitos
- 2) cláusulas con emisores implícitos
- 3) cláusulas impersonales o no finitas

De esta manera, en el primer grupo están todos los emisores realizados fonéticamente en el texto (ver ej. 9), en el segundo los emisores implícitos, cuando el emisor se ha mencionado antes y/o se entiende por el contexto, (ej. 10) y en el tercer grupo están las cláusulas impersonales o no finitas, es decir, expresadas por un infinitivo, gerundio o participio (ej. 11).

(9) Fernando le dijo las persuasiones. (P-R, 14)

(10) Cito a Erasmo de Rotterdam... (E, 6)

(11) Se menciona el trabajo de las Anotaciones. (R, 9)

La Tabla 4 presenta los datos de estos tres tipos de emisores en nuestro *corpus* en relación a los tres géneros explorados.

Tabla 4 - Número de Emisores explícitos o implícitos

	Pregunta- Respuesta (108 PV)	Ensayo (101 PV)	Reseña (159 PV)
Emisores explícitos	53.70%	42.57%	42.13%
Emisores implícitos	31.48%	26.73%	26.41%
Cláusula impersonal o no finita	14.81%	30.69%	31.44%

Fonte: A autora.

Se puede apreciar que de los tres tipos de emisores los que prevalecen en nuestro *corpus* son los explícitos. En cuanto a los emisores implícitos, su cantidad es más grande en los textos de pregunta-respuesta, en comparación con los otros dos géneros. En cambio, los números de sujetos no realizados en cláusulas impersonales o no finitas son mayores en los ensayos y reseñas comparados con las preguntas-respuestas. Pensamos que estas diferencias se explican por el carácter menos formal del género pregunta-respuesta donde

se encuentran más marcas del lenguaje oral (IGNATIEVA, 2008). En contraste con esto, los textos de otros dos géneros (ensayo y reseña) utilizan un lenguaje que se acerca mucho más al estilo escrito, de ahí la cantidad más grande de cláusulas impersonales y no finitas que son características del medio escrito.

Tipos de emisores

Desde otro ángulo y de acuerdo con el significado de emisores, los dividimos en cuatro grandes grupos:

- Autor
- Otros autores
- Otras personas
- Emisores no humanos

Vamos a dar ejemplos de cada tipo de emisor. En (12) escuchamos la voz del estudiante, en (13) se percibe la voz del otro autor, en (14) se oyen “otras personas” y, finalmente, en (15) el participante-emisor no es humano.

(12) Debo decir que la lectura de este libro me ayudó... (R, 3)

(13) Vargas Llosa habla al respecto... (E, 7)

(14) Su vecino Alonso le discute todo lo que dice (P-R, 11)

(15) El libro menciona datos muy particulares (R, 5)

La Tabla 5 presenta los datos sobre los tipos de emisores en nuestro *corpus*. Se notan claras diferencias entre los distintos géneros: Así, en el género de pregunta-repuesta la mayor parte de los emisores pertenecen al tipo de “otras personas” (93.51%), esto, tal vez, se explica por la temática de estos textos que se ocupan del Don Quijote de Cervantes, y entonces describen diferentes personajes que aparecen como emisores (Don Quijote, Sancho, Marcela, Alonso, Cardenio, Fernando, etc.). Por ejemplo, Don Quijote aparece como emisor en 44 cláusulas, y Sancho en 13. En cambio, otras categorías apenas se hacen presentes: “otros autores” (como Guilman, Cervantes) sólo llegan a 3.7%, el “emisor no humano” (como la voz, esta voz), a 1.85%, mientras que la presencia del estudiante como autor es prácticamente nula (0.92%).

Tabla 5 - Tipos de Emisores

	Pregunta- Respuesta (108 PV)	Ensayo (101 PV)	Reseña (159 PV)
Estudiante-escritor	0.92%	17.82%	13.20%
Otros autores	3.70%	13.86%	49.05%
Otras personas	93.51%	65.34%	14.46%
Emisor no humano	1.85%	2.97%	23.27%

Fonte: A autora.

En el género de ensayo la categoría más numerosa es también “otras personas” aunque no tan grande como en los textos P-R, pero de todas maneras sobrepasa otras categorías llegando a 65.34%. Como el tema de los ensayos es el mismo (Don Quijote), dentro de esta categoría figuran los mismos personajes que en los textos P-R. Al igual que allá, Don Quijote aparece de emisor con mucha frecuencia (17 veces) y Sancho aparece en el segundo lugar (8 veces). Aparte de los personajes mencionados arriba para los textos P-R están también otros como: Dulcinea, Luscinda, Lotario, Vivaldo, Anselmo, Montesinos, etc.

La categoría de “otros autores” crece y llega a 13.86%, entre éstos se mencionan Cervantes (varias veces), Unamuno, Vargas Llosa, etc. Sin embargo, creo que se podría esperar más voces de otros autores en los ensayos literarios estudiantiles. El “emisor no humano” es también escaso, al igual que en los textos P-R, son apenas unos cuantos ejemplos (la novela, los libros de caballeros, las diversas historias). Lo que sí marca la diferencia con el género de P-R es la presencia del alumno-escritor, ésta equivale a 17.82%, la máxima entre los tres géneros.

En las reseñas la categoría de “otras personas” se reduce considerablemente (a 14.46%) en relación con los otros dos géneros, pero es más variada. Aparte de Don Quijote y Sancho, encontramos aquí el lector, los interlocutores, lo cual podría indicar el carácter más interactivo de la reseña.

También se encuentran emisores indefinidos o generalizados como algunos, otros, la gente, el vulgo, etc. En contraste con los otros dos géneros, en la reseña aumenta significativamente la categoría de “otros autores” (49.05%) y llega casi a la mitad de los emisores. Aquí el emisor más frecuente resulta el autor del libro o del artículo que se está reseñando (13 veces). Además, se mencionan los nombres de muchos autores, como Aristóteles, Lope, Borges, Leo Spitzer, Jesús Gómez, José María Mico, Juan de Valdés, Sobrano, Diez Borque, etc. (16 autores en total, algunos de éstos mencionados varias veces). También crece mucho la categoría de “emisor no humano”, de hecho es el único género donde esta categoría se muestra representativa (23.27%) y que está en el segundo lugar después de “otros autores”. Dentro de este rubro se puede ver los emisores como el libro (4 veces), el artículo (2 veces), el capítulo (3 veces), el apartado (4 veces), la reseña, el ensayo, el título, la obra, la primera parte, etc., en otras palabras, los alumnos se refieren mucho a la obra reseñada y sus partes, convirtiéndolas en emisores. Finalmente, en la categoría de “estudiante-autor” se hace presente la voz del estudiante (13.2%) aunque un poco menos que en los ensayos.

CONCLUSIONES

En esta presentación hemos analizado el uso de los procesos verbales en los escritos estudiantiles de literatura, pertenecientes a tres géneros: pregunta-respuesta, ensayo y reseña.

Antes que nada, queremos subrayar que la presencia de los procesos verbales en nuestro *corpus* es sustancial (21.63%), lo cual quiere decir que los procesos verbales ocupan un lugar importante entre los recursos lingüísticos que escogen los estudiantes en sus actividades de escritura. Esto también comprueba la legitimidad de considerar los procesos verbales como uno de los tipos principales, al lado de los procesos materiales, relacionales y mentales en el Sistema de Transitividad. El verbo dominante de los tres subcorpora ha sido el verbo decir (aproximadamente 20% de todos los procesos verbales).

En cuanto al análisis más fino de uno de los participantes más importantes del acto de hablar, el Emisor, éste se manifiesta explícitamente casi en la mitad de las cláusulas verbales, siendo las preguntas-respuestas el género donde hay más emisores explícitos. Esto se explica por la preferencia

de cláusulas finitas en los textos P-R en comparación con los textos E y R donde los estudiantes utilizan mayor número de cláusulas impersonales o no finitas. Por otra parte, en los textos P-R sobresalen los emisores implícitos, comparándolos con los números de los otros dos géneros. Las dos características mencionadas se deben, tal vez, a las condiciones de su elaboración pues mientras que los textos P-R son redactados en clase a manera de examen, los textos E y R son hechos fuera de aula con mayor tiempo para realizarse. De ahí, los textos pregunta-respuesta se caracterizan por un estilo simple, informal y casi coloquial (IGNATIEVA, 2008) mientras que los ensayos y las reseñas adquieren un carácter más elaborado y formal, al igual que más objetivo y abstracto (IGNATIEVA, 2010).

Por otro lado, al examinar los tipos de emisores, nos hemos percatado de que en el género de pregunta-respuesta la categoría más frecuente entre los emisores sería “otras personas”, al igual que en el género de ensayo, aunque hay diferencias significativas en la cantidad. Me parece que la prevalencia de esta categoría, de cierta manera, acerca los escritos estudiantiles al género de “descripción” o “narrativa” donde se mencionan diferentes personajes- participantes.

En contraste con esto, en el género de reseña se reduce la categoría de “otras personas” y aumenta considerablemente la categoría de “otros autores”: los estudiantes mencionan a muchos autores diferentes en las reseñas, lo cual le asigna un carácter más objetivo y científico al escrito donde se oye la polifonía de voces y opiniones.

Por último, quisiera destacar que la presencia del estudiante-autor es casi nula en las preguntas-respuestas y aunque crece en los otros dos géneros, parece insuficiente para marcar claramente el posicionamiento del escritor ante las obras descritas y analizadas.

De esta manera, el presente análisis de los procesos verbales en el lenguaje estudiantil nos permite destacar algunas características discursivas de la escritura académica, asimismo que las diferencias entre los géneros analizados.

REFERENCIAS

CLAE. **El lenguaje académico en español**. Análisis binacional de textos en las humanidades. 2009. En <<http://www.lenguaje academico.info>>.

GHIO, E. J FERNÁNDEZ, M.D. **Manual de Lingüística Sistemico Funcional: el enfoque de M. A. K. Halliday y R. Hasan**: aplicaciones a la lengua española. Santa Fe, Argentina: Universidad Nacional del Litoral, 2000.

HALLIDAY, M. A. K. Notes on transitivity and theme in English. **Journal of Linguistics**, 4, 1968, 179-215.

____. **Language as social semiotic**: the social interpretation of language and meaning. Londres: Arnold, 1978.

____. **Spoken and written language**. Geelong, Vic.: Deakin University Press, 1985.

____. **An introduction to functional grammar**. London: Arnold, 1994/2004.

IGNATIEVA, N. **Question-answer as a genre in students' academic writing in Spanish**. En WU C.; MATTHIESSEN, C. M. I. M.; HERKE, M. (Comps.). PROCEEDINGS OF ISFC 35: VOICES AROUND THE WORLD. Sydney, Australia: Macquarie University, 2008, pp. 61-66.

____. Ensayo como género de la escritura académica estudiantil en español en el marco de la lingüística sistémica funcional. **Lingüística Mexicana**, vol. V, No. 1, 2010, 91-109.

____. Verbal processes in student academic writing in Spanish from a systemic functional perspective. **Lenguaje**, vol. 39, No. 2, 2011.

____. **Transitivity and genre**: Verbal processes in student academic texts of three genres in Spanish. PROCEEDINGS OF THE 38TH ISFC. Lisboa. En prensa.

IGNATIEVA, N.; ZAMUDIO, V. Perspectiva funcional de los procesos verbales en los escritos estudiantiles de literatura e historia en español. En: **DELTA (Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada)**, PUC-SP, Brazil, vol. 28, no. Spe, 2012.

LAVI, J., ARÚS, J. & ZAMORANO-MANSILLA, J. R. **Systemic functional grammar of Spanish: A contrastive study with English**. London & New York: Continuum, 2010.

MARTIN, J. **Factual writing**: Exploring and challenging social reality. Oxford: Oxford University Press, 1985.

____. **English text**: System and structure. Amsterdam: John Benjamins, 1992.

MARTIN, J.; ROSE, D. **Working with discourse**: Meaning beyond the clause. London & New York: Continuum, 2003.

MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Lexico-grammatical cartography**: English systems. Tokyo: International Language Sciences, 1995.

MONTEMAYOR-BORSINGER, A. **Tema**: Una perspectiva funcional de la organización del discurso. Universidad de Buenos Aires: Eudeba, 2009.

THOMPSON, G. **Introducing functional grammar**. London: Arnold, 1996/2004.

CAPÍTULO 7

CONTRIBUIÇÃO DE ORAÇÕES EXISTENCIAIS ÀS FASES DE UMA NARRATIVA

Lauro Rafael LIMA

Nina Célia BARROS

INTRODUÇÃO

Com o objetivo de investigar a relação entre gramática e discurso em termos sistêmico-funcionais, o Projeto SAL (Systemics Across Languages) sugeriu a construção de *corpora* baseados em tipos de textos relevantes, como notícias, narrativas e artigos acadêmicos (MATTHIESSEN, 2008). Dentre as narrativas propostas, incluiu *O Senhor dos Anéis*, de J. R. R. Tolkien.

Enquadrando-se no objetivo do projeto, este estudo explora contribuições prestadas à narrativa pelas orações existenciais organizadas com os processos prototípicos “haver” e “existir”. Tomamos como ponto de partida a caracterização da narrativa, destacando seus estágios e fases, de acordo com estudos de Martin e Rose (2008). Com o auxílio de *WordSmith Tools 5.0* (SCOTT, 2008), a primeira parte da trilogia de *O senhor dos anéis – A sociedade do anel* – foi analisada em busca dos diferentes papéis que as orações existenciais desempenham em fases da narrativa.

Para desenvolver este trabalho, reunimos informações, em primeiro lugar, sobre a natureza e organização da narrativa.

NARRATIVA

Os conceitos de gêneros e tipos de textos são objeto de disputa entre os pesquisadores e variam de significado e extensão de acordo com a corrente adotada. Neste trabalho, optamos por utilizar elementos que fazem parte dos estudos de gênero desenvolvidos pela Escola de Sydney, especificamente

por Martin e Rose (2008), que têm por especial objetivo o mapeamento da cultura como um sistema de gêneros. Vamos focalizar na narrativa, considerada um gênero da “família” estória.

Para os autores, estórias fazem parte de todas as culturas, e a pesquisa baseada na Linguística Sistêmico-Funcional tem identificado e explicado variações nos tipos de histórias, expandindo e refinando os modelos iniciados por Labov e Waletzky e outros (MARTIN; ROSE, 2008, p. 51). O modelo de estrutura potencial da narrativa de Labov e Waletzky envolve os estágios de Orientação, Complicação, Resolução e Coda. A Complicação e a Resolução são estágios obrigatórios; os outros, opcionais.

No final dos anos 1970, em seu trabalho com estórias, Martin adotou o modelo de Labov e Waletzky como ponto de partida, mas o expandiu, explorando variações nos tipos de estórias, seus papéis sociais e sua realização linguística (MARTIN; ROSE, 2008, p. 49).

A Tabela 1 mostra como se distribuem os diversos tipos de história.

Tabela 1 - Família de gêneros de histórias

staging	experiência	resposta	experiência	atitude
relato	Recordação	[prosódica]	--	variável
anedota	Acontecimento Extraordinário	Reação	--	afeto
exemplo	Incidente	Interpretação	--	julgamento
observação	Descrição de Evento	Comentário	--	apreciação
narrativa	Complicação	Avaliação	Resolução	variável

Fonte: (Martin e Rose, 2008, p. 52).

O termo “narrativa” é reservado especificamente para o padrão genérico que resolve uma complicação. A avaliação das complicações da narrativa pode variar entre afeto, julgamento de pessoas ou apreciação de coisas e eventos (MARTIN; ROSE, 2008, p. 52).

Os autores fazem uma distinção entre os *estágios* e as *fases* de uma narrativa. Os estágios – Orientação, Complicação, Resolução – são componentes relativamente estáveis de sua organização. De uma perspectiva seg-

mental, as fases consistem de uma ou mais mensagens, e uma ou mais fases constituem um estágio genérico. Os estágios se desenvolvem em sequências altamente previsíveis, mas as fases podem ou não ocorrer em um estágio, e suas sequências são variáveis.

Na Tabela 2 estão relacionadas fases usadas para construir estágios de uma narrativa.

Tabela 2 - Fases comuns da narrativa

tipos de fases	funções de engajamento
setting	apresentação do contexto (identidades, atividades, lugares)
descrição	contexto evocado (imagens dos sentidos)
eventos	sucessão de eventos
efeito	resultado material
reação	resultado comportamental/atitudinal
problema	criação de tensão
solução	liberação da tensão
comentário	introdução de comentários do narrador
reflexão	introdução de pensamentos dos participantes

Fonte: (Martin e Rose, 2008, p. 82).

Na narrativa escolhida como *corpus*, verificamos como algumas fases da narrativa são representadas na linguagem. Para dar sustentação a esse objetivo, apresentamos informações sobre a organização da oração existencial, a natureza do Existente e as figuras existenciais.

ORAÇÕES EXISTENCIAIS

Our most powerful impression of experience is that it consists of a flow of events, or ‘goings-on’. This flow of events is chunked into quanta of change by the grammar of the clause: each quantum of change is modelled as a figure – a figure of happening, doing, sensing, saying, being or having (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 170).

Do ponto de vista experiencial, todas as figuras consistem de um processo que se desenvolve no tempo, de participantes envolvidos nesse processo e de circunstâncias agregadas a ele, como tempo, lugar, modo, causa.

Representar a existência ou a ocorrência de alguma coisa é responsabilidade das orações existenciais. De modo geral, cerca de 3% a 4% das orações, em língua inglesa, são existenciais. No entanto, elas prestam importante contribuição a alguns tipos de texto. Por exemplo, nas narrativas, as orações existenciais têm sido consideradas como “apresentativas”, por introduzirem participantes ou fenômenos no curso predominantemente material da narrativa (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 256-257).

Cada um dos tipos de figuras – fazer, sentir, dizer, ser, proceder, existir – tem suas próprias características, reveladas pelo modo como se organiza na léxico-gramática. Segundo Halliday e Matthiessen (2004), as figuras de existência incluem: a) estar existindo; b) vir a existir (emergir); c) permanecer existindo (persistir); d) cessar de existir. Os autores destacaram que os dois últimos (permanecer existindo e deixar de existir) ocorreram com pouca frequência em estudo feito anteriormente (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, p. 336-338).

Ao ser representado gramaticalmente, a entidade ou evento que passa por essas diversas fases de existência é chamado de Existente. Qualquer tipo de fenômeno construído como “coisa” – pessoa, objeto, instituição, abstração, ação, evento – pode “existir” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 258).

O exemplo (1) configura uma oração existencial:

1	Havia	pegadas de orcs	na terra.
	Processo existencial	Existente	circunstância: lugar

(Livro II, Cap. VI)

No exemplo (1) a função de Existente representa um sinal, um resultado da ação de caminhar – deixar pegadas na terra. No grupo nominal que realiza o Existente, os agentes responsáveis pelas pegadas (as criaturas) têm a função de qualificar o núcleo (as pegadas). O Existente faz parte da figura “permanecer existindo”, expressa pelo Processo “havia”, pois o participante existiu anteriormente e não deixou de existir.

Como as orações existenciais com “haver” e “existir”, em português, apresentam, respectivamente, verbo sempre na 3ª pessoa do singular e verbo flexionado de acordo com o sujeito, decidimos verificar se as formas verbais do presente, perfeito e imperfeito dos dois verbos prestam diferentes contribuições à narrativa. A seção de metodologia especifica esse procedimento.

METODOLOGIA

O *corpus* do trabalho constitui-se da versão digitalizada da primeira parte da trilogia *O Senhor dos Anéis*, de J. R. R. Tolkien – A Sociedade do Anel, com tradução de Lenita Maria Rimoli Esteves e Almiro Pisetta. A versão foi disponibilizada no site <http://groups.google.com.br/group/digitalsource>. O arquivo tem as seguintes características (Quadro 1):

Quadro 1 – *Corpus* quantitativo

tamanho	1.109.835
<i>tokens</i> no texto	183.168
<i>tokens</i> usados para a lista de palavras	183.088
palavras distintas	13.099
orações	13.497

Fonte: Os autores.

A fim de mapear os processos existenciais utilizados em *A Sociedade do Anel*, utilizamos os programas *WordList* e *Concord* da ferramenta computacional *WordSmith 5.0* (SCOTT, 2008). O primeiro passo consistiu na elaboração de uma lista de todas as palavras do *corpus*, através do programa *WordList*. Esse procedimento permitiu, em primeiro lugar, conhecer os detalhes da extensão do texto analisado. Além disso, encontramos as formas verbais mais apropriadas para o nosso objetivo, pelo número de ocorrências e pela porcentagem em relação ao arquivo: “havia” (316, 0.17%), “há” (268, 0.15%), “houve” (59, 0.03%), “existe” (42, 0.02%) “existem” (31, 0.02%). Decidimos incluir as formas “existia” (4), “existiam” (3), para comparar os usos do imperfeito.

Com esses dados, utilizamos o programa *Concord* para ter ciência do contexto em que as formas ocorriam. A análise do material levou à eliminação das formas do verbo “haver” que indicam tempo decorrido (“Partiram em busca dos Portos há muito tempo.”) ou que funcionam como auxiliar (“De repente, a sombra da partida havia caído sobre Frodo”). Como o verbo “existir” não indica tempo decorrido nem funciona como auxiliar, não participou desse processo de limpeza. O resultado foi o seguinte (Quadro 2).

Quadro 2 – Processos existenciais no *corpus*

Forma verbal	Número de ocorrências
Havia	230
Há	162
Houve	59
Exist* (existe e existem)	73
Existia* (existia e existiam)	7

Fonte: Os autores.

De posse dos contextos de uso dos processos existenciais, pesquisamos os verbos em relação à(s):

- a. contribuição às fases da narrativa – apresentação, descrição, eventos, efeito, reação, problema, solução, comentário, reflexão;
- b. natureza (pessoa, objeto, instituição, abstração, ação, evento), posição, organização do Existente;
- c. particularidades de uso associadas aos processos;
- d. figuras existenciais:
 - estar existindo; vir a existir (emergir)
 - permanecer existindo (persistir)
 - cessar de existir

Como o arquivo usado no *WordSmith* está em forma de bloco de notas, não foi possível indicar as páginas em que se encontram os segmentos de textos usados para exemplificação. Como *A sociedade do anel* se constitui de dois livros, indicamos, assim, o livro e o capítulo de localização. Os resultados colhidos pela pesquisa estão na seção seguinte.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A contribuição das orações existenciais na narrativa de *A Sociedade do Anel* está vinculada aos detalhes da perigosa viagem que o protagonista, o *hobbit* Frodo, tem de fazer até as Fendas da Perdição para destruir o Anel do Poder, objeto de desejo do maligno Senhor do Escuro.

O percurso dos personagens é fator determinante na narrativa. Nesse contexto, as orações existenciais desempenham papel significativo na fase da descrição de diferentes criaturas, objetos e elementos da natureza encontrados no caminho. Além disso, podem fazer parte da realização das reflexões dos participantes da saga.

O emprego dos tempos verbais que integram a oração apresentam algumas particularidades ligadas a essas fases.

“Há”

O tempo presente indica, normalmente, um fato que ocorre no momento da fala. Poderíamos pensar, então, que a figura existencial “estar existindo” predominasse no texto. Embora esse uso tenha ocorrido, (“São quatro e meia e há muita neblina” – Livro I, Cap. VI), não foi recorrente. Uma canção reproduzida no Livro II, Capítulo III (“Porque há tanta coisa ainda/ que nunca vi de frente:/ em cada bosque, em cada fonte/ há um verde diferente”) representa o uso mais frequente do presente do verbo “haver”: a existência aponta para algo indefinido, atemporal. A figura existencial aproxima-se mais de “permanecer existindo” do que de “estar existindo”, pois a situação é não pontual, não específica do momento.

Em todos os casos do *corpus*, o Existente apareceu depois do Processo. Talvez pelo fato de o presente apontar para a existência de algo indefinido, houvesse necessidade de complementar a informação apresentada no núcleo do Existente, de particularizar a caracterização do participante. E isso foi feito, muitas vezes, por meio de orações encaixadas. Das 165 orações existenciais com “há”, 40 delas apresentaram orações encaixadas modificadoras do grupo nominal que constituía o Existente, como se pode ver nos excertos (1) a (5).

1	“Há <u>uma trilha</u> [[que leva a um bom porto]] [[que ainda é utilizável]].” (Livro II, Cap. IX)
2	“...há histórias em Valfenda [[que contam coisas que ele fez...]]” (Livro II, Cap. IV)
3	“Não há tempo [[a perder]].” (Livro II, Cap. V)
4	“Não há esperança [[de acharmos uma trilha através destas colinas.]]” (Livro I, Cap. XII)
5	“...há ondas [[rolando de ouro amarelo e jóias à beça]]” (Livro II, Cap. 1).

Sob o ponto de vista interpessoal, a polaridade negativa especificou 50 das 165 declarações. Por exemplo, “Não há mais esperança nos elfos ou na agonizante Númenor.” (Livro II, Cap. II). Às vezes, o próprio Existente portava carga semântica negativa: “Não há nada [[que possa fazer..]].” (Livro II, Cap. II).

Existe(m)

A marca de polaridade negativa foi pouco frequente com o emprego do verbo “existir” no presente. Das 73 orações, só 3 foram sinalizadas pela negação:

6	“...não existe olmo nos Pântanos do Norte.” (Livro I, Cap. II)
7	“...não existe mais nada nos salões superiores.” (Livro II, Cap. IV)
8	“Não existe maldade nela ou nesta terra...” (Livro II, Cap. 7)

Do conjunto de orações, só dois grupos nominais que constituíram o Existente foram determinados pelo artigo definido. O grupo formador dos outros Existentes era iniciado por nomes no plural, artigos e pronomes indefinidos. Por exemplo:

9	“Existem alguns homens por aí – disse Frodo.” (Livro I, Cap. III).
---	--

10	“Existe um ar benfazejo em Azevim.” (Livro II, Cap. III).
----	---

Além de ser usada para a descrição da paisagem encontrada na jornada, a forma “existe” serviu para materializar as reflexões dos personagens a respeito de novas criaturas e regiões avistadas. Foram feitas declarações e perguntas a respeito do desconhecido:

11	“Existem pessoas estranhas por aqui.” (Livro I, Cap. XIX)
----	---

12	“E acho que existem elfos e elfos.” (Livro II, Cap. VII).
----	---

13	“Existe algum tipo de maldade nova aqui.” (Livro II, Cap. V).
----	---

14	“Que tipo de gente existe em Bri?” (Livro I, Cap. VIII).
----	--

A definição – “Do ponto de vista experiencial, todas as figuras consistem de um processo que se desenvolve no tempo, de participantes envolvidos nesse processo e de circunstâncias agregadas ao processo, como tempo, lugar, modo, causa” – poderia levar a crer que detectaríamos as figuras de existência já no nível experiencial da oração. No entanto, algumas figuras só se revelam no nível interpessoal, ou seja, a polaridade e Adjuntos é que revelam a figura. Por exemplo, em “... não existe mais nada nos salões superiores” (Livro II, Cap. IV), a figura “cessar de existir” só é detectada na análise do nível interpessoal: a soma da polaridade negativa e do adjunto de temporalidade “mais” é que exprime cessação ou término.

Houve

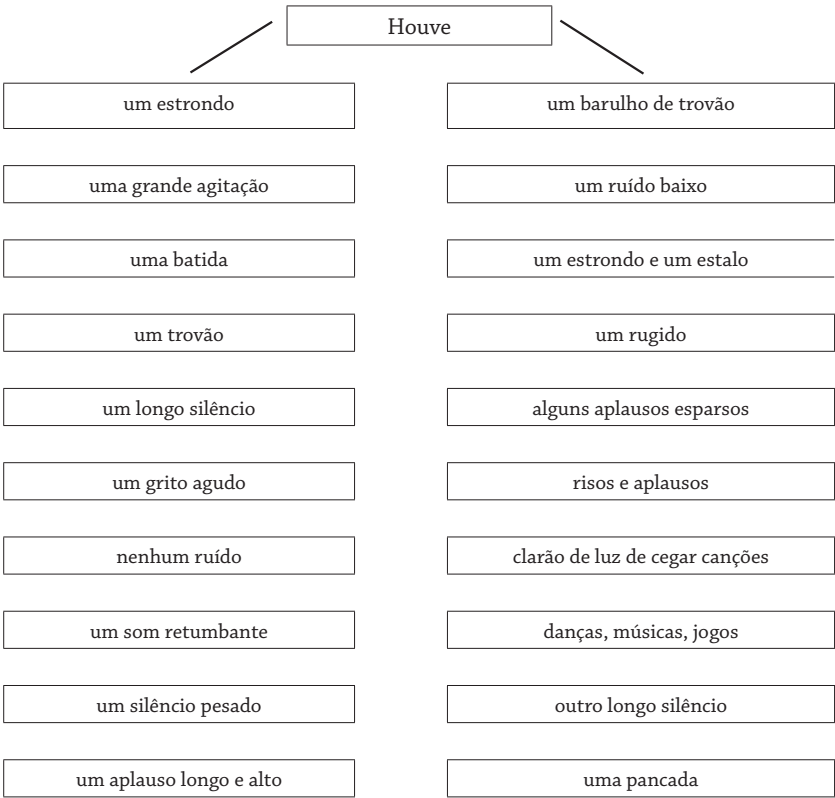
As 59 orações existenciais construídas em torno do perfeito do verbo “haver” serviram principalmente à fase da descrição da narrativa e apresentaram característica bem definida: na maioria dos casos (39), “houve” fez

parte da figura “vir a existir (emergir)”, cujo Existente consistiu de percepções sonoras e visuais. A figura “deixar de existir” formou-se com o auxílio da polaridade negativa + Adjunto:

15	“Não houve mais ruídos.” (Livro II, Cap. VI)
----	--

A Figura 1 apresenta os tipos de sons e visões experimentados pelos *hobbits* em viagem, que foram representados linguisticamente como Existente.

Figura 1 – Representação do Existente com a forma “houve”



uma torrente de gargalhadas	eco
um clarão	um estalo violento
muita conversa	nova explosão de música
um grito medonho	um barulho estrondoso de água
um barulho de bolhas	

Fonte: Os autores.

“Havia”/ “Existia(m)”

Com a forma verbal “havia”, as 231 orações existenciais serviram predominantemente para a descrição de coisas da natureza (94), criaturas (25) e objetos (22) que eram vistos na viagem. Outros Existentes representavam abstrações que faziam parte de reflexões dos personagens (“Havia ali um poder que nunca sentíamos antes”, Livro II, Cap. II).

O desconhecimento de referentes encontrados ou imaginados se concretizou em orações cujo Existente era nomeado como “coisa”:

16	“Havia muita coisa no fundo de suas mentes e memórias que era similar.” (Livro I, Cap. II)
17	“O que era aquela coisa, ou havia muitas delas?” (Livro II, cap. IV).

Com a forma “havia”, a figura existencial predominante era “estar existindo”. Os processos descreviam fatos que agora fazem parte do passado, mas que, no momento, eram presentes, como, por exemplo: “Havia uma ceia esplêndida para todos.” (Livro I, Cap. I).

As 7 orações em torno da forma “existia(m)” trazem 3 ocorrências da figura “continuar a existir” – persistir. Mas são os componentes oracionais fora do processo propriamente dito que concretizam esse sentido, como “... em Lórien as coisas antigas ainda existiam no mundo real.” (Livro II, Cap. 6).

É o adjunto de temporalidade que, associado ao processo, representa a ideia de persistência.

Fato semelhante ocorre com a figura “deixar de existir”. No exemplo “Gil-Galad e Elendil não existiam mais” (Livro II, Cap. II), polaridade + adjunto de temporalidade contribuem para o sentido de cessação.

Com isso, entendemos que a pesquisa realizada com a análise das ocorrências das orações existenciais com os processos “haver” e “existir” contribui diretamente para a narrativa do texto, com papel fundamental na apresentação de diferentes tipos de Existente (personagens, objetos, cenários, entre outros). Assim, passamos às considerações finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos que as orações existenciais têm papel importante na composição das fases da narrativa, especificamente a descrição e a reflexão. Os momentos no texto em que os processos “haver” e “existir” são utilizados correspondem aos momentos em que se faz necessária a introdução de um Existente na história, seja um personagem, um objeto, um cenário. A introdução de convicções dos participantes pode também ser realizada através de orações existenciais. Assim, esta pesquisa, baseando-se em preceitos sistêmico-funcionais, mostra que um estudo de linguagem não precisa ser feito com fins em si mesmo, e, sim, com resultados que apresentem uma relação direta da linguagem com o gênero.

REFERÊNCIAS

HALLIDAY, M. A. K; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Construing Experience through meaning: A language approach to cognition**. London/New York: Continnum, 1999.

_____. **An introduction to functional grammar**. 3. ed. London: Arnold, 2004.

MARTIN, J.R.; ROSE, D. **Genre relations: mapping culture**. London/Oakville: Equinox, 2008.

MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Systemics Across Languages:** Research Network. São Paulo: PUC-LAEL, 2008.

SCOTT, M. **WordSmith Tools 5.0.** Oxford: Oxford University Press, 2008.

TOLKIEN, J. R. R. **O Senhor dos Anéis.** Tradução de Lenita Maria Rimoli Esteves e Almiro Pisetta. Disponível em:< <http://groups.google.com.br/group/digitalsource>>.

CAPÍTULO 8

“amar, verbo intransitivo”¹ PROCESSOS COMPORTAMENTAIS NA PERSPECTIVA DA LSF²

Sara Regina Scotta CABRAL

Leila BARBARA

“Existem momentos na vida da gente, em que as palavras perdem o sentido ou parecem inúteis, e, por mais que a gente pense em uma forma de empregá-las, elas parecem não servir.
Então a gente não diz, apenas sente”.
(Sigmund Freud)

INTRODUÇÃO

Começo o capítulo apontando uma questão que parece ser necessária: o emprego de letras minúsculas no título deste texto - *“amar, verbo intransitivo”* -, o que decorre de dois motivos. O primeiro tem a ver com a grafia que o próprio autor do livro, Mário de Andrade, escritor brasileiro da primeira metade do século XX, empregou. Sua obra é um romance que busca, além da crítica à sociedade burguesa paulistana da época, uma forma de protesto contra o rigorismo vigente até então na literatura brasileira. Isso é comprovado no decorrer do livro, em que pontuação, grafia e organização sintática subvertem a ordem canônica da língua portuguesa como forma de “marcar”

1 Neste capítulo, a grafia das palavras é idêntica à da obra original, motivo pelo qual não foram feitas alterações.

2 Este capítulo foi produzido a partir da conferência “Contribuições da Linguística Sistêmico-Funcional para o ensino de línguas e análise do discurso”, proferida pela autora em Brasília em 2014, no III Workshop do Projeto SAL.

(e aqui faço analogia com a concepção hallidayana de forma marcada), ou seja, dar proeminência ao eixo sintagmático no qual o texto se realiza.

A segunda motivação é mais empírica e de natureza subjetiva da autora deste capítulo: ao não empregar letras maiúsculas no título do romance, deduzo que o autor quis dar ao texto nuances de simplicidade e de sentimentalismo que perpassam toda a obra, na qual “amar” significa apenas “amar”, ou apenas “sentir”, conforme a epígrafe apontada no início deste texto. “Amar” passa a ser pleno de significado, sem necessidade de transitividade sintática ou semântica. Talvez o leitor não concorde comigo, mas assim me parece.

Coloco uma segunda questão: por que trabalhar, em um livro de Linguística Sistemico-Funcional, com um texto literário? Justifico, afirmando que o uso da linguística na análise de textos literários pode ser constatado desde Aristóteles, passando por Jakobson e Mukarovsky, que exploram o funcionamento da linguagem poética, resultado da combinação da linguagem cotidiana com metáforas, rimas, repetições lexicais e paralelismos fonológicos ou sintáticos. No texto literário, certos padrões léxico-gramaticais e fonológicos são colocados propositadamente pelo escritor em primeiro plano, a fim de propiciar ao texto o efeito poético desejado.

Julgo ser extremamente relevante o posicionamento de Jakobson (2000, p. 161), para quem “parece não haver razão para a tentativa de apartar os problemas literários da Linguística geral”:

Esta minha tentativa de reivindicar para a Linguística o direito e o dever de empreender a investigação da arte verbal em toda a sua amplitude e em todos os seus aspectos conclui com a mesma máxima que resumia meu informe à conferência que se realizou em 1953 aqui na Universidade de Indiana: *Lingüista sum; linguistici nihil me alienum puto*. Se o poeta Ransom estiver certo (e o está) em dizer que “a poesia é uma espécie de linguagem” o lingüista, cujo campo abrange qualquer espécie de linguagem. [...] **pode e deve** incluir a poesia no âmbito de seus estudos” (p. 161). (grifo meu)

Em se tratando de arte verbal, um conceito-chave para o formalismo russo é o processo poético de desfamiliarização, singularização ou estranha-

mento³ (CHKLOVSKI, 1976), resultando em jogos de linguagem impregnados de literariedade. Essa desfamiliarização pode ser usada em situações do cotidiano para desafiar e subverter formas habituais de construção da realidade e de relacionamentos. A literariedade existe quando há um alto grau de interação dentre os níveis linguísticos que conduzem para um nível de densidade semântica bem maior do que aquele em textos com baixa literariedade; partes do texto são polissêmicas e podem ser lidas nos níveis literal ou figurativo. Um misto híbrido de gêneros não encontrados em usos convencionais da linguagem caracterizam-se por um deslocamento espaço-temporal entre escritor e leitor, que raramente habitam o mesmo espaço, exceto em peças de desempenho improvisado para o público ao vivo.

A linguagem literária, pelo uso frequente da metáfora lexical e da avaliação implícita, é uma forma essencial de apoio à compreensão das formas não congruentes de pensar e escrever. É o que Hasan (1989, p. 100) denomina “segunda ordem de significado” ou “de semiose”, de modo que “uma ordem de significado atua como metáfora de uma segunda ordem de significado”.

E é neste sentido que podemos descrever peças de arte verbal como metáforas estendidas. Em toda arte verbal existem dois níveis de semiose: um que é produto do uso da linguagem natural, ele próprio um sistema semiótico, e outro que é o produto do sistema artístico através do primeiro plano e da remodelagem de significados de primeira ordem. É por isso que a paráfrase nunca é suficiente para descrever os significados de um texto da literatura. A arte da arte verbal consiste no uso da linguagem de tal maneira que esta semiose de segunda ordem se torne possível (HASAN, 1989, p. 100).

Para Hasan (1989), a arte verbal reside na articulação simbólica entre as duas ordens de significado, em que a primeira torna-se veículo para a segunda. Por sua vez, Halliday e Matthiessen (1999, p. xi), ao trabalharem com a Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), buscam expandir o escopo da teoria, ao afirmarem: “Nós, naturalmente, esperamos que a nossa abordagem

3 Viktor Borisovich Chklovski cunhou o conceito de *ostranenie*, que pode ser traduzido como “estranhamento, singularização ou desfamiliarização”. O nome do autor também possui outras grafias como Shklovskii ou Shklovsky. É considerado o pai do formalismo russo.

seja considerada relevante por aqueles que estão envolvidos com a linguagem em outros pontos de partida, como educação, literatura, filosofia, psicologia e sociologia”. Ao mesmo tempo, os autores propõem que a LSF

incentive os estudos que expandem o ‘núcleo duro’ da linguística de várias maneiras: para abranger o discurso e a descrição de textos naturais; para explorar as relações entre linguística e suas disciplinas vizinhas - psicologia, sociologia, filosofia, estudos culturais e literários - e aplicá-la em áreas como a educação, a patologia da linguagem e o direito” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, p. ii).

Com o objetivo de articular as duas ordens de significados preconizadas por Hasan (1989) e, assim, proceder à análise, sob o viés da Linguística Sistemico-Funcional, do texto literário escolhido, passo agora a considerações de natureza léxico-gramatical e semântico-discursiva, valendo-me dos conceitos iniciais de oração e figura.

As orações constituem o que Halliday e Matthiessen (1999) denominam figuras: de fazer, de ser, de pensar, de dizer, de existir e de se comportar. Dentre os seis tipos apresentados por Halliday (1994; 2004; 2014), as figuras comportamentais são aquelas que acontecem com processos semanticamente intermediários entre as materiais e as mentais. Essa topologia particular faz com que as orações comportamentais apresentem características de uma e de outra, o que acarreta dificuldades na sua identificação. Com traços tipicamente humanos, referem-se a orações que representam manifestações tanto fisiológicas quanto psicológicas.

Como o principal componente de uma oração é o processo, neste capítulo tenho por objetivo fazer uma análise dos processos comportamentais empregados para representar as atividades das personagens no romance/idílio⁴ “*amar, verbo intransitivo*”, de autoria de Mário de Andrade, de modo a buscar uma categorização possível para tais processos, em língua portuguesa, na obra referenciada. Para isso, o capítulo ampara-se nos pressupostos da Linguística Sistemico-Funcional e lança mão da ferramenta de

4 O próprio Mário de Andrade denominou, no subtítulo, sua obra de “idílio”, forma singela de amor em que não pairam dúvidas quanto à reciprocidade entre dois sujeitos. Entretanto, o prefácio de Telê Porto Ancona Lopez (1995, p. 2) refere-se à obra como “romance”. As duas denominações são empregadas, neste capítulo, indistintamente.

busca WordSmith Tools (SCOTT, 2008). O texto completo, submetido à ferramenta WordList e Concordancer, apresentou um percentual de 4,70% de orações efetivamente comportamentais, número que pode ser considerado elevado em relação a outros contextos.

Hipotetizo, neste capítulo, que a grande ocorrência de processos comportamentais em “*amar, verbo intransitivo*” dá-se pela característica literária e psicológica da obra, que faz uso do discurso figurativo (HASAN, 1989, p. 37). Grandes partes do texto são polissêmicas e podem ser lidas nos níveis literal ou metafórico, este resultante da transcodificação de uma imagem em outra (HARMAN, 2008). Ademais, o próprio Mário de Andrade escreveu, no “postfácio” do livro, dirigindo-se ao “sr. redator” que seu idílio “está gordo de freudismo” (ANDRADE, 2003, p. 138) e que “o fenômeno biológico provocando a individualidade psicológica de carlos⁵ é a própria essência do livro” (2003, p. 139). Prosseguindo, o autor afirma: “e ainda estava nas minhas intenções fazer uma sátira dolorosa para mim e para todos os filhos do tempo, a essa profundidade e agudeza de observação psicológica dos dias de agora” (2003, p. 139). Também a autora do prefácio de “*amar, verbo intransitivo*”, Telê Porto Ancona López, aponta o caráter psicológico da obra, ao enfatizar “o interesse pela psicologia do adolescente que tanto marca[ria] mário de andrade na crítica literária — “amor e medo” etc.” (2003, p. 21) e destacar que “para o narrador é importante criar, ao lado da imagem física e psicológica de cada personagem, sua imagem sonora” (2003, p. 27-28).

Neste capítulo, inicialmente apresento um panorama geral dos estudos sistêmico-funcionais sobre os processos comportamentais. A seguir, procedo à análise do *corpus* e proponho uma categorização dos processos comportamentais na obra “*amar, verbo intransitivo*”. Finalmente, apresento algumas considerações sobre os resultados e sugiro possibilidades de investigação futura.

PROCESSOS COMPORTAMENTAIS

As experiências humanas, tanto internas quanto externas, transformam-se em significado, quando usamos a linguagem. A experiência inter-

5 A grafia dos exemplos selecionados não foi alterada, mantendo-se a forma original.

na, consciente, serve de referência para “interpretar a experiência externa” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, p. 222) individual e/ou coletiva e representá-la em termos de sequências⁶, figuras⁷ e elementos⁸.

Ao usar a linguagem verbal, o homem pode fazê-lo em diferentes níveis de significado: os de primeira ordem – da experiência real – e os de segunda ordem – figurativos (HASAN, 1989). Em qualquer uma das duas situações, o processo, nos termos da gramática sistêmico-funcional (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999; 2004; 2014), ocupa o lugar central de qualquer porção de linguagem. Três categorias de processos são fundamentais na representação da experiência: os materiais, os mentais e os relacionais. Entretanto, outros três são intermediários e completam o leque de possibilidades de representação das atividades humanas: os verbais, os existenciais e os comportamentais. Estes últimos – os comportamentais – constituem “uma zona nebulosa”, cujas fronteiras são de difícil distinção. Halliday e Matthiessen (2014, p. 301) definem-nos como “processos (tipicamente humanos) de comportamento fisiológico e psicológico, como *respirar*, *tossir*, *sorrir*, *sonhar* e *olhar*”⁹. Para os mesmos autores, por se situarem na fronteira entre os processos materiais e mentais, os processos comportamentais representam manifestações externas de funções fisiológicas internas (ex.: eles estão *tossindo*) e de atividades psicológicas internas (ex.: eles estão *chorando*) (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004).

A partir de Halliday (1994; 1998) e Halliday e Matthiessen (1999; 2004; 2014), vários pesquisadores têm investigado os processos comportamentais (THOMPSON, 2004; EGGINS, 2005; BLOOR; BLOOR, 2013; MARTIN; WHITE, 2005), buscando uma caracterização mais precisa. O'Donnell, Zappavigna e Whitelaw (2008, p. 3), em pesquisa sobre dificuldades de categorização dos processos, consideram que poucos comportamentais constituem *hard behavioural*s, a exemplo de *sorrir*.

6 Sequência é um conjunto de figuras (orações) logicamente articuladas em expansão ou em projeção, formando um complexo oracional. A sequência também pode se realizar por sintagmas, como é o caso da metáfora gramatical.

7 Figura é o conjunto de elementos (processos, participantes e circunstâncias), que formam uma mesma oração.

8 Elementos são os itens léxico-gramaticais que estruturam as orações: processos, participantes, circunstâncias, qualidades..

9 Todas as traduções constantes neste capítulo são de responsabilidade da autora.

Outros estudos sobre os processos em tela foram realizados, como, por exemplo, em cartas ao editor (AL-MAHDAWI; AL-MARRAR, s.d), em reportagens de capa de revista (PANJAITAN, 2008), em texto literário de Ernest Hemingway (PURBA, 2003). No Brasil, pesquisas investigaram a representação de personagens *gays* (RODRIGUES JR, 2006), o discurso técnico médico (ZANELLA, 2006), músicas gospel brasileiras (PEREZ, 2012) e os depoimentos de pessoas portadoras de câncer (CABRAL; BARBARA, 2015), todos confirmando que os processos comportamentais estão presentes nesses contextos.

O processo comportamental, segundo Halliday (1994) e Halliday e Matthiessen (1999; 2004; 2014) tem apenas um participante, que é o Comportante - um ser humano consciente, o que gramaticalmente resulta na intransitividade verbal. A exemplo de (1) e (2), o Comportante é ou um ser humano ou aquele que se comporta como humano (respectivamente “elza” e “um mocinho”).

1	“elza <i>apeou</i> ajeitando o casaco, toda de pardo, enquanto o motorista botava as duas malas, as caixas e embrulhos no chão”. (p. 42) ¹
---	---

2	“meu deus... os raros transeuntes da aurora viam na janela um mocinho <i>chorachorando</i> , coitado! (p. 125)
---	--

Em alguns casos, o processo comportamental pode contar com um segundo participante – o Comportamento (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004; 2014). Este só está presente em companhia de verbos vazios de significado ou “verbos-suporte” (NEVES, 2000), como em (3) e (4), onde “um suspiro de alívio” e “um gesto de calor” representam o Comportamento.

3	“ <i>deu um suspiro de alívio</i> , como trabalhara! na verdade não trabalhara coisa nenhuma, fräulein é que fizera tudo. (p. 110)
---	--

4	“a norueguesa <i>fez um gesto de calor</i> , pra disfarçar e trocou de lugar com o filho”. (p. 112)
---	---

Ao considerarem tais ocorrências como formas não congruentes de processos comportamentais, Halliday e Matthiessen (1999) apontam a interpretação difusa que delas pode decorrer.

As “metáforas do cotidiano” de Lakoff e Johnson são amplamente apresentadas como metáforas lexicais: isto é, em termos de palavras individuais e conjuntos de palavras semanticamente relacionados. Às vezes, no entanto, as metáforas do cotidiano surgem, em vez de metáforas como movimento na gramática: por exemplo, muitas das nossas expressões cotidianas para processos comportamentais, como tomar um banho, dar uma olhada, dar um sorriso, fazer uma volta, envolvem construir o processo (congruentemente um verbo) na forma de um substantivo. Tais metáforas são ainda menos acessíveis à reflexão consciente do que as lexicais, e tão facilmente difusas em todo o sistema e se tornam a norma (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999, p. 273).

Halliday e Matthiessen (2004) também apontam a frequência de grupos preposicionais que expressam “orientação” nos processos próximos aos mentais e em processos fisiológicos que manifestam estados de consciência, como já observado por Fuzer e Cabral (2014).

5	“carlos não se incomoda mais, vai pra onde quiserem. nem uma vez sequer <i>olha</i> pra trás, para a irmã que piorou”. (p. 99)
---	--

O tempo verbal não marcado para os processos comportamentais é o presente do indicativo acompanhado de gerúndio (*present in present* em inglês e presente pontual em SACCONI, 2008), embora muitas vezes se encontre a forma simples do presente do indicativo em sentido não marcado, especialmente quando denota uma ação que não é habitual, caso em que apresenta proximidade com os mentais.

Fuzer e Cabral, em trabalho de 2014 e a partir da obra de Halliday e Matthiessen (2004), elaboraram uma lista de processos que, em língua portuguesa, podem ser considerados comportamentais (Quadro 1). Esses processos, quando próximos dos materiais, indicam posturas corporais ou movimentos do corpo, e quando próximos dos mentais, representam estados de consciência.

Quadro 1 – Processos comportamentais

I	Próximos aos materiais	Posturas corporais e entretenimentos	cantar, dançar, levantar, sentar
II	Próximos aos mentais	Processos de consciência representados como formas de comportamento	olhar, assistir, fitar, escutar, observar, preocupar-se, sonhar

Fonte: Halliday e Matthiessen (2004, p. 251), adaptado por Fuzer e Cabral (2014, p. 77).

Alguns processos comportamentais encontram-se muito próximos dos mentais cognitivos: “Nesses casos, eles se referem não a nossas esperanças e crenças, mas ao foco temporal de nossa atenção” (BARTLET, 2014, p. 71). Outros aproximam-se dos perceptivos, também com o foco deliberado em nossas próprias percepções. Nesse caso, frequentemente ocorrem acompanhados de preposições,

Fuzer e Cabral (2014) selecionaram também processos comportamentais que apresentam semelhança com os processos verbais. Foram listados aqueles que indicam formas verbais de comportamento, de processos fisiológicos que remetem a estados de consciência e de processos fisiológicos comuns ao ser humano (Quadro 2).

Quadro 2 – Processos comportamentais próximos aos verbais

III	Próximos aos verbais	Processos verbais como formas de comportamento	tagarelar, murmurar, rosnar, falar, fofocar, argumentar, discutir
IV		Processos fisiológicos manifestando estados de consciência	gritar, chorar, rir, gargalhar, sorrir, suspirar, assobiar, choramingar, acenar (com a cabeça)

V		Outros processos fisiológicos	respirar, tossir, soluçar, arrotar, desmaiar, evacuar, defecar, urinar, bocejar, dormir
---	--	-------------------------------	---

Fonte: Halliday e Matthiessen (2004, p. 251), adaptado por Fuzer e Cabral (2014, p. 77)

Uma característica importante dos processos comportamentais próximos aos verbais, segundo Bartlet (2014), é a incapacidade de representar a transferência de informação, de modo que o foco da informação recaia no processo propriamente dito. É o caso de (6), em que “conversar” e “falar” são manifestações do comportamento humano que, semanticamente saturadas, valem por si, sem necessidade de complementação.

6	“então eles <i>conversavam</i> . <i>falavam</i> longamente. comovidamente.”. (p. 87)
---	--

Além do mais, processos como *insistir*, *queixar-se*, *chorar*, *gritar*, *soprar*, *gaguejar*, *delirar*, *entusiasmar* apresentam um traço importante que é a impossibilidade de projetar discurso indireto (Locução hipotática), o que os diferencia em muito dos mentais e dos verbais. Em (7) e (8), por exemplo, não se admitem as construções **chorou que* e **se entusiasmara que*.

7	“ninguém o saberá jamais, <i>chorou</i> sinceramente. aproveitou as lágrimas pra continuar a lição” (p. 92)
---	---

8	“tivera nesse dia uma cançãozinha de goethe pra traduzir, história dum pastor que vivia no alto das montanhas. <i>se entusiasmara</i> , lindíssimo! decorava-a.” (p. 54)
---	--

Por outro lado, é importante notar que muitos processos que atribuem características comportamentais a um evento discursivo em contextos narrativos podem ser usados para citar ou relatar, porque contêm o traço “dizer”. Nesse caso, não são considerados comportamentais, mas verbais, uma vez que projetam a fala da(s) personagem(ns).

9	“nem lhes gozava o cheiro lavado.fräulein, entre lágrimas, <i>sorriu</i> assim: — meu filho... sousa costa repuxava os bigodes, bolas” (p. 124)
10	“mais do que esse sentimento inútil, logo sequestrado, fräulein <i>discutia</i> se os oito contos lhe escapavam ou não, certo que não!” (p. 92)

Os processos comportamentais também não aceitam fatos¹⁰ que possam constituir Fenômenos (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999). Dados os sentidos atribuídos a esse tipo de processos, Bartlet (2014) sugere que, na realização da análise de textos, possamos distribuir os comportamentais em grupos, conforme a proximidade com os mentais e os verbais: (a) comportamentais-mentais do tipo cognitivo; (d) comportamentais-mentais do tipo perceptivo; (c) comportamentais-verbais; (d) outros processos comportamentais.

Processos comportamentais são, em suma, atividades controladas por um Comportante ativo (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 1999). São atividades sensoriais, em que *bocejar* e *observar* são comportamentos humanos não verbais, e *falar* é uma atividade que não traz em si o transporte de informações (BARTLET, 2014, p. 182).

Aos processos comportamentais frequentemente associam-se certos tipos de circunstâncias: Assunto, Modo ou Companhia. Halliday e Matthiessen (1999, p. 347-348) indicam que os processos comportamentais que normalmente são acompanhados de circunstâncias de Assunto são *discutir, descrever, explorar, debater, refletir sobre, pensar sobre, mencionar [falar] sobre, considerar [pensar], contemplar [pensar], refletir sobre*. As circunstâncias de Modo, por sua vez, associam-se normalmente aos processos dos grupos III (processos verbais como formas de comportamento), IV (processos fisiológicos manifestando estados de consciência) e V (outros processos fisiológicos), como se pode observar em (11), (12) e (13).

10 Um fato é uma entidade semiótica, que “está em um nível mais alto de abstração do que uma coisa comum ou um ato. Coisas simples e atos são ambos fenômenos materiais, que podem ser vistos, ouvidos e entendidos de outras maneiras” (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2014, p. 252).

11	“porque <i>discutem</i> assim? por divertimento. por jogo, brincadeira. pra adivinhar, só pra isso”. (p. 104)
12	“No tempo em que morava com a família, chegava a <i>chorar</i> de escondido, porque o dito andava sempre de lenço amarrado na cara, maravilhoso, já todo banguela de tanto dente arrancado com dor”. (p. 111)
13	“É grandalhão, é. mesmo pesado. Muitos afirmam que ele é magro... a culpa não é tanto das carnes, que são rijas e abundantes. come bem. <i>dorme</i> bem. passa vida regalada”. (p. 82)

As circunstâncias associadas aos grupos I (posturas corporais e entretenimentos) e III (processos verbais como formas de comportamento) muitas vezes são lexicalizadas com grupos preposicionais, indicando Acompanhamento (MATTHIESSEN, 1995, p. 284), o que corresponde ao Receptor nos processos verbais, como em “dançar com”, “tagarelar com”.

Matthiessen (1995) agrupa os processos comportamentais em quatro categorias, a saber:

- (a) percepção: *olhar, ver, olhar, ficar* [de boca aberta], *ver, observar, ouvir, sentir* [cheiro, paladar ou tato]; cognição: *ponderar, resolver* [quebrar-cabeça], *exercitar* [a memória], *meditar, pensar, esquecer, lembrar, vencer*;
- (b) afeição: *sorrir, olhar* [severamente], *rir, suspirar, carranquear, agitar, tremer, chatear* [-se], *desfrutar, alarmar* [-se], *desgostar, divertir* [-se], *fazer* [careta]”;
- (c) fala: *falar, conversar, cantar, bajular, insultar, louvar, lamentar, ponderar, gaguejar, murmurar, gemer, vibrar, fofocar, gabar, cantar, tossir, roncar, caluniar, injuriar, louvar, bajular, lisonjear, agradecer*.

Em língua portuguesa, certos processos comportamentais podem ocorrer com pronome reflexivo: *comportar-se, limpar-se, pentear-se, vestir-se, ocultar-se, esconder-se, preparar-se, barbear-se, lavar-se*, dentre outros.

Na seção a seguir, passo à análise dos processos comportamentais utilizados na obra “*amar, verbo intransitivo*”, de Mário de Andrade.

ANÁLISE DO CORPUS

O objetivo deste capítulo é apresentar e explorar, com base na Linguística Sistemico-Funcional, os processos comportamentais empregados na obra “*amar, verbo intransitivo*”, de modo a estabelecer a funcionalidade que Mário de Andrade lhes atribuiu no exercício da função imaginativa da linguagem (HASAN, 1989), que permite que a criação de significados que habitam um mundo imaginário – verossímil, literariamente falando – que fascina e envolve tanto adultos quanto crianças. Entretanto, algumas observações são importantes antes que se parta para o tratamento dos processos comportamentais propriamente ditos.

O movimento denominado Semana de Arte Moderna de São Paulo, em 1922, inaugurou uma nova época na literatura do Brasil. Em oposição à rigidez do Parnasianismo, os autores da primeira fase modernista (1922 – 1930) buscaram a brasilidade em temas nacionais e em novas formas de expressão, ao quebrar paradigmas e estabelecer amplo combate ao formalismo vigente até então. A obra “*amar, verbo intransitivo*” foi publicada pela primeira vez em 1927 e foi denominada pelo próprio autor “idílio”, o que constitui uma contradição com a história narrada. A narrativa é *linear*, em terceira pessoa, sem divisões de capítulos e impregnada de um espírito de destruição¹¹ característico da fase inicial do Modernismo no Brasil. Além da linguagem coloquial brasileira, Mário de Andrade faz uso frequente de digressões, recheando o livro de observações marginais e elipses, que obrigam o leitor a completar os pensamentos.

A história versa sobre a iniciação sexual do protagonista, Carlos Alberto. Seu pai, Sousa Costa, burguês preocupado em preparar o filho para a vida, contrata uma profissional para isso, Fräulein Elza. Oficialmente, ela entra no lar de Higienópolis¹² para ser governanta e ensinar alemão aos quatro filhos do casal Sousa Costa. A “professora” realiza seu serviço com dignidade, não o considerando uma forma de prostituição. Assume estar realizando uma missão. Fräulein inicia Carlos, mas em pouco tempo a iniciação sexual torna-

11 A primeira fase do Modernismo brasileiro caracterizou-se pela proposta de destruição das formas de expressão consideradas passadistas – principalmente das formas parnasianas –, como a supressão da harmonia tipográfica, da sintaxe e da pontuação, para dar lugar a novas formas de expressão artística.

12 Até hoje, Higienópolis é considerado um dos bairros mais nobres da cidade de São Paulo.

-se afetiva. Incomodada com a situação, que fugiu de seu controle, Fraulein decide partir e buscar emprego em outra casa. Enredo e obra inovadores foram fundamentais para que, em 1975, o romance fosse transportado para as telas brasileiras com o nome *Lição de Amor*, filme dirigido por Eduardo Escorel e estrelado por Lilian Lemmertz¹³.

A desfamiliarização se faz presente já no título do romance “*amar, verbo intransitivo*” e também na temática abordada (uma governante que é contratada para iniciar sexualmente um adolescente). O estranhamento é evidente não só no vocabulário criado por Mário Andrade (*chorachorar, fogefugir, espaventar, redesabar, sonderbar, tatarar, transcompreender*) como também pelas construções sintáticas truncadas (“*agora sorria com esse sorriso enfeitado dos que não agem claro e...procedendo mal? porque! passara a perna esquerda sobre a mesa branca, semi-sentado. balançava-a num ritmo quase irregular. quase. e olhava sobre a mesa uma folha perdida com que a mão brincava*” (p. 60) e pela organização textual totalmente anárquica (falta de pontuação, presença de discurso indireto livre, ausência de iniciais maiúsculas, ausência de capítulos ou qualquer delimitação espacial do texto).

Grandes porções do texto são polissêmicas e podem ser lidas nos níveis literal ou figurativo, em que a metáfora lexical ocupa lugar privilegiado. É o que Harman (2008, p. 65) denomina “transcodificação de uma imagem com outra”, o que resulta também em uma postura avaliativa de significado interpessoal. Vejamos os exemplos (14), (15) e (16).

14	“o mistério penoso das inquietações <i>baritonava</i> aquelas almas, inchadas de amor pela grande alemanha. frases curtas. elipses. queimava cada lábio, saboroso, um gosto de conspiração. que conspiram eles?” (p. 58-59)
----	---

15	“ <i>chacoalham</i> cores vivas, deuses, lendas, artes...” (p. 118)
----	---

13 Informação disponível em <[http://www.70anosdecinema.pro.br/1182-LICAO_DE_AMOR_\(1976\)](http://www.70anosdecinema.pro.br/1182-LICAO_DE_AMOR_(1976))>.

16	“sousa costa enojado se desvencilhou num tempo deixando fräulein lá. ia... o vagão todo <i>se escangalhava</i> de rir, até a norueguesa. de repente sousa costa não soube mais o que ia fazer. xingar a central do brasil?” (p. 116)
----	--

Apesar de ser escrito em prosa, “*amar, verbo intransitivo*” apresenta rimas, o que atesta o cuidadoso trabalho de Mário de Andrade com a arte verbal (17).

17	“— tu, turututu! parente do tatu e do urubu, pronto!” (p. 84)
----	---

Também é típico desse momento nas artes brasileiras o emprego da linguagem coloquial em detrimento da formal. Verbos como *banzar, bracejar, grimpar, desembuchar, desembestar, embonecar, enlugar, enrodilhar, escangalhar, macaquear, entrecerrar, entremostrer, envaretar*, dentre outros, comprovam esta afirmativa.

A temática centrada nas atividades emocionais das personagens, na utilização dos corpos para a descrição das cenas de amor e a riqueza de metáforas apontaram a possibilidade de se encontrarem processos comportamentais no decorrer da obra. Submetido ao programa WordSmith 5.0, o romance apresentou os seguintes resultados:

Número de palavras: 36.945
<i>Types</i> (palavras distintas): 7.778
<i>Type/token ratio</i> (TTR): 21,05
<i>Types</i> de processos: 904
<i>Types</i> de processos comportamentais: 366
Número de lemas de processos comportamentais: 179

Após a identificação das formas verbais presentes na Lista de Palavras (Word List), foram aplicados cinco critérios para a identificação das formas de processos comportamentais, a saber:

- representação de processos de atividade física, fisiológica, de comportamento verbal ou psicológico/mental;
- presença de um participante consciente;

- c) impossibilidade de projeção de discurso indireto (Locução hipotática) no contexto;
- d) intransitividade ou reflexividade;
- e) foco temporário no contexto.

Como resultado, foram obtidos 179 processos comportamentais diferentes, realizados em 366 *types*, o que equivale a 4,04% do total de palavras diferentes e a 4,70% da totalidade de *types* de todo o romance. À primeira vista, o número de processos comportamentais em relação ao total de processos no romance parece ser excessivo, mas tendo em vista as características literárias e temáticas apontadas neste capítulo, é possível entender a concentração observada na obra de Mário de Andrade.

Os processos encontrados podem ser categorizados em quatro grupos:

1. Processos de atividade física: 59
2. Processos de atividade fisiológica: 43
3. Processos de atividade verbal: 28
4. Processos de atividade mental: 49

Como processos de **atividades físicas**, foram encontrados: *abraçar, afastar-se, agitar-se, ajoelhar, amolecer(-se), andar, apresentar-se, apressar, aproximar-se, apurar, cair, calar, caminhar, chacoalhar, chegar(-se), comportar-se, contorcer, corcovear, correr, curvar-se, dar (um olhar, um passeio), debruçar-se, derubar-se, descansar, descer, despejar-se, despencar, desvencilhar-se, embrenhar, endurecer, enroscar, entrar, erguer, esforçar, esgueirar, espiar, estacar, fogefugir, forcejar, fugir, galopar, girar, jazer, imobilizar, lambear, levantar, mergulhar, paralisar, parar, partir, pestanejar, pousar, pular, pulular, redesabar, rolar, sacolejar, sair, saltar*. As passagens (18) e (19) apresentam exemplos de processos comportamentais da categoria **atividade física**.

18	“cinco pras onze, hora da lição! carlos se <i>imobiliza</i> , apavorado, que vergonha, meu deus! com que cara agora ia se <i>apresentar</i> diante del! Nunca mais olharia para ela! não teria coragem... <i>espiou</i> . fräulein grande, linda e esbelta prós olhos dele” (p. 89)
----	---

19	“ <i>ajoelhar</i> diante daquela boniteza matinal!... ficar assim, extático, em silenciosa adoração... divina!” (p. 90)
----	---

Em (18), os processos *imobilizar-se*, *apresentar-se* e *espiar* atendem os critérios estabelecidos para sua caracterização: representam atividades/movimentos realizados fisicamente, contam com um participante consciente (*carlos*), não apresentam possibilidade de projeção de discurso indireto (não é possível *imobilizar-se*, *apresentar-se* ou *espiar que*), são intransitivos (além disso *imobilizar-se* e *apresentar-se* são reflexivos) e o tempo é localizado (na *hora da lição*).

Situação semelhante ocorre em (19): *ajoelhar* é um movimento corporal, tem um Comportante (*carlos*), não projeta nem transfere informação (não é possível *ajoelhar* Locução ou Ideia e nem Verbiagem, é intransitivo e o foco temporal é temporário (na *hora da lição*).

Os processos de **atividades fisiológicas** encontrados são: *acordar*, *adoecer*, *adormecer*, *arder*, *banzar*, *bocejar*, *calar-se*, *cansar-se*, *cegar-se*, *cheirar*, *chorachorar*, *chorar*, *chupar*, *coagular*, *cochilar*, *comer*, *convalescer*, *crescer*, *desmaiar*, *despertar*, *doer*, *dormir*, *enfraquecer*, *engolir*, *engordar*, *enrubescer*, *enxergar*, *escutar*, *espirrar*, *espreguiçar-se*, *esquentar*, *fatigar*, *gerar*, *gelar*, *inchar*, *parir*, *passar*. *respirar*, *ressonar*, *rir*, *sarar*, *suar*, *sufocar* (exemplos 20 e 21).

20	“ia <i>luísa</i> na porta, tomavam um pito grande. teve medo e principiou <i>chorando</i> , porque desta vez papai tinha razão. <i>adormeceu</i> , <i>chorando</i> ” (p. 123)
----	---

21	“ <i>dona laura bocejava</i> refarta. mandou chamar os sempre-juntos. <i>carlos</i> veio correndo. — você chamou?” (p. 108)
----	--

Adormecer e *chorar*, constantes em (20), e *bocejar* (em 21) representam atividades fisiológicas “relativamente alheias” à vontade do Comportante. Ambos têm um ente consciente no qual as atividades acontecem (*luísa*; *dona laura*), não têm possibilidade de projetar ou transferir informação, são intransitivos e o foco temporal é passageiro (*após tomar um pito de papai*; *em passeio na tijuca*¹⁴).

14 “esse dia, devido às instâncias do calor, sousa costa concordou em tomar parte na alegria da natureza. tomar parte não: chamou um automóvel. vamos fazer a volta da tijuca!” (p. 105).

Como processos de **comportamentos verbais** foram detectados: *berrar, cantar, chamar, conversar, dar (riso, risinho, gritinho), desconversar, dessembuchar, discutir, esbravejar, exclamar, falar, gritar, grunhir, implorar, lastimar, gabar, gargalhar, gritar, grunhir, implorar, insultar, mentir, monologar, ordenar, parolar, queixar, rezar, sussurrar*. Os excertos (22) e (23) apresentam exemplos de processos de atividade verbal.

22	“criancinha. mamava que nem as outras, <i>berrava</i> sonoramente e trocava os dias pelas noites pra dormir.” (p. 70)
23	“só não se amaldiçoou, não amaldiçoou os companheiros e a perdida, só não chorou nem <i>monologou</i> porque não tinha inclinação pro gênero dramático”. (p. 92)

Os trechos (22) e (23) foram construídos com processos que representam comportamentos verbais. Aqui sobressai principalmente a característica da ausência da projeção de Locução hipotática, já que são intransitivos. Embora *berrar* e *monologar* possam normalmente projetar ou transferir informações, no contexto das orações e do texto não há esse tipo de informação. No trecho, *berrar* e *monologar* são atividades verbais que, temporalmente, no contexto de situação específico, não requerem complementação nem a aceitam. Mário de Andrade, nessas passagens, está mais preocupado com a manifestação do comportamento de entes conscientes - *Freud*, quando criancinha, e *Fräulein*, governanta, preocupada por constatar não ser a primeira mulher de Carlos. São processos intransitivos

Os processos de **comportamentos psicológicos/mentais** podem ser distribuídos em três grupos:

- **de percepção:** *notar, observar, perceber, sentir*.

24	“fräulein <i>se sentiu</i> logo perfeitamente bem dentro daquela família imóvel mas feliz.” (p. 51)
----	---

25	“era bem melhor que fräulein partisse. e depois, ora! ele que se arrume! boa educação tivera, exemplos bons em casa... e o mundo não era tão feio como parecia. Nem carlos nenhum arara... e as crianças já <i>tinham percebido</i> ... que espertas!” (p. 73)
----	--

Sentir e perceber, processos tipicamente mentais, em (24) e (25), através da variabilidade semântica e contextual, passam a representar comportamentos de participantes conscientes (*fräulein; as crianças*), uma vez que não há Fenômeno que os complementem, pois são intransitivos. Também não apresentam projeção de Ideia e o foco é temporário, ou seja, são comportamentos pontuais no decorrer da estória.

- **de cognição:** *compreender, conhecer, defrontar, enlouquecer, esquecer, evocar, inventar, ler, ignorar, ligar, matutar, supor.*

26	“elza consolava a pcurruca, com meriguice emprestada não sabia ter meiguice. mais questão de temperamento que de raça, não me venham dizer que os alemães são ríspidos. tolice! <i>conheci</i> .” (p.45)
----	--

27	“e ele sentiu sem se confessar a si mesmo, que chegara o momento de principiar <i>esquecendo</i> ” (p. 131)
----	---

Em (26) e (27), *conhecer* e *esquecer*, inicialmente mentais cognitivos, representam atividades mentais *de per si*: as personagens apenas “conhecem” e “esquecem”. Sendo intransitivos, não apresentam Fenômeno ou projeção. Os Comportantes são participantes conscientes (*elza; carlos*) e o tempo é pontual (o momento de começar a esquecer Fräulein).

- **de afeição:** *abater-se, aborrecer, acalmar, afeiçoar, agradar, amar, ansiar, arrebatr, assanhar, assombrar, assustar, atarantar, atordar, cismar, culpar-se, danar, dar (desassossego, sossego, vergonha), desembestar, desgostar, encabular, encafifar, enciumar, entristecer, entusiasmar, envergonhar, extasiar, gozar, hesitar, irritar, incomodar, infelicitar, satisfazer, sossegar.*

28	“e estamos na rua do recife, não tem perigo nenhum, medo pra que! o velho deve de estar dormindo. risinho. até parece que o outro é bobo. dormir? tão gostoso <i>amar</i> ! suspiro. e uma boquinha na orelha esquerda de fräulein. não. se prefere a direita, não é a mesma coisa. porque meu deus!”. (p.)
----	---

29	“depois <i>se assustou</i> . crianças não devem saber dessas coisas principalmente meninas. lembrou remédio decisivo.” (p. 72)
----	--

O excerto (28) é um dos mais representativos do romance/idílio: *Amar* é caracterizado pelo próprio autor como *Verbo intransitivo*. A Fräulein basta apenas *amar*. É um amor que não exige correspondência, que não exige completude. Apenas a afeição já é suficiente para que o amor seja pleno. Além de intransitivo, *amar* é um processo que não projeta nem transfere informações, tem um participante consciente (*Fräulein*) e o foco temporal é o tempo de duração do romance¹⁵ – *dois meses*.

A preocupação de Mário de Andrade, ao representar o comportamento de suas personagens, não se restringiu apenas ao uso de processos. Várias nominalizações e epítetos também contribuíram para tal finalidade. Nominalizações como *afobação*, *angústia*, *ansiedade*, *desespero*, *estorrecimento*, *prostração*, dentre outras, estão presentes. As passagens 30 e 31 exemplificam o emprego de nominalizações de cunho comportamental.

30	“se o pai fosse procurar a palavra no dicionário... tudo perdido! e a vontade por fräulein, mais do que isso, o <i>desespero</i> por ela cresceu. se aboletaram no torpedão. desta vez carlos não brigou com maria luísa por causa do lugar da frente”. (p. 97)
----	---

15 “percebia que estava crescendo sobre o carlos de dois meses atrás. gostava do brinquedo, confesso. brinquedo consciente? ninguém o saberá jamais. o limiar da consciência é bem mais difícil de achar que as cabeceiras do rio da dúvida... que o digam os psicólogos! que o digam as penas rotas e mortas em buscar esse limiar fugitivo e irônico!...” (p. 94)

31	“sousa costa pai, dona laura, carlos, laurita, aldinha. não: fräulein também. e tanaka e a criada de quarto. a cozinheira e o motorista. nem assim o rol se completa. o, próprio lar, paredes, janelas, vocês repararam como as luzes vivem menos impetuosas agora? as plantas, a comida... <i>consternação geral</i> ”. (p. 101)
----	---

Alguns epítetos que apontam para significados comportamentais das personagens são *aflito*, *alvorotado*, *emburrado*, *desvairado*, *macambúzio*, *enrodilhado*, dentre outros. As passagens 32 e 33 são exemplos do emprego de epítetos de significado comportamental.

32	“fräulein percebeu e falou baixinho com dona laura. esta, meu deus! essas crianças! fez um gesto <i>aflito</i> e ralhou com o marido (p. 111-112)
----	---

33	“concavamente <i>recurvada</i> , a esposa toda se apóia no esposo dos pés ao braço erguido. sousa costa completamente oculto pelas cobertas, <i>enrodilhado</i> se aninha na concavidade feita pelo corpo da mulher, e ronca”. (p. 74)
----	--

As passagens com nominalizações e epítetos demonstram que são múltiplos os recursos que a linguagem oferece para a instanciação, em textos, de significados de primeira e/ou de segunda ordem, principalmente daqueles que concorrem para a arte verbal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como objetivo realizar uma análise dos processos comportamentais empregados para representar a manifestação das personagens na obra “*amar, verbo intransitivo*”, de autoria de Mário de Andrade, e buscar uma categorização possível para tais processos, utilizei como fundamentação teórica os trabalhos em Linguística Sistemico-Funcional (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004; 2014). Os resultados demonstraram a presença de um número considerável de processos comportamentais (4,70%), os quais cumprem, na obra, a função de representar atividades físicas, fisiológicas, verbais e psicológicas das personagens.

As atividades físicas e as fisiológicas das personagens são representadas por processos quase-materiais que expressam movimentos corporais ou reações do organismo humano. As atividades psicológicas realizadas pelas personagens são representadas por processos quase mentais, mas não acompanhados de Fenômenos ou de projeção. Por sua vez, as atividades verbais são representadas por processos que envolvem a articulação de palavras ou estados de espírito manifestados pelo uso de sons humanos, mas sem a presença de Verbiagens, Fenômenos, Locuções ou Ideias.

O emprego de processos comportamentais, no texto literário, mostra-se um recurso eficaz na construção psicológica das personagens. Contribuem para a tessitura de narrativas mais dinâmicas, em que os movimentos corporais das personagens e o cumprimento de suas trajetórias no cenário fazem o enredo progredir. A utilização de processos de atividade mental ajuda o narrador a penetrar no consciente das personagens de modo que o leitor acompanhe as emoções e os pensamentos que auxiliam a construção dessas personagens.

No Brasil, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio, o estudo dos textos literários atravessa todas as disciplinas que compõem a área de Linguagens e suas Tecnologias (BRASIL, 2000), pois a linguagem figurativa (HASAN, 1989) é manifestação linguística (em língua materna e estrangeira) artística, que se nutre da relação com outras linguagens como a do corpo (dança, representação teatral, etc) e com as linguagens da informática (MENDONÇA, 2013). Entretanto, não só no Ensino Médio o trabalho com a arte verbal deve acontecer; ele deve ser incentivado desde o início da escolarização infantil. Reitero aqui meu posicionamento de que a educação para a arte, para a sensibilidade e para o valor das palavras deve ser requisito compulsório em todos os currículos escolares.

Refletir sobre o jogo da linguagem através de uma exploração de literariedade em um contínuo pode incentivar professores e alunos a explorar e desafiar várias opções linguísticas em todos os diferentes estratos da linguagem (fonológico, gráfico, léxico-gramatical e semântico). Vista sob esta perspectiva, a literatura pode desempenhar um papel crucial para ajudar os alunos a desenvolver em uma consciência de como padrões de significado em textos constroem pontos de vista, visões particulares da realidade e a textura do texto. Também pode-se destacar a relação integral de texto e contexto.

Assim, a leitura do texto literário permite fortalecer o uso tematicamente motivado da linguagem, garantir a sensibilidade do leitor até mesmo a fenômenos aparentemente comuns que podem passar despercebidos em outros lugares e, como aponta Hasan (1971), usar padrões linguísticos de primeira ordem para manifestar a observação e a sensibilidade dos escritores em uma segunda ordem de significados.

Concluindo, julgo que a hipótese por mim formulada se confirma: o romance psicológico é um terreno fértil para a presença de processos comportamentais, haja vista a porcentagem constatada na análise. Cito aqui novamente a declaração de Mário de Andrade, o qual já adiantara que a essência do livro é constituída pelo “fenômeno **biológico** provocando a individualidade **psicológica** de carlos” (p. 139 – grifo meu). A par dessa justificativa, acrescento a declaração do próprio autor, ao escrever ao “sr. redator” informando que o idílio “está gordo de freudismo” (p. 138), pois as palavras, para o amor entre Fraulein e Carlos, não serviam.

Eles não diziam, apenas sentiam. Amavam intransitivamente.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. de. **Amar, verbo intransitivo**. 16. ed. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Villa Rica Editoras Reunidas, 1995. Disponível em:< <http://sanderlei.com.br/PDF/Mario-de-Andrade/Mario-de-Andrade-Amar-verbo-intransitivo.pdf> >. Acesso em 07.out.2017.

AL-MAHDAWI, R. M. H.; AL-MARRAR, M. K. K. s.d. **Transitivity of Discourse Functionality**: Letters-to-the-Editor. Disponível em: < <http://www.iasj.net/iasj?func=fulltext&aId=79333>>

BARTLET, T. **Analysing Power in Language**: A practical guide. London and New York: Routledge, 2014..

BLOOR, T.; BLOOR, M. **The functional analysis of English**. London and New York: Routledge, 2013.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares do Ensino Médio**. Linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC, 2000. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf> >.

CABRAL, S. R. S.; BARBARA, L. Processos comportamentais na perspectiva da LSF: uma investigação inicial. **Letras**. Santa Maria, v. 25, n. 50, p. 187-206, jan./jun. 2015.

CHKLOVSKI, V. A arte como procedimento. In OLIVEIRA, S. **Teoria da literatura**: os formalistas russos, Porto Alegre, Globo, 1976, p. 39-56.

EGGINS, S. **Introduction to systemic functional linguistics**. 2. ed. **London: Arnold, 2005**.

FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014.

HALLIDAY, M. A. K. On the grammar of pain. **Studies in English language**. Collected Papers, v. 7, 1998.

_____. **An introduction to functional grammar**. London: Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **An introduction to functional grammar**. London: Arnold, 2014.

_____. **An introduction to functional grammar**. London: Hodder Education, 2004.

_____. **Construing experience through meaning**: a language-based approach to cognition. London, New York: Continuum, 1999.

HASAN, R. **Linguistics, language and verbal art**. Oxford: Oxford University Press, 1989.

_____. Rime and reason in literature. In: Seymour Chatman (ed.). **Literary style: A symposium**. London: Oxford University Press, 299-326, 1971.

HARMAN, R. **Systemic functional linguistics and the teaching of literature in urban school classrooms**. University of Massachusetts Amherst. Tese. 2008. Disponível em: <http://www.isfla.org/Systemics/Print/Theses/Harman2008-Thesis.pdf>>

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. 17. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

LOPEZ, T. P. A. L. Prefácio. In ANDRADE, M. de. **Amar, verbo intransitivo**. 16. ed. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Villa Rica Editoras Reunidas, 1995. Disponível em: < <http://sanderlei.com.br/PDF/Mario-de-Andrade/Mario-de-Andrade-Amar-verbo-intransitivo.pdf> >. Acesso em 07.out.2017.

MARTIN, J.; WHITE, P. **The language of evaluation**: appraisal in English. New York: Palgrave, 2005.

MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Lexicogrammatical cartography**: English systems. Tokyo: International Language Sciences Publishers, 1995.

MENDONÇA, M. C. O discurso sobre a produção textual de gêneros literários. **Letras & Letras**. V. 29, n. 2, 2013. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view25974/14263>.

NEVES, M. H. de M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP, 2000.

O'DONNELL, M.; ZAPPAVIGNA, M.; WHITELAW, C. A survey of process type classification over difficult cases. In: JONES, C.; VENTOLA, E. (eds) **New developments in the study of ideational meaning**: form language to multimodality. London: Continuum, 2008.

PANJAITAN, F. Y.† **The analysis of verbal and behavioral processes in The Cover Story of Tempo**. Tese. University of Sumatera Utara. Faculty of Letters English Department Medan Indonésia, 2008. Disponível em: <<http://repository.usu.ac.id/handle/123456789/17063>>

PEREZ, R. dos S. M. Transitivity in Brazilian gospel music from Halliday's systemic functional linguistics point of view. **E-escrita** Nilópolis: UNIABEU, v.3, n. 2, 2012.

PURBA, H. T. M. 2003. **An Analysis of Verbal and Behavioural Process in Ernest Hemingway's Novel "The Sun Also Rises"**: a Systemic-Functional Approach. Indonésia: Universidade Sumatera Utara (These, não publicada).

RODRIGUES JR., A. S. Representação gay em *corpus* literário paralelo. Universidade Federal de Ouro Preto. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. Belo Horizonte, v. 10, n. 3, p. 603-624, 2010.

____. **A representação de personagens gays na coletânea de contos Stud e em sua tradução As Aventuras de um Garoto de Programa**. Belo Horizonte, Faculdade de Letras da UFMG, março de 2006. Tese de doutorado.

SACCONI, L. A. **Nossa gramática**: teoria e prática. São Paulo: Escala Educacional, 2008.

SCOTT, M. **Word Smith Tools**. Versão 5.0. Oxford University Press, 2008.

THOMPSON, G. **Introducing functional grammar**. 3rd, ed. London and New York: Routledge, 2004.

ZANELLA, A. **Mapeamento macro e micro-estrutural da retextualização de resumos on-line**: estudo da transitividade de abstracts biomédicos. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Mestrado ... Universidade Federal de Santa Catarina, 2006. Disponível em: <http://www.pget.ufsc.br/curso/dissertacoes/ariana_zanella_-dissertacao.pdf>.

CAPÍTULO 9

ELEMENTOS CIRCUNSTANCIAIS E ATRIBUIÇÃO DE PAPÉIS EM BOLETINS ELETRÔNICOS DO GREENPEACE

Rodrigo Esteves de LIMA-LOPES

INTRODUÇÃO

Este artigo estuda o sistema de transitividade de forma a discutir a função dos elementos circunstanciais em um *corpus* formado por boletins eletrônicos do Greenpeace em português brasileiro. De maneira geral, meu objetivo é discutir como esses elementos contribuem para a atribuição de papéis e representação das entidades no gênero estudado.

Segundo Halliday e Matthiessen (2004, p. 170), nossa forma mais poderosa de representação da experiência consiste em “fluxos de eventos”. Esses fluxos são agrupados em diversos “*quanta* de mudança” que são constituídos como “imagens” que representam acontecimentos. O sistema gramatical que organiza tal fluxo é a transitividade, traduzindo esse universo de representações em um conjunto gerenciável de “tipos de processos”. Cada um deles seria o equivalente a um “modelo” ou a um “esquema”, responsável pela organização de um determinado domínio da nossa experiência. Há, inicialmente, dois esquemas principais: o primeiro seria relacionado ao mundo em que vivemos, àquilo que percebemos estar acontecendo à nossa volta, ao passo que o segundo estaria ligado ao que se dá dentro de nossa própria consciência, em nosso mundo interior. Para Halliday (1994), seria no contraste entre essas duas realidades, a interior e a exterior, que o sistema de transitividade se organizaria; dois domínios que se oporiam.

Halliday e Matthiessen (1999, p. 547-548) colocam que a indeterminação é uma característica comum a todas as línguas naturais, uma vez que não há fronteiras precisas entre as categorias que configuram qualquer

sistema de comunicação humana. Tal “princípio de indeterminação” tem consequências importantes para análise da transitividade; isso porque cada vez que o analista classifica e analisa um processo ou um elemento circunstancial (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004) ele está, de fato, operando com o seu conhecimento e experiência.

Ao assumirmos que a língua pode também ser pensada como uma ação social (HALLIDAY, 1994), ela encapsularia o discurso dos grupos sociais que a utilizam (GEE; HULL, 1996; KRESS; VAN LEEUWEN, 2001; VAN LEEUWEN, 2007), sendo um retrato de suas relações sociais e ideológicas (GEE; HULL, 1996; FAIRCLOUGH, 2003). Por conta disso, poder-se-ia imaginar que qualquer análise que se debruce sobre o sistema de transitividade possui características subjetivas e dialéticas. Logo, se de um lado há a cultura e os valores sociais trazidos pelo pesquisador, por outro lado, esses valores podem ser diferentes daqueles que os grupos sociais representados nos textos possuem. Em outras palavras, excetuando-se situações nas quais o sistema de transitividade seja analisado por um participante das comunidades em que um texto circula efetivamente, nosso olhar será sempre estrangeiro.

Dependendo do seu objetivo, o pesquisador pode ser obrigado a conhecer de forma profunda o contexto no qual um fraseado é produzido para melhor compreender as diferenças de intencionalidade e de caráter léxico-gramaticais. No caso do primeiro, é importante compreender quais as variáveis de registro (HALLIDAY; HASAN, 1989; EGGINS; MARTIN, 1997) realizam o(s) exemplar(es) específico(s) dos gêneros estudados, procurando entender como o contexto de situação se manifesta em escolhas que são típicas do sistema de transitividade em um determinado gênero. Já no segundo, precisamos fazer um exercício de interpretação dos enunciados e escolhas presentes não apenas a partir de uma perspectiva pragmática (AUSTIN, 1962), mas também gramatical, observando como essas escolhas de transitividade podem construir um sistema consistente, ou, nas palavras de Thompson (1998), ressonante.

Existem diversos estudos que discutem a transitividade em língua portuguesa que poderiam trazer especial contribuição para este trabalho. Entre eles estão Lamas (2013), Silva (2012), Jornada (2009), Lima-Lopes (2001; 2005b; 2008), Lima-Lopes; Ventura (2008), Cabral (2002).

Lamas (2013) realiza o levantamento de processos em entrevistas gravadas. Seus sujeitos são formados por membros da população ribeirinha próxima ao rio São Francisco. Seus resultados são interessantes por mostrarem que boa parte das escolhas retrata as lutas sociais pelas quais essas populações passaram, demonstrando a clara motivação ideológica no uso do sistema. A importância do estudo de Lamas está no fato de a autora mergulhar no mundo de representações dos ribeirinhos, partindo de seu contexto social e interpretando seus resultados à luz de teorias antropológicas e sociais. Além disso, a autora identifica cada ator social com um tipo de processo e padrão gramatical específico.

Existem estudos, como os de Silva (2012), Jornada (2009) e Olmos (2011), que utilizam o sistema de transitividade em português como ferramenta de análise de forma conjunta ao sistema de avaliatividade. O primeiro estuda a representação de *gays* idosos pela imprensa. Seu *corpus* é composto por diversos gêneros e traz importantes frutos, mostrando a existência de padrões de representação desse grupo e classificando tais padrões. O segundo reflete sobre a forma como o jornalista Diogo Mainardi representa o ex-presidente Lula em seus textos. Jornada consegue observar quais são os principais padrões que identificam a avaliação negativa do político pelo jornalista. Olmos (2011) discute a forma como meninas são retratadas em publicações adolescentes. Sua análise dos recursos de transitividade mostra que as meninas são representadas a partir de seus relacionamentos (familiar, namoro, amigos) e de seu gosto pelo lazer (incluindo *shows* e férias). A imprensa também é o tema do trabalho de Cabral (2002), que discute cartas do leitor em dois grandes jornais brasileiros, demonstrando a presença de frequentes nominalizações e de escolhas processuais específicas em cada jornal.

No âmbito da análise de documentos da área profissional, podemos destacar os trabalhos de Conto (2008), Lima-Lopes (2001; 2005b; 2008), Lima-Lopes e Ventura (2008) e Bressane (2000). O primeiro discute os diversos gêneros referentes à seleção para empregos, analisando quais tipos de processos são mais frequentemente utilizados por candidatos em alguns desses gêneros. O segundo discute os padrões nas escolhas de processos nas cartas de venda de produtos e serviços. Seus resultados demonstram que diferentes movimentos e passos dessas cartas possuem um padrão próprio

na instanciação dos processos, de forma a convencer o leitor da carta ou a comprar/contratar determinado produto/serviço ou a entrar em contato com a empresa remetente. Já Bressane (2000) estuda uma reunião no contexto imobiliário. Nesse estudo, são levantados os processos presentes em cada estágio da reunião, além de serem tratadas algumas questões sobre a realização dos participantes. Bressane observa que os indivíduos passam a ser representados por seu poder de compra, ao passo que os imóveis são retratados de forma humanizada, pelo nome do edifício.

Já na literatura, um exemplo seria o trabalho de Rodrigues Júnior (2006), que estuda as traduções de contos *gays* do inglês para o português. O autor demonstra que as personagens dos contos são os responsáveis por uma série de processos, com grande ênfase nos materiais e comportamentais. Partes do corpo também são retratadas como realizadoras de papéis.

Apesar de observar a importância desses trabalhos para o desenvolvimento dos estudos de transitividade em português, este artigo caminha por outra seara. Busco discutir como os elementos circunstanciais se relacionam à atribuição de papéis em boletins eletrônicos do Greenpeace. Apesar de o Brasil ser um país grande e conhecido por seus recursos naturais, as questões ambientais não têm recebido muita atenção até recentemente. Essa mudança levou a algumas transformações na sociedade brasileira: na década de 70, o Governo Federal, todos os estados brasileiros e de muitos de nossas maiores cidades criaram departamentos especiais para lidar com as questões ambientais. Um exemplo seria o caso de São Paulo, a maior cidade do país com mais de 20 milhões de pessoas, onde a Secretaria de Estado controla a poluição resultante das atividades das empresas, os níveis de CO₂ produzidos pelos automóveis e outros veículos, estabelecendo leis e regulamentos. A Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento e Meio Ambiente, que teve lugar no Rio de Janeiro, em 1992, foi outro exemplo de tal mudança. Nos últimos 30 anos, novas unidades de conservação ambiental - como parques e reservas - foram criados.

Mesmo tendo havido algumas ações preservacionistas, a situação no Brasil está longe de ser perfeita: o governo brasileiro não possui recursos de aplicação e questões políticas ainda são um problema, já que o Brasil ainda está tentando concatenar seu crescimento com uma política econômica com

a preservação ambiental. Este cenário é um campo fértil para o florescimento de muitas organizações verdes, que recentemente se tornaram parte do cotidiano brasileiro. Podemos listar alguns exemplos: SOS Mata Atlântica, que visa salvar a floresta tropical, o Projeto Tamar, cujos membros trabalham em projetos para preservar a vida das tartarugas marinhas na costa brasileira, WWF e Greenpeace, duas das maiores organizações verdes internacionais entre muitas outras. Recentemente, alguns empreendimentos verdes privados ocorreram como o SWU (*Starts With You*), festival musical que pretende ser totalmente sustentável, promovendo a neutralização de todo o carbono que produzir. Todo o lixo produzido é reciclado, a fim de gerar renda para algumas cooperativas de reciclagem na cidade onde o SWU ocorre. Os organizadores do festival também têm financiado um Fórum Internacional sobre Sustentabilidade, agora em sua segunda edição. Todas essas organizações verdes formam grupos de indivíduos que interagem por uma série de canais midiáticos, utilizando diversos gêneros nunca antes estudados em português.

Meu interesse por este gênero surgiu durante minha filiação ao Greenpeace, que ocorreu entre 2001 e 2007. Ali observei que tal organização estabelece um contato direto e frequente com os seus apoiadores por meio de relatórios em PDF, *e-mails*, boletins, fóruns de discussão e uma série de outros gêneros em diversas mídias. Tal contato parece ser uma maneira de fazer o seu trabalho conhecido pelos seus militantes, ou *Rainbow Warriors*. Tais publicações parecem ser responsáveis pela disseminação das visões políticas do Greenpeace e podem ser responsáveis por criar um universo textual ideologicamente motivado (GEE; HULL, 1996; FAIRCLOUGH, 2003). É importante ressaltar que a maioria destes documentos nunca foi estudada em português, o que deixa um amplo leque de possibilidades analíticas em aberto. É por conta desses fatores que o estudo desses boletins se coloca, portanto, como uma primeira tentativa de explorar os gêneros relacionados a esse universo discursivo. Neste trabalho opto por realizar uma análise qualitativa dos elementos circunstanciais, observando-os em conjunto com a proposição e os demais elementos do sistema de transitividade. Isso se deu, principalmente, por acreditar que apenas levantar quantitativamente as circunstâncias não necessariamente ajudaria a explicar que tipo de funções elas realizam neste gênero.

DESCRIÇÃO DO CORPUS E PROCEDIMENTOS

O *corpus* analisado neste trabalho é composto por 21 boletins eletrônicos do Greenpeace, escritos em português do Brasil e entregues via *e-mail*. Detalhes sobre o *corpus* seguir constam na Tabela 1, a seguir.

Tabela 1: *Corpus*

Número de boletins	21
Types (tipos)	2002
Tokens (formas)	81488

Fonte: O autor.

Estes boletins são enviados semanalmente aos membros, sendo um resumo do que o Greenpeace considera como as notícias mais importantes relativas à causa verde no Brasil. Eles trazem um conjunto de títulos, cada um deles descrito por um pequeno resumo de uma notícia maior. A notícia inteira, então, pode ser lida clicando em um *link*, geralmente exibidos no final de cada parágrafo e sob o título “Leia Mais” ou “Saiba Mais”. O uso de recursos visuais é algo comum, já que cada fonte utilizada é a *sans-serif*, provavelmente Verdana, e os títulos e *links* sempre possuem algum efeito tipográfico: os *links* são sublinhados e os títulos estão em negrito. A maior parte da escrita é feita em preto; exceções são o nome do Greenpeace, a data, bem como as informações de *copyright*, todos escritos em branco sobre um fundo verde, e a palavra “boletim” em amarelo. Verde é a única cor usada na borda arredondada que cerca o texto e os títulos de avisos. O último terço dos boletins geralmente é dedicado às informações para contato, captação de recursos e expansão do Greenpeace. As informações de contato trazem um pedido para que os membros liguem ou escrevam para o Greenpeace, a fim de atualizar suas informações. Cada tópico é ilustrado por uma imagem, que representa tanto as pessoas como os lugares da notícia.

Diversas são as entidades presentes nesses textos. Entre elas, há o próprio Greenpeace, organização verde fundada nos anos 70 e conhecida por sua radicalidade, o destinatário/leitor desses documentos, o meio ambiente,

muitas vezes representado por regiões específicas do Brasil, como Amazônia, ativistas da causa verde, que muitas vezes são apoiados pelo Greenpeace, mas não são necessariamente seus membros, empresas e o governo, esses dois últimos, mais das vezes, não avaliados positivamente.

Esta pesquisa se baseia da Linguística de *Corpus* como instrumento metodológico. Essa escolha foi feita porque tal abordagem torna possível trabalhar com grandes quantidades de textos de forma mais rápida e eficiente (BERBER SARDINHA, 2000a, 2000b). Os diferentes *corpora* podem ser usados para um diferentes objetivos, tais como análise semântica, sintaxe, aprendizagem de línguas, *design* de materiais didáticos e outras aplicações (LEECH, 1991; SINCLAIR, 1991; MCENERY; WILSON, 1996; BIBER; CONRAD; REPPEN, 1999).

Leech (1991, p. 12) aponta que concordanciadores (ferramenta analítica que uso neste artigo) funcionam para o levantamento de elementos discretos, como palavras. Isto significa que eles não são muito eficientes para distinguir, por exemplo, entre *I* (numeral) e *I* (pronome pessoal em inglês). Leech (1991, 12) sugere que esse problema pode ser resolvido pela utilização de *corpora* anotados, o que permite que o analista recupere a informação. A limitação e a solução observada por Leech são pertinentes a este trabalho, porque a classificação do processo depende muito do contexto, bem como das experiências subjetivas do analista. Assim, foi utilizado um sistema de marcação com base em letras e números (LIMA-LOPES, 2005a). Cada código é único e identifica cada elemento do sistema de transitividade na proposição. O exemplo a seguir ilustra como essas marcações foram administradas no *corpus*: *Greenpeace* representa o Ator no processo material; *presenteou* é um processo material; *na última terça-feira* é uma circunstância de Localização (tempo) e *o presidente russo, Vladimir Putin* é o destinatário.

Greenpeace <trt10> presenteou <proc100> na última Terça-feira
<circ22> o presidente russo, Vladimir Putin <trt20>

O objetivo do uso desse sistema é facilitar a pesquisa pelos processos e seus argumentos. Como a GSF é uma teoria de base semântico-paradigmática, as classificações e levantamentos de dados ocorrem de forma subjetiva, o que dificultaria o uso de um concordanciador. Uma vez que cada tipo

de processo ou elemento circunstancial é marcado com uma etiqueta que o define (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004), a ferramenta computacional é utilizada para recuperar essas marcações de forma a levantar todos os processos, participantes e elementos circunstanciais de forma rápida e direta. Nesta pesquisa, utilizei o concordanciador CasualConc em sua versão 1.9 para Macintosh (IMAO, 2013), que realiza pesquisas básicas de KWIC, listas de palavras e *clusters*.

Por fim, nos exemplos que se seguirão na análise, o seguinte sistema de notação foi utilizado: Sublinhado: elementos circunstanciais; *Itálico*: processos; **bold**: participantes do processo. Assim, um exemplo transcrito seria:

*“Clique aqui e envie **sua mensagem de protesto**”.*

Nesse exemplo, *clique* e *envie* são processos aos passo que *sua mensagem de protesto* é uma Meta, sendo *aqui* um elemento circunstancial de lugar. No correr do texto, a referência pode ser realizada tanto ao exemplo como a elementos internos que o constituem. No primeiro caso, haverá uma transcrição das primeiras palavras de proposição de forma a localizar o leitor, e no segundo, a classificação do argumento estudado.

ELEMENTOS CIRCUNSTANCIAIS

Para Halliday (1994, p. 149), os elementos circunstanciais (realizados por Adjuntos de valor adverbial) podem ocorrer livremente com todos os tipos de processos, tendo sempre significados semelhantes. Esses elementos são tipicamente realizados por locuções adverbiais e advérbios, trazendo informações que complementam o significado do processo. Para Thompson (1996), sua função é definir o contexto no qual uma proposição ocorre. No caso específico do português, esses elementos podem ser representados não apenas por advérbios – o que inclui tanto os advérbios derivados, sufixo **-mente*, como não derivados) como também um grande número de locuções criadas por falantes para realizar significados específicos, funcionalmente relevantes para a situação de enunciação.

Halliday (1994) e Halliday e Matthiessen (2004) veem os elementos circunstanciais de uma forma bem diferente da gramática tradicional. Eles

são dessemelhantes não só em relação às categorias sugeridas, que não são aquelas normalmente trazidas pelos manuais de gramática, como poderemos ver a seguir, mas também em relação ao *status* dado a esses elementos. Para Halliday (1994, p. 158), as circunstâncias podem ser consideradas uma forma de introduzir um participante de forma indireta ou mesmo um “miniproceto”. Segundo essa visão, os elementos circunstanciais funcionariam como um intermediário que permite a introdução de argumentos de forma indireta. No caso dos participantes, muitas vezes é possível reescrever a sentença de forma a incluir o elemento na proposição.

Com relação às categorias sugeridas por Halliday (1994), Thompson (1996) sugere que, embora haja algumas categorias consensuais, é quase impossível aos analistas mapear todas as existentes, deixando um grande espaço para descoberta. Um resumo desses elementos circunstanciais é trazido pelo Quadro 1 a seguir.

Quadro 1 - Os elementos circunstanciais e seus subtipos

Tipos de elementos	Subtipos	Tipos de elementos	Subtipos	Tipos de elementos	Subtipos
Extensão	temporal espacial de frequência	Papel	Guisa Produto	Contingência	Condição Concessão Falta
Localização	temporal espacial	Acompanha- mento	Comitati-vo Aditivo	Assunto	
Modo	meio qualidade comparação grau	Causa	Razão Propósito Benefício	Ângulo	Fonte Ponto de vista

Fonte: Adaptado de Halliday e Matthiessen, 2004, p. 262.

É importante perceber que as categorias de tempo e espaço já não são absolutas, elas ganham duas novas classificações: extensão, ou duração linear (tempo = ‘quão longo’ e espaço = ‘quão longe’) e localização, ou localização específica (tempo = quando; espaço = onde) (THOMPSON, 1996, p. 105). Além da questão da duração, as circunstâncias de Extensão também são responsáveis pela noção de frequência de realização de um determinado ato (tempo=‘quão frequente’) (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 264-265).

Nesse ponto, Halliday parece tratar esses elementos de forma aspectiva, ou seja, separando aquilo que seria [+durativo] do [+pontual].

Os elementos circunstanciais de Extensão são subdivididos em três tipos: temporal, espacial e de frequência. Os elementos circunstanciais temporais representam a duração de uma ação no tempo, e os espaciais são relativos à extensão em termos físicos. As circunstâncias de frequência indicam em que extensão temporal um determinado hábito ocorre. As circunstâncias de Localização determinam o local no qual uma determinada ação se desenvolve. Dois são seus subtipos: a temporal determina um local no tempo em que uma ação ocorre, ao passo que as espaciais determinam a localidade física ou abstrata da ação.

As de Modo possuem quatro subtipos: 1) meio, que representa significados do tipo ‘com o quê’/‘de que maneira’; 2) qualidade, que representa significados do tipo ‘quão + advérbio’; 3) comparação, representando significados de semelhança ou dessemelhança; 4) grau, realizado por um elemento adverbial com um indicador geral de gradação, como quanto, muito etc. (HALLIDAY, 1994, p. 154; HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004, p. 267). As circunstâncias de Papel dividem-se em Guisa, na qual uma entidade é identificada em função de uma outra, e em Produto, que mostra um processo de transformação do sujeito. Em ambos os casos, um novo participante parece ser inserido na proposição, tanto “como os grandes entraves” como “em aminoácidos” estão representando diferentes instâncias de participação: a primeira parece representar um papel ativo no processo burocrático, ao passo que a segunda circunstância parece mostrar que os aminoácidos são um produto lógico daquela derivação.

O próximo tipo são as circunstâncias de Acompanhamento, correspondendo a significados como “e quem” ou “com quem”, ou seja, uma ideia de ação conjunta, participação efetiva na ação. Esses elementos se dividem em duas categorias: Comitativos e Aditivos. Na primeira, o processo é realizado em duas instâncias, com o uso de preposições como “como”, “junto com”, “assim como”. Na segunda, a ideia trazida é a de realização conjunta, sendo que apesar de ambos os elementos poderem realizar um mesmo participante, eles são apresentados separadamente, como forma de contraste.

Nas circunstâncias de Causa, encontramos três subtipos: 1) Razão, que representa a razão que motivou a realização de uma ação; 2) Propósito,

que representa o propósito pelo qual a ação foi realizada; 3) Benefício, que representa uma entidade para a qual uma ação foi realizada. É importante não confundir as circunstâncias de Benefício com o papel de Beneficiário, presente no sistema de ergatividade¹, uma vez que esses dois elementos são de natureza diferente: enquanto a circunstância é um termo acessório do qual o falante pode ou não se valer, o Beneficiário é parte do significado verbal. Uma estratégia seria realizar um teste do tipo: fez X para Y, onde “para Y” seria o Beneficiário. Estruturas que não satisfizerem esse teste devem ser consideradas circunstâncias (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004).

Os elementos circunstanciais de Contingência também se subdividem em três subtipos: 1) Condição, realizado por elementos como “no caso de, se por acaso, se” etc.; 2) Concessão, expresso por elementos como “a despeito de, apesar de, ainda que” etc.; 3) Falta, que expressa significados trazidos por elementos como na “ausência de, na falta de”, etc.

Os dois últimos tipos de circunstâncias são as de Assunto e de Ângulo. A primeira está relacionada aos processos materiais, tendo uma função muito similar à Verbiagem. As circunstâncias de Ângulo podem ser subdivididas em dois tipos: 1) Ponto de vista e 2) Fonte. O primeiro expressa o ponto de vista colocado por um Dizente, no caso de processos verbais, ou por Experienciadores, no caso de processos mentais. Já o segundo identifica a fonte responsável por determinadas ações ou pensamentos.

A TRANSITIVIDADE E O TEXTO: A RELAÇÃO ENTRE OS PAPÉIS E OS ELEMENTOS CIRCUNSTANCIAIS

Ao falarmos, estamos representando o mundo através da linguagem. Nessa visão, os participantes de uma interação representam, ou lhe são atribuídos papéis, ou seja, funções sociais específicas que lhe dão uma determinada significância naquele contexto. O conceito de papel está normalmente associado às relações de solidariedade e poder, que se manifestam através do sistema de Modo (HALLIDAY, 1994); alguns exemplos de estudos nesse campo são Ramos (1997), Thompson e Thetela (1995), Bressane (2000), Baptista (1998), entre outros.

1 Ergatividade é uma abordagem à metafunção experiencial na qual a voz e a agentividade são os principais pontos de partida para a análise.

Segundo Delu (1991), o conceito de papel está relacionado ao de participante, que pode ser definido em termos linguísticos ou interacionais. Assim, para Delu (1991), os participantes (ou interactantes) estão sempre realizando três tipos de papéis de forma simultânea: a) textual, b) social e c) interacional. Os papéis textuais são definidos pela natureza do sistema linguístico (DELU, 1991, p. 289), determinando funções como falante (*speaker*), ouvinte (*listener*), endereçador (*addresser*), endereçado (*addressee*) ou audiência, além dos papéis dêiticos (LYONS, 1977). Os papéis sociais são definidos sem referências à linguagem e estão ligados à posição de um indivíduo na sociedade (DELU, 1991, p. 290), equivalendo aos papéis sociais de primeira ordem, como definido por Halliday (1978). Já os papéis interacionais são definidos pela interação social e se manifestam através do sistema linguístico (DELU, 1991, p. 290). Thompson e Thetela (1995) trabalham com a atribuição de papéis em anúncios publicitários, chegando a um sistema que subdivide os papéis interacionais em dois tipos:

a. papéis atribuídos (*enacted roles*): são instanciados pelo próprio ato de fala/escrita, sendo, essencialmente, os papéis de fala propostos por Halliday (1985, p. 108)

b. papéis projetados (*projected roles*): são os papéis atribuídos através da nomeação dos participantes da interação, sendo dependentes da referência explícita no texto (adaptado de THOMPSON; THETELA, 1995, p. 107-108).

A partir desse sistema, Thompson e Thetela (1995) analisam o escritor-no-texto (*writer-in-the-text*) e o leitor-no-texto (*reader-in-the-text*) em anúncios publicitários. Apesar de os textos publicitários possuírem um número muito maior de participantes, Thompson e Thetela justificam sua escolha devido ao tipo de relacionamento entre eles, que é o inverso daquilo que ocorre no mundo extratexto. Em outras palavras, apesar de o destinatário estar em uma posição superior, ele é tratado em nível de igualdade com a empresa remetente (THOMPSON; THETELA, 1995, p. 111).

No caso dos boletins estudados nesta pesquisa, as circunstâncias de Extensão e Localização são utilizadas de forma a estabelecer o pano de fundo de ações realizadas tanto pelo Greenpeace, como por ativistas ou in-

divíduos apoiados por ele. No caso da localização temporal e espacial, ela tende a ser relativamente precisa, dando uma clara ideia ao leitor de em qual momento e lugar essas ações ocorreram, o que é possível observar nos exemplos (1), (2), (3) e (4).

- (1) Nos últimos dois meses, **cerca de 25 mil pessoas** visitaram a **exposição de 72 fotos**
- (2) **Ativistas** entregaram **dossiê** ao governo durante manifestação em Brasília
- (3) **Irmã Dorothy** vivia há mais de 30 anos na região da Transamazônica
- (4) **O Navio do Greenpeace** conclui **expedição bem-sucedida** por oito cidades brasileiras

No exemplo (1), *Nos últimos dois meses...* o Greenpeace busca dar uma ideia do tempo de duração que uma exposição realizada em um dos barcos da organização, ao passo que no exemplo (2) *Ativistas...*, há uma precisa localização de tempo e espaço. Já circunstâncias de Extensão são utilizadas não apenas para determinar a duração em tempo e espaço de uma ação do Greenpeace, ou mesmo apoiada por ele. Em (3), *Irmã Dorothy...* traz a duração do trabalho missionário de uma ativista da terra apoiada pelo Greenpeace, assim como a localidade de sua ação; ao passo que *O Navio do Greenpeace...* dá a extensão de uma missão de conscientização promovida pela organização em termos do número de cidades que um navio percorreu.

Uma questão importante a ser observada nos boletins eletrônicos estudados é que seu objetivo é construir um universo de representações no qual cada entidade discursiva possui um papel bastante claro. Como discutido em Lima-Lopes (2013), os boletins procuram retratar o Greenpeace como responsável por defender o meio ambiente contra empresas e governos. Isso se dá não apenas a partir de ações da própria organização, mas também de seus participantes e mártires da causa verde. Ao leitor desses boletins é dada a opção de participar dessa luta de duas formas: ou por meio de contribuições financeiras ou por meio de ações políticas.

(5) *Clique aqui e envie* **sua mensagem de protesto**

(6) Por isso, **sua contribuição** é fundamental para a continuidade do nosso trabalho

(7) Nós *estamos* **muito felizes** por poder contribuir de alguma forma para proteção do meio ambiente

Nesses processos parece haver uma associação entre o Modo que esses processos estão e o tipo de ação que parece ser demandada dos leitores. Essas são ações de protesto que coadunam com a bula ideológica do Greenpeace, sem contudo serem referentes a uma ação coletiva: trata-se de um ato individualizado: no exemplo (5) *Clique...*, há o processo de produção de uma mensagem de protesto contra a inoperância do governo em relação às ações climáticas. Nesse caso o destinatário também é Ator em uma oração em parataxe *envie...*, cujo verbo também pode ser classificado como material. Esse é um padrão recorrente nesse gênero, processos em relação de parataxe tendem a ser paralelos enquanto tipologia. É importante ressaltar que *enviar* traz um significado diferente daquele que normalmente atribuímos a ele; aqui ele se define como ação de preencher formulários em sítios de internet específicos, adotando, por conseguinte, uma postura política em prol da causa verde. Esse tipo de ação pressupõe um determinado tipo de letramento que parece estar implícito na carga semântica do processo. No caso desse exemplo, tais formulários e ações são representados simplesmente pelo dêitico *aqui*, que ganha um valor de circunstância de Localização espacial, uma vez que se trata do ponto específico do hipertexto no qual o leitor deve clicar.

No caso do exemplo (6) *Por isso...*, observamos que a tentativa é a de levar o leitor dos boletins a contribuir financeiramente, sendo que a estratégia utilizada é não solicitar a contribuição diretamente, mas qualificar a importância de tal contribuição por meio de um processo relacional atributivo (é). O nome “Greenpeace” não aparece em nenhum participante desse processo de forma direta, apenas retomado no elemento circunstancial de Causa: *para a continuidade do nosso trabalho*, ele se coloca como o Recebedor de tal contribuição, mas o faz de forma indireta. Ao figurar em um elemento circunstancial que se coloca no final do Rema, a organização mitiga esse papel e coloca o destinatário e seu poder de decisão em primeiro plano. A classificação de *para continuidade* é algo que vale uma nota a parte devido o papel

múltiplo que este elemento parece desempenhar. Por um lado, é claro que temos ali a expressão de um propósito para tal doação e também representa um relativo benefício para o Greenpeace. Uma vez que, em minha opinião, essas duas funções parecem estar juntas e indissociáveis, opto por classificar tal elemento circunstancial como sendo de Causa: Benefício e Propósito. Há neste exemplo, também, o uso de *nosso* representando a organização. Esse tipo de estratégia é comum em documentos empresariais e, como indica Ramos (1997), tem por objetivo fazer com que o destinatário desses documentos se sinta incluído na empresa/organização.

Na verdade o uso de primeira pessoa do plural também está presente em (7), como *Nós estamos...*, acima, no qual o Greenpeace faz uma clara opção por aparecer como Portador em um processo Relacional Atributivo que desloca a ação de preservação para elementos circunstanciais que ocorrem logo depois do Atributo. A circunstância de Causa/Razão, *por poder contribuir de alguma forma*, representa a ação efetiva realizada pela organização. A escolha por colocá-la nessa posição faz com que a questão atributiva salte para primeiro plano, ao mesmo tempo que leva o seu recebedor a ocorrer em outra circunstância, agora de Causa/Benefício: *para proteção do meio ambiente*.

O Greenpeace está representado como entidade que se beneficia de ações de doação de fundos por parte do leitor, como nos exemplos a seguir.

(8) **Clique** aqui e *filie-se* já ao Greenpeace

(9) **O Greenpeace não aceita dinheiro** de empresas ou governo

(10) **O programa Dominical**, da TV ACME, *exibiu* no último domingo (11/6) **matéria** sobre o trabalho do Greenpeace

(11) ...*retire* dos supermercados **os produtos transgênicos sem rótulo**

Em exemplos como (8) **Clique** aqui e *filie-se...*, é representada uma típica solicitação de filiação. Essa solicitação ocorre de forma direta por meio de um processo em seu modo imperativo, na qual o Greenpeace é Recebedor e está representado em uma circunstância de Causa/Benefício. É importante ressaltar que, apesar do fato de a filiação pressupor a contribuição financeira por parte do leitor dos boletins, ela não é claramente citada em seu texto. Um

relação claramente agentiva do Greenpeace em relação à contribuição do leitor só aparece em proposições de caráter negativo, na qual é expressa a recusa de fundos de origem corporativo ou oficial.

Um exemplo disso está presente em (9) *O Greenpeace não*, no qual a organização é Dizente em um processo verbal, *aceitar*. Nessa proposição empresas e governo aparecem representados em um elemento circunstancial de Ângulo/Origem, que indica a origem desses fundos. Ao colocar o Greenpeace no primeiro plano da ação, fica ressaltada a agentividade dessa negação, dando às empresas e governo uma posição secundária que se manifesta em sua presença em um termo não essencial da oração. Essa exclusão ocorre graças à relação que se estabelece entre a negação sofrida pelo elemento finito, que indiretamente recai sobre a circunstância.

Em (10), *O programa Dominical...*, observamos um grande número de elementos circunstanciais. O primeiro, *da TV ACME*, representa um circunstância de Ângulo/Origem que identifica o programa como pertencente a uma determinada emissora de TV. Uma vez que se trata da maior emissora de televisão do Brasil, o objetivo disso é possibilitar uma espécie de apreciação positiva das ações do Greenpeace, que serão introduzidas mais a seguir. Logo após *exibir*, processo material, temos outro elemento circunstancial *no último domingo (11/6)*, que, como já discutido anteriormente, marca temporalmente as ações da organização para seus afiliados. Já *sobre o trabalho do Greenpeace*, ocorre em um elemento circunstancial de Assunto que visa a identificar o Greenpeace como tema da matéria desse programa de televisão. Esse tipo de inclusão de participante é muito comum, quando se trata de trazer para o leitor ações que ganharam alguma projeção midiática.

No caso de (11), *retire...*, podemos observar que ele traz um circunstância de Lugar *dos supermercados*, cuja função parece ser introduzir mais um participante na ação ali retratada. Os *supermercados* funcionam tanto como o lugar do qual esses *produtos...* serão retirados, o que daria o pano de fundo e localização da ação, como também inserem o participante de forma indireta. Nesse exemplo os supermercados passam a ser um Recebedor indireto dessa ação, graças ao papel duplo que esse elemento circunstancial parece realizar.

É relevante observar que essa forma de introdução de participantes é um padrão nos processos que trazem o destinatário das cartas como seu agente, como também podemos ver no exemplo (12).

(12) **Consumidor** (...) *possa escolher os produtos que vão* para a sua mesa!

Escolher é um processo de classificação complexa. Inicialmente, pensaríamos que ele traria um forte componente mental, um vez que a escolha é um ato de ponderação. Entretanto, o ato de *escolher* nesse boletim vai além da consideração mental e está relacionada à leitura de rótulos e à busca de informações específicas, como a presença de elementos transgênicos, o que lhe parece dar características comportamentais. No caso de *para a sua mesa* ele parece funcionar como um elemento circunstancial de lugar, que parece, de certa forma, retomar o próprio *consumidor*, uma vez que a *mesa* lhe pertence, dando-lhe traços de recebedor da própria ação.

Em outros casos, existem elementos circunstanciais que, apesar de serem classificáveis como de localização espacial, podem possuir funções que extrapolam seu significado inicial, como no caso de (13).

(13) **Transgênicos causam impactos negativos ao meio ambiente** e não *existem estudos conclusivos* sobre suas atividades em nosso organismo.

No exemplo (13), em *Transgênicos causam...*, há um processo Existencial, *existem*, cujo Existente é realizado por *estudo conclusivos*. Esse participante é modificado por dois elementos circunstanciais: um, *sobre suas atividades*, uma circunstância de Assunto que retoma a ideia dos *transgênicos* (Ator em uma oração que está em relação de parataxe com a que discutimos, e especifica o escopo dos estudos). De certa forma, ela retoma os transgênicos de forma a torná-los presentes e contribuir para a coesão entre as duas orações, reafirmando qual o assunto geral do período. Além disso, o elemento circunstancial *em nosso organismo* retoma o leitor, inserindo-o nesse contexto por meio de uma circunstância de Lugar que, mesmo que de forma indireta, coloca-o como Recebedor desses efeitos.

(14) *Veja* **mais dicas** em nosso site.

(15) *Jogue* na Defesa do Meio Ambiente!

Em (14), *Veja* funciona como um processo material. Essa classificação se dá graças ao carácter operacional que esse uso do verbo parece ter. De fato, o que o Greenpeace deseja é que o leitor, aqui tratado no modo imperativo, acesse seu sítio de internet a partir de um computador. As *dicas*, que aqui funcionam como Meta, estão presentes no sítio de internet do Greenpeace (*em nosso site*), que aqui aparece como uma circunstância de Lugar. Tal elemento serve para introduzir uma entidade, neste caso a organização responsável pelos boletins.

Como podemos ver em (15), esse recurso circunstancial é utilizado novamente, todavia, esse participante é a própria causa verde. Apesar de estar no imperativo, *Jogue* parece soar como um convite que, indiretamente, beneficia o *Meio Ambiente*, presente como parte do elemento circunstancial.

O meio ambiente também está presente em outras circunstâncias, como a de Causa. No caso do exemplo (16) *O projeto...*, a seguir, é possível observar a existência de dois elementos circunstanciais.

(16) **O projeto inclui** também **um relatório e uma cartilha** com dicas para ajudar a restaurar o equilíbrio climático de nosso planeta

(17) **A expedição (...)** *promoveu* **propostas** para a proteção da Floresta Amazônica.

Em (16) (*com dicas*), há um acréscimo de conteúdo com relação à Meta, representada pela *cartilha*. Esse elemento circunstancial não só conecta o conteúdo da *cartilha* com a causa verde, que serve como um pano de fundo temático-coesivo para todos os boletins, como também introduz um novo participante *equilíbrio climático de nosso planeta*, que é o real Recebedor do ato de restauração. Entretanto, esse participante não foi realizado em uma oração finita, mas sim em uma não finita em hipotaxe. Essa redução levou à criação de uma estrutura circunstancial de Causa, *para ajudar...*, que poderia ser classificada tanto no subtipo de Benefício como de Propósito. O meio ambiente aqui, mote central de todos os exemplares desse gênero, é introduzido por meio desse elemento circunstancial. No caso específico do exemplo (16), o Ator (*O projeto*) do processo (*inclui*) é parte de uma ação realizada pelo Greenpeace em prol da causa verde. Há então o estabelecimento de um papel de benfeitor por parte da entidade, uma vez que ela é a responsável pelo processo material (*inclui*).

O processo *promover*, no exemplo (17), pode ser classificado como material, apesar de possuir traços de significado verbal, o que ocorre especial-

mente graças à sua relação com sua Meta, *propostas*, que é uma nominalização de *propor*, um processo classificável como verbal. Nesse exemplo a circunstância de Causa/Benefício *para a proteção da Floresta Amazônica* não apenas introduz a floresta como Receptor em um contexto sintático no qual isso não naturalmente ocorreria, como também retoma no Rema da oração um dos assuntos recorrentes do boletim, a preservação.

Esse tipo de atitude em prol do meio ambiente não é exclusividade do Greenpeace. O destinatário também pode realizar tal ação. Quando presente, essa estrutura possui um Ator explícito, com a proposição em sua forma finita.

(18) **Três coisas que você** *pode fazer* por um mundo melhor.

Como podemos ver em (18) *Três coisas...*, a Meta aparece deslocada e em posição temática, *Três coisas*, ao passo que o Ator, *você*, é apenas o segundo elemento experiencial. *Pode fazer* é um processo material seguido por uma circunstância que tem o meio ambiente como Cliente/Receptor. Essa é uma opção de fraseado mais modalizada em relação às anteriores, que se dirigiam ao leitor no imperativo. Não podemos perder de vista o fato de que a circunstância *por um mundo melhor*, que introduz o meio ambiente como participante, possui mais de uma classificação. Ela pode ser pensada tanto como uma circunstância de Modo/Grau ou de Modo/Comparação, isso graças ao adjetivo *melhor*, ou como de Causa/Benefício. Nesse caso, não há como tomar uma decisão baseada em elementos objetivos, tudo dependerá de como o analista entender os objetivos do Greenpeace com tal construção.

(19) Quanto mais gente ajudar, **maiores serão as chances de sucesso**

A introdução de participantes também está relacionada às ações inclusivas, nas quais o Greenpeace e o destinatário são tratados como igualmente empenhados na causa verde. Um exemplo desse tipo de tratamento pode ser visto em (19) *Quanto...*, no qual existe um pronome inclusivo (*a gente*) que ocorre dentro de uma circunstância de Contingência/Condição. A ideia é relacionar a proporcionalidade do esforço do destinatário, e consequentemente do Greenpeace, ao sucesso da causa verde. De cunho motivacional, esse tipo de

estrutura normalmente ocorre antes do pedido de filiação ou de contribuição, já discutidos anteriormente. Exemplos como *Em 11 países...* trazem ativistas como Atores em processos materiais que representam atos de protesto. Uma vez que tais ativistas são membros do Greenpeace, eles estão automaticamente retomando a organização sem deixar de incluir o leitor, que como participante e afiliado também faz parte desse coletivo. Nesse exemplo o elemento circunstancial *em defesa da Amazônia*, assim como exemplos anteriores, traz o meio ambiente como Recebedor de uma circunstância de Causa/Benefício.

Circunstâncias de Conteúdo são utilizadas como forma de inserção de participantes, agora recebedores de ações realizadas por entidades externas.

(20) **Pastoral realiza debate sobre transgênicos**

(21) Se **você trabalha em jornais, revistas, sites ou rádios** e tem **interesse em escrever matérias sobre o Greenpeace no seu jornal...**

No exemplo (20) *Pastoral...*, há um processo material que tem seu Escopo realizado pelo elemento nominal *debate*. Esse substantivo é modificado por uma circunstância de conteúdo, *sobre transgênicos*, que, ao mesmo tempo que ajuda a especificar tal Escopo, determinando qual área a discussão efetivamente se realiza, introduz o tema dos transgênicos para o leitor. Esse tema, recorrente nos boletins, é uma das causas promovidas pelo Greenpeace. Ao manter tal entidade como parte integrante do processo de debate, está-se, na verdade, demonstrando para esse leitor quais são as ações tomadas em favor da causa.

Já em (21) *se você...*, temos uma série de elementos circunstanciais, cada um adicionando um significado específico à proposição. A primeira, cujo processo é *trabalha*, introduz uma condição, um pano de fundo para que a segunda, cujo processo é *tem*, ocorra. Em a primeira sendo verdadeira, os elementos circunstanciais passam então a ser tidos como uma possível verdade; *tem* é um processo relacional possessivo atributivo que liga o pronome *você*, que aqui representa o leitor, ao adjetivo *interesse*. É este adjetivo que é efetivamente ampliado pelos elementos circunstanciais; o elemento *em escrever matérias* determina o Escopo do substantivo, o que se deve graças a uma característica sintática do português: adjetivos só podem ser modificados por circunstâncias, sendo um elemento circunstancial de Modo/qualidade. Já em *sobre o Greenpeace no seu jornal* tem uma função similar, mas realizada por uma categoria diferente.

Esse elemento circunstancial é responsável por especificar a natureza e o assunto da *matéria de jornal*, sendo classificável como um elemento circunstancial de Conteúdo/Assunto. Apesar disso, existe algo semanticamente implícito que leva o leitor a perceber que tal ação traria benefícios para o Greenpeace.

Thompson (1996) coloca que uma das características dos elementos circunstanciais é a possibilidade de criação pelo usuário da língua de relações não necessariamente mapeadas pela teoria. Passarei agora a discutir alguns desses exemplos.

(22) Pela decisão, *fica* **suspensa a sentença dada** em junho de 2000.

(23) **Rede ACME de Televisão** (...) *exibiu* **matéria** sobre a compra de um carregamento de madeira amazônica ilegal pelo Greenpeace em uma espetacular operação de inteligência.

(24) ... no Pará, **moradores de comunidades da região e o Greenpeace** *protestaram* hoje **contra o desmatamento da Amazônia impulsionado** pela soja.

Existem diversos elementos circunstanciais que, apesar de introduzir participantes, parecem representar estruturas gramaticais muito específicas do português, como é o caso do exemplo (22) *Pela decisão*. Ali, uma entidade externa e não identificada é responsável por uma decisão, de caráter judicial, que efetivamente suspende uma sentença jurídica. Apesar de não desfilar como Ator em nenhum processo, vale observar que *ficar* pode ser classificado como um processo relacional atributivo por conectar a *sentença* a seu estado de suspensão, temos a clara noção de que a decisão é a efetiva responsável pela ação. Essa mesma questão parece presente em (23) *Rede...*; ali, um elemento circunstancial parece trazer um problema analítico semelhante, projetando no elemento circunstancial (*pelo Greenpeace*) de agentividade e introduzindo o Greenpeace como participante responsável. Outro exemplo desse tipo de significado (24) é (...) *no Pará...*, no qual uma entidade externa a luta é responsabilizado pelos problemas de desmatamento.

Nos três casos tem-se uma oração na voz passiva nominalizada que transformou o agente da passiva em um elemento circunstancial, sendo que, nos dois primeiros, ele foi deslocado na proposição. Já *pela soja* parece ocorrer

na posição natural, fim da oração, sem, contudo, deixar de atribuir a mesma função à entidade.

Observamos que essas estruturas nominalizadas parecem guardar traços de sua estrutura de transitividade de quando verbos. Esse traço é transferido para a estrutura nominal, que traz esse traço estrutural para proposição em forma de elemento circunstancial, algo não obrigatório mas essencial para a interpretação de tais proposições.

No caso específico de (23) *Rede ACME...*, existe ainda um terceiro elemento circunstancial, cujo objetivo parece ser avaliativo: *em uma espetacular operação de inteligência*. O objetivo é avaliar de forma positiva as ações do Greenpeace. Como tal ação aparece em um elemento circunstancial, escolha recorrente no que tange à divulgação das ações do Greenpeace na mídia, parece manter a estrutura circunstancial, de forma a associar esse conteúdo com o elemento avaliativo por meio da percepção desse paralelismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo teve por objetivo realizar um estudo exploratório dos elementos circunstanciais em um conjunto de 21 boletins eletrônicos semanais do Greenpeace, escritos em português do Brasil.

Os resultados dessa análise mostraram que, além de situar as ações do Greenpeace no tempo/espaço, os elementos circunstanciais têm um importante papel na construção do discurso nos documentos estudados. Eles são responsáveis por introduzir participantes em proposições cuja estrutura processos-participantes já estaria completa, e superando limitações do sistema gramatical do português. Esse tipo de recurso ajuda os escritores do gênero a criarem diferentes estratégias gramaticais para construir um significado múltiplo. Entre os vários papéis detectados durante a análise estariam: Recebedor de ações; agente de ações; ações conjuntas entre diferentes participantes; localização no tempo espaço; duração no tempo espaço e de origem.

No caso da primeira, há circunstâncias de Causa e de Assunto que são utilizadas para projetar o papel de Recebedor em diversas entidades, todas presentes nos Boletins, à exceção dos leitores e empresas. Isso ocorre porque aos leitores cabe claramente o papel de agir em favor do Greenpeace e da causa verde: eles são contribuidores e ativistas, por isso agentes em pro-

cessos que beneficiam o Greenpeace e o Meio ambiente; ações menos diretas tendem a usar elementos circunstanciais. Já as empresas são excluídas por se caracterizarem como um dos grandes vilões nesses boletins: são elas a quem o papel de destruir o meio ambiente na maioria das situações é atribuído. Já os governos, apesar de terem tal papel atribuído, isso se dá somente a entrega de documentos e solicitações por parte do Greenpeace e seus integrantes.

Já na segunda, os elementos circunstanciais de agentividade, não previstas na teoria inicial, são adotadas a partir de estratégias gramaticais que utilizam nominalizações. Seu objetivo claro é mitigar tal papel atribuído, colocando-o em segundo plano em relação ao agente desses processos. Ao utilizar elementos circunstanciais que indicam proporção, os autores do boletim estão, na verdade, unificando o Greenpeace e o leitor em um único papel de defesa do meio ambiente, algo comumente utilizado como estratégia de sedução preliminar aos pedidos de contribuição. É importante observar que as circunstâncias de Localização parecem instanciar duas funções, uma relacionada à efetiva localização de eventos patrocinados, ou combatidos, pelo Greenpeace no tempo e no espaço, e outra que implica recebimento de ações por entidades diversas. Essa última parece trazer um tipo de significado novo ao uso desses elementos: eles estão ali para demonstrar que o lugar de recebimento de uma ação pode sofrer alterações ou modificações. As circunstâncias de origem são utilizadas de forma a negar a relação financeira do Greenpeace com outras entidades, no caso de empresas privadas e governos.

É importante ressaltar que, neste capítulo, procurei realizar uma análise dos elementos circunstanciais em consonância com os demais elementos do sistema de transitividade. Em minha opinião, esse caminho impede que esses elementos sejam analisados de forma não consoante com sua função discursiva, razão primeira de qualquer análise textual. O objetivo dessa postura analítica é, por conseguinte, mostrar que esses elementos ocorrem em consonância com os demais elementos do sistema, ajudando a construir o significado do texto. É importante observar que não parece haver uma relação de exclusividade ou de maior ocorrência de um elemento circunstancial com um ou outro tipo de processo ou entidade. Pelo menos no que tange aos boletins eletrônicos, a relação parece estar muito mais relacionada à questão dos papéis atribuídos, como pudemos perceber na análise realizada.

Apesar das contribuições, este estudo possui algumas limitações que não podem deixar de ser observadas. Em primeiro lugar, não foi possível observar uma relação direta entre os tipos de circunstâncias e os tipos de processo. Tal fato pode ser ou resultado de uma inexistência dessa relação nos boletins, o que seria aceitável como característica do gênero, ou uma contingência do tamanho do *corpus* utilizado, que poderia reduzir seu poder de generalização. De fato, algumas circunstâncias, como as de Papel, Acompanhamento e Contingência não foram observadas no *corpus*. Nesse caso, o mesmo tipo de interpretação é válida. Isso pode ser tanto uma característica do gênero Boletins Eletrônicos do Greenpeace como uma contingência do tamanho do *corpus*.

É relevante também dizer que poucos são os estudos que se debruçam sobre o discurso verde em português. Dada a importância que a questão ambiental tem ganhado nas últimas décadas, seria importante ampliar estudos na área, de forma a se conhecer como esse discurso se organiza e se manifesta em outros gêneros e contextos. Tomando os elementos circunstanciais como ponto de partida, um dos temas a ser explorado seria a relação entre elementos circunstanciais e sua manifestação nos diversos gêneros. Acredito que determinados gêneros possuam significados expressos de maneira diversa dos boletins estudados aqui. Além disso, o estudo de outros gêneros relacionados ao discurso verde poderia jogar alguma luz na relação entre elementos circunstanciais e tipos de processos.

REFERÊNCIAS

AUSTIN, J. L. **How to do things with words**. Oxford: OUP, 1962.

BAPTISTA, M. E. **E-mails na troca de informação numa multinacional: o gênero e as escolhas léxico-gramaticais**. 1998. 153 p. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, LAEL) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 1998.

BERBER SARDINHA, A. P. Computador, *corpus* e concordância no ensino de léxico-gramática de língua estrangeira. In LEFFA, V. (Ed.). **As palavras e sua companhia: o léxico na aprendizagem**. Pelotas: EDUCAT / ALAB, p.45-72, 2000a.

BERBER SARDINHA, A. P. Linguística de *corpus*: histórico e problemática. **DELTA**, v. 16, n. 2, p. 326-367, 2000b.

BIBER, D.; CONRAD, S.; REPPEN, R. **Corpus Linguistics**: investigating language structure and use. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

BRESSANE, T. B. R. **Construção de identidade numa empresa em transformação**. 2000. 181 p. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, LAEL) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 2000.

CABRAL, S. R. S. **Estrutura textual e transitividade**: a carta do leitor como construção da experiência. 2002. 124 p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Santa Maria, RS, 2002.

CONTO, J. M. **O sistema de gêneros da seleção de candidatos a emprego no contexto empresarial**. 2008. 155p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Santa Maria, RS, 2008.

DELU, Z. Role relationships and their realization in mood and modality. **Text**, v. 11, n. 2, p. 289-318, 1991.

EGGINS, S.; MARTIN, J. R. Genres and registers of discourse. In DIJK, T. A. V. (Ed.). **Discourse as structure and process**. Thousand Oaks: SAGE Publications, 1997.

FAIRCLOUGH, N. **Language and power**. 2nd. ed. London: Routledge, 2003.

GEE, J. P.; HULL, G. Sociocultural literacy, discourses and new work order. In GEE, J. P. e HULL, G. (Ed.). **The new work order**: behind the language of the new capitalism. Boulder: Westview Press, p.1-23, 1996.

HALLIDAY, M. A. K. **Language as social semiotic**. London: Arnold, 1978.

_____. **An introduction to functional grammar**. 2nd. ed. London: Edward Arnold, 1994.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Language, context and text**: aspects of language in a social-semiotic perspective. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **Construing experience through meaning**: a language approach to cognition. London, New York: Continuum, 1999.

_____. **An introduction to Functional Grammar**. 3rd. ed. London: Edward Arnold, 2004.

IMAO, Y. **CasualConc 1.9**: a concordancer for Mac OS X. Disponível em <<https://sites.google.com/site/casualconc/>>, 2013. Acesso em 10 set 2013.

JORNADA, Z. D. **Avaliatividade**: estratégia discursiva na representação de atores. 86 p. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Santa Maria, RS, 2009.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Multimodal Discourse**: the modes and media of contemporary communication. London: Hodder Arnold Publication, 2001.

LAMAS, M. A. S. **São Francisco**: o rio pelo seu povo. Mestrado em em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, LAEL-PUCSP, São Paulo, 2013.

LEECH, G. The state of the art in *corpus* linguistics. In ALJMER, K.; ALTENBERG, B. (Ed.). **English corpus linguistics**. London: Longman, 1991.

LIMA-LOPES, R. E. **Estudos de transitividade em língua portuguesa**: o perfil do gênero cartas de venda. 2001. 176. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, LAEL) - Pontifícia Universidade Católica de São

Paulo, São Paulo, SP, 2001.

_____. Avaliação de um sistema de marcação textual aplicado à Gramática Sistêmico-Funcional. In: BERBER SARDINHA, A. P. (Ed.). **A língua portuguesa no computador**. Campinas: Mercado de Letras, 2005a.

_____. Levantamento de processos materiais em cartas de venda. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 44, n. 1, p. 133-160, 2005b.

_____. Processos Relacionais em Cartas Publicitárias. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 8, n. 1, p. 35-69, 2008.

_____. **Transitivity in Brazilian Greenpeace's electronic bulletins**. Unpublished Manuscript. Mimeo, 2013.

LIMA-LOPES, R. E.; VENTURA, C. S. M. A transitividade em português. **DIRECT Papers**: CEPRIIL, PUCSP, São Paulo, n. 55, p. 1-25, 2008.

LYONS, J. **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

MARTIN, J. R. **Appraisal**: the language of evaluation. Minicurso ministrado durante as seções pré-congresso do 33º Congresso internacional de Linguística Sistêmico-Funcional (PUCSP-SP/Brasil) entre 6 e 8 jul. 2006.

McENERY, T.; WILSON, A. **Corpus Linguistics**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1996.

OLMOS, O. L. Q. **Adolescentes em editoriais da revista Capricho**: linguagem, contexto e representação. 125 p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Santa Maria, RS, 2011.

RAMOS, R. C. G. **Projeção de imagens através de escolhas linguísticas**: um

estudo no contexto empresarial. 265. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, LAEL) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, SP, 1997.

RODRIGUES JUNIOR, A. S. **A representação de personagens gays na coletânea de contos Stud e em sua tradução:** As Aventuras de um Garoto de Programa. 2006. 255 p. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, 2006.

SILVA, T. S. **Irenes:** representação sobre homossexuais idosos no contexto midiático sob a perspectiva sistêmico-funcional. 2012. 223 p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, Santa Maria, RS, 2012.

SINCLAIR, J. **Corpus, Concordance, Colocation.** Oxford: Oxford University Press, 1991.

THOMPSON, G. **Introducing functional grammar.** London: Edward Arnold, 1996.

____. Resonance in text. In SÁNCHEZ-MACARRO, A. e CARTER, R. (Ed.). **Linguistic choice across genres:** variation in spoken and written English. Amsterdam: John Benjamins, 1998.

THOMPSON, G.; THETELA, P. The sound of one hand clapping: the management of interaction in written discourse. **Text**, v. 15, n. 1, p. 103-127, 1995.

VAN LEEUWEN, T. Legitimation in discourse and communication. **Discourse and Communication**, v. 1, n. 1, p. 91-112, 2007.

AGRADECIMENTO

Gostaria de agradecer ao apoio financeiro da FAPESP a esta pesquisa (processo número 2016/11230-5).

SOBRE OS AUTORES

CHRISTIAN MATTHIAS INGEMAR MARTIN MATTHIESSEN

É Professor no Department of English, the Faculty of Humanities na Hong Kong Polytechnic University, onde é membro da International Research Centre for Communication in Healthcare Communication (IRCCH), PTCLS e do PolySystemic Research Group. Suas pesquisas envolvem projetos em Linguística Sistemico-Funcional desde 1980 e abrangem inúmeras áreas: análise de diversos tipos de discursos, estudos baseados em corpora, análise de registro e tipologia de textos baseados em contextos, tipologia de linguagem e estudos da tradução, além de estudos multissemióticos, linguística institucional e linguística computacional, É o líder do Projeto SAL – Systemics across Languages – juntamente com Kasuhiro Teruya e Leila Barbara.

Currículo: <https://www.polyu.edu.hk/engl/people/academic-staff?staffid=3>

Email: christian.matthiessen@polyu.edu.hk

CRISTIANE FUZER

É Pós-Doutora em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela PUCSP e Doutora em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professora Adjunta do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFSM. Pesquisadora do GrPesq Linguagem como Prática Social e da linha de pesquisa Linguagem no Contexto Social. Orienta pesquisas de Doutorado, Mestrado e Iniciação Científica na área de Estudos Linguísticos, com foco na descrição e análise da língua portuguesa na perspectiva sistêmico-funcional. É membro da Associação de Linguística Sistemico-Funcional da América Latina (ALSFA) e coordenadora do projeto de extensão Ateliê de Textos na UFSM.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5169963931397212>

Email: crisfuzerufsm@gmail.com

DIANA CECILIA AVILA **GARCÍA**

Atua como docente e pesquisadora da Universidad del Norte e do Magisterio del Atlántico, Colômbia. Investiga ensino de línguas, análise de discurso e leitura e escrita

Currículo: http://scienti.colciencias.gov.co:8081/cvlac/visualizador/generarCurriculoCv.do?cod_rh=0000089842#evento

E-mail: diwanyag@gmail.com

EDNA CRISTINA MUNIZ DA **SILVA**

É professora adjunta do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília. Graduada em Letras-Licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura pela Universidade de Brasília (1987); Mestrado em Linguística pela Universidade de Brasília (1995) com o trabalho “A coesão em textos produzidos por alfabetizando adultos”; estágio de Doutorado na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (2005-2006); Doutorado em Linguística pela Universidade de Brasília (2007) com o trabalho “Gêneros e práticas de letramento no Ensino Fundamental” e estágio de Pós-Doutoramento no LAEL/PUCSP (2011-2013) com pesquisa sobre a estrutura temática em introduções de artigos científicos. Desenvolve pesquisa na área de Linguagem e Sociedade, linha de pesquisa Discursos, Representações Sociais e Textos, com ênfase no ensino da leitura e da escrita de gêneros textuais baseada na Linguística Sistêmico-Funcional. Atualmente coordena o projeto de pesquisa intitulado LEITURA E ESCRITA DE GÊNEROS TEXTUAIS NA ESCOLA E NA VIDA, em que estão sendo descritas as etapas e fases dos gêneros textuais em livros didáticos de língua portuguesa, geografia, história, em textos jurídicos, em discursos políticos e nos exames de larga escala, como o ENEM e o PAS. Atuou como coordenadora do Curso de Letras a Distância (UAB/UnB) de outubro/2008 a fevereiro/2011. É membro-representante da região Centro-Oeste do Brasil na Associação de Linguística Sistêmico-Funcional da América Latina (ALSFAL). É líder do grupo de pesquisa LEITURA E PRODUÇÃO DE GÊNEROS NAS PRÁTICAS SOCIAIS, ESCOLARES E PROFISSIONAIS.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3082159562604784>

Email: ednacris@gmail.com

JORGE MIZUNO **HAYDAR**

É docente na Universidad del Norte, em Barranquilla, Colômbia. Seus trabalhos têm como tema livros didáticos e aprendizagem, sistema de avaliação, cidadania e análise positiva de discurso.

Currículo: CvLAC - RG

Email: jmizzuno@uninorte.edu.co

LAURO RAFAEL **LIMA**

É Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), atuando na área de Estudos Linguísticos com ênfase em Linguística Sistêmico-Funcional. Obteve o título de Mestre pelo mesmo programa e é graduado em Letras - Habilitação em Português e Literaturas de Língua Portuguesa também pela UFSM. Além disso, já lecionou em diferentes escolas e cursos preparatórios para ENEM e vestibulares de Santa Maria-RS, Chapecó-SC e Porto Alegre-RS. Atualmente, é professor de Língua Portuguesa e Redação do curso preparatório Challenger Desafia, em Santa Maria-RS.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2216935141210779>

Email: lauroportugues@gmail.com

LEILA **BARBARA**

Possui graduação em Letras Anglo Germânicas-(1960) e Doutorado em Letras Inglês(1971) pela PUCSP. Atualmente é professora titular da PUCSP com estágios de Pós-Doutorados mais longos em Reading e Liverpool (Inglaterra) e Lisboa. Tem experiência várias áreas da Linguística. Dedica-se a Linguística Sistêmico-Funcional e utiliza metodologia da Linguística de *Corpus*, pesquisando principalmente questões relacionadas a usos de linguagem e gêneros de interesse para o desenvolvimento de cidadãos para a vida e para o trabalho, com ênfase em descrição do português do Brasil. Portanto atua principalmente em áreas de interesse da Linguística Aplicada, análise do discurso, linguagem dos meios de comunicação e linguagem do trabalho.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9173129784669710>

Email: lbarbara@uol.com.br

MARGARET GILLIAN **MOSS**

É docente e pesquisadora da Universidad del Norte em Barranquilla, Colômbia. Suas investigações versam sobre linguagem, aprendizagem e ideologia, além da descrição sistêmica do espanhol.

Currículo: CvLAC – RG

Email: mgilmoss@yahoo.com.ar

NATALIA **IGNATIEVA**

É docente e pesquisadora do Institution: National Autonomous University of Mexico (Universidad Nacional Autónoma de México). Seus interesses de pesquisa são Linguística Sistêmico-Funcional e aquisição de segunda língua. Possui várias obras publicadas em inglês e espanhol.

Currículo: dla.cele.unam.mx/sistemico/interiores/academicos.html#

E-mail: ignatiev@unam.mx

NINA CÉLIA ALMEIDA DE **BARROS**

Possui graduação em Letras Português-Francês pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Imaculada Conceição (1971), Mestrado em Ciência Política - Colorado State University (1980) e Doutorado em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1994). Aposentou-se em 2009, como Professor Associado- 2 da Universidade Federal de Santa Maria. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Linguística Aplicada, atuando principalmente nos seguintes temas: gramática sistêmico-funcional, teoria da avaliatividade, gêneros textuais, argumentação. Trabalhou como professor de Língua Portuguesa e Latim no Curso de Letras Português e Literaturas a Distância da UFSM, de 2012 a 2015.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6663081785223445>

Email: ninaceliabarros@uol.com.br

RAYMUNDO DA COSTA **OLIONI**

É professor da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), atuando na Graduação em Letras – mais especificamente nas disciplinas de *Morfossintaxe I*,

II, III e IV e Práticas de Ensino de Língua Portuguesa – e no Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística e Ensino de Língua Portuguesa, ministrando as disciplinas *Oficina de Ensino de Gramática I* e *Oficina de Ensino de Gramática II*. É licenciado em Letras/Português, Inglês e Respectivas Literaturas pela FURG (1989), Especialista em Educação, com Habilitação em Metodologia de Ensino e Ação Docente pela Universidade Católica de Pelotas (UCPel – 2001), Mestre em Linguística Aplicada (UCPel – 2004) e Doutor em Linguística Aplicada pela Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS – 2010), com Doutorado em Sanduíche na Universidade de Lisboa (2007). Desenvolve pesquisa na área de Linguística Sistêmico-Funcional, tanto em descrição como em análise linguística, tendo interesse por estudos sobre a organização textual e o fluxo de informação em textos de gêneros diversos e por análise e elaboração de materiais didáticos voltados ao ensino de língua portuguesa.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0286268226169422>

Email: rayolioni@yahoo.com.br

RODRIGO ESTEVES DE **LIMA-LOPES**

É linguista, tradutor e comunicólogo. Atualmente é professor da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), atuando na graduação (Letras) e no pós-graduação (PPG em Linguística Aplicada). É bacharel e licenciado em Língua e Literatura Portuguesas e bacharel em Tradução - Língua e Literatura Inglesas pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1998), Mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pelo LAEL/PUCSP (2001), Doutor em Linguística Aplicada pelo IEL/UNICAMP (2012) e líder do grupo de pesquisa MiDiTeS (Mídia, Discurso, Tecnologia e Sociedade). Foi professor de diversas universidades públicas e privadas (PUCSP; IFSP; Faculdade Cásper Líbero, UFPB), trabalhando com a interface tecnologia-sociedade aplicada à pesquisa em linguagens, ensino e arte. Suas principais áreas de interesse são: Linguagem e Tecnologia (Impactos sociais na linguagem e ensino), Mídias Sociais e seus impactos na linguagem e nos movimentos sociais, Ensino de Línguas Mediado por Computador, Linguística Sistêmico-Funcional e Linguística do *Corpus*.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1654734521861377>

Email: rll307@unicamp.br

ROSANA MUNIZ **SOARES**

É doutoranda em Linguística pelo Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília (LIP/UnB), membro do Grupo de Pesquisa LEITURA E ESCRITA DE GÊNEROS TEXTUAIS NA ESCOLA E NA VIDA (UnB), do Núcleo de Estudos de Linguagem e Sociedade (NELiS/UNB), da Associação de Linguística Sistemico-Funcional da América Latina (ALSFAL) e do Projeto SAL. É Professora/Tutora a Distância no Curso de Letras EaD da Universidade de Brasília (EaD/UnB).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0036732968558013>

Email: zanamunizporto@gmail.com

SARA REGINA SCOTTA **CABRAL**

É professora do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras na Universidade Federal de Santa Maria. A partir da perspectiva teórica e metodológica da Linguística Sistemico-Funcional, desenvolve trabalhos em discurso midiático e discurso político, a partir de investigações em Linguística de *Corpus*.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9037816308995897>

Email: sara.scotta.cabral@gmail.com

VITOR HUGO CHAVES **COSTA**

É Doutor em Letras (Estudos Linguísticos) pela Universidade Federal de Santa Maria (2010). É professor do Instituto Federal Farroupilha - Câmpus de Alegrete. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Psicolinguística Cognitiva, Linguística Aplicada, Análise de Discurso Crítica e Análise do Discurso Jurídica. Os assuntos de pesquisas que se interessa são: as representações sociais, a memória humana na compreensão e na produção de linguagem, o discurso jurídico, as masculinidades e o ensino de línguas por intermédio das tecnologias da comunicação e da informação.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5534779833115188>

Email: vhcosta2000@yahoo.com.br

TIPOGRAFIA CHAPARRAL PRO

OVERPASS

ANTONIO

IMPACT

**IMPRESSO EM IMPRENSA UNIVERSITÁRIA
DA UFSM**

Representativo da fase inicial do Projeto SAL – Systemics across Languages –, este livro apresenta resultados de pesquisas relacionadas ao sistema de transitividade, especialmente aos processos que podem constituir orações. Os capítulos contêm explorações em língua inglesa, língua portuguesa e língua espanhola, em que discussões sobre léxico-gramática e semântica do discurso demonstram as possibilidades de estudos sobre transitividade na perspectiva hallidayana.

Este é um livro que pode ser usado por pesquisadores da linguagem, docentes, graduandos e pós-graduandos interessados em conhecer ou aprofundar seus estudos em Linguística Sistêmico-Funcional.

